

BIBLIOTECA
DE
LITERATURA BRASILEIRA

1128

Biblioteca de Literatura Brasileira

XI

LOURENÇO

FRANKLIN TÁVORA

LOURENÇO

(CRÔNICA PERNAMBUCANA)



Introdução de
ANIBAL FERNANDES

Ilustrações de
ALDEMIR MARTINS

CARLOS LACERDA
BIBLIOTECA



LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.
RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 — SÃO PAULO

FRANKLIN TÁVORA E O SEU TEMPO

Ao contrário do que aconteceu com Machado de Assis, que foi escritor “de eclosão tardia” (Lúcia Miguel Pereira no prefácio de “Casa Velha”) e “só pela altura dos 40 anos ousou ser o que era”; o nosso Franklin Távora começou cedo. Aos 18 anos, havia publicado “A Trindade Maldita” (Contos no Botequim), qualquer coisa no gênero das “Noites na Taverna”; e logo mais “Um mistério de Família”, drama em 3 atos, representado por Furtado Coelho, no Santa Isabel. Se bem que nascido no Ceará, a 13 de janeiro de 42, grande parte de sua carreira literária fez no Recife, então o grande centro intelectual do Norte. Para aqui transportou-se, a fim de, como todo mundo, tirar o seu curso de direito; foi mesmo membro da Assembléia Provincial; aqui se ficou por muito tempo; e em 67 era Diretor Geral da Instrução Pública.

Olívio Montenegro, que a êle pouco se refere n’“O Romance Brasileiro” (consagra-lhe apenas duas linhas), no seu livro “Memórias do Ginásio Pernambucano” alude com viva simpatia à sua ação, como funcionário, dizendo mesmo que Távora pôs em ordem a diretoria do ensino público provincial; e lhe chegou a dar uma dignidade burocrática.

Já naquele tempo, Távora acutilava os “colégios particulares de instrução secundária”, chegando mesmo a dizer que “garantiam previamente aos alunos a aprovação no fim do ano, nos exames preparatórios para a Faculdade”. E isso porque “seus professores eram os próprios lentes do Colégio das Artes, e portanto examinadores forçados e interessados”.

O jornalismo bem novo o atraiu. E parece que êsse deveria ser o seu campo, sobretudo o jornalismo de idéias. Começou colaborando n’“O Ateneu Pernambucano”, periódico dito científico e literário, cujo primeiro número saíu em julho de 1856 e o último em abril de 1863. Nesse jornal,

que era o órgão da sociedade científico-literária do mesmo nome, fundada a 3 de maio de 1855 por alunos da Faculdade de Direito, sob a presidência do dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares (v. Anais da Imprensa Periódica Pernambucana — Alfredo de Carvalho — Recife-1908) escreveu assiduamente, sendo considerado “um dos estudantes mais distintos”.

Mas a sua maior atuação jornalística parece ter sido à frente do jornal “A Verdade”, semanário que se dizia consagrado à causa da humanidade; e cujo primeiro número saiu a 22 de junho de 1872, como órgão da Maçonaria. Isso foi no tempo da Questão Religiosa, de que o Recife foi o grande cenário. “Com a chegada do bispo d. Vital a Pernambuco, a maçonaria, resolvendo representar-se por um órgão, que defendesse os seus direitos e promovesse os seus interesses, convidou o dr. Franklin Távora a fundar e redigir êsse órgão. Foi uma fôlha de combate, que em todo o Império quase produziu uma revolução nas idéias religiosas; e à qual se deve, em grande parte, a importância que assumiu a questão religiosa em Pernambuco. Sua leitura foi proibida pelo bispo em pastoral “sub-grave”. Essa fôlha, para a qual colaboravam vários dos primeiros escritores de Pernambuco, é um importante repertório de notícias sôbre êste período de nossa história; ali se discutiram importantíssimas questões de direito constitucional e eclesiástico” (Blake-Dic. Bibli. Braz. Volum. III pags. 443 — apud Alfredo de Carvalho — Anais da Imprensa Periódica Pernambucana-Recife-1908).

Êle mesmo diz, referindo-se a êsse periódico, na carta ao amigo e colega Rangel de S. Paio, escrita em outubro de 79, quando morava, já, no Rio, e na sua casa das Laranjeiras (v. “Um Casamento no Arrabalde” — História do tempo em estilo de casa — Segunda edição de 500 exemplares — Rio de Janeiro — Tip. Nacional — 1881): “... fôlha que tive a honra de dirigir por perto de dois anos”. E fixando êsse período de sua mocidade, lembrava o papel de uma população quase em pêso, que buscava sair do domínio teológico, “lutando com uma instituição cercada do prestígio da autoridade de há muitos anos e da consagração de crença, nunca até então abalada tão vivamente”.

É muito interessante para quem quiser apreciar o papel do Recife, como centro intelectual do Norte, transcrever trechos dessa carta, tão pouco conhecida hoje:

— “Apresentava o Recife, por êsse tempo, uma feição que o lapis da história há de apanhar ainda, inspirando-se nos documentos e nas tradições. O povo então lia, como nunca lera antes, e como não lerá tão cedo. Cada dia trazia uma nova forma, uma nova manifestação dêsse Briareu invencível, que se chama a imprensa. Era o periódico efêmero, era o avulso pungente, era a proclamação incendiária, o verso tافل, a sátira envenenada, e em tudo isto o que verdadeiramente falava não eram as vis paixões do povo, senão o esforço da consciência por libertar-se de antigas cadeias que o acorrentavam. O Recife mal dormia as noites. Logo muito cedo, o artista, o negociante, o empregado público, o homem de letras, o jovem, o ancião, a moça, a matrona, a velha estavam lendo o jornal. Nunca vi excitação igual no espírito público, tendo as raízes no lar doméstico. Mas não deve causar admiração aquêlê constante alvoroço; tratava-se da questão religiosa. Os que eram pelo bispo queriam ver como os maçons e os que seguiam a êstes respondiam aos atos episcopais do dia precedente; os outros queriam conhecer os novos golpes que a maçonaria desfechava contra o episcopado, que campeava fulminando excomunhões, mandando expulsar das irmandades os da seita condenada, negando os últimos socorros espirituais aos que não abjuravam a maçonaria, proibindo sepultura sagrada aos que em vida, ou na hora extrema não tinham riscado o seu nome dos quadros maçonicos, ou consentindo que os seus diplomas fôsem queimados. Recordo-me ainda do que ocorreu por ocasião de publicar-se a pastoral do bispo que proibia “sub grave” a leitura da “Verdade”. Resolveu a redação dêsse periódico fazer o que em casos semelhantes é uso: anunciou pelas fôlhas diárias que distribuiria gratis ao povo o número seguinte. Quando chegou a ocasião de distribuir-se o anunciado número, as proximidades do escritório cobriram-se de gente; e pelas escadas subia e descia o povo que parecia carreiro de formiga. Em poucas horas esgotou-se uma edição de 5 mil exemplares. Para o Recife, onde a “Verdade” tinha grande circulação, aquêlê extraordinário consumo da fôlha amaldiçoada, indicava grande favor público”.

E rematava, saudoso: “Tenho saudades dêsse tempo de febre nos espíritos de excitação nos centros nervosos da

grande cidade; a excitação por uma grande causa ateia a chama da vida. Formávamos no Recife, não só uma grande cruzada contra o obscurantismo, mas também um Congresso Literário, do qual nasceu a “União do Norte”, que foi de pouca duração, porque o assunto religioso, novo, cheio de atualidade, absorvia os ânimos quase exclusivamente”.

Nessa época, Távora estava na Côrte, que a princípio tantas desconfianças lhe inspirava; era primeiro oficial da Secretaria do Império e no ano seguinte, sócio do Instituto Histórico Brasileiro, de que veio a ser orador. Tinha fundado a “Revista Brasileira”, que durou de maio de 1870 a dezembro de 1881 e na qual publicou os romances “O Sacrificio”, em 1879, e logo mais “Lourenço”, em 1881.

Essa “Revista Brasileira”, que de início devia ser apenas um órgão literário, que abrigasse a todos os espíritos, logo mais se tornou uma tribuna de combate; e Távora continuou no seu antigo propósito de dividir a literatura brasileira em dois campos antagônicos — literatura do norte e literatura do sul.

De resto, todos os seus livros refletem a vida nortista ou antes certos aspectos da vida nordestina, de vez que a maior parte de sua produção tem como cenário o Recife e certas áreas de Pernambuco. Refletindo sua província natal, temos apenas a assinalar o seu romance histórico “Os Índios do Jaguaribe”, publicado precisamente aos 20 anos.

Távora tinha o espírito polêmico, que se manifestara bem vivo na questão religiosa e se acentuara nas “Cartas a Cincinnati” (Estudos Críticos de Semprônio sobre o “O Gaucho” e a “Iracema”, obras de Sênio (J. de Alencar). À primeira vista pode parecer estranho que tão decidido campeão da literatura do norte tenha escolhido a um conterrâneo seu, e na época já considerado grande figura literária, para alvo de tantas críticas e remoques. O próprio Sílvio Romero, que lhe assinala “um pôsto notável entre os mais distintos romancistas do Brasil”, chamando-o mesmo de “chefe do naturalismo tradicionalista e campesino na novelística brasileira” considera “um êrro o haver publicado as “Cartas a Cincinnati”, julgando-se, diz ainda ao “intrigante português, que no debate era movido por empreitada política dos desafetos de Alencar, de um lado, e de outro por patriotada lusa, desejosa de deprimir a primeira figura literária brasileira

do tempo". E desculpando a Távora, por haver-se accumulado a José Feliciano de Castilho, diz que a sua "boa fé era completa".

Távora na Carta II a Cincinato afirma que não reconhece na "república das letras, nem oráculos indiciáveis, nem autoridades dogmáticas". Insurge-se contra "a espécie de idolatria, que existe em certo círculo para com as obras oriundas da pena de Sênio".

E na verdade, achando que certos personagens de Alencar são falsos — falsa a linguagem de todos, falsos aquêles afetos e aquêles ódios, afetos sem calor e ódios sem intensidade — e reivindicando os direitos da crítica contra a chamada ortodoxia literária, estava apenas coerente consigo mesmo e com a sua dignidade de escritor. Resta saber se Távora não era um ressentido; ou se lhe pesava a glória de Alencar, cuja influência, n' "Os índios do Jaguaribe", Sílvio Romero diz que é manifesta.

Alfredo Taunay, orador do Instituto Histórico, fazendo o seu elogio fúnebre, na sessão de 15 de Dezembro de 88, fala nas suas "prevenções"; e diz que os seus primeiros livros nenhuma repercussão tiveram na Capital e no Sul do Império. E ajunta que o indiferentismo, com que foram recebidos, inclinou o espírito de Távora, naturalmente arrebatado, nos compassos da carreira, para uma direção, que perdendo depois o primitivo caráter de violência deixou contudo rasgado sulco em seu modo de estudar as coisas e apreciá-las. Mas também reconhece "que há nas "Cartas a Cincinato" qualidades e não poucas observações justas perspicuas e sensatas". E não apenas o intuito de maldizer.

Que havia em tórno de Távora uma certa conspiração de silêncio, enquanto para Alencar tudo eram lóas, não há dúvida. Elle mesmo fala dos "santos óleos na Basílica da Côrte" e diz, a propósito da segunda edição de "Um Casamento no arrabalde":

— "Dou à estampa o romance por uma razão muito simples — porque tenciono tornar conhecidas da Côrte, em segunda edição, as minhas produções, a que ela não se deu o trabalho de volver um olhar, quando appareceram em primeira, naturalmente porque êste fenômeno barbaresco se realizou em uma província". E acrescentava: "O autor do "Casamento" tem a especial obrigação de expor a sua bagagem aos olhos de nossa polícia literária municipal, visto

que há 5 para 6 anos anda falando em um novo gênero cujo nome — literatura do norte, não pode soar bem em um mercado, onde tanto abundam produtos franceses e lusos, que vários tomam por modelo para a sua indústria, com prejuízo da indústria nacional, que não pode assim desenvolver-se e prosperar”.

Elle anunciava a publicação de uma obra intitulada “O Norte”, dividida em três partes ou tomos: “Literatura — História — Política, uma obra de generalização, de exame e se o quiserem — dizia — de polêmica.

A polêmica agradava a Távora, já versado nas páginas do “Ateneu Pernambucano” e na “Verdade”, onde aguentou o rojão da questão religiosa. Era uma terreno, em que se sentia tão à vontade que confessava: “Isto sumamente me agrada, mas sempre direi que não há razão para incomodos nervosos e históricos”.

Rangel de S. Paio — um homem da Côrte que estêve no Norte e escritor bem reputado, como chama — assinala, em carta datada de Santa Teresa, julho de 78, a indiferença que cercava os trabalhos de Távora. Cita mesmo o que Távora sempre lhe dissera, a propósito da publicação dos “Patriotas de 17”, que acabou lançando ao fogo, com a “Revolução do Norte em 1824”:

— “Para que? Para ficar nas livrarias à disposição das traças, com prejuízo das despesas de impressão? Ah, o povo brasileiro não lê escritos de brasileiros”.

E Rangel acrescenta que o culpado de tudo é a imprensa jornalística da época.

“Publica-se um livro e a imprensa cala-se, pois a tanto equivale a notícia fria e descarnada que dá. E cita o caso do “Matuto”.

— “O que disse a imprensa? Nada.”

É verdade que o silêncio não era apenas com Távora, mas com Araripe Júnior e Sílvio Romero.

“— V. é dramaturgo, romancista, crítico, polemista e fêz-se chefe do que chama literatura do norte, no que discordo, diz S.Pampaio. Discordando, sou o primeiro a reconhecer que v., com seus novos livros, deu salutar direção à nossa nascente e vacilante literatura, amoldou-lhe à fisionomia o cunho brasileiro, assim provando que ella é independente, que pode existir inteira, sem que se fale uma vez sequer em tupis e tamoios, tacapes e borés. Pois bem, obras

de um homem como v., que além de ocupar posição digna de fazê-lo notado pelos homens de certa esfera social, foi redator de uma gazeta da importância da "Verdade", deixam-se envoltas no silêncio".

Pondo em relêvo a importância das campanhas da "Verdade" acrescenta:

— "Falei na "Verdade". Acaso sabem ou lembram-se ainda os que souberam de sua existência? No entanto, meu caro, e se isso pode lisonjeá-lo, lisonjeie-se: no entanto se não fôsse a "Verdade", aquela conspiração de Vertentes não teria sido frustrada, por falta de elementos; a rebelião dos "quebra-quilos" não se teria concentrado em poucos municípios da Paraíba e ainda em menor número de Pernambuco; e a prisão de d. Vital teria custado muito sangue. Êle não quis seguir a pé e em hábitos pontificais, com o fim de incorrer no ridículo? Mas estava enganado. O Recife estava transformado. A "Verdade" e as Conferências, promovidas pela Maçonaria, tinham mostrado, aos que não eram analfabetos ou surdos por sistema, que o que diziam religião não passava de interesses partidários dos inimigos do progresso. Quem mais do que v. tem direito a juízo severo e franco da imprensa? E ela é indiferente! Nem que se tratasse do escrito de um principiante, destituído de mérito ou que pelo menos pela estréia nada demonstrasse, de bem e de mal".

E dando-lhe o incentivo, que a imprensa jornalística até então lhe recusara, Rangel de S. Paio terminava: "O redator da "Verdade", que não fraquejou, nem quando a conspiração amarrou um cordão sanitário em tórno do seu escritório de advogado, é caráter fundido para êste cometimento. Não pare com as suas publicações; que a Literatura do Norte não acabe com o "Matuto". Prossiga, complete sua obra e se elevará aqui à posição a que tem jús. Busque um lugar na imprensa e uma vez nela trate de dirigí-la convenientemente. Dai de golpe mortal no sistema anodino do "Recebemos e agradecemos". Quem achou-se com força para o longo remígio, a fim de fitar de perto o "sol de nossa literatura", nas "Cartas a Cincinato (queria referir-se a José de Alencar) não temerá de ocupar-se de nenhum outro escritor que apareça". Essa carta produziu em Távora um efeito salutar. Ele mesmo o confessa.

— "Quer, porém, que lhe diga uma verdade? A sua carta veio dar-me novas forças. Se não fôra ela, talvez não

me metesse a fundar com outros a “Revista Brasileira”; certamente não escreveria o *Sacrifício*, romance que me vai saindo da pena aos dois capítulos de quinze em quinze dias”.

Já então, Távora estava cada vez mais interessado por uma literatura especial do Norte, chegando mesmo a dizer: “Há muito que desejo ocupar-me com êste assunto, que de alguns amigos tem merecido o mais franco apoio, de outros restrições e de uns desafetos, que mal conheço, grandes protestos e até insultos e agressões pela imprensa”. Morava em Laranjeiras, no Rio, e sua carta, que aparece em Apêndice da Segunda Edição de 500 exemplares de “Um Casamento no Arrabalde”, era datada de Outubro de 1879.

O plano completo de suas obras compreendia dois livros de literatura Brasileira (Cartas a Cincinato e Notas Bibliográficas); onze livros de Literatura do Norte, já publicados (O Cabeleira, narrativa pernambucana; O Matuto, crônica pernambucana, Lourenço, crônica pernambucana, Um Casamento no Arrabalde, história do tempo em estilo de casa; *Sacrifício*, romance; Um Mistério em Família, drama; Os Índios do Jaguaribe, romance histórico; A Trindade Maldita, contos no botequim; A Casa de Palha, romance; Lendas e Tradições Populares; e Quem muito abarca pouco abraça) e para publicar, isso em 1881, “O Norte”, indagação crítica, “O Praieiro”, episódio da guerra dos cabanos, os “Patriotas de 1817” e a “Revolução do Norte em 1824”. Da fase da Literatura do Sul, fôra publicado o drama “Três Lágrimas”, havendo para publicar “Os picos”, episódio de uma festa e O *Pântano*, epílogo de um drama. Se bem que incluído na Literatura do Sul, o drama “Três Lágrimas”, que se passa no Rio de Janeiro, foi escrito no Recife em julho de 1869, impresso por iniciativa da sociedade cearense “17 de Janeiro”, que tomou a si tôdas as despêsas da edição.

Távora, muito reconhecido ao gesto de seus conterrâneos, fala do “retiro e do silêncio de sua pobreza e de sua obscuridade”; e dedica-o ao ator Joaquim Augusto, que o levou no Santa Isabel. Gostaria que fôsse representado na Côrte, fazendo Joaquim Augusto sempre o papel de Coutinho. E registra, cheio de ressentimento: “Desejo vão. As composições da Província — dizem os elegantes da Côrte — são chatas e bronzas. E não sei se eles têm razão”.

Interessado pelo teatro escrevera aos 18 anos “Um mistério em Família”, para atender ao pedido de uma sociedade

teatral de Olinda; e fundara mesmo o “Grêmio Dramático do Recife”, que representara composições de Carneiro Vilela, Almeida Cunha e outros estudantes.

Em 1876 estava no Rio. Sílvio Romero registra que na Côrte veio a exercer um lugar na Secretaria do Império e “começa a tomar parte direta nas lides literárias do grande centro”; anunciando já uma série de romances, sob o título geral de Literatura do Norte de que o *Cabeleira* foi o primeiro. Desconfiado e ressentido apparecera, entretanto como dizia Sílvio, “sem abaixar a cabeça ao faccioso público dos literatos do officio”, antes tendo a coragem de falar em Literatura do Norte. Começara a freqüentar os literatos, diante dos quais se mostrara tão prevenido. Taunay fala de seus “preconceitos mal fundados” e registra que os verificara, êle mesmo de perto, nascendo então o “generoso pensamento de fundar-se uma fôlha de caráter meramente literário”. Foi assim que surgiu a *Revista Brasileira*, cujo primeiro número saiu em maio de 79 e durou até Dezembro de 81.

Távora escrevera a introdução “num sentido conciliatório”, chegando mesmo a prometer “imparcial e plena hospitalidade a todos os escritores que para êle quisessem concorrer”.

Mas aos poucos, no dizer de Taunay, “foi gradualmente apertando o círculo de seus colaboradores, caindo em poder de espíritos intransigentes e indisciplináveis”. A *Revista* foi perdendo assim o número de leitores, e ressurgia o espírito da polêmica, que se manifestara n’ “A Consciência Livre”, em 1869-1870 no Recife, com Numa Pampilho e José Batista de Castro Silva, na “*Verdade*” e no “Ateneu Pernambucano”.

Mas na “*Revista*” é que publicou os dois romances “O Sacrificio” em 1879 e *Lourenço* em 1881, sendo que êste deve ser considerado um desdobramento do *Matuto*, publicado em 78. Anterior aos três, o *Cabeleira*, cuja primeira edição saiu em 76, no Rio. Távora morava então em Botafogo, “ao lado de uma rua de bambu”, onde “enxergava a baía, os morros circunstantes, o céu de opala e o mar de anil”. Há dois anos que chegara do Extremo Norte do Império, onde fôra secretário da Presidência do Pará.

Fala de sua "musa solitária", do "retiro onde se refugiou com os desenganos da vida", de "suas fôrças diminuídas pelo afastamento das coisas literárias da terra".

O *Cabeleira* foi o comêço do que êle chamava "estudos históricos"; e deveria desdobrar-se com o tempo em outras "composições literárias", abrangendo o Pará, o Amazonas, que lhe não eram de todo desconhecidos, o Ceará, terra do seu nascimento, todo o norte enfim, se "Deus o ajudasse".

O seu intuito era mostrar àqueles que não a conheciam, ou mesmo a desprezavam, "a rica mina das tradições e crônicas de nossas províncias setentrionais". Mas, o que sempre tinha diante dos olhos era o Recife.

Depois de alguns meses de ausência, conta em carta-prefácio do *"Cabeleira"* a um amigo pernambucano, então em Genebra, que tornara a ver a capital pernambucana, "visão de seus sonhos nostálgicos". Lamenta que o amigo, transportado muito novo ao Velho Mundo, não guardasse dessa visão a menor lembrança, fugitiva embora. Mas para Távora nem Genebra "com o Mont Blanc, coberto de neves e gelos eternos, o lago imenso que a um sem número de poetas tem inspirado maviosos e imortais cantos, nem o Rodano", nada disto pode ter "a beleza dessa elegante e risonha cidade, que surge dentre mangues verdejantes, águas límpidas, pontes soberbas e se estende por sôbre vasta planície".

Recorda ter visto o Pará e "adivinhado suas incalculáveis riquezas"; o Amazonas, com a "sua incompreensível grandeza"; e escreve algumas páginas de tudo o que observara na região amazônica, insistindo no seu velho tema "de que as letras têm um certo caráter geográfico", sendo que "no norte é que abundam os elementos para a formação de uma literatura prôpriamente brasileira".

É que, no seu entender, "o norte não fôra ainda invadido pelo estrangeiro, como o sul". Infelizmente, poucos têm sido os filhos do norte, empenhados em construir o edificio literário dessa parte do império, sobretudo no romance". Aí reconhece que o sul "campeia sem êmulo" e passa a mencionar Macedo, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Taunay, Almeida, incluindo no que chama "literatura austral" ao próprio José de Alencar, a quem diz ter feito justiça, nas "Cartas a Cincinnati". Defende-se de resvalar em estreito bairrismo, mas afirma: "Norte e sul são irmãos,

mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o o doutro”.

Com o *Cabeleira*, êle julga haver lançado os “fundamentos da literatura setentrional”.

Como devia ser essa literatura, tal qual êle a compreendia, isto é, em 76, morando noutro meio (êle mesmo escreve em apêndice da 2.^a edição de “Um Casamento no Arrabalde” — Rio de Janeiro — Tipografia Nacional — 1881) e “onde não dizia com o gôsto fluminense a singela produção de 1869, do Recife”

Eis a sua profissão de fé: “Hoje em dia, eu não poria em letra de imprensa produção de horizonte tão estreito, porque entendo que nas letras, ainda as amenas, não é lícito prescindir de um ideal, que represente a vitória de um princípio, uma instituição, uma idéia útil à sociedade. O romancista moderno deve ser historiador, crítico, político ou filósofo”. Achava que no “Casamento do Arrabalde” não havia um princípio vigoroso, um estudo, a crítica de grandes forças, a aplicação de grandes leis sociais”.

Entretanto é essa humilde novela, que Lúcia Miguel Pereira prefere (“a vivacidade dessa novela, cuja importância está sobretudo nos novos rumos que delinea, nunca mais a encontraria Távora” — pág. 47 da História da Literatura Brasileira, Vol. XII — Prosa de Ficção — 1870 a 1920 — Ed. José Olímpio).

E’ aliás a opinião do Rangel de S.Paio, em carta que aparece em Apêndice da 2.^a edição do “Casamento”: “Acredita? Aquela simplicidade, aquela despretensiosidade, aquela naturalidade, pareceram-se de sabor tão balsaquiano, que conquistaram mais aplausos que o seu *Cabeleira*”.

S.Paio acha que o próprio Távora talvez o tivesse completamente esquecido. Dá-lhe conselhos. Entende que o “que constitui uma literatura não é o assunto, de que ela se ocupa, mas o conjunto dos trabalhos intelectuais de um povo, escrito em seu idioma. Discorda dessa história de “literatura do norte”, aconselha-o a ler Balzac, indica-lhe, como tema de estudo, “a sociedade brasileira, seus hábitos e costumes bem descritos, seus vícios e virtudes bem estudados, os caracteres bem acentuados, a natureza bem reproduzida”. Távora não se lembrava mais do “Casamento”, nem sequer possuía um exemplar; considera-o uma “nota solta, perdida por entre a folhagem da pitoresca estrada”; “um brinco de

sua pena", que escrevera em menos de uma semana, para ser publicado no rodapé de uma das fôlhas diárias.

Por isso não só o desdenha, mas acha que o "romance da fantasia, de pura imaginativa, não quadra ao ideal dos nossos dias". Retomando a veia do polemista da questão religiosa, acutilando os jesuitas, (em apêndice, ao *Cabeleira*, diz que não é de data moderna o sentimento pernambucano em desabono dos padres jesuitas), reclama uma literatura de idéias.

Entretanto foi a advertência de S.Paio que o fêz escrever o *Sacrifício*, dez anos depois do *Casamento*, sendo aquêlê uma espécie de complemento dêste. Confessa que o Paulo e Virgínia do *Sacrifício* são o Pedro e Lucila do *Casamento*; e não só êstes, mas outros personagens são comuns às duas narrativas.

Mas a sua idéia fixa continua a ser a Literatura do Norte, o romance histórico, de que o *Cabeleira* foi, no seu entender, "um tímido ensaio".

Lúcia Miguel Pereira acha que Távora, querendo ser historiador e romancista, acabou nem sendo uma coisa nem outra. Por isso considera o *Cabeleira*, uma preciosa documentação folelórica para a história do cangaço, mas de pouco valor como obra de ficção. Já Olívio Montenegro encontrara nos livros de Távora, e nos fatos por êle observados, um valor quase documentário.

E eis como o pobre Távora, êle mesmo, embaralhou a sua vida. Tinha excelentes qualidades para a literatura de ficção. Desdenhou-as para resvalar na crônica. Possuia vocação para a pesquisa histórica. Atrapalhou-a com a sua concepção do romance.

Continuou a sentir em tórno de si o vazio, a indiferença, a pobreza. Num momento de desespero, vendo-se paupérrimo, desamparado, cheio de família e vilmente esquecido por amigos políticos "a quem tinha assaz ajudado", vendeu a maior parte de sua biblioteca "sebo" e pôs ao fogo a *História da Revolução de 17* e a *História da Revolução de 24* (Sílvio Romero — *História da Literatura Brasileira* — tomo Quinto — 3.^a edição aumentada — Liv. José Olímpio). Parte do seu trabalho sôbre os "Patriotas de 17" fôra publicado na *Revista Brasileira* (Tomo 4.^o, pág. 37 a 66).

Diz Taunay que todo êsse amargor, que o rodeava, levou-o a interessar-se mais pelo Instituto Histórico; e essa lhe parece a fase de sua existência mais proveitosa. Assim, em 1880, foi eleito sócio correspondente; no ano seguinte, orador; e aí se manteve até 87, quando se dedicou com ardor à redação da *Revista* e à organização dos trabalhos que nela deviam figurar. Cada vez mais se prendeu à associação, eujas festas do quinquagenário tratou de preparar. E assim foi levando a vida, até que a 18 de agosto de 88 “a rotura de uma aneurisma — como diz Silvio — libertou o mal-aventurado soffredor, tendo apenas 46 anos e meses”.

*
* *
*

O *Lourenço* é considerado por Sílvio Romero a obra prima do autor; “o mais bem escrito e o mais realizado, como romance dos seus livros históricos”, na opinião de Lúcia Miguel Pereira. Sílvio o situara como o “chefe do naturalismo tradicionalista e campesino na novelista brasileira”; e explicava essa bizarra classificação: “naturalismo, porque seus tipos e cenas são estudados do natural, das observações diretas do escritor e não meros filhos da imaginativa; tradicionalista, porque o romancista deu quase sempre preferência aos assuntos do passado, nomeadamente do século 18, que estudou com carinho; campesino porque escolhia seus autores entre as gentes da roça, do mato e do campo”.

Nelson Werneck Sodré vê nas páginas de Távora uma “imensa tristeza, tristeza que lhe veio certamente do conhecimento das condições de existência de nossa gente do sertão (?) com a sua ignorância, as suas mazelas e o seu atraso”.

Com a sua concepção do romance, não somente aproveitava episódios da crônica local, mas tirava conclusões e “moralizava”. Assim, ao concluir o *Cabeleira*, cuja parte histórica foi escrita de acôrdo com as “Memórias históricas da Província de Pernambuco”, por Fernandes Gama (é êle mesmo quem o assinala, no Apêndice do livro, em forma de Carta, edição de 1902 — Garnier — Rio — Paris) passa a criticar a pena que condenou o seu herói; e a que chama de

“crime jurídico”, ajuntando que os crimes de Cabeleira se devem mais à ignorância e à pobreza. O culpado de tudo seria antes a sociedade “que não cumpre o dever de difundir a instrução, fonte da moral; e de organizar o trabalho, fonte da riqueza”.

Faz o processo da sociedade, critica a condenação à força de escravos “que matam o senhor, rebaixado pela condição servil, paciente do açoitado diário, coberto de andrajos, quase sempre faminto, sobrecarregado de trabalhos excessivos”. Diz que à pobreza deve a sociedade atribuir o “maior número de crimes que pune e dos erros e faltas que não se julga com o direito de punir”. E aproveita a ocasião para atacar “os atuais ministros do Evangelho, os quais muito diferentes dos pescadores da Galiléia da Samaria empregam, todos os meios de tornarem-se ricos e poderosos e não desestimam a opulência, começando pelos que ocupam os primeiros lugares da hierarquia eclesiástica”. Mas afinal, quem é que escreve essas conclusões? É um romancista ou é o polemista da “Verdade”?

Chegamos agora ao “Lourenço”, sua “obra-prima”, ao lado do *Matuto*, que o precedeu, e que Sílvio tem como dos “mais perfeitos da romântica brasileira”. Sílvio não tem restrições: “os tipos de Lourenço, Tunda Cumbe, d. Damiana, Bernardina, Marcelina, Marianinha são de mão de mestre; as cenas do trabalho rústico e as festas populares são das melhores que se tem escrito”.

Tenho aqui a primeira edição do *Lourenço*, publicada na Tipografia Nacional, à rua da Guarda Velha, no Rio de Janeiro em 21 de julho de 1881, rubricada por Távora e por ele oferecida à Biblioteca Provincial de Pernambuco. Aparecera antes na *Revista Brasileira*; e Taunay o considera “o amadurecimento do seu talento, principalmente na descrição das festas populares e peripécias da ida do Norte”.

— “Sem contestação mereceu ser tirado à parte e formou um livro, que tem lugar distinto na coleção das boas obras nacionais”, acentua.

Oferecendo-o à Biblioteca Provincial do Recife, Távora escreveu, do seu próprio punho, que “fôsse encadernado com

a capa, visto não se repetir dentro o que ali se lê". No fim do volume, rubricou-o com a sua assinatura. A capa menciona, sob o título genérico de Literatura do Norte — Terceiro Livro — o nome do livro "Lourenço — Crônica Pernambucana — Edição de 200 exemplares.

À guisa de introdução transcreve palavras que escreveu a 3 de julho de 1881, na fôlha original de onde fôra copiado para a *Revista Brasileira*. Diz que "esta crônica, pronta há mais de dois anos para seguir em volume o *Matuto*, de que é a conclusão lógica e natural, acaba de sair a lume na *Revista Brasileira*, a que dedica afetos de natureza paternal". Explica que fêz muitas alterações no manuscrito; aumentou informações e minúcias; e confessa que quem ler o *Matuto* e o *Lourenço* notará repetições. Mas como ambos se inspiraram na Guerra dos Mascates, diz que a leitura de um sem o outro não é bastante. Que se esforçou por dar, num e noutro, uma idéia completa da guerra, capaz de convidar a sério exame e meditação o historiador, depois do economista e do político.

De sorte que a gente fica sem saber o que está fazendo o nosso autor: se história, se romance, se política, se economia. A sua noção do romance histórico era demasiado elástica. Logo mais, passa a destacar a importancia da guerra: sem ela não teríamos a Revolução de 17, esta por sua vez precursora da Independência. Considera o episódio da guerra, dos mais prejudiciais a Pernambuco, mas ajunta que dela "pululou a planta de nossa independência política".

Pondo de lado suas idéias fixas — literatura do Norte (José Veríssimo dizia, com bom senso, que mesmo no Norte as coisas não são homogêneas e iguais, o Amazonas é tão diferente do Ceará ou da Bahia como de São Paulo; e na realidade o Norte é uma coisa e o Nordeste é outra, a menos que nos queiram considerar a todos "baianos", como se diz, no Sul, sendo que há ainda um outro Nordeste, que não o nosso, com as suas características próprias), e aquilo que ainda Veríssimo chamava os seus "preconceitos provincianos", é inegável que os seus livros, os da chamada crônica pernambucana, guardam muita côr local; e refletem certos tipos, não

do sertão, como erradamente diz Werneck, mas da "zona da mata", que entre êles se movem os heróis da guerra dos Mascates.

Talvez por isso é que Sílvia o tenha consagrado, como chefe do "naturalismo tradicionalista e campesino", e em tôrno de quem se situa, decorrido tanto tempo, o interêsse desta reedição.

ANIBAL FERNANDES



Palavras que escrevi, aos 3 de julho do ano corrente, na fôlha exterior do original donde fôra copiado o "LOURENÇO" para a "REVISTA BRASILEIRA".

Esta crônica, pronta há mais de dois anos para seguir em volume o *Matuto*, cujo é conclusão lógica e natural, acaba de sair a lume na *Revista Brasileira*, a que dedico afetos de natureza paternal.

Mudando-se o plano da publicação, tive por necessário adaptar o trabalho aos leitores da *Revista*, que eu não podia presumir fôsem absolutamente os mesmos do *Matuto*. Fiz por isso muitas alterações neste manuscrito. Aumentei informações e minúcias, reproduzi idéias inúteis no primeiro caso, indispensáveis no segundo. Quem ler agora o *Matuto e o Lourenço* notará algumas repetições. E' certo, porém, que, na leitura, pode ser êste desacompanhado daquele. Pelo que respeita às repetições, passará as vistas por cima delas o leitor benévolo, sem enxergar matéria para corpo de delicto contra o autor, atentos os motivos explicados.

Cumpre advertir, que, conquanto cada uma das duas narrativas tenha ação própria, conquanto cada uma delas possa subsistir sem a outra, para melhor conhecimento da guerra dos mascates em que ambas se inspiraram, a leitura do *Matuto* sem a do *Lourenço*, e vice-versa, não é bastante.

Esforcei-me por dar, quer no primeiro quer no último, uma idéa tão completa quanto possível, dessa guerra, ainda pouco estudada, não obstante a sua originalidade, por si só no caso de convidar a sério exame e meditação o historiador depois do economista e do político. Pouca ou nenhuma importância se lhe tem dado entre nós; é certo contudo que, sem a guerra dos mascates, a qual deixou um valo profundo entre brasileiros e portuguezes, não teríamos a revolução de 1817, radiante alva de que fôra aquela guerra o pálido crepúsculo precursor do dia da Independência em 1822.

Antes da emancipação das colonias americanas (1776), antes da conjuração mineira (1789), reunida a nobreza com o Senado da Câmara de Olinda em 1710 tratou de dar à capitania de Pernambuco outra forma de governo, independente de Portugal: foi a guerra dos mascates o primeiro grito do novo mundo contra as metrópoles européias. Não imitou Pernambuco a França nem os Estados Unidos. Pensou e obrou por si muito antes de nesses países se pensar em independência e república.

O ajuntamento discutiu a idéa suggerida por vários nobres de se estabelecer em Olinda uma república aristocrática modelada pela de Veneza; e se esta idéa, considerada por todos de alta magnitude, e recebida por muitos com medo, não prevaleceu, porque foram votos vencedores os dos *moderados* que, como meio de conciliar os ânimos discordes, propuseram fôsse aceito para governador o bispo alheio às lutas partidárias, e a quem aliás cabia o governo, na falta do governador fugitivo, por via de sucessão, conforme dispunha a carta-régia prevenindo as vacâncias, nem por isso se deve desconhecer a prioridade de Pernambuco em cogitar na independência.

A devassa, instaurada depois da chegada do governador Félix José Machado, occasionou homízios, prisões, seqüestros, que sòmente tiveram têrmo em 1714. A capitania ficou arruinada, muitas famílias na viuvez e na miséria; muitas fortunas desapareceram: foram quatro longos anos de calamidades, de lágri-

mas e luto. Se não houve execuções capitais, não foi por faltarem bons desejos ao governador e aos ministros, mas por se poderem avir neste ponto com aquelas autoridades sanguinárias os ouvidores da Paraíba e das Alagoas; houve, porém, mortes e não poucas, por ocasião dos levantes nos assaltos e batalhas; houve assassínios pelas estradas e até nos refúgios onde os nobres tinham buscado pôr em segurança a sua vida.

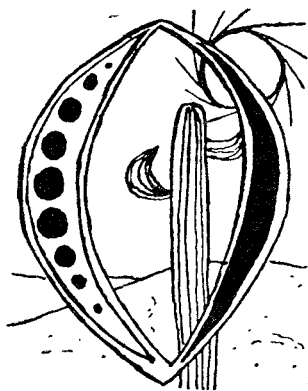
Com todo o fundamento dever-se-ia reputar esta guerra como uma das mais prejudiciais a Pernambuco, se ela não fôra a semente donde pululou a planta da nossa independência política.

F. T.

28.NOV79 30098

LOURENÇO

I



governador Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos, que chegara a Pernambuco em 7 de Outubro de 1711, depois de ter passado alguns dias em Olinda, mudou a sua residência para Recife, com grande desagrado e desconfiança dos nobres, porque a florescente vila era a praça forte da burguesia portuguesa, que as-

pirava à posse e mando da capitania.

Pôsto que já muito aumentado, não podia no lustre e número dos habitantes competir o Recife com a opulenta e populosa Capital, que, do alto do seu orgulho, olhava com desdém de soberana para a humilde vizinha a quem hoje paga feudo de vassalagem. Eram poucas as ruas, quase nenhum os estabelecimentos públicos. Maurício de Nassau fizera surgir, da ilha pitoresca, aos sobrados, palácios e outras obras, cujos restos ainda atestam a grandeza do gênio batavo. Mas todos êstes edificios e estabelecimentos, bastantes para certificar vinte e quatro anos do domínio fecundo de um grande povo, pouco eram em comparação às ruas sem conta, aos templos suntuosos, às habitações aristocráticas com que dos seus oiteiros descia até os vales, por entre pomares e jardins esplêndidos, a Olinda dos poetas, que nascera de um conflito de prazer das vistas de Albuquerque com as risonhas perspectivas que de cima dêsse oiteiros se

descortinam, como nascera Vênus do ajuntamento do sangue do céu com as escumas do mar.

A preferência do governador feriu a nobreza nos seus foros anciãos, e a cidade na sua justa e legítima vaidade. Todavia os nobres teriam curtido em silêncio êste dobrado desdouro, se em 18 de novembro, quarenta dias depois da chegada de Félix José Machado, não fôssem escandalizados com a nova inauguração do pelourinho, causa primordial da guerra extinta. (1). Não podendo mais reter, em presença do novo desacato, os seus ressentimentos mal ocultos, os mais importantes membros da nobreza pernambucana procuraram o bispo D. Manuel Alves da Costa, de cujas mãos o governador recebera as rédeas do govêrno, para o consultarem sôbre o procedimento que deviam ter.

O bispo, modêlo de brandura cristã e de concórdia fraternal, tratou de amaciar os fidalgos melindres eriçados.

— Senhores, disse êle, não há razão para assim vos mostrardes descontentes. O ouvidor não podia deixar de restabelecer o pelourinho, demolido em 1710 no ardor das paixões pelo povo levantado, visto que a vila está criada. Até me parece que, a não ter êste procedimento, o ouvidor incorreria em culpa.

— Perdôe-me v. exa., redargüiu Estevam de Araújo. É verdade que a vila está criada; mas, tendo oposto os nobres e os homens bons, ou antes o clero, a nobreza e o povo da capitania (que não podem compreender neste número os abomináveis mascates) geral reação a êste ato, justo parecera que sem novo ato em que se visse manifesta a vontade de el-rei acêrca de tal assunto, não houvesse de parte dos ministros a menor deliberação. Poder-se-á acaso compreender, que os pernambucanos derramassem o seu sangue, que a nobreza lançasse mão das armas e gastasse rios de dinheiro para no fim de tão sanguinolenta e dispendiosa contenda, ficarem satisfeitos com a re-novação do infame padrão?! Demais, que signifi-

(1) Vid. o *Matuto*, segundo livro da *Literatura do Norte*.

cam a carta de D. Lourenço de Almeida, e a confirmação do perdão aos nobres pelo primeiro levante senão que êstes tinham razão no dito assunto? Declaro a v. exa, não posso conformar-me com a opinião dos que entendem estar tudo acabado, e nada nos restar d'ora em diante neste singular pleito, senão curvarmos a cabeça aos que têm agora por si as autoridades que não sabem dar o devido apreço à sua honra, e à justiça entregue nas suas mãos. A meu parecer, a questão está de pé, a luta não teve o natural desfêcho. O pelourinho, há pouco inaugurado por entre festivas demonstrações da parte dos mercadores, deve ser novamente demolido.

— Nem nos custará muito darmos aos vilões esta lição, ajuntou Antônio Dias de Figueiredo. Robustos estão ainda os braços que construíram à Roda do Recife essas trincheiras, que o novo governador mandou destruir tanto que tomou conta da terra, mas que as maiores e mais desesperadas investidas dos mascates não puderam romper durante quatro longos meses de cêrco. Os peitos patrióticos, que castigaram a arrogância da vilanagem, depressa voltarão ao pôsto, onde morrer pela pátria lhes parecia mais nobre do que vencer o inimigo.

— Senhores, respondeu o bispo, as guerra são cruas calamidades, que os estados devem evitar e os homens temer; elas se opõem à civilização, e a moral condena-as. Milhões de cruzados e, o que é mais, milhares de vidas gastaram-se nesses infaustos meses. Sofreu a agricultura, sofreu o comércio, sofreu o govêrno, sofreu a família, sofreu a religião prejuizos incalculáveis. Mas para justificar o estado lastimoso de Pernambuco, havia uma razão — o govêrno tinha o direito de se fazer obedecer e a obrigação de impor aos rebeldes a obediência. Nestes intuitos, a nobreza fêz o que ordenara a sua honra e o seu dever. Mas as circunstâncias atuais não são as mesmas. A nossa resistência às novas autoridades meteria nas mãos delas a arma que brandimos contra os rebeldes, e estigma da rebeldia deixaria em nossas frentes. Cuidemos antes de reparar os grandes males que nos

deixou como legado fatal essa luta inglória e fraticida. Deixemos o mais à conta da disciplina das coisas humanas, aos altos conselhos da Providência.

Este parecer, que tinha as principais raízes no ânimo piedoso do bispo, não foi bem aceito pelos circunstantes. Entre êstes, o que mais tenaz se mostrou em não se conformar com a nova direção das coisas públicas, foi Leão Falcão d'Eça. Estava êle para os fidalgos do sul da província, pela sua intrepidez e exaltação, na mesma relação que Cosme Cavalcanti para os do norte. Pelo seu voto, o primeiro passo que deviam dar os pernambucanos era porem abaixo o pelourinho. Disse êle que tinha amigos e moradores em Tracunhãem que o seguiriam na represália, sem entrarem na indagação e dos perigos e do resultado final. Disse mais, que não queria vida senão até o momento de dar êste segundo ensino aos mascates, depressa esquecidos do primeiro.

Cosme Cavalcanti trouxe também a sua pedra para o edifício da revolta.

— Não ignorais que vim de propósito de Goiana a cumprimentar o governador, porque se me mandara dizer desta cidade que “os nobres haviam assentado fazer cada qual a sua visita, e recolher-se enquanto a obrigação de algum negócio os não chamasse. Ia eu chegando às portas do palácio, quando saíam de dentro João da Mota e o padre João da Costa. Ao darem com as vistas em mim, risos escarninhos são o cumprimento que tem um, olhares ameaçadores e desdenhosos são a cortesia que tem o outro. Diante dessas figuras ainda macilentas pela fome que com o cêrco padeceram, todos os meus brios sentiram-se insultados. Pareceu-me que subir cabisbaixo as escadas por onde haviam descido triunfantes duas víboras peçonhentas, não era ação que se compadecesse com o meu sangue e linhagem. Dei de rédeas ao cavallo e torci para trás. Não me hajais por arrebatado, senhores. Eu já trazia nesse momento todos os meus espíritos erguidos: pelas ruas da infame povoação encontrara magotes de reles mercadores com alegres ares, e palavras descompostas. Uns diziam versos em hon-

ra do seu triunfo; outros cantavam trovas depravadas contra a nobreza, chocalhando da nossa derrota. Saibaes ao que ia essa desprezível gentalha? Ia levar os seus agradecimentos ao ouvidor e ao governador pelo restabelecimento do pelourinho.

— Coisas de imprudentes, disse o bispo. Ponhamos bem altos os nossos ouvidos para que não escutemos insultos e injurias, e bem atentas as vistas no estudo da nossa posição. Senhores, não nos iludamos. O governador traz largos poderes, e empregará todos os meios de se fazer obedecer. Não é tão fácil como vos parece entorpecer a administração em sua marcha. Êle procura mostrar-se imparcial, se acaso o não é.

— Procurou ao princípio, hoje não. Hoje tem-no consigo, os mascates, graças à fôrça milagrosa do seu ouro e dos padres da recoleta.

— Grave coisa afirmais, Sr. Falcão d'Eça, observou o bispo em ar de quem fazia amiga censura.

Sentindo a intenção de D. Manoel, Falcão d'Eça retorquiu:

— Pedôe-me v. exa.: não estou levantando aleives. Contou-me José da Silva que, “indo com um requerimento um dia a casa do ouvidor, achara aí dois missionários, que naquela ocasião lhe entregavam um cartucho de porte; e, querendo, sem que esta parte o visse, recebê-lo, rompendo-se-lhe nas mãos o papel com o pêsó que embrulhava, se espalharam sôbre um bufete as moedas de ouro, que caíram em quantidade, do que ficou o que as recebera, se bem pago, em nada satisfeito da testemunha de vista” (1). Quer v. exa. lhe aponte outros fatos? No banquete que deu há oito dias, o governador, em seu palácio, aos mascates, aceitou peças de ouro, louvando por essa ocasião a inteligência dêles, e dizendo-lhes que era muito superior à dos naturais de Pernambuco. (2).

Não obstante êste forte ânimo dos nobres contra a política do governador e do ouvidor, não obstante

(1) *Memor. Históric. de Pernambuco.*

(2) *Histórico.*

a inclinação das suas paixões para o novo conflito, que devia resolver-se em segunda guerra porventura mais encarniçada e mortífera que a primeira, pôde D. Manoel, graças ao prestígio que lhe ficara do governo, ao seu sagrado ministério, à sua piedade, ao seu esforço, dissuadir os nobres do grave pensamento que alimentavam. D. Manoel foi ainda além dêste resultado.

— Sou de parecer, dissera êle por derradeiro, que cada um dos amigos presentes volte à sua casa a tratar dos seus interesses, sem outro ânimo em relação à administração pública senão o de obedecer às autoridades e ser fiel a el-rei que elas representam.

Estas palavras foram ouvidas por todos. Até Cosme Bezerra e Falcão d'Eça dentro de vinte e quatro horas volviam a seus lares.

O bispo não se enganara nas conjecturas. De facto, Félix José Machado estava armado com todos os poderes para vencer o espírito de rebelião, fôsse de que lado fôsse. A côrte de Lisboa não quisera desconsiderar inteiramente os pernambucanos, importantes pelas suas tradições, posição e fortuna; mas incumbira o governador de destruir tudo o que se parecesse com gérmens de resistência, de que pudesse proceder o pensamento de tornar independente o Brasil. Não era sem razão que se previa ali êste caso: soubera-se em Portugal tudo o que em Olinda se passara em 1710, por ocasião de reunir-se a nobreza com o Senado da Câmara para escolha do governador, depois da fugida de Sebastião de Castro Caldas. D. João V percorrerá com as vistas algumas das cartas, em que pelo miúdo se referiam, a importantes pessoas do reino, palavras dos nobres, reveladoras do intento de realizar essa independência. De feito, êste intento, já expresso em 1650, quando a coroa estêve para abandonar a colônia à sua própria sorte, em 1710 teve ainda mais positiva afirmação. Pedro Ribeiro da Silva, capitão-mór de Santo Antão, João de Barros Rego, capitão-mór em Olinda, João de Freitas da Cunha, mestre de campo, Bernardino Vieira de Mello, sargento-inór, enfim a principal nobreza opinara pela separa-

ção. Bernardo Vieira chegara a propor que se declarasse a capitania em república “*ad instar* dos venezianos”.

O primeiro cuidado de Félix José Machado depois de chegar a Pernambuco foi estudar o estado dos dois partidos que se combatiam.

Estavam ambos cansados por mais que inculcassem o contrário. Os mascates, além de cansados, não tinham meios de prosseguir a luta. Em tôda a guerra só haviam contado uma vitória — a de Sibiró. Esta mesma teve por principal origem a circunstância de haver o mestre de campo, comandante das tropas da nobreza, jurado ao bispo que em caso nenhum derramaria sangue; era o juramento de entregar-se ao inimigo. A vitória incruenta trouxe grande fôrça moral aos mascates, e até lhes facilitou pelo lado do sul o fornecimento de gêneros, sem os quais dentro em pouco tempo cairia o Recife em poder dos nobres. Mas aquela impressão desvaneceu-se, e as facilidades cessaram com a vitória de Ipojuca, e o assédio da fortaleza de Tamandaré, que tanto ilustraram o já illustre ajudante-de-tenente Francisco Gil Ribeiro. Félix José Machado, que trazia a intenção reservada de tomar o partido dos mascates, não pôde sustentar a máscara de imparcialidade senão nos primeiros dias: e em vez de compor os discordes, afastar os motivos de contenda, realizar, numa palavra, a obra do congraçamento, entendeu em mostrar-se forte para com os nobres em quem o cansaço não pudera ainda gerar a fraqueza, nem os grandes gastos e prejuízos ou receio de cair em penúria.

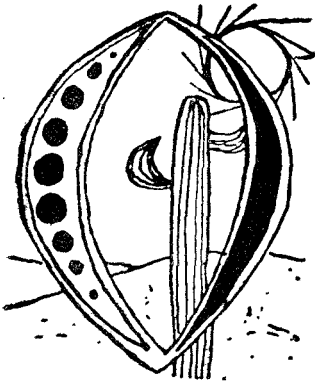
Não satisfeito com a restauração do pelourinho, ordenou ao novo ouvidor João Marques Bacalhau, que com êle viera, que instituisse devassa sôbre o primeiro levante, sem embargo do perdão; e nesta devassa atropelaram tão parcialmente os princípios da justiça, que dezenove dos principais nobres de Olinda, pronunciados em segrêdo, foram mandados prender pelo governador, em 17 de fevereiro de 1712. De alguns, como do sargento-mór Leonardo Bezerra e do alferes André Vieira de Melo, verificou-se a prisão por

ocasião de saírem do próprio palácio do governador. As prisões continuaram. O capitão André Dias de Figueiredo, depois de passar quase uma semana dentro de uma mina, no convento dos jesuitas, em Olinda, teve de ser dali arrancado para a semitumba das Cinco-Pontas. A fugida para os matos foi então o primeiro, senão o único recurso dos nobres. Em poucos dias Olinda ficou entregue sòmente às famílias apavoradas, os engenhos ficaram ao desamparo, como a cidade e vilas. A guerra já contribuíra poderosamente para paralisar o serviço da lavoura; o novo golpe veio completar esta triste obra.

A capitania era um como país conquistado. Olinda chorava lágrimas de sangue e trajava luto. O Recife, porém, embalava-se entre verdores gentis e águas mansas, como cândida ninfa.

Os mascates banquetevam-se com os novos ministros. Chegara a sua vez.

II



eclipse do astro dos nobres em Olinda alongou a sua sombra até Goiana, e nêle viram medonho anúncio de próximos males todos os daquela vila que pertenciam à nobreza.

Goiana era um dos pontos da capitania onde a causa dos mascates passara por maiores revêzes. Do combate que ali se dera em a noite de 23 de agôsto de 1711, haviam saído vitoriosos o sargento-mór João da Cunha, senhor do engenho Bujari, Cosme Cavalcanti, juiz ordinário, e outros fidalgos, auxiliados pelo ajudante-de-tenente Gil Ribeiro, que completamente destroçara com as suas tropas as paraibanas capitaneadas por Luís Soares. Realizaram-se por essa ocasião a morte do sargento-mór dos mascates Antônio Coelho, a prisão de Jerônimo Paz, poderoso marchante, e a de vários cabeças do mesmo partido. Era portanto de esperar que, restituído Jerônimo Paz à liberdade com a chegada do novo governador, não se demorasse a desforra que devia ser atroz, desforra premeditada e jurada pelo feroz *procurador do povo* desde o momento da sua prisão (1).

O perigo era iminente. Trataram de prevenir-se os principais nobres.

(1) Vid. *Matuto*.

—Prometi ao bispo curvar a cabeça aos decretos da autoridade que nos mandaram para aniquilar-nos; mas não devo considerar-me ligado por esta promessa, porque para fazer tive o fundamento de supôr que o intento do governador era administrar justiça a todos igualmente. O seu último procedimento prova o contrário, e eu não estou mais pela obediência senão pela opposição ao tirano. A devassa continua aberta. O governador, o ouvidor e o juiz de fora, os três paus da fôrça destinada a acabar com os pernambucanos, não param em sua obra destruidora. Jerônimo Paz diz pelas tabernas que nos há de pôr as cordas. À vista disso, deveremos ficar impassíveis? Não. Organizar a guerra à tirania eis o que nos cumpre fazer.

—Com que gente contaís vós, Sr. Cosme Cavalcanti, para organizar e sustentar essa guerra? Onde estão as vossas ordenanças? Estão com os inimigos, que são as atuais autoridades, ou os sustentadores delas. Onde estão os nossos escravos? Uns morreram, outros fugiram; os que ainda restam, mal chegam para dar-nos água para os pés. Onde estão os nossos moradores, que os não vejo, por mais que estenda as vistas? Os que não ganharam, fugitivos, o sertão a fim de não servirem contra a sua vontade nos regimentos que o governador vai formando a seu modo, são velhos achacados, ou meninos que para nada prestam. Dizei-me, por caridade, com quem havemos de fazer frente aos nossos carrascos?

—Tendes razão, João da Cunha — disse Luís Vidal. O baralho caiu nas mãos dos inimigos, que formam o jôgo que lhes faz conta.

Cosme Cavalcanti redargüiu:

—Não perdi ainda a esperança de dar a êsse governador que recebe em palácio aos pares as mulheres de má vida, e sustenta aí banca de jôgo, a lição que recebemos de nós, por várias vêzes, os que com êle se dão agora àquêlê vício, deixando-se roubar, para terem o grande vicioso ao seu lado. Corramos daqui a Itambé. Matias Vidal deve ter muita gente reunida para arrostar com os nossos opressores.

Ouvindo falar em Matias Vidal, os outros fidalgos sobrestiveram: aquêlê illustre pernambucano, filho natural de André Vidal de Negreiros — um dos heróis da restauração — grangeara grande nomeada com a formação do *batalhão sagrado*, composto de sacerdotes resolutos a derramar até a última gôta de sangue em defesa do bispo ameaçado em sua vida pelos mascates, nos primeiros tempos do cêrco do Recife.

Mas a agradável ilusão durou pouco. Rumor de passos fêz-se ouvir, e um novo interlocutor, entrando inesperadamente na sala, advertiu:

— Matias Vidal desapareceu, não se sabe para onde. É o que acabo de ler em uma carta escrita por seu genro a Manoel de Lacerda.

O novo interlocutor era André Cavalcanti, que, sabendo esta triste notícia, correra a participá-la a Cosme Cavalcanti, seu irmão.

Cosme refletiu um momento.

— Não importa — disse depois. Tenho cá o meu plano, e para a sua realização conto convosco, Sr. Luís Vidal, e convosco, André. Estarei enganado?

— Podeis contar, podeis contar conosco — responderam os dois ao mesmo tempo.

— Morrerei onde morrerdes — ajuntou Luís Vidal.

— Estando convosco, Sr. Cosme — disse André Cavalcanti — parece-me que terei por mais certa a vitória que a derrota.

— Que plano é o vosso? perguntou o sargento-mór.

— Irei para as minhas fazendas de gado no Açu.

— Estão muito distantes. Não poderei acompanhar-vos até lá — tornou João da Cunha.

— Aí — continuou Cosme — reunirei os meus vaqueiros e criadores que quiserem seguir-me: todos hão de seguir-me. Tenho fé que em menos de dois meses Félix José Machado há de tremer ao ouvir falar em meu nome.

Um momento de silêncio que sucedeu a esta declaração, indicou que os valorosos pernambucanos ali congregados refletiam sôbre a sua sorte. Às pala-

bras de Cosme, sempre de pêso para os amigos, parentes e todos os que conheciam os seus grandes espiritos, seguiu-se breve mas solene interrupção. João da Cunha foi o primeiro que se libertou desta prisão do prestígio natural da coragem e importância pessoal.

—E quando é a vossa partida? perguntou.

—Para tão breve a tenho assentada que talvez seja esta a última vez que nos achemos juntos. Há muitos dias que me aparelhei para realizá-la. Vejo que é chegado o momento de deixar Goiana, a fim de poder ser útil a Goiana. Os inimigos não dormem. Devemos ser, como êles, espertos e diligentes.

Cosme levantou-se, deu alguns passos em direção a João da Cunha, abriu os braços, e apertou-o, entre êles.

—Se não virmos mais, seja esta a nossa despedida — disse.

—Os dois fidalgos ficaram comovidos. Aquela cena foi tão inesperada, tão muda e tão eloqüente que não podia ser outro o sentimento dos que tomaram parte nela.

Depois de abraçar Luís Vidal e André Cavalcanti, João da Cunha encaminhou-se à escada.

—Vêde bem como sois, observou Cosme acompanhando-o. Antes de pordes o pé na rua, examinai primeiro se há do lado de fora algum vulto suspeito. Andamos cercados de espiões.

—Não há novidade. Matias e José ficaram em baixo; trazem armas, são valentes, e já teriam vindo a meu encontro, se houvesse qualquer desconfiança. A noite está medonha, mas êles são dois gatos do mato; vêem perfeitamente, no escuro.

—Agora nós — disse Cosme a meia voz aos irmãos, tornando à sala do sobrado onde estas coisas se passavam. São dezoito horas. À meia-noite devemos achar-nos de marcha. Ide dizer adeus à família, enquanto tomo as últimas providências.

À meia-noite três cavalos selados, e cinco carregados deixavam-se ver no quintal da casa. As cargas eram formadas com barricas, caixões e malas. Nas barricas em que se imaginava estarem metidos

comestíveis, o que se continha era pólvora e bala: nos caixões havia armas de fogo. Quando Zacarias, escravo de estimação de Cosme, veio dizer-lhe que as suas ordens tinham sido executadas, êle com os dois irmãos, que desde as onze horas se achavam de volta, entraram para o quarto de vestir, e com pouco tornaram à sala. Mostravam-se inteiramente disfarçados. Cada um era um perfeito sertanejo, com as suas *perneiras, guarda-peito e véstia de couro*. Quando puseram na cabeça o chapéu, e um pegou do chicote, e outro da peia, tendo cada qual na mão esquerda um clavinote, ninguém diria que ali se ofereciam à vista três fidalgos finos, senão três vaqueiros encourados que voltavam com carregamento ao sertão.

Cosme desceu ao quintal, abriu de manso a porta que comunicava com a rua, e examinou cautelosamente as adjacências: estavam metidas em trevas; o silêncio era absoluto.

Então ordenou aos escravos e arreeiros que tocassem os animais carregados, e montando a cavalo tomou lugar no couce do comboio. André e Luís seguiram o seu exemplo. Aquelas sombras mudas e tristes desapareceram em menos de um minuto na êrma escuridão da noite.

Passados alguns dias, João da Cunha recebeu no seu engenho dentro de um só envoltório, duas cartas de circunstância. A primeira rezava assim:

“Amigo e sr. sargento-mór.

“A tempestade que desabou sôbre êste Pernambuco alcançou como um raio mortal o meu amigo e sogro, quando êle julgava ter cessado a fúria dos elementos. Mas a infâmia do mal gênio que preside atualmente aos destinos da capitania, não há quem dela possa ter conhecimento sem se encher de assombro. Tanto que constou que pela devassa aberta pelo ouvidor contra os levantes, os nobres estavam expostos às perseguições e às aflições que se usam nestes negocios, tratou o sr. sargento-mór honorario, meu illustre sogro, de ocultar-se nos matos da sua propriedade Itambé. E porque foram dizer línguas serpentinadas ao governador que aí o mesmo sargento-mór honorario planejava, de acôrdo com os nobres, terceiro levante, e o dito governador tenha em muita

conta o valor e os meios do Sr. Matias Vidal, o mandou declarar em um bando, que se publicou a toque de caixas, revoltoso e inconfidente. E vendo que por êste meio não conseguia prendê-lo, lembrou-lhe a perfidia publicar novo bando, destruindo todo o conceito que no primeiro patenteara contra aquêlê sargento-mór, restituindo-lhe as honras, mandando que lhe fôsem entregues todos os bens que lhe haviam sido seqüestrados, e declarando por último que êle podia recolher-se livremente à sua casa, que não haveria pessoa que lho impedisse. Mas aqui, amigo e senhor meu, é que está a nefanda perfidia, porque tudo isto não passou de laço para prender o Sr. Matias Vidal, que, confiando na palavra do primeiro magistrado desta capitania, largou mão das cautelas até aquêlê momento observadas, e tanto que o tiveram fora do esconderijo deram passos para o prender; e se a prisão se não realizou desta vez, foi porque, avisado em tempo pelos amigos de que tudo aquilo era uma traição, voltou ao seu esconderijo. Mas daí o foram arrancar os agentes do governador, e a esta hora jaz sepultado aquêlê honrado pernambucano na semitumba das Cinco Pontas, com outros companheiros de luta e infortúnio.

“À vista disto, senhor e amigo meu, tomei a deliberação de ocultar-me nestas matas de Tracunhãem, onde vos escrevo as presentes regras, que particularmente se dirigem a chamar-vos para êste abrigo, no qual o valoroso Falcão d’Eça espera dar terrível ensino aos algozes dos pernambucanos. Se vos parecer, com a demais nobreza dessa vila, vir fazer-vos companhia nestas matas, mandai prevenir-nos, para que tôdas as providências sejam dadas a fim de se vos facilitar a entrada nos segredos.

“Deus vos guarde, amigo e senhor meu.

Vosso humilde servo,

MARTINHO DE BULHÕES”.

A outra carta era escrita pelo bispo, e não tinha mais que as linhas seguintes:

“Amigo e senhor sargento-mór.

Não tendo aqui um amigo que vos avise, visto que, uns por se acharem prêsos, outros por andarem foragidos pelos bosques, todos estão ausentes, tomo eu êste caridoso officio.

Ocultai-vos com os amigos. Vai partir para ai uma grande fôrça comandada por João da Mota.

Martinho pede-me que vos remeta a carta junta.

† D. MANOEL A. DA COSTA”.



O sargento-mór acabou de ler estas cartas com profunda mágoa. Chamar pela mulher, D. Damiana, e dizer-lhe em poucas palavras o que lêra, foi o seu primeiro passo. D. Damiana, pôsto que moça, era discreta e ajuizada. A êstes dotes reunia outro — estimava muito o marido; estimava-o como espôsa e como filha. O seu conselho era o da prudência; o seu parecer tinha as principais fôrças na confiança que inspirava àquele que, podendo ser seu pai e sendo rico, compartira com ela a sorte e a fortuna.

— Não vos assusteis — disse o senhor de engenho, disfarçando o seu pesar. O malvado governador jurou acabar com a nobreza de Pernambuco, e vai cumprindo o juramento. Vem aí uma grande fôrça para prender os fidalgos de Goiana. Em Olin-da já a maldade não tem em que pôr os dentes e as garras. Os nobres, que não caem nas prisões, perdem-se nos matos. D. Manoel manda dizer-me que me oculte. Não há outra esperança de salvação. Lá se foi o tempo em que eu podia castigar tão grandes ousadias. Hoje tudo me falta. A guerra levou-me as economias que eu tinha juntas. Há um ano que o meu engenho não mói uma cana, e as minhas lavouras mal dão para o gasto da casa. A nossa fábrica está reduzida pela morte de uns escravos, pela fugida de outros. Os meus foreiros, cansados do serviço da guerra a que foram forçados antes de chegar o governador, occultam-se agora para não serem chamados a igual inclemência. Nestas penosas circunstâncias, que me resta fazer senão meter-me nas brenhas?

Nos primeiros momentos, D. Damiana, tomada de amargura, não soube o que dizer. A separação é morte temporária para os esposos que se estimam: e, a esta idéia, poucos espíritos feitos na suave paz conjugal, tão rica de brandas satisfações, não perdem a serenidade necessária a resoluções que podem traduzir-se na privação daquelas.

Mas não se demorou a recobrar os ânimos. Era mulher para lutas próprias de homens. Chamavam-lhe *Escopeteira*, por ser perita em atirar ao alvo. An-

tes de Goiana ser atacada pelo bando de Luís Soares, êle dissera a Cosme Cavalcanti: "Se entrardes na sala das mulheres, ficareis admirado do armamento que lá existe. Há mais de uma semana não tinha eu no engenho outra ocupação, que fazer cartuchame. Na casa de João da Cunha só penetrará mascate depois que Damiana da Cunha houver exalado o último suspiro". Não fôra isto uma bravata vã e ridícula, porque na manhã seguinte defendera herôicamente com as mucamas e escravos, o sobrado onde se achava, atirando contra os assaltantes, exposta aos maiores perigos (1).

— Por que motivo haveis de ocultar-vos? Estará perdida toda a esperança? inquiriu D. Damiana.

— Que outra esperança me resta? respondeu-lhe o sargento-mór. Aquêles parentes e amigos que me ajudaram a dar um ensino aos inimigos em agôsto do ano passado, abandonaram-me. Vejo-me só. Tudo se mudou para pior. Nem negros, nem moradores, nem provisões de bôca.

D. Damiana não se deu por vencida. A ausência do marido afigurava-se-lhe mais penosa que as perseguições ordenadas pelo governador. Enquanto pôde, impediu João da Cunha de resolver-se a deixar o engenho.

Chegou, porém, uma manhã decisiva. A tropa a que se referia o bispo, estava perto. Uma pobre mulher, amiga da familia ameaçada, viera, atravessando florestas, trazer ao senhor de engenho esta triste nova.

— Se estás deliberado a deixar Goiana, iremos juntos — disse D. Damiana ao marido. Não quero ficar aqui. Os nossos inimigos insultar-me-iam se eu ficasse só. Não vão eles mostrando para quanto prestam com os desacatos que, por onde passam, têm para as familias?

— Infelizmente não podeis, senhora — advertiu João da Cunha. A minha jornada há de ser árdua, por dentro de bosques, através de desertos medo-

(1) Vid. *Matuto*.

nhos e inóspitos. Ser-me-á preciso recorrer ao disfarce que não há de valer muito em vós, porque o disfarce nas mulheres por pouco tempo engana. Ser-me-á preciso estar só, para, se tiver de morrer, poder morrer só, e menos dura me ser a dor da morte. Mas, nada temais. Ficam convosco os últimos escravos da nossa confiança: alguns dêles carregaram-vos em seus braços quando éreis menina. Mandeí vir para junto de vós Marcelina, essa santa e piedosa mulher. Lourenço, que deverá acompanhar-me, porque eu não confio em outrem para viagem de tanto risco, voltará a Bujari, e tereis nêle um defensor que valerá por cem. Deus com a sua vigilância completará o amparo.

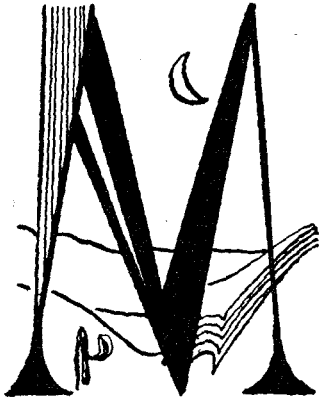
Confidenciava o senhor de engenho com a mulher naquele mesmo gabinete particular onde, pouco mais de um ano antes, por São João, reunira a principal nobreza da vila, e lhe propusera o ataque aos mascates do Recife. Então dera mostras de fôrça pelas quais se pudera aferir quanto era superior àqueles em recursos, quer materiais quer morais. Agora, era tudo diferente. Em lugar de atacar, tratava de fugir aos inimigos. Ao seu lado via somente a mulher, que, pôsto fôsse resoluta, e rogasse participar da sua sorte, antes lhe inspirava incerteza que decisão. Em vez de rubra soberba, mostrava no gesto cauteloso, pálida resignação, em vez de arrogância, tinha nas palavras magoados tons.

D. Damiana sentou-se ao pé do marido, e pôs-lhe meigamente um braço sôbre o ombro. Não lhe consentiu êle ficar assim mais que um instante, e levantando-se, disse:

— Partirei dentro de poucas horas. Irei tratar sem demora dos preparativos dessa jornada que o coração me anuncia ser a última.

D. Damiana encaminhou-se para dentro, levando lágrimas a banhar-lhe as faces, onde antes se acendiam, viçosas como a juventude, as rosas de felicidade e agora murchas e quase extintas.

III



ARCELINA e Lourenço, depois do incêndio praticado pelo bando de Luís Soares na casa que Francisco fizera à beira da estrada, no *Cajueiro*, lugarejo distante de Goiania uma légua, atualmente muito estendido, morava em uma palhoça, obra de vinte braças para dentro, na mesma direção da casa queimada. Fôra fácil ao rapaz e à sua mãe de criação, mulher afeita ao trabalho do campo, tão resoluto como Francisco, seu marido, reconstruirem a antiga habitação; mas, estando os tempos muito contrários, e receando a cada momento hostilidades movidas pelos parciais dos mercados, pareceu-lhes melhor espaçar a reconstrução para depois, contentando-se com levantarem a ligeira palhoça onde se recolheram, e cuja perda lhes seria de pouco tomo, se houvessem de passar por êste novo prejuízo.

A palhoça fôra de propósito feita entre umas árvores grandes e ramalhudas, muito juntas e entrelaçadas, que quase a encobriam do lado da estrada. Do lado oposto, porém, dava ela em um campo descampado que se interpunha entre aquelas árvores e a renque de dendezeiros e cajueiros que circulava a lagoa, onde certa manhã Francisco surpreendera Marcelina a cortar juncos para fazer esteiras.

Logo que constou em Goiana o levantamento do cêrco, Marcelina mandou Lourenço tomar o caminho do Recife.

— Não percas nem um dia, sequer; prepara o cavalo e corre a buscar Francisco. Êle já há de estar no Recife, ou na cidade; e quem sabe se não espera por condução para voltar? Quantas saudades tenho de meu marido!

E irresistivelmente as lágrimas de um amor sinceramente comovido começaram a bailar nos olhos da cabocla.

Marcelina tinha razão: havia alguns meses que Francisco estava ausente. Caindo na graça do ajudante-de-tenente, pelos bons serviços que, com lealdade e discrição admiráveis, lhe prestara desde que com êle se encontrara ao sair da Itamaracá, até à completa vitória, no dia 23 de agôsto do ano precedente, Francisco, a quem Gil Ribeiro fizera grandes vantagens, e prometera outras maiores, o tinha acompanhado ao sul, e se comprometera a não o deixar senão quando se acabasse a guerra.

— Se hei de andar almocremando com risco de me tomarem o meu cavalo e fazerem o diabo comigo — dissera o matuto por ocasião de discorrer com sua mulher sôbre a proposta do ajudante-de-tenente — melhor é que me acoste a seu ajudante, e vá ganhar meu dinheiro prestando serviços à nobreza. Esta guerra não pode durar muito, porque os *pés de chumbo* estão encurralados. Portanto, no fim de dois meses já estarei de volta com *gimbo* bastante para encher o nosso mealheiro.

Para fazer a proposta ao matuto, muito influíra em Gil, além das razões referidas, o conhecimento que tinha aquêlé de tôda a região das matas, desde Goiana até Jaboatão. De sorte que Francisco era ao mesmo tempo confidente e guia do ajudante-de-tenente.

Francisco, porém, enganara-se, e Marcelina, a quem ao princípio se afigurara, pelo interêsse esperado, poder arrostar a ausência, nos últimos tempos sentia-se ralada de saudades e todo dia fazia novas

promessas aos santos da sua devoção para que permitissem que seu marido voltasse logo.

Recebendo a ordem de sua mãe, Lourenço não gastou mais tempo no Cajueiro do que o necessário ao arranjo da jornada. No outro dia bem cedo já estava em caminho.

A vida de Lourenço entrara em nova fase depois do que se tinha passado no memorável dia 23 de agosto de 1711.

Com o cêrco de Recife, os produtos da pequena lavoura entraram a escassear, e conseqüentemente a encarecer. Todos os lavradores da zona das matas, que circula o Recife, tinham acudido ao chamado do govêrno a fim de pegar em armas, arrastando consigo os matutos e escravos que cultivavam as suas terras. Por isso, aquêles que por qualquer circunstância especial não se acharam neste caso, e puderam prosseguir o seu trabalho do campo, depressa começaram a vender por bom dinheiro as sementes e cereais que levavam ao Recife. Compravam-lhes os capitães-mores êsses produtos por ordem do govêrno para manter as gentes que sustentavam os presídios. E além de lhes comprarem a mercadoria, consideravam grande favor o apresentarem-se com ela, porque, sem êste recurso, sustentar o cêrco lhes seria impossível.

Marcelina, que tinha o instinto mercantil mais desenvolvido, entreviu os grandes resultados que deveria tirar das circunstâncias. Infelizmente, não podia encher a medida dos seus desejos, porque, além de Francisco não plantar senão quanto era necessário ao sustento da família (nem dispunha de meios para mais, ainda que o quisesse), o ajudante-de-tenente o levava para a capital, como dissemos; à vista de tão favoráveis promessas, o matuto não achara argumentos com que se esquivar. Demais, Lourenço estava já um homem, e ficava com Marcelina, a quem defenderia nas horas de perigo. O matuto, conhecendo os ânimos do rapaz, e não havendo motivo de perder os proveitos, disse adeus ao Cajueiro, e partiu, o que não lhe custou pouco.

Sempre que se separava da mulher, da casa, do seu mundo, sentia uma como mutilação na alma.

Marcelina, porém, não perdia por falta de quem a dirigisse, porque trazia em si o melhor senso administrativo e comercial que ainda se conheceu em mulher. Terras no engenho Bujari não lhe faltavam; e quanto a braços, tratou de aproveitar os que pôde. Nem lhe foi preciso ir muito longe, para preencher êste fim. Com a morte de Vitorino, por ocasião do assalto contra o engenho e da destruição da casa, ficariam Joaquina e Marianinha ao desamparo, se Marcelina as não chamasse para sua companhia. Outra palhoça foi feita nas proximidades da de Francisco, e aí vieram morar a mãe e a filha do morto. Marcelina disse-lhes o seu pensamento, e como eram mulheres de campo, longe de se oporem, mostraram-se deliberadas a trabalhar com vontade. Dentro de algumas semanas, lavouras graciosas cobriam uma vasta quadra de terra até aonde a vista podia alcançar. E porque tão cedo não estivesse em estado de colher-se, Lourenço, que instruído e educado na escola de Marcelina, não tinha ânimo para vêr perdida tão boa ocasião de ganhar com que comprar uma engenhoca, adotou, por conselho da cabloca, outro meio de interêsse. Muitos plantadores careciam de coragem para ir ao Recife vender os seus produtos; lavavam-nos então a Goiana, onde os deixavam por baixo preço. Ao princípio, com algumas economias de sua mãe, e depois já com lucros das primeiras vendas, Lourenço comprava o que ninguém queria mais nas feiras; e depois, conduzia os gêneros comprados para Olinda e Recife, e aí os revendia com grandes lucros. Êstes lucros já chegavam para fazer aquisição de terras onde levantar uma engenhoca, e Lourenço tinha de ôlho uma meia légua de massapê que do outro lado das em que morava, estavam em capoeira, e pertencia a um sujeito que andava oferecendo por falta de braços que a cultivassem.

Não custou muito a Lourenço encontrar-se com Francisco no Recife; mas a sorte parecia querer ca-

prichosamente prolongar a ausência do matuto, e as saudades de Marcelina. Apenas o primeiro viu o segundo, correu para êle e atirou-se em seus braços.

— Tu por aqui, Lourenço! E que novas me dás de Marcelina? Fala, fala logo, filho de minha alma.

— Deixei-a boa, Deus louvado. Foi ela que me mandou buscar vosmecê. E vosmecê ainda está de farda?

— E' estarei por meus pecados. Nem tu sabes o que acaba de acontecer. Quando eu já me supunha livre e tratava de arrumar a minha trouxa, sabes o que havia de suceder? Oh! Êstes mascates só queimados! Diabos os levem, os malditos.

— Que foi que sucedeu?

— Recebi ordem para continuar a servir a el-rei. Maldita foi a hora em que disse a seu ajudante que vinha com êle.

— Que está dizendo, meu pai? Pois vosmecê, que até poucos dias serviu aos nobres, vai agora servir aos mascates?

E' — verdade, meu filho. Fizeram-me esta os endemoniados. Mas isto não é o melhor. Queres saber o resto? Por ordem do governador, foram tomadas tôdas as prêsas que seu ajudante tinha feito em Itamaracá. Tu sabes que eu devia ter parte nelas, mas, agora, fico em branco.

— Que está dizendo?

— Lá se vão as nove sumacas e tudo o mais pela água abaixo — bois, cavalos, jóias, dinheiro; tudo vai entregar-se ao governador. Eu nas sumacas não tinha parte, porque seu ajudante as tomou em Itamaracá antes de ir para Goiana: mas no restante devia ter meu quinhão, e não era usura, não senhor. Olha, Lourenço, eu estou falando com o coração nas mãos. No ataque do engenho Garapú, em Ipojuca, atirei-me às trincheiras inimigas como doido. Recebi ali uma bala no ombro, que me deixou um rasgão no couro, que já está são e logo te mostrarei. Os inimigos desampararam as trincheiras, e nós daí fomos a Tamandaré, encontrando sempre gente contrária a fazer-nos fogo. Onde seu ajudante se achava, eu com êle. Nunca virei a cara à bala. Se não chega o novo governador, teríamos de contar nova vitória. Mas os

tempos mudaram-se, e de Tamandaré partimos para aqui, onde tivemos notícia desta boa paga. Seu ajudante está muito desgostoso. E pelo jeito das coisas, parece que vamos ter nova guerra dos fidalgos contra os mascates.

— Antes isso, meu pai do que ficar vosmecê às ordens desta gente ruim, que queimou a nossa casa e levou a nossa criação.

— Eu já me lembrei de desertar, mas além de não ser isso bonito, onde me iria meter, que êles não pudessem dar comigo? Mas, se os nobres quiserem novamente pegar em armas, podés dizer que nem um momento estarei com os pés de chumbo.

Quando ainda bem não tinham dito um ao outro o necessário, um soldado aproximou-se de Francisco e intimou-o a que voltasse imediatamente ao quartel, por ordem superior. Para encurtar razões, algumas horas depois Francisco saiu em destacamento volante que devia auxiliar o Camarão em importantes diligências contra certos nobres de Serinhaém.

Lourenço voltou ao Cajueiro verdadeiramente amargurado.

— Diabos levem a vida do soldado. E eu que já quis sentar praça! Deus me livre. Antes ser negro cativo.

Os dissabores de Marcelina foram maiores. Esperava o marido com o coração transbordando de alegrias, e em vez de consoladoras doçuras, recebeu o fel da prolongação da ausência por tempo indefinido. Mas logo caiu naquele espírito privilegiado o bálsamo da resignação.

— Que hei de fazer, meu Deus! Tanta promessa perdida a Nossa Senhora do Rosário, a Santo Cristo dos Milagres, ao Bom Jesus dos Martírios. Os meus merecimentos não são nenhuns. Que hei de fazer?!

E voltou-se de corpo e alma ao trabalho, sua esperança, sua fé, sua consolação.

Uma tarde, já em 1712, chamou Lourenço e disse-lhe:

— Vamos aumentar o puxado, que já não tenho onde botar as esteiras novas que acabei. Estou vendo a hora que os ladrões vêm furtá-las do alpendre.

Sendo já quase sol pôsto, Lourenço, para não se expor a anoitecer-lhe dentro da mata, lembrou-se de aproveitar a madeira da casa queimada, que se estava perdendo ao tempo. Pegou de um ferro-de-cova e uma enxada, e encaminhou-se às ruínas. Por baixo de um grande entulho, formado pelo barro das paredes e por pedaços de estacas que a fôrça do vento e das chamas havia atirado em uma só direção, apareciam as pontas de uns caibros que não alcançara o fogo.

Era talvez êste o único entulho que não tinha sido bulido. Todo o mais espaço restante, ocupado pelos destroços, mostrava-se revolvido, e em alguns pontos viam-se até fundas covas, algumas das quais se converteram em barreiras onde as chuvas deixaram águas estagnadas.

Lourenço meteu a enxada no barro com vontade e em pouco tempo ouviu um som cavo ecoar de sob as camadas que cobriam a madeira.

Com uma nova enxadada, um objeto estalou debaixo do instrumento. Lourenço meteu o ferro-de-cova nesse ponto, e forcejando no cabo, revirou parte dos caibros sotopostos. Ao mesmo tempo um embrulho passou por entre a terra sôlta, trazido na ponta do ferro. O rapaz corre presto, a ver o achado. Era como uma palma de luva de couro cobrindo um objeto brando e flexível. Com a ponta da faca que trazia ao cós, descoseu êste envoltório misterioso, e o que lhe fica nas mãos, tirado o couro, é um papel dobrado em quatro faces.

— Que será isto, meu Deus? disse consigo o rapaz.

Abriu o papel e leu o seguinte:

“Dou a Lourenço, órfão que Francisco dos Prazeres e sua mulher Marcelina, moradores no Cajueiro, têm como filho em sua companhia, a casa e as terras que me deu o senhor do engenho Bujari, sargento-mór João da Cunha Cavalcanti, do outro lado da estrada onde têm a sua casa os ditos moradores.

Os limites das terras que ora dão ao referido órfãos, estão lançados por escritura nas notas do tabelião Belchior da Fonseca e Silva.

Goiana, 22 de agôsto de 1711.

PADRE ANTÔNIO DO ESPÍRITO SANTO MARIZ.”

Estático, os olhos imóveis, as pernas trêmulas, Lourenço exclamou:

— Oh, meu Deus! Eu não sei o que é que estou lendo! Será certo que “seu Padre Antônio me deu a sua casa e as suas terras? Mas, como veio isso parar aqui? E quem coseu o papel no couro? Ah! já entendo tudo. Foi minha mãe quem guardou esta fortuna. Foi por isso que ela andou fazendo tantos buracos por aqui, e não cessava de procurar nestes entulhos uma coisa, que nunca disse o que era. Achei, achei, minha mãe; está aqui, está aqui a minha fortuna, o meu dote. Deus lhe dê o pago, “seu” Padre, Deus lhe dê muitos aumentos por me ter feito esta esmola de tanto valor. Mas, onde estará “seu” Padre? Oh! Se eu pudesse vê-lo, abraçá-lo, beijar-lhe, de joelhos, a benfeitora mão... Meu Deus! Meu Deus! Será verdade que a casa que ali está me pertence? E foi “seu” Padre Antônio quem me fêz êste beneficio?

Lágrimas de satisfação indizível acudiram aos olhos do rapaz.

Passado o primeiro momento desta comoção, êle, inclinando-se, examinou o lugar donde o ferro-de-cova tirara aquêle tesouro, e pôde descobrir uma caixinha de madeira do seu conhecimento. Era a caixinha onde Marcelina costumava guardar várias orações prodigiosas para a cura de maleitas e outras doenças.

Quando Lourenço se ergueu, a fim de lêr de novo o papel em que parecia não acreditar estivessem escritas tão agradáveis coisas, sentiu atrás de si rumor de passos.

— E’ minha mãe, disse consigo.

Voltando-se, viu um homem. Era João da Cunha.

— “Seu” sargento-mór, por aqui! emendou êle, ocultando instintivamente o papel na mão.

— Vai buscar o teu cavalo, para acompanhar-me. Temos de sair já. Não há tempo senão de tomares o cavalo.

— Minha mãe sabe para onde vamos?

— Sabe tudo; já me entendi com ela. Neste momento dirigiu-se a Bujari a fazer companhia à Sra. D. Damiana. Não te demores, que já me parece ouvir o rumor surdo dos passos da tropa, que vem em busca de mim.

— E' já, "seu" sargento-mór.

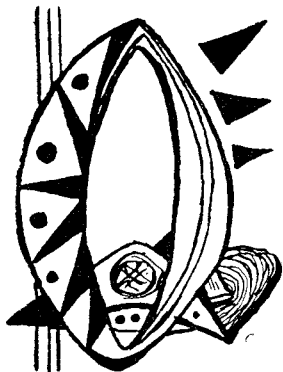
Não tendo meios de guardar o papel em lugar seguro, êle o atou por dentro da camisa na cintura, envolto no mesmo couro que o tivera ileso debaixo da terra.

Antes de anoitecer tomaram a direção de Tracunhãem.

Ficava o famoso ponto de resistência, estabelecido e sustentado aí por Falcão d'Eça, perto do rio que deu o nome à liga, cêrca de um quarto de légua. Guarnecido de matos por todos os lados, só se podia ir ter ali por um caminho oculto que começava entre duas pedras quase unidas na beira do rio. Para tomar entrada entre essas pedras, era preciso seguir um bom pedaço rio acima, de verão com água pela barriga, e de inverno a nado. Sem isto o ponto era inacessível, porque pelo lado do Tracunhãem os matos vinham morrer quase dentro das águas, entre talhados que não deixavam nenhum espaço à passagem nem de cabras; e pelos outros lados, árvores seculares, que dois homens não poderiam abarcar, serviam de natural paliçada, impossível de romper. João da Cunha, que tinha tôdas as indicações necessárias para entrar no pouso, mandadas pelo próprio Falcão d'Eça, muito antes, chegou sem novidade ao coração do segrêdo.

Perto de cinqüenta fidalgos, tendo à sua frente Falcão d'Eça, arrostavam nesse majestoso esconde-rijo todos os rigores da sorte adversa.

IV



rigoroso inverno caiu sobre Pernambuco em 1713, um ano antes começara a mostrar o que havia de ser. Em agosto estavam os rios ainda muito grossos, os caminhos cortados de atoleiros, as terras baixas convertidas em vastos pântanos.

Em uma das noites mais ásperas de 1712, Lourenço entrou nas matas de Tracunhãem.

Já muito lhe custara atravessar o rio, e como não oferecesse êste passagem, senão arriscada, para o ponto onde se escondiam os nobres, julgou aquêle prudente pernoitar por ali mesmo. Em certo fechado ao pé de um cedro colossal, em cujo tronco se via uma grande fenda na altura de um homem, pôs abaixo a carga de mantimento e roupa que levava do engenho para o sargento-mór.

— Se vier por aí alguma *trovoada*, — dissera êle consigo, — meto-me dentro dêste ôco, onde ninguém me há de vêr.

O enfado da jornada trouxe-lhe sono que depressa o prendeu, não obstante a chuva. Pela madrugada acordou, ouvindo soar tiros ao longe; e conquanto estivesse certo de se terem ordenado diligências contra os nobres escondidos, recuperou o sono, e dormiu até o raiar do dia, que foi fresco e belo. A chuva cessara inteiramente. O sol dardejava raios horizontais por entre as folhagens, que se esclareciam tomando diferente aspecto.

Apenas de pé, quando tratava de buscar o cavalo para continuar a jornada, ouviu ruído de passos e vozes perto. Os passos e as vozes foram aumentando pouco a pouco. Dentro de algum tempo aquêlê ruído já era acompanhado do de retintim de muitas armas. Enfim, viu o rapaz, com espanto e confusão, desfilar por diante das árvores, que o encobriam, grande partida de soldados.

Afiguraram-se êstes aos seus olhos vultos patibulares, visões pavorosas como demônios em que êle acreditava.

Tinham calças arregaçadas e enlameadas, as jaquetas pegadas ao corpo, os chepêus ainda umedecidos e demudados, nas faces estampado o sono, o cansaço, a fome e a maldade, nas mãos armas sinistras e ameaçadoras.

Grande parte desta fôrça passante, de duzentos homens, era composta de cablocos; no restante havia de tudo — negros, curibocas, mestiços, semi-brancos e até brancos.

Formava o todo uma grande mó, em cujo centro se destacavam onze membros da nobreza. No couce da tropa mostravam-se a cavalo os coronéis Manoel Gonçalves Tunda-Cumbe e Sebastião Pinheiro Camarão, chefes do bando. A um lado dêles, seguiamos o capitão-mór de Iguaraçú, Antônio da Silva Pereira, e o de Tracunhãem João Cavalcanti de Albuquerque, que por ordem do governador auxiliaram com gente sua os dois primeiros na importante busca. O semblante dêstes caudilhos acusava sinistra vaidade; o daqueles tinha a expressão alvar do delator.

Quando menos esperava, impressão mais violenta deixou o rapaz atônito: descobrira, entre os prisioneiros, João da Cunha. Uma corda ligava-o com outro nobre pelo braço direito. Trazia êle a fisionomia decomposta por aflição íntima, por desgosto mortal, antes vergonha filha do desdouro em que se via pôsto.

Em tôda a sua vida, Lourenço nunca sentia dor tão atroz. Afeito desde menino a ver no sargento-mór representada uma instituição, que êle não sabia



explicar, mas que impunha a seu espírito a força de lei fatal e quase divina — a instituição da nobreza, foi com verdadeiro assombro que testemunhou agora aquêlê claro pulso aviltado pelo instrumento destinado aos réus vulgares, que só despertavam compaixão. A filosofia da vida, dava pela primeira vez a ler ao bisonho almocreve uma das páginas tristes, que o homem versado em letras encontra aos milhares no imenso livro da história.

Passada esta comoção, uma como revolta interior operou-se de repente em todo o seu ser.

Impulso irrestível atira-o para diante, elétrica-mente.

Por entre os ramos que o ocultam, a mão direita armada com a faca livre da bainha, mostra-se em atitude de descarregar golpe cruel. Mas a voz da consciência soou mais alto que a da paixão no ânimo do almocreve. Êle tinha diante de si duzentos homens armados.

— Será possível, — disse consigo — que eu não possa valer nesta amargura a seu sargento-mór? Desgraçado que sou! Fraco e só, diante de tanta gente forte! Triste foi a hora em que fiz esta viagem.

Súbito o assalta um pensamento que êle realiza inconscientemente, mecânicamente. Põe o pé sôbre a borda do grande ôco, e sobe ao pau. Ganhando posição elevada, atira dentre a folhagem a faca que empalmará, quando se lhe deparara a estranha vista. O movimento foi rápido. Como faisca elétrica, a arma, descrevendo uma elipse no vácuo, foi bater contra o alvo. Um grito quebrou a mudez dos bosques: soltara-o o Tunda-Cumbe, em cujo braço esquerdo a faca se cravara.

No mesmo instante sentiu o rapaz forte pancada contra os quadris, semelhante à que produz o bote de alentada cobra; e logo fôrça descomunal o puxa para baixo. Mal seguro, não pôde resistir à fôrça que o alcançara, e teve de cair, não ao pé da árvore, mas no interior do ôco, onde a escuridão era profunda.

Então, uma voz abafada, mas conhecida dêle, segredou-lhe aos ouvidos:

— Estás doido, Lourenço? Queres que os malvados te matem?

— E' vosmecê, seu Falcão? inquiriu o rapaz aturdido da descida rude, que lhe lançara grande confusão no espírito. Vosmecê quer desgraçar-me? Eu não sou bom, e não gosto que me tratem dêste modo. Por que não me deixou matar aquêle *puço*, aquêle infame Tunda-Cumbe?

— Cala-te, menino, retorquiu o capitão. Tu não tens juízo; és um tolo. Que seria de ti se êles chegassem a ver-te?

— Verdade é que estou desarmado. Mas tenho muita fôrça. Deus louvado. Era capaz de quebrar os ossos do *marinheiro*, se o apertasse entre os braços.

— Guarda a tua fôrça para quando fôr tempo.

— Vosmecê atirou-me aqui dentro, quando eu já ia salvar seu sargento-mór. Estou zangado. Não me faça mais disso.

— Ias perder-te. Por ver a tua loucura foi que te puxei para aqui. Não sejas criança. Que farias tu, só, sem armas, sem uma faca ao menos? Ali vão amarrados parentes e amigos, que muito me merecem; mas nem por isso praticarei asneiras.

Lourenço ia responder, quando sentiu sôbre os lábios a mão do capitão querendo dizer que não falasse. Ao mesmo tempo ouviu surdo rumor de passos acima de sua cabeça. Eram vários soldados que haviam corrido a ver se descobriam o autor do atentado contra o coronel.

Neste momento, o Tunda-Cumbe, rangendo os dentes, clamou inflamado na paixão que o tomara:

— Hás de pagar-me, Falcão d'Eça, há de pagar-me o que ora fizeste. Hei de cortar-te as orelhas para dar de presente ao meu cão. Se êstes matos têm ouvidos, êles que ouçam a tua sentença de morte, que se há de realizar no futuro, pois tão covarde és que não te apresentas, e sòmente me feres à traição.

Ditas estas palavras, o Tunda-Cumbe, como se reconhecesse os perigos de dar busca em domínios encobertos, alheios e desconhecidos, voltou imediata-

mente ao ponto onde fizera alto a tropa, que êle ordenou seguisse a marche-marche.

— Não é nada, disse como para tranquilizar os seus. Já não vertem sangue as minhas veias; o da estúpida nobreza de Pernambuco, descendente de Caeté com Moçambique, êsse sim, não vejo atadura que o faça tão cedo estancar.

— Não o matei, mas sempre lhe dei um ensino — disse Lourenço a meia voz debaixo da terra, sentindo serenada, com as palavras do capitão, parte da sua grande cólera. Assim foi bom. Os nobres precisam da tua vida, miserável peixeiro, para tomarem a vingança que mereces. Havemos de ver qual dos dois sangues deixará primeiro de correr em Pernambuco, se o teu sangue de bicho da outra banda, se o da nobreza de minha terra, o sangue azul daqueles que te mataram a fome e agora cobres de lama e desaforos.

E voltando-se para o capitão, acrescentou:

— E que faz vosmecê, seu Falcão d'Eça, que não mostra ao governador e ao ouvidor dos mascates para quanto presta o seu brio? Será possível que tanta gente, tanto fidalgo limpo, tanto homem rico e que sabe onde tem as ventas, esteja a sofrer as ousadias de labregos sujos, que deviam ser botados para fora à peia?

— Veremos agora o que se há de fazer — disse o capitão.

Os pernambucanos metidos entre a escolta tinham sido presos por ocasião da diligência que vem apontada nas crônicas daquele tempo com a denominação de *caçada geral*.

O fim principal desta caçada, para cujo bom resultado os bandoleiros do Camarão e do Tunda-Cumbe até amestraram cães a pegar gente no mato, era destruir pela prisão de Falcão d'Eça, que por suas grandes faculdades naturais, se tornara o apôio da nobreza, e um dos que mais davam que pensar ao governador, aquêle asilo onde se encastelavam muitos e importantes cavalheiros.

Falcão tinha direito a esta distinção que deixou seu nome tão conspicuamente inscrito nos anais pernambucanos.

Tanto que, pelas primeiras prisões, a nobreza começou a procurar os matos, ou ausentar-se para fora da capitania. Félix José Machado, a quem não é lícito recusar ânímos excepcionais, considerando-se inatacável, entregou-se a passeios, banquetes, divertimentos, digressões pelos arrabaldes, e até a grandes jogos e largas crápulas.

Nas crônicas se lêem os nomes dos que freqüentavam a banca de jôgo armada em palácio, e os das meretrizes que tinham aí entrada franca.

Um dia, disse-lhe Manoel Carneiro:

— Breve teremos tinguijada, Sr. governador.

Tanto bastou para que êste se desse por convidado, e no dia aprazado se achasse em casa de Carneiro com o ouvidor, o juiz de fora, D. Francisco de Souza, e outros importantes membros do partido dos mercadores.

Não era a primeira vez que êle compelia Manoel Carneiro a aumentar os pratos da sua mêsá. Meses antes, um grande jantar se realizara ali por ocasião da *botada* do engenho, ao qual compareceu Felix José Machado.

Mas nenhuma festa deu tanto que falar como a da *tingujada*. Foram três dias gordos. “Só em ovos sessenta patacas se despenderam”, diz admirado o principal cronista da guerra dos mascates.

Chegado o momento da apanha do peixe, o governador encaminhou-se para a beira do Capibaribe.

Não deixando o rio poços, duas tapagens tinham sido feitas com palmas de coqueiros. Entre as ditas tapagens ficava o espaço talvez de vinte a trinta braças. As águas estavam ali dentro em um como remanso. Tirados antes os grandes ramos que por muitos dias haviam ficado sôbre elas a fim de chamar os peixes para aquêle ponto, convidados pela sombra, viam-se ainda a *meladinha*, o *melão de Caetano* e o *tinguí*, que depois de machucados tinham sido lançados dentro da tapagem. As águas nesse ponto estavam es-

verdeadas, e grandes camorins, prateadas carapebas, e tantos outros habitantes do rio mostravam-se boiando por entre as crostas venenosas, embriagados pelo forte narcótico dos cipós; outros enchiam *giquis* enfiados nas cêrcas.

Félix José Machado entrou na canoa que devia percorrer o âmbito da tapagem, e com outros convidados de porte começou a apanhar com a mão o peixe que boiava possesso da mortal tontura.

Olhos atentos e perspicazes haveriam notado que, por entre o prazer, os risos, os gracejos, os banhos involuntários e outros mil incidentes naturais de semelhantes patuscadas, o governador não tirava as vistas da parte superior do rio. Havia nos seus lances d'olhos indícios de inquietação e receio. Eis os fundamentos dêstes dois sentimentos, que aliás não se compadeciam com as alegrias e a confiança que costumam reinar em semelhantes reuniões.

Um mulato do capitão-mór de Tracunhãem dirigiu-se ao governador em princípios de Junho e lhe dissera que se seu senhor, cunhado de Falcão d'Eça, e que muitos serviços prestara no primeiro levante contra Sebastião de Castro Caldas, não fôsse incomodado nem sua família, êle revelaria um grande movimento que estava planejado. Tendo a promessa não só de ser poupado o dito capitão-mór, mas também de se lhe dar um prêmio pela revelação do segredo, disse o mulato que consistia aquêlê plano em um levante contra o governador, assentado entre Falcão d'Eça e outros nobres que com êle se tinham homiziado nas matas. Os conspiradores, aproveitando-se da festa da *tingujada* no engenho de Manuel Carneiro, por ocasião da qual o governador ficava distante da capital e sem meios prontos de resistir com vantagens ao assalto, deveriam sair do esconderijo com todos os sequazes, embarcar em certo ponto em canoas, com antecipação preparadas para êste fim, descer pelo rio, e surpreender o governador no meio da folgança. O que se seguiria não pôde o mulato, dizer, mas Félix Machado compreendeu que semelhante surpresa não podia ter um têrmo que lhe

não fôsse fatal. E porque o capitão-mór fazia parte da conspiração, visto que, temendo ser prêso, se recolhera ao mato com Falcão d'Eça, mandou o governador chamá-lo pelo mesmo mulato à sua presença, ao que se não esquivou o capitão-mór, tendo somente cuidado de comparecer às escondidas. Félix José Machado confirmou a promessa feita ao mulato, mas exigiu, como principal condição do ajuste, que o próprio capitão-mór guiasse as fôrças encarregadas da *caçada geral* ao esconderijo não sabido. Esta infame condição foi aceita, e a traição teria sortido todo o efeito, se Falcão, havendo dado pela falta do cunhado na véspera do projetado assalto, não se prevenisse em tempo.

Como conhecesse a capacidade do parente, e desse todo o valor à responsabilidade que a si próprio cabia como principal membro da *Liga de Tracunhãem*, congregando os companheiros, comunicou-lhe francamente os seus receios.

— Não vos assusteis, porém, concluiu Falcão d'Eça. Retiros não nos faltam neste mundo virgem para nos ocultarmos do traidor. Proponho-vos que desamparemos já êste pouso. Amanhã talvez já seja tarde.

Alguns dos nobres, não querendo acreditar na possibilidade de serem traídos por parente e companheiro tão qualificado, hesitaram indecisos. Dêste número foi João da Cunha.

— Que diria de nós Albuquerque, se viesse a saber, não se verificando a vossa suspeita, Falcão d'Eça, que havíamos formado dêle conceito tão incompatível com os homens de bem? — inquiriu João da Cunha. Considero imprudente o passo que aconselhais, e não estou resoluto a dá-lo, para não me arriscar a cair no justo desprezo de um homem de nossa igualha. Demais, temos armas e munições. O ponto em que nos achamos, pode reputar-se inexpugnável. Desta banda está o rio de nado, das outras, grossos paus que se amparam uns aos outros em muitas ordens à roda de nós. Por que havemos de

abandonar tão seguro abrigo? Por uma simples suspeita? Por isso somente não o deixarei.

Fixando a vista em João da Cunha:

— Sois livre, sargento-mór, — disse Falcão; podeis ficar, eu, porém, não ficarei. Oxalá não se verifiquem as minhas previsões; mas o coração leal anuncia-me que, se ainda hoje pernoitemos neste recesso, a nossa liberdade e a vida correrão perigo. Podeis ficar, e convosco os que o quiserem. Deixovos grande parte das munições de guerra. Até a primeira vista.

Falcão deu o andar. Alguns dos nobres seguiram-no imediatamente, outros pouco depois. Ele era a alma da resistência; a sua ausência enfraquecia os mais fortes. Com João da Cunha ficaram perto de vinte que tinham o mesmo pensar que ele. Este procedimento cravava as raízes na nobreza dos seus corações.

Mas, bem depressa tiveram a prova do quanto a sua grandeza moral se enganara. Antes do amanhecer, despertou-os do sono a perfídia. Defronte da entrada algumas balsas, vencendo a fôrça das águas, atracaram entre as duas pedras; vinham carregadas de bandoleiros. O Camarão dirigiu o assalto. Exercitados na vida do mato, os seus caboclos penetraram no pouso sem grande custo, não obstante ser preciso, para chegar aí, dar muitas voltas onde havia grandes fojos com estrepes aguçados, habilmente dispostos por baixo de camadas de fôlhas sêcas. Os nobres somente tiveram tempo de dar alguns tiros a que os agressores responderam com vantagem. João da Cunha, conquanto muito animoso, teve de render-se ao grande número, depois de ferido. Os bandoleiros saquearam o pouso, derrubaram árvores, e deslocaram pedras para o abrir e patentear.

Ao amanhecer, alguns espias vieram referir a Falcão o que se havia passado. Então, tomando escusa vereda, o chefe da liga penetrou na manga subterrânea, e foi parar no cedro ôco donde esperava ver a tropa, e pela vista avaliar o destrôço.

À hora em que se deu comêço à tinguijada, nada constava ainda a Félix José Machado sôbre o resultado da diligência às matas. Seu espírito por isso vacilava inquieto entre o bom e o mau êxito; e seus olhos não cessavam de volver-se para o lado donde deveriam vir as canoas inimigas. se acaso a tropa não tivesse dado sôbre os conspiradores a tempo de frustrar-lhes o plano.

A tinguijada durou até depois do meio-dia. Da beira do rio levaram peixe para o engenho em caçuás, tão grande fôra a pescaria. O vinho, a aguardente, a viola, a toada, a dança, começaram a reinar com tôda a sua fôrça. Calculando que, visto não aparecerem as canoas, deveriam estar na corda todos os conspiradores, o coração e o espírito de Félix José Machado expandiam-se gradualmente à proporção que o dia ia subindo.

Passando pela casa onde estava a balança de pesar o açúcar do engenho, o governador, cujo corpo era de proporções hercúleas, teve o pensamento de se fazer pesar. Pesou dois quintais e quatro libras (1).

Quando chegou a hora da refeição pôs-se a comer tão alambazadamente, que a todos metteu assombro (1).

Sôbre a tarde recebeu a comunicação do resultado da diligência. Sentiu então grande desgosto por saber que Falcão d'Eça não havia caído no trama urdido.

— Mas, Sr. governador, disse o capitão-mór, vieram entre outros o capitão Antônio da Silva, o capitão Miguel Lopes, os irmãos do padre Antônio Jorge Guerra, o alferes Diogo de Carvalho Maciel, o sargento-mór João da Cunha, e um escravo de Eça, que é o seu braço direito.

O governador respondeu:

(1) Histórico.

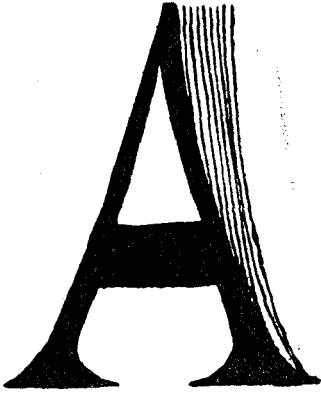
(1) Histórico.

— Pois bem. Façamos conta de que o escravo vale o senhor. Dai ordem, Sr. ouvidor, para que êsse vil cativo seja hoje mesmo tratado, hoje mesmo, sem falta; ouvistes, Sr. ouvidor?

A ordem foi rigorosamente cumprida. À noite soube-se na Várzea que o padecente não pudera sobreviver aos tratos senão algumas horas.

— Falcão d'Eça — disse Félix Machado, há de chegar a tua vez.

V



cavidade onde estavam Lourenço e Falcão d'Eça terminava, com a forma de funil, em abertura entre certo bamburral enredado, obra de vinte braços distante do cedro: por essa abertura difficilmente passava um homem. Rastejando um atrás do outro, chegaram os dois à extremidade, e esperaram que cessasse inteiramente o ruído

dos passos dos soldados e animais.

— Segue-me — disse Falcão a Lourenço. Nada temas. Quase todo o dia transito por êstes lugares onde, para bem dizer me nasceram os dentes.

Lourenço trazia o espírito prêso a certa ordem de idéias que o envolviam como em cipoal mais inextricável do que o bamburral por onde iam. Pensava em livrar o sargento-mór, ainda que para o livramento lhe fôsse preciso sacrificar a própria vida. Pensava em castigar atrocmente os inimigos que tinham levado a audácia ao ponto de prenderem o illustre senhor de engenho, como se fôra um dos seus negros: Lourenço estava quase fora de si, arrebatado nas asas do desespero, da vingança e do ódio.

— “Seu” Falcão — disse êle ao sairem do estreito — se vosmecê não pensa em um meio de prender, açoiar, matar, queimar os infames *camarões* e *tunda-cumbes*, escusa de estar com êstes atalhos e estas voltas, eu não sirvo para isso, não,

senhor; eu queria morrer mesmo entre êles, contanto que matasse êsse cachorro que tem feito tantos latrocínios por aí além.

Ouvindo estas palavras, o capitão parou e encarou o rapaz, como quem queria ler-lhe o íntimo através da face.

— E que cuidas tu, Lourenço? inquiriu a modo de ofendido. Cuidas que não é o meu pensamento de tôdas as horas, de todos os instantes, tomar uma vingança dos nossos inimigos? Não sabes que estava tudo pronto para darmos hoje um assalto ao engenho de Manoel Carneiro, e tirarmos dali o governador e o ouvidor, e enforcar depois *um nas tripas do outro*? Mas em tôda a parte há traidores; Cristo teve um Judas para o entregar: eu tive um cunhado. Se não fôra a infame traição, podíamos ter a esta hora nossos principais carrascos, prontinhos para um sarapatel no meio destas matas.

— Mas — disse Lourenço — por uma vez mentir fogo a espingarda, a gente não deixa de lhe pôr nova escorva e fazer pontaria outra vez sôbre a caça.

— Miséria, miséria sem nome! Ajustaram a minha cabeça com o governador. Venderam-me ao ouro português. Denunciaram o abrigo de cinqüenta patriotas, cinqüenta bravos, que representaram nestas matas seculares a nacionalidade brasileira. Pernambuco degenerados, vilões ruins que lançam com esta ação infame uma mancha eterna sôbre a nossa história, rica de páginas verdadeiramente imortais.

— E não poderemos ir tomar aquêles presos?

— Como? Poderíamos fazer uma surprêsa, mas não empenhar-nos em luta mais séria. Falta-nos exército; só temos comandantes. O povo não está conosco, porque o governador o não importuna, antes o chama para seu lado, fingindo-se amigo dêle. Por ora, contamos apenas com meios de defesa, e êstes mesmos, escassos; meios de agressão não temos nenhum. Talvez para diante possamos compor tropas regulares, que estejam no caso de fazer frente às infantarias de Félix José Machado. Mas não há razão para desanimarmos. Tenho cá um pensamento que, se fôr

pôsto em prática, a vitória há de ser necessariamente nossa. Vamos ver o que diz da minha idéia o Padre Guerra.

Eram chegados ao novo pouso, que não se distinguia por nenhuma feição particular, a não ser um embastido de árvores colossais, que formavam com sua basta folhagem um asilo sombrio. Nenhuma árvore fôra abatida, nenhuma cabana fôra levantada. Viam-se apenas algumas rêdes armadas, alforges pelos pés dos paus, trouxas, malas e armas.

No momento em que chegaram Falcão d'Eça e Lourenço, havia no pouso de quinze a vinte foragidos, entre os quais estava o Padre Antônio Jorge Guerra.

— Que notícias nos trazeis? perguntou o Padre a Falcão.

— Tristes, muito tristes. O Tunda-Cumbe apanhou sempre onze dos nossos companheiros. Que lhes disse eu?

— Grande desgraça!

— Mas, não ãos deixemos desanimar, senhores, por êste revés. Tratemos da desforra, e eu chamó a vossa atenção para o que vou dizer-vos. Se o bispo se dirigir, por uma pastoral, aos povos da capitania, declarando-lhes que está em campo, e pedindo o seu auxílio contra o govêrno de Félix José Machado, exclusivamente empenhado em acabar com os pernambucanos, fio que o povo acompanhará o seu prelado; e se o acompanhar, a vitória há de ser nossa.

— Tôda a dificuldade está em resolver o bispo a fazer a guerra — disse Martinho de Bulhões.

— Não a fará, não a fará nunca — disse o ajudante Bernardo Alemão.

— Se, quando êle exercitava o govêrno, faltou-lhe ânimo para dirigir a guerra, como tomará hoje à sua conta esta obrigação? inquiriu o coronel Duarte de Albuquerque.

— Mas, senhores, tornou Falcão — refleti que, se o não fizer, êle próprio será prêso, e talvez correrá risco a sua cabeça. Ignorais o ódio que lhe votam os principais dos mascates? Ignorais que já foi entre

êles ponto resolvido tirar-lhe a vida? Tão fraco será D. Manoel, que nem ao menos se defenda? Não é possível. Chegou a ocasião de fazermos o Brasil grande e feliz. Não sou pela guerra de um partido contra outro, guerra pessoal e local; sou pela guerra inspirada num motivo verdadeiramente nobre — o de tornarmos nossa terra independente de Portugal. Senhores, até quando havemos de ser colônia de portugueses? Não poderemos prosperar enquanto não nos pertencerem os nossos próprios destinos. E' chegada a ocasião de quebrarmos a pesada cadeia que nos encorrenta. Não deixemos para mais tarde uma obra grandiosa, que podemos realizar hoje com algum esforço e sacrifício. Se há dois anos, por ocasião da fugida de Castro Caldas, tivéssemos levantado bem alto a bandeira da independência brasiliense, conforme o propuseram Bernardo Vieira de Mello, Silva e outros patriotas insignes, não estaríamos agora derramados por estas matas, separados de nossas mulheres e filhos, curtindo mágoas e dores, comendo o sobressaltado pão do homizio. Padre Guerra, que fazeis, vós que sois amigo particular de D. Manoel, que fazeis, que não pegais já da pena para o convidardes a vir colocar-se entre nós, ser o nosso general, levantar conosco o pendão da liberdade do meio destas solidões, que por si sós aterram a tirania?

Nas palavras do capitão havia o que quer que era de majestoso e patético. O sentimento nacional subira-lhe até aos lábios, e dali se derramava, comunicando a todos que o escutavam, os tons desta paixão excelsa.

— Não creio que D. Manoel aceite esta posição; êle não viu a luz do Brasil. Mas, não obstante, escrever-lhe-ei. Tendes portador seguro para lhe levar a carta?

— Quanto a isto, não vos inquieteis — respondeu Falcão d'Eça.

Então o padre, tirando de uma maleta um frasco com tinta, uma pena e papel, escreveu sôbre um tronco derrubado, a carta seguinte:

Revdmo. Senhor.

Do seio destas matas, refúgio franco e largo contra a tirania, sou obrigado a enviar a V. Revdma., nestas regras escritas sôbre tosco madeiro, a súplica de pernambucanos êxules e perseguidos.

Revdmo. Senhor: ninguém melhor do que V. Revdma. pode ajuizar das nossas desgraças, porque delas tem sido, como nós, illustre vítima.

As armas, as algemas, as injúrias ainda não cessaram contra nós o seu odioso officio. Nossos inimigos não escolhem meios de aniquilar-nos.

Tendo por êles o governador e o ouvidor, não há ofensas que dêstes desnaturados ministros não consigam contra nossas pessoas, nossas famílias, nossas propriedades, nossas próprias vidas.

A caçada geral, ordenada pelo parcial governador, apanhou onze dos nossos mais estimados amigos, e illustres pernambucanos.

Neste momento tivemos aqui noticia da prisão dos meus dignos irmãos João Alves Guerra e Miguel Lopes. Para levarem a efeito êste intento, não hesitaram ante o sangue e a morte; pelo crime de tomar a defesa de seus senhores, um escravo fiel foi assassinado.

Do nosso seio os bandoleiros de Camarão e e Tunda-Cumbe acabam de arrancar tão importantes amigos e praticios, e sôbre a cabeça dêstes está pendente cruel sentença de morte.

Enfim, de tôda a parte levantam-se aos céus clamores contra a tirania de Félix José Machado e Marques Bacalháu, instrumentos dos mascates do Recife.

À vista de tantos e tão violentos atentados, Revdmo. Senhor, estamos deliberados a lançar mão das armas para defesa da pátria e de tudo o que nos pertence.

Essa defesa nós a imaginamos grande, forte, tenaz. O que nós queremos é a independência de Pernambuco, e antes que V. Revdma. nos pergunte qual o meio de realizar essa independência, apresso eu a declaração: êsse meio é a revolução.

Aos que nos disserem, Revdmo, Senhor, que, não procedendo de el-rei, mas de seu govêrno, os males que padecemos, haveria excesso do recurso indicado, responderei que não se podendo compreender sejam bons reis aquêles que sustentam maus governos, não há excesso, antes há justiça, na projetada providência.

Não é de hoje que na separação do Brasil do reino de Portugal eu vejo o único remédio para os nossos males.



Adelino ... 1912

Quando em 1710, em Olinda, reunidos o senado da Câmara e a nobreza, se tratou da eleição do governador, por ter fugido cobardemente para a Bahia, Sebastião de Castro Caldas, antes que fôsse feita a escolha tão honrosamente para a pátria, por ter recaído na pessoa de V. Revma., largamente se discutiu a idéia “de sacudir com os mascates, o jugo de Portugal”. V. Revdma. sabe, de certo, que a independência de Pernambuco era “ponto decidido e concertado pelo venerando ancião Bernardo Vieira de Mello, herói talhado pela natureza para libertador da pátria com seu mestre de campo, o famoso João de Freitas da Cunha e o capitão-mór Antônio Pedro Ribeiro da Silva.

Nesse ajuntamento, Revmo. Senhor votei com êstes exímios patriotas para que nos “declarassemos em República *ad instar* dos venezianos”; e se então os nossos votos não prevaleceram, por entender a maioria do ajuntamento que o nosso projeto era de “alta audácia e magnitude”, e que, com a mudança do odiado governador, volveriam a Pernambuco ditosos e serenos tempos, não pensam mais assim êstes mesmos que illusòriamente acreditaram na eficácia dos meios incompletos, e ao menos todos os que nos achamos no seio destas matas seculares, não temos por eficaz nenhum outro remédio senão a independência do Brasil, seja qual fôr a forma do govêrno que possa êle vir a ter.

Cheguei ao ponto essencial desta carta, Revmo. Senhor.

Somos por hora trinta, os que nos achamos aqui: amanhã seremos talvez mil. Dos presentes, não há um só que não prefira perecer honrosamente no campo da batalha, pelejando pela liberdade da Pátria, a afinar-se obscura e ignomiosamente nos subterrâneos das Cinco-Pontas, servindo de ludíbrio a estrangeiros, que nunca jamais hão de ter para nós sentimentos benévolos.

Que é que nos falta para realizarmos a magna idéia da libertação do Brasil, ou pelo menos de Pernambuco? Falta-nos um chefe querido do povo da capitania, Revmo. Senhor, um chefe que reuna em si altas virtudes particulares e públicas, que seja de egrégias tradições, de ilustre consciência e ilustrada razão, que comungue conosco amigavelmente aos pés do altar da liberdade, que francamente, como nós, queira a revolução, por bem da felicidade dos brasileiros.

V. Revdma. preenche satisfatoriamente as condições exigidas no chefe de que necessitamos. V. Revma. é vítima como nós, da sanha dos mascates;

por ter sido desde o comêço da guerra o primeiro esteio da nobreza, é alvo das iras inimigas e esta exposto à prisão e à morte; por suas altas virtudes e respeitabilissima posição, pode melhor do que nenhum outro, ocupar o lugar mais elevado e conspícuo no movimento libertador. E logo que proclamar aos povos da capitania, todos se levantarão para o seguir, como um só homem, ao caminho da glória.

Eis-nos, por tôdas estas razões, a pedir a V. Revdma. que salve a nossa pátria, aceitando o lugar que está por preencher na frente das falanges pernambucanas.

E' esta a nossa súplica, Revmo. Senhor.

Vosso humilde servo e respeitador,

PADRE A. JORGE GUERRA".

Em menos de cinco minutos Lourenço estava de caminho para Olinda, e dois dias depois entregava a resposta do prelado, que foi desanimadora. "Que nos resta senão curvamos a cabeça aos decretos da Providência?" assim concluia êle.

Passado um momento, Leão d'Eça perguntou aos seus companheiros de infortúnio:

— Que havemos de fazer, meus amigos?

— Se havemos de errar expatriados, famintos, sem sossêgo de noite e de dia, e por fim cair no poder dos nossos opressores, melhor é que, poupando tantas inclemências e padecimentos, nos entreguemos em suas mãos. Teremos por esta forma, feito jús ao perdão d'el-rei, e salvado com as nossas vidas, parte das nossas fortunas.

— Entregue-se quem quiser, disse Falcão; eu não me entregarei jamais. Daqui não sairei senão morto ou livre. Ainda que todos me abandonem, não abandonarei eu estas solidões e espessuras protetoras. Até a última gota de sangue, resistirei à opressão.

— Também nós resistiremos — disseram alguns dos foragidos.

— Resistiremos todos, Falcão — disse o padre Guerra. Não ficareis só. Trinta homens dentro de uma fortaleza batem um exército aguerrido, quanto mais dentro de um mundo imenso e desconhecido, como são estas matas intrincadas.

— Tendes razão, padre Guerra.

— O que devemos fazer agora é alargar e aumentar os meios de defesa e agressão.

— Isto corre por minha conta.

Eis como finalizou o congresso dos fugitivos, após a leitura da carta do bispo.

O espírito de resistência em todos os dominava; a firmeza de seus ânimos; a coragem; a fé; a convicção de que por seu número, que tendia a aumentar, e pelas condições de defesa, não havia fôrças que os pudesse bater, fizeram voltar-lhes aos corações o sossego, um momento interrompido.

Não tendo mais de fazer ali, Lourenço, que ouvira as últimas palavras, profundamente comovido, despediu-se de Falcão d'Eça e tomou para Goiana.

Ia descontente e desanimado. Não lhe restava a mais pequena esperança de salvar o sargento-mór. A última carta tinha sido jogada, e perdera-se a mão.

— Sempre pensei — dizia consigo — que seu Falcão faria alguma coisa; mas tôda a esperança está acabada. Vejo que não posso ser bom em nada. E como terei ânimo para contar em Goiana, a sinhá D. Damiana e a minhã mãe, esta grande desgraça? Oh! que tempos, meu Deus, que tempos! A gente não sabe meios nem modo de fugir à adversidade.

E para matar as idéias tristes que lhe iam na cabeça, começou a cantarolar as letras de uma chula popular:

Tenho minha cachorrinha,
Que minha Tatá me deu;
Tenho um só desgosto dela:
E' ser filha de europeu
Tôda moça que é briosa,
Não casa com marinheiro;

Espera para casar
Com os *quindins dos brasileiros*.

Bravo, patusco,
Patusquinho, patuscão,
Marinheiro, pé de chumbo,
Comedor e beberão.

Lôdo impuro que o exclusivismo partidário, revolvendo os corações trazia à luz como arma de guerra, colocava à frente da família, primeiro santuário do povo.

VI



OÃO da Mota chegou com a tropa à Goiana, no dia seguinte ao da partida de João da Cunha para as matas.

Faltam-me expressões para pintar o estado de agitação da vila, desde as primeiras horas do dia. Soubera-se da fugida do sargento-mór, e não fôra preciso mais para que os que eram pelos mascates se considerassem abso-

lutamente invencíveis e irresponsáveis, e os que pertenciam ao partido oposto se sentissem mortalmente desanimados. Não havia então em Goiana os dois partidos que antes lutavam para aniquilar-se mutuamente. Agora ela se mostrava dividida em um campo vencedor e outro vencido; neste dominava o terror, naquele exercia poder absoluto a vingança sedenta de escândalo e sangue. Os nobres de grande representação na vila, que antes da chegada do governador, tinham, à frente de uma parte da população, batido o pé à outra parte que lhes fazia face, êsses desapareciam do dia para a noite, por não serem vítimas. Ficava o povo fraco e desamparado, e em cima dêle caía o pêso da desforra.

Das dez para as onze horas da manhã foram prêsos Jorge Cavalcanti em seu sítio da Conceição, e Manoel de Lacerda quando saía da sua propriedade do Tanquinho.

Antes disso, já se soubera em Goiana da prisão do sargento-mór Jorge Camelo de Valcácer, e dos capitães Antônio Rebello e José de Barros Cavalcanti na Paraíba, para onde se haviam retirado, logo que em Goiana, onde, pela sua longa residência, contavam contra si muitos dos principais mercadores, se teve conhecimento das prisões no Recife.

Jerônimo Pais e os filhos, que chegaram com João da Mota, ao saberem que, além de João da Cunha, puderam escapar-se os irmãos Cavalcanti, lastimaram tão importantes perdas. Por sua conta procederam imediatamente a indagações a fim de averiguarem onde paravam os fugitivos. Os segredos, por mais bem guardados, acham sempre reveladores. Tanto indagaram êles que, por bôca de um fâmulo, vieram a ter certeza de estarem os Cavalcantis no Açu, onde possuíam fazendas de gado.

Jerônimo Paes, vencido do ódio que votava a Cosme, ofereceu-se a João da Mota para ir, pelo Ceará, prender os três expatriados. Aceito êste oferecimento, expediram-se as necessárias ordens ao governador Manoel da Rocha Lima; e Jerônimo partiu a seu destino.

A ausência dêstes ardentes sequazes dos mascates moderou, mas não fêz cessar inteiramente a agitação, que, como febre, dominava o povo da vila. Belchior, Manoel Rodrigues, Manoel Gaudêncio, Romão da Silva, e até o prêto Lauriano alentavam a efervescência pública, ora percorrendo as ruas, em vociferações, ora comentando em adjuntos nas esquinas e adros, os acontecimentos que se davam; agora, soltando vivas e morras, agora penetrando nas casas onde se achavam as mulheres e filhas dos nobres, para as insultar e desacatar. A medida da desforra era como o tonel das Danaides: não se enchia nunca.

Nos semblantes desfigurados dêsses homens que as bebidas alcoólicas, larga e gratuitamente fornecidas por taberneiros sem fé nem moral, tornavam mais malvados do que na realidade eram, liam-se, baixos sentimentos e paixões indignas que a polícia

do tempo, em vez de açular como fazia, visto que era conivente nas desordens e motins, devia refrear e punir.

Quando constou a prisão do senhor do engenho Bujari, subiram à altura de delírio as demonstrações de regozijo com que os inimigos a festejaram.

À frente de um espêso magote, de que faziam parte os mais afamados vultos da gentilha, Belchior correu ao condenado engenho, alvo das mais entra-nháveis animadversões vilãs. A casa grande mereceu as honras da primeira vítima: apedrejaram-na, tomados de brutal sanha. Os insultos praticados foram tanto mais agravantes quanto aumentaram a dor de uma senhora ilustre, que no resignado martírio, buscava remédio contra a saudade. D. Damiana teve, por fim, de suster as lágrimas para cuidar da sua defesa. Afigurou-se-lhe não sem razão, que o engenho passaria pelo mesmo transe de que fôra vítima um ano antes, como o sobrado do pátio do Carmo. Poucos eram os escravos restantes, e êstes mesmos em sua maioria, velhos. Marcelina estava ao seu lado. Por conselho dela, trancaram-se todos a fim de ver se quebravam a fúria da canelha, por esta demonstração de fraqueza. Os exaltados que capitaneavam a partida desordeira, tiveram um momento de senso comum, e dando-se por satisfeitos com o apedrejamento da casa, a gritaria da plebe, as injúrias atiradas a *Escopeteira*, voltaram à vila, onde repetiram o que nos dias precedentes haviam feito — o insulto às famílias, a violação do lar doméstico, destruindo o que não tentava a sua cobiça e levando aquilo em que ela se comprazia.

Dias depois da feroz romaria ao engenho, novo ensejo ofereceu-se ao espírito de perturbação para prolongar o seu estúpido entusiasmo — a notícia da prisão de Cosme Cavalcanti, André Cavalcanti e Luís Vidal. Parecia que a vila vinha abaixo, tamanha foi a vertigem das turbas sem freio.

Era situada a fazenda de gado de Cosme Cavalcanti na comarca do Açu, à margem de um rio. Re-

ceando ser aí mesmo perseguidos, não obstante estarem muitas léguas distantes dos rancores e vinganças pessoais, resolveram ocultar-se, não na casa da fazenda, mas em uma palhoça em que os vaqueiros se recolhiam por ocasião da ajunta do gado. Para mais segurança, sòmente tomavam a palhoça de dia: as noites iam êles passá-las numa caatinga.

Cosme pouco ou nada pudera fazer para a formação do corpo de milicianos que planeara. Todos os vaqueiros e criadores tinham sido chamados, antes de sua chegada, pelo governador Manoel da Rocha Lima, a pegar em armas; a maioria dêles ocupava-se em proceder a diligências contra a nobreza. Depois de esforços incomparáveis, reconhecendo que sòmente lhe restava como único recurso, encobrir-se às vistas dos que tramavam incessantemente o seu aniquilamento, chamou para junto de si os poucos sertanejos que pôde reunir, e os escravos fiéis. Mas esta resolução quando foi tomada, já não podia surtir o efeito esperado. Era de todos sabido que êle estava no lugar, e o governador já aparelhava expedição para dar no rancho, quando chegou Jerônimo Paes com as requisições do governador de Pernambuco. Então não houve mais demora. Rocha Lima encarrega o Coronel do Açú, João de Barros Braga, de prender a todo o custo os emigrados pernambucanos. Um vaqueiro, encontrando-se com a fôrça, deitou a correr para preveni-los. Fizeram-lhe fogo pelas costas, e êle caiu com uma perna quebrada, morrendo-lhe o cavalo. Ao estrondo dos tiros, o mulato Barnabé, de um dos homiziados, acode com uma espingarda que dispara contra a tropa. O tiro emprega-se em um dos soldados e prostra-o morto, por terra; mas imediatamente dão uma descarga, contra o escravo, que cai atravessado de balas. Dando-se estas tristes cenas quase defronte da palhoça, não tiveram os homiziados tempo de fugir. Perdido êsse recurso, trataram de combinar os meios de defesa.

— Não vejo nenhum, a não ser a fuga — disse Luís Vidal.

— A fuga? inquiriu André Cavalcanti. Mas por que modo? A tropa aí está.

Cosme cortou a discussão com estas palavras decisivas:

— Cosme Bezerra Cavalcanti, quando tem pela frente o inimigo, não sabe dar-lhes as costas. Para que nos hão de servir as armas e munições que trouxemos de Goiana? Lutaremos como homens até morrer, mas não fuçamos jamais, como fracas mulheres, quando está com as vistas em nós o inimigo, que atiraria contra nós pelas costas, como se faz aos cobardes, se usassemos êsse meio indigno.

Não tinha ainda acabado, quando rompeu o fogo de fora sôbre a frágil cabana.

Eram doze a dezesseis homens os que havia dentro, doze a dezesseis para um trôço de cinqüenta a sessenta, bem municidados, tendo consigo a fôrça da autoridade. Travou-se desigual, porém fortíssima luta; mas a vitória, ainda que demorada, não podia caber a quem estava cercado, e recebia balas por todos os lados cada qual mais exposto às agressões. No medonho conflito, Cosme chegou a matar um dos agressores, e ferir dois mortalmente. E porque, não obstante a superioridade em número da tropa sôbre os da casa, a resistência se prolongava tenazmente, lembrou-se o Coronel Braga de um recurso trivial e cobarde contra os que de dentro combatiam como heróis — o de pôr fogo na palhoça. Então a defesa tornou-se de todo o ponto impossível. Logo que as chamas começaram a invadir o âmbito, André e Luís Vidal, depondo as armas, entregaram-se à prisão. Cosme não fêz outro tanto; os seus ânimos não se compadeciam com esta solução de prudência extrema: resistiu até onde foi humanamente possível. Quando as labaredas, cercando-o por todos os lados, o ameaçavam com mais fúria que os inimigos que, aliás, de fora não cessavam de ajudar o terrível elemento com tiros sem conta, saltou por uma janela resolvido a abrir, ainda assim, caminho por entre as chamas e os agressores, intento que se frustrou.

— Isto não é nada, é a vossa hora derradeira, Sr. Cosme Bezerra — disse um dos da escolta, levantando-o do chão onde o nobre caíra por ocasião do salto.

Cosme, ainda aturdido da queda, volvendo as vistas ao que lhe falara, reconheceu Jerônimo Paes.

Trazia êste na mão uma catana desembainhada. Dos olhos fuzilavam-lhe brilhos indescritíveis. O rancor, a cólera, a vingança satisfeita nunca tiveram mais fiel e completa expressão.

— Eu contava com o assassinio como têrmo natural desta perseguição — respondeu Cosme. Quando saltei pela janela para não morrer pelo fogo que a vossa cobardia pôs na casa, escapuliu-me a arma da mão, e caindo em baixo desloquei um pé. Estou que nem posso andar; valho menos que uma criança. Não é, pois, de admirar que me assassineis.

— Não vos façais de fraco e inocente. Há algumas horas que resistis com as armas nas mãos, ferindo e matando gente. Ali estão três camaradas a quem tirastes a vida; vêde aqui quanto sangue derramado de outros três que nem se podem mexer. Como é agora que vos pondes numa cruz, dizendo que somos assassinos?

Cosme nada respondeu. Tinha nesse momento os olhos voltados para André e Luís Vidal que, no centro da escolta, recusavam entregar os pulsos às cordas com que, por ordem do Coronel Braga, pretendiam manietá-los.

— Somos nobres e não temos nenhum crime, dizia Luís Vidal. Não nos sujeitaremos jamais à infâmia de nos deixar amarrar como cativos ou vilões.

— O tempo da nobreza acabou — respondeu um, chacoteando.

— Falas ainda em nobreza, *mazombo*? Tu e teus irmãos não passais de rebeldes. Havemos de pôr as cordas em todos vós. Haveis de pagar-nos o novo e o velho.

Foi frustrado todo o esforço dos vencidos. No meio dos maiores impropérios, seis robustos ilhéus

que acompanharam a fôrça, ataram os três irmãos com os vaqueiros, e, o que é mais, com os próprios escravos que não haviam caído na luta. Quando Cosme, passada a exaltação, reconheceu que sem fôrças, sem armas, sem um braço livre que o defendesse, não era mais que um réu no poder de verdugos apaixonados, pensou em diminuir a humilhação; e valendo-se do momento de vir o Coronel fazer-lhe certas perguntas sobre os bens que possuía, dirigiu-lhe estas palavras:

— Não sei, Sr. Coronel, se alguma vez vos ofendi. A minha consciência apressa-se a dizer-me que nunca dei motivo ao vosso desagrado, quanto mais ao vosso ódio. Mas se não é esta a verdade, peço-vos me declareis a minha culpa, que talvez possa convencer-vos da sem-razão.

Braga respondeu:

— Sr. Capitão, de vós nunca recebi a menor ofensa. Apenas vos conheço.

— E por que então procedeis tão atrozmente conosco?

— Cumpro ordens. As instruções do governador, que me foram transmitidas, são positivas e rigorosas. Parece-me que, se por qualquer circunstância, o que Deus não há de permitir, viesseis a escapar de meu poder, a minha cabeça pagaria esta desgraça.

— Não pensem que estranho a parte que tomaste em nossa prisão; o que estranho é a descortesia que tendes com prêsos a quem a adversidade não pôde ainda, nem poderá nunca, fazer esquecer a nobreza natural do seu caráter. Uma vez prêsos, Coronel, nem Cosme Bezerra Cavalcanti, nem André Cavalcanti, nem Luís Vidal Cavalcanti, fugiriam jamais ainda que lhes fôsse fácil a fuga. A sua palavra honrada tornaria dispensáveis cordas e algemas.

— Sr. Cosme, eu não acredito na honra, na nobreza e ainda menos na palavra de rebeldes — respondeu o Coronel. Haveis de seguir amarrados até ao Recife. As instruções que me foram dadas, não me permitem lugar a outro procedimento.

Cosme sorriu com amargura.

— Enganai-vos, Coronel, se pensais que vos peço misericórdia. Podeis em lugar de cordas, mandar pôr em nossos pulsos pesadas algemas; podeis pôr-nos à ração de pão e água: com isso não fareis mais do que antecipar os tratos que nos esperam na semi-tumba das Cinco-Pontas. Não vos peço que mandeis afrouxar as cordas que estão cortando os meus braços, tamanha foi a fôrça com que Jerônimo Paes os amarrou. Seriam indignos da causa que nos faz sofrer, se vos pedissemos brandura em vez do rigor a que temos direito.

— Não sei então o que quereis dizer.

— Quero saber se nas vossas instruções vem determinado o itinerário, como vem, ao que parece, o modo de sermos levados presos.

Depois de refletir por alguns instantes, Braga respondeu:

— Quanto ao itinerário, nada se me determinou.

— Portanto uma vez que nos leveis ao Recife, tereis preenchido a vossa obrigação?

— Certamente.

— Pois bem. É agora que vos peço um favor.

— Qual é?

— Imaginai que em vez de sermos vossos prisioneiros, éreis vós nosso; e que, em vez de seguirmos para o Recife, teríamos de ir a um ponto além do Açú donde sois natural, onde vistes correr a vossa mocidade, onde tendes representação. Qual dos dois caminhos preferidos — o que passa por dentro do lugar do vosso nascimento, ou que rodeia por fora?

— Compreendi já o que desejais, disse Braga.

— Em Goiana, Coronel, nasci eu, e nasceram os meus irmãos, que estão presentes. Sou ali juiz ordinário e Capitão de ordenanças; tenho aí família e amigos que me prezam com tôdas as véras. Meus amigos e parentes, vendo-me passar por dentro da vila neste estado lastimoso, sentiriam o mais acerbo

desgosto. Para poupar-lhes êste golpe, peço-vos, que ordeneis outro caminho, onde só encontremos inimigos ou indiferentes. Eis o favor.

Braga respondeu:

— Estais servido. Passaremos por fora de Goiana.

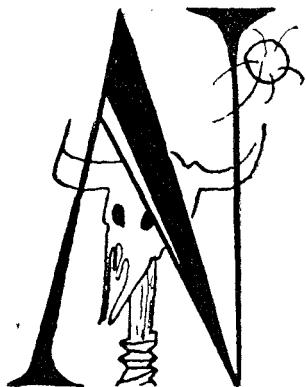
— Prometeis então que não passarei por dentro de Goiana, Coronel?

— Podeis ficar tranqüilo, que há de ser satisfeita neste ponto, a vossa vontade.

— Coronel, perdôo-vos a parte que tendes tomado nos meus males, e desde já vos agradeço tamanha graça. Eu tinha-vos por um vilão, mas agora reconheço que sois nobre. Beijo-vos as mãos.

Cosme fêz uma inclinação de cabeça em sinal de reverência a Braga.

VII



ÃO tinha cessado ainda, se não aumentara, a agitação em Goiana, quando Lourenço chegou ao Cajueiro, de volta de Tracunhâem.

Vinham com êle vários almocreves com quem se juntara algumas léguas atrás. Iam todos àquela vila, e eram antigos conhecidos de Lourenço, que uma hora por outra

se encontrava com êles nos caminhos e ranchos.

Uma circunstância muito contribuíra, pouco antes de chegarem ao Cajueiro, para estreitar cada vez mais as relações de simpatia que já ligavam a maioria dêles ao rapaz. Foi o caso que jornadeavam muito tranqüilamente, quando de improviso lhes aparece pela frente uma partida de bandoleiros. Apenas avistam o comboio, o chefe do bando e mais três que o seguiam de perto, foram ao seu encontro; e sem mais nem mais, intimam-lhes que entreguem os animais por ordem do Tunda-Cumbe, para que o bando pudesse realizar certa diligência de que estava incumbido. Naqueles tempos o terror dominava todos os que não pertenciam à classe elevada do partido do governador. O povo não tinha direitos. Qualquer bandido julgava-se autorizado para apoderar-se da propriedade do pobre, e fazer dêle o seu moço de recados. Inumeráveis pais de família, pertencentes à classe desfavorecida, perderam muitos dias de serviço, por se ocuparem na condução de officio ou outro qualquer

objeto a pontos longínquos, por ordem de agentes subalternos. Por isso a intimação foi ouvida pelos almocreves como uma sentença de que não havia onde apelar.

Não estavam os bandidos acostumados a declarar as suas vontades sem as verem imediatamente cumpridas. O chefe, que vinha a cavalo, atirou-o com fôrça que pôde, sôbre o matuto que mais próximo estava, dizendo arrogantemente:

— Ainda estão montados? Não ouviram o que lhes disse?

Seus olhos tinham a expressão da insolência brutal que caracteriza o poder nos agentes subalternos.

— Montados estão e estarão — advertiu a êste tempo um grito que viera ecoando por sôbre as cabeças dos almocreves parados na frente.

Súbito, por entre êles, rompe o que soltara aquelas palavras. Era Lourenço.

Logo que se achou diante do chefe, o rapaz prosseguiu assim:

— Então vosmecê entende que quem comprou um cavalinho com o suor do seu rosto, e dêle precisa para seu meio de vida, há de entregá-lo a quem quer andar montado à custa dos outros?

— Que desafôro! gritou o chefe em brasas. Atreves-te a fazer-me observações, confiado?

— Êste pé-rapado precisa de uma *roda de pau* — disse um dos da tropa, aproximando-se de Lourenço.

Êste já tinha o facão desembainhado na mão.

— Desafôro é o seu — respondeu êle ao chefe. Nenhum de nós está resolvido a entregar o seu animal. Ainda quando todos entregassem o seu, eu cá não entregarei o meu castanho. Se os senhores andam em diligência, sigam o seu caminho devagar, para não serem pressentidos; agora se andam fazendo coisa que não devem, então pior um pouco.

Soava ainda o veemente protesto, quando um dos bandoleiros fêz menção para pegar no cabresto do *castanho*; mas antes que a mão tocasse a corda, já

o braço se retraía à dor de uma forte pancada que sôbre êle vibrara Lourenço, o qual, voltando-se aos almocreves, lhes falou com gesto imperioso:

— Para diante, para diante, camaradas!

E deu o exemplo, esporeando o castanho, que tão depressa sentiu a espora, como rompeu caminho, aos pinotes e aos coices, por entre a tropa, debaixo de um chuvaireiro de pancadas.

A tropa tratou então de impedir a passagem dos outros almocreves; mas já foi tarde: o exemplo de Lourenço levantara os espiritos. Não houve um só dentre aquêles, que não desse mostras de grande valor. Aos golpes dos bandidos respondiam com chicotadas e pranchadas. Estando a maioria dos bandidos a pé, não foi difficil aos almocreves escaparem-lhes. O chefe e dois ou três, quando muito, que estavam cavalgando cansados animais, ainda tentaram atalhar a fuga, descarregando as armas de fogo que traziam sôbre os que fugiam. Mas, assim que viram Lourenço seguido de três ou quatro mais animosos torcer para trás, e, de facão em punho, fazer-lhes frente, sobrestiveram, espantados de tanta coragem, e receosos de serem vítimas dêles:

— Havemos de encontrar-nos muito breve — disse o chefe.

— É quando quiser. Ando sempre por estas estradas a qualquer hora do dia e da noite — retorquiou Lourenço.

Assim falando, voltou com os quatro a reunir-se aos outros, que, livres do embate, já corriam à brida solta pela estrada a fora.

Começaram agora as reflexões sôbre o que poderia acontecer-lhes. Fracos homens do povo, sem o menor amparo, porque o único que tinham eram os senhores-de-engenho, por então ainda em mais estreitas condições do que êles mesmos, levaram algum tempo, não a mostrar-se arrependidos do seu procedimento, mas lastimando-se por ter a sorte criado para êles tão perigosa alternativa. Lourenço porém tratou de tranqüilizá-los, o que lhe não custou muito, porque a sua energia impusera os seus sentimentos

aos outros, que, se já o estimavam antes, agora não só começaram a respeitá-lo, mas até a chamá-lo digno da sua confiança.

— Não tenham mêdo dêstes assassinos, dêstes ladrões do alheio, que só têm valentia para as mulheres que vestem saia, para os poleiros de galinhas, as estrebarias de bêstas velhas mal guardadas e os chiqueiros dos porcos.

— Êles são capazes de esperar-nos na vila e prender-nos.

— Pois então, em vez de tomarem vocês o rancho, façam a sua pousada no mato. Mas agora me lembra uma coisa. O rancho é na entrada da vila, e eu moro muito para cá do Cajueiro, como vocês sabem, e a minha casa, que por ora é uma palhoça, está sem gente, porque minha mãe foi fazer companhia à senhora do engenho Bujari. Podem vocês arrancar-se na minha palhoça, que fica da estrada muito para dentro, e de noite não se vê; amanhã de manhãzinha seguirão então para Goiana. De dia e dentro da vila já êles, se aí ainda se acharem, não farão o que lhes vier aos narizes; porque, ainda que os mascates estão de cima, sempre nos povoados há alguém que fala pelos perseguidos.

Êste alvitre de Lourenço foi aceito com reconhecimento por todos os almocreves, e ainda mais acrescentou o seu vulto, já desenhado em grande tela na imaginação dêles.

Quando chegaram à palhoça, era quase noite. Lourenço apenas lhes deu os esclarecimentos necessários, continuou a jornada até Bujari, onde não se demorou, e mais tarde, com o intento de saber se o encontro com o bando já era conhecido na vila e se tomavam providências contra os desobedientes, dirigiu-se até lá.

Goiana estava cheia de uma notícia, mas de estrondo — a prisão dos irmãos Cavalcanti.

— Quero ter o gôsto de vê-los entrar aqui amanhã com as cordas nos pulsos — dizia um mascate. Quero chegar-me ao Cosme, que de todos êles é o

mais *peitudo*, e perguntar-lhe: “Onde está a tua fama, pé-rapado mofino?”

Outro dizia:

— Hei de dar-lhe uma bofetada e ameaçá-lo de dar outra se êle não disser em altas vozes: — “Viva quem me deu”. Só assim me pagará o pouco caso em que sempre me teve êsse ruim e arrogante mazombo.

— Cá as minhas contas são com o André, que ainda pela última quaresma teve para mim gestos de desprezo, por lhe parecer que estavam mal pesadas umas caixas de açúcar que mandara para o meu armazém. Chegou a chamar-me ladrão. Hei de lhe perguntar quem é mais ladrão — se o que está solto e livre, tratando do seu negócio, ou se o que vem amarrado, e em pouco tempo há de subir à fôrça?

É impossível dar uma idéia aproximada da angústia de Lourenço, quando soube a cruel notícia, e da aflição, que o possuía por não poder dar incontinenti o castigo a quem o merecia, quando nos adjuntos pelas ruas, e nas portas das tabernas e das boticas, ouvia semelhantes projetos de vilãs vinganças contra os nobres em quem se acostumara a não pôr as vistas senão com respeito.

— Que desgraça, meu Deus! Parece que não ficará um fidalgo que não seja prêso. Mal pensa seu Cosme o que está para lhe acontecer.

Cosme Bezerra, entretanto, confiando na promessa do Coronel Braga, pôs o espírito ao largo, e da grandeza do infortúnio tratou de tirar fôrças e resignação maiores que o mesmo infortúnio para o vencer com dignidade.

— Estou prêso como um cativo, mas no meu crime há um protesto em favor da liberdade dos pernambucanos. Demais, desobedecer ao despotismo, à violência, em lugar de crime, é direito. Poderão matar-me, porque são assassinos; poderei subir à fôrça, e outro fim não espero, se antes disso não me assassinarem por êstes caminhos, sob qualquer pretexto, para se verem logo livres de mim. Mas, meu nome

passará, com meu ânimo, ao grande quadro da história de Pernambuco, onde vêem desenhados vultos tão ilustres, que basta ocupar um lugar ao pé dêles para ter seguro o respeito dos pósteros.

Mal acabara êste solilóquio, quando, erguendo a vista à roda de si, sentiu que o espírito se lhe abatia repentinamente. Conhecera os lugares que o dia, ao romper, lhe ia mostrando aos olhos. Estava na estrada de Goiana.

Mas o abatimento foi rápido; a antiga energia correu de novo pelas veias do brioso goianista; o espírito ergueu-se-lhe fresco, forte, diante das paisagens natais, alentado pela sua gentileza em que se deliciara nos bons tempos da mocidade.

— Vamos entrar em Goiana, disse a Luís Vidal.

— É verdade, respondeu êste tristemente.

Neste momento passou por junto dos presos o Coronel.

— Sr. Coronel, disse-lhe Cosme, quer ter a bondade de ouvir uma palavra?

Braga aproximou-se.

— Se me não engano, êste caminho vai dar à vila de Goiana.

— É verdade.

— Mas vós me prometestes que passaríamos por fora.

A estas palavras, Jerônimo Paes, que se aproximara também dos prisioneiros, disse:

— O Sr. Coronel fêz esta promessa, é verdade, mas mudou de resoluções por eu lhe lembrar uma circunstância. Como extremosos filhos, segundo inculcais, da terra que vos viu nascer, seria grande crueza cortar, para não vê-la pela última vez, por escusos atalhos e rodeios.

Eu não me dirijo a ti, vilão imundo, retorquiu Cosme.

— Sr. Cosme Bezerra! advertiu o Coronel Braga.

— Dirigia-me a vós, Coronel, que aliás sois também um vilão ruim, um homem infame, um soldado cobarde, que outros nomes não cabem a quem falta à palavra dada a um nobre prisioneiro.

— Os cães acorrentados ladram com mais fúria do que soltos, replicou Braga.

E deu o andar, enquanto Paes, achegando-se mais da mó formada pelos prisioneiros, ia talvez erguer o chicote para flagelar Cosme na face, quando foi compelido a voltar-se para inquirir com as vistas a causa de um ramalhar violento que de um dos lados do caminho se fizera sentir.

E volver as vistas, ao ponto, foi o mesmo que ver uma partida de cavaleiros armados com facões e pistolas, correr sôbre a tropa. O Coronel deu imediatamente ordem para que a fôrça cercasse os presos e disparasse as armas contra os assaltantes. Poucos tiros soaram; com a umidade da noite, as escôvas de maior parte das armas haviam esfriado e muitas destas mentiram fogo. Não se viu depois outra coisa senão um torvelinho medonho e indescritível. Os cavaleiros caíram sôbre a tropa, e a patas de cavalo, começaram a atropelar os que não lhes davam passagem. Braga, que descalvara momentos antes de falar com Cosme Bezerra, não teve tempo de tomar o seu animal. Jerônimo Paz, porém, homem de lutas desabridas e de valentia, tivera tempo de saltar sôbre sua cavalgadura, e com a espada investia, em defesa dos que formavam um círculo à roda dos prêsos, como possesso do gênio do mal.

Esta luta durou poucos momentos, porque um dos assaltantes correu acesso em valor, ao círculo, e expondo-se a dezenas de golpes, pôde romper o cordão, e chegar até aos prisioneiros.

És tu, Lourenço, és tu, Lourenço! clamaram os nobres admirados de tanta bravura, e satisfeitos com a nova face que a sua sorte apresentava, um momento depois de ter para êles uma das mais feias carancas.

— Sou eu mesmo, eu mesmo, “seu” Cosme. Em poucos instantes, “seu” Cosme, havemos de mostrar a êstes safados mascates para quanto prestam os pernambucanos.

O facão de Lourenço cortava já os últimos nós da corda passada à roda dos braços de Cosme, quando uma pranchada vigorosa fêz o rapaz sobrestar. Com êste novo estímulo, o homem mudou-se em fera. Perdida a serenidade que o momento exigia, deixou a obra da salvação em mais de meio, e voltou-se para investir contra o seu ofensor. Inexperiência da idade que frustrou a grande obra quase terminada.

O ofensor era Jerônimo Paes. A sua coragem, se fôsse ajudada de força tão extensa como ela, seria, talvez, digna de competir com a de Lourenço; mas só êste, de todos os que ali estavam, trazia os dois tesouros reunidos. Descarregar um golpe sôbre Jerônimo foi o mesmo que prostrá-lo; mas quando ia acabar com êste inimigo, teve de volver a sua atenção para outro ponto, donde um dos da tropa dissera aos camaradas:

— Não esmoreçam, minha gente, que ali vem o Tunda-Cumbe.

João da Mota, receando que os nobres que andavam foragidos pelos matos se reunissem e tentassem tomar os prêsos trazidos do norte, dera ordem para que o Tunda-Cumbe, que já voltara do Recife, onde deixara os outros presos, fôsse reforçar com gente fresca e descansada a que trazia tantos dias de jornada passando rios cheios, fomes e outras inclemências naturais de longa digressão pelo sertão. E porque tinha recebido informação do Coronel Braga sôbre a hora da entrada na vila, muito cedo fizera partir o Manuel Gonçalves com trinta homens do seu séquito.

Tunda-Cumbe caiu sem piedade com os seus, sôbre os assaltantes, e não obstante terem êstes já do seu lado a vitória, pôde, a golpes e a tiros, dispersar os que não morreram no meio da luta.

Os assaltantes não eram outros senão os matutos a quem Lourenço dera pousada em casa à noite anterior.

Eis o que tinha havido:

Voltando à palhoça, com grande mágoa, pelo que vira e ouvira nas ruas e tabernas onde se tratava da recepção hostil a Cosme e aos irmãos:

— Trago o coração negro, como tinta de escrever — dissera. Meu desgosto é tão grande que, se não tivesse pai e mãe ainda vivos, eu me atiraria por aí além, em busca da morte.

— Ora, deixe-se disso, Lourenço. Não vejo razão para esta zanga.

— Olhem vocês. Enquanto eu não tomar uma desforra dêsses mascates, e dos ladrões que andara aí prendendo a gente limpa da terra, eu não fico bom nem tenho sossêgo. Estou em têrmos de arre-bentar.

Então lhes referiu o que ouvira e presenciara na vila.

— Mas, por que não tiras a desforra? Que te falta? A ocasião não podia ser melhor. Vamos tomar os nobres do poder da fôrça.

— Êste é o meu intento, e se vocês me ajudam...

— Ora! disse um. Somos tão-sòmente nove, mas assim mesmo havemos de dar que fazer.

— A minha birra é com o ladrão dêsse peixeiro desprezível, o desavergonhado Tunda-Cumbe, que traz galões dourados nas mangas, quando devia trazer algemas.

— Pensa você então em se pegar com o Tunda-Cumbe que, além de não ser pêco, valha a verdade, traz consigo tanto cabra matador, e tanto negro feio mandigueiro?

Lourenço sorriu em ar de môfa e impaciente.

— E por que não me hei de pegar com êle, Manoel Félix? Eu só sou capaz de lhe dar com a bainha da minha faca nas ventas quanto mais se vocês fizerem uma perna. O *marinheiro* bem me conhece, e tem-me *ronha*. Em um *samba* que houve o ano passado, em casa do defunto Vitorino, o Tunda-Cumbe bem viu o pau da minha canoa. Há pouco tempo mesmo êle sentiu no braço o dente da minha faca;

se as folhas dos paus não estivessem tão embrenhadas, havia de sentir o gosto dela, não no braço, mas no coração, que foi para aí que eu a atirei. Eis aí. Vocês bem sabem a cantiga que eu canto:

Não tenho medo de homem
Nem do ronco que êle tem.
O besouro também ronca.
Vai se ver, não é ninguém.

— Está bom, basta, Lourenço.

— Você também parece que está com medo, Antônio Luis. Ora não seja mofino, que um homem quando come carne e farinha é para ser duro.

— Eu não tenho medo. Por mim está já assentado que tomaremos os presos das mãos dos malvados.

Os matutos escorvaram algumas armas de fogo que traziam, examinaram os facões e as facas, e puseram-se a espiar o momento do assalto. No outro dia de manhã apontou a escolta na extremidade do caminho. Foi então que, por entre as folhagens que lhes serviam de graciosa e natural moldura, caíram os almocreves sôbre os soldados.

Lourenço lutou até não poder mais, até ficar só em campo, e seria vítima debaixo do peso do grande número do bando, se Cosme Bezerra, que chegara a ter um braço livre, não descarregasse uma arma contra o Coronel Braga. Supondo que êste ia morrer, as atenções dos bandidos e soldados dividiram-se entre os prisioneiros e o ferido. Neste momento pôde Lourenço escapar-se. O chão estava juncado de cadáveres.

Das onze horas para o meio-dia, um homem, que entrara gacheiro, afastando os matos aqui, unindo-se acolá, para passar sem ser visto, meteu a cabeça por entre as estacas do cercado do engenho Bujari, e correu para a casa grande.

Quando o desconhecido, cujas roupas se mostravam rasgadas em alguns pontos, cobertas de sangue em outros, penetrou na sala onde sômente se achavam mulheres — D. Damiana, Marcelina, Joa-

quina e Mariana — algumas delas, amedrontadas da inesperada visão, chegaram a procurar os quartos para se trancarem, supondo que estavam com um malfeitor em casa. Marcelina, porém, reconhecendo logo com mágoa o filho, correu ao seu encontro, e tomou-o nos braços.

— Minha Nossa Senhora do Rosário, Virgem Santíssima! Que te fizeram, Lourenço?

Este respondeu por interrogação:

— Não passou por aqui seu Cosme com os irmãos?

— Não fales nisso Lourenço, — observou Marcelina. Tem piedade daquela senhora que mal pode enxugar as lágrimas de tantas que são. Nem tu sabes o que disseram, o que praticaram os malvados. Eles aí vão ainda. Quase nos matam. Olha para aquelas urupemas. Não vês como estão quebradas e esburacadas? Não vês as paredes como estão? As balas e as pedras dos endemoninhados choveram aqui dentro. Parecia que o mundo se ia acabar, tamanho foi o estrondo, o estrago, o desatino. Com as balas e as pedras, chegavam aqui também os desaforos e as poucas vergonhas que eles diziam. A canalha do Tunda-Cumbe foi quem teve maior parte nisso. A outra gente ia ocupada com o seu Cosme, seu André e seu Luís, e pouco se demorou à porta da casa. Sinhá D. Damiana ainda quis abrir a urupema para falar a seu Cosme. Se não sou eu, ela fazia esta asneira, e talvez já não vivesse. Mas, quem foi que te pôs neste estado?

— Quis ver se podia livrá-los das mãos dos malvados, minha mãe; mas Deus não quis. Quando já estavam quase soltos, chegou o Tunda-Cumbe com a quadrilha, e não houve meio de vencer. Os meus camaradas morreram quase todos; e eu fiquei jurado pelo Tunda-Cumbe de morrer mais cedo ou mais tarde às suas mãos. Talvez que hoje mesmo êle ainda venha correr esta casa, ou vá à palhoça para ver se me encontra.

— Santo Cristo de Ipojuca! Valei-nos, minha Nossa Senhora da Conceição!

— Olhe, minha mãe, tenha paciência; porque o pior é o que eu lhe vou dizer agora. Eu não tenho medo do marinheiro, mas êle tem muito quem o acompanhe. Por isso, acho bom ganhar o mato por alguns dias, até ver se as cousas tomam outra cara.

— Filho de minh'alma, queres deixar-me?

— Lourenço, Lourenço, não nos desampares — disse Marianinha.

— Que resolução é esta, Lourenço? perguntou D. Damiana, quase soluçando.

O rapaz não soube o que dizer. Calado, impassível, confuso, lançava olhares estúpidos de uma para outra das mulheres, que assim recebiam a triste declaração da sua ausência.

— Mas, minha mãe... sinhá D. Damiana... Marianinha... Se eu ficar aqui, ainda pode ser pior. Se êles me prenderem, se me levarem para o Recife, que será de vosmecês? Eu não vou desamparar esta casa por uma vez, minha mãe; Deus me livre disso; nem tenho coração para fazer semelhante ingratidão. Andarei por aqui mesmo em roda da casa, mas dentro do mato. Se os negócios forem ficando muito feios, irei para Tracunhâem; irei reunir-me a seu Falcão, que já deve ter muita gente junta.

As mulheres ouviram atentas, no maior silêncio, estas palavras, nascidas do sentimento da prudência, que era aliás obra de Marcelina no coração do corajoso jovem.

— Valha-me Deus! disse Marcelina, como quem compreendia que era absolutamente necessário resignar-se à ausência daquele que, com ser filho de outra mulher, se tornara objeto dos seus maternais afetos.

— Êle nos queira valer, Marcelina — acrescentou D. Damiana. Longe estava eu ainda há bem pouco tempo de pensar neste novo revés da minha infeliz sorte.

— Ontem era seu Francisco, hoje é Lourenço que vai deixar-nos — disse Joaquina. Será o que Deus quiser.



— Já não há corda em meu coração que não tenha estalado — acrescentou Marcelina. Mas, já que Deus assim ordena, vai Lourenço, mete-te no mato, esconde-te bem dos facinorosos; e por nosso respeito não te percas. A Virgem Maria, na tua ausência, há de ser a nossa advogada, há de proteger-nos.

Esta cena de dor foi interrompida pela chegada de um negro que acompanhara João da Cunha às matas, e com êle seguira para a prisão no Recife. Vendo-o coberto de suor, e ofegante de cansaço de longa jornada, D. Damiana foi a primeira que lhe falou, não sem grande sobressalto.

— Que novas nos trazes, José?

O escravo fiel e respeitoso, por única resposta, entregou-lhe um papel que ela, inquieta e nervosa, desdobrou rapidamente. Era uma carta de seu cunhado Amador Cavalcanti, senhor de engenho, residente em Jaboatão.

Eis o que continha a carta.

“Prezada prima.

Escrevo-lhe estas regras quase às escuras, porque estou na semi-tumba das Cinco-Pontas, onde me recolheram ontem, por ordem do governador depois de sofrer os maiores vexames da quadrilha do Camarão, que me prendeu.

Vim aqui encontrar meu irmão, o seu marido João da Cunha.

Mal poderá imaginar em que estado o encontrei. Ferido, enfêrmo, maltratado pelos nossos verdugos... não tenho ânimo para lhe dizer tudo; mas o parentesco e a amizade não permitem furtar-me a êste penoso dever.

Hoje, pela manhã, êle chamou-me para junto de si; os seus ferimentos tinham-se agravado. Mal pude entender o que me disse; digo mal: não entendi uma só das suas palavras.

Abraçou-me, e inclinou a cabeça sôbre o meu peito. Não a levantou mais, senão talvez para comparecer perante o Criador, que nos há de julgar e vingar.

Resigne-se.

AMADOR CAVALCANTI”.

D. Mariana caiu quase sem sentidos nos braços de Marcelina. Os soluços queriam arrancar-lhe a vida.

A êste tempo, Cosme Cavalcanti e os irmãos, atravessavam a rua principal de Goiana no meio do mais público espetáculo cujo único objeto eram êles.

Para que fôsse esplêndida a recepção das illustres vítimas, os principais mercadores da vila tinham ordenado comédias e cavallhadas.

Fogos do ar estouraram de todos os cantos e alguns sinos repicaram em sinal de alegria, logo que os presos se aproximaram. Na rua das Portas de Romão armara-se um tablado pelo modêlo do que se tinha levantado em Olinda, para festejar a chegada do governador, a 7 de Dezembro de 1711. Aí appareceram cinco figuras, ricamente vestidas; quatro representavam as quatro partes do mundo, e outra, Goiana.

O tablado ficava como o de Olinda, debaixo de uma "parreira agradável na forma, e abundante de uvas, com passarinhos que as depinicavam".

Quando os presos passaram pela frente do tablado a figura que representava Goiana fêz sinal que parasse o trôço, e com ênfase dirigiu "em romance curioso, uma alocução a Jerônimo Paes, que exaltou como benemérito do povo e da realza. A rua não tinha mais onde se pôr um pé de pessoa. A vila em pêso, uns por satisfação, outros por natural curiosidade, assistia ao estrepitoso espetáculo.

Os mercadores mais dinheirosos distribuíram aos soldados peças de ouro e bebidas finas; a plebe atirava insultos e injúrias aos algemados.

Êstes nunca haviam mostrado tanta nobreza no gesto e no porte. Tinham a serenidade de mártires. O silêncio dava-lhes gravidade, e a elevação da face deixava manifesto que os seus espíritos, longe de rastejarem, se sustentavam na altura do seu nome e posição.

A um insulto que lhes dirigiu o taberneiro Joaquim Rodrigues, Cosme Bezerra retorquiu:

— Insulta os nobres que vês presos, marinheiros; mas fica sabendo que se não pudermos algum dia ajustar as nossas contas contigo, ajustá-las-ão com os teus *malungos*, que para cá vierem, os nossos filhos, os nossos netos, enfim a nossa geração: ódio eterno à tua raça é a primeira herança que ensinaremos e deixaremos aos nossos descendentes.

Toma lá que te dou, profeta sujo — retorquiui-lhe em ar de zombaria o taberneiro.

E atirou-lhe uma moeda de cobre.

VIII



ECEOSO de encontrar-se com algum bando inimigo, Lourenço que, ao deixar o engenho, tomara a margem direita do Tracunhãem, pela qual passava o caminho por onde se saía de Goiana atravessou, não sem risco, o rio com bastante água pelas chuvas torrenciais do inverno, e meteu-se numa capoeira que, ao cabo de um quarto de légua, do nascente para o ocidente, vinha morrer na margem esquerda.

Era quase noite, e desde a saída, a chuva não cessara ainda, antes aumentara.

Em tôdas as paragens circunvizinhas não se descobria uma só habitação. O rio entrava aqui pelos matos, saía acolá por entre lajedos, espraiava-se além em várzeas cobertas de buritizeiros. De verão, a região que Lourenço percorria agora silencioso e pesado, tinha aspecto risonho; era um lindo painel, não obstante ser deserta e quase virgem. Atualmente vêem-se já por ali casinhas de almocreves, quadras de terra cobertas de roça, partidinhos de canas que alegam a vista e comunicam ao espírito a sua graciosa flutuação iluminada e colorida. Por êsse tempo, só se avistavam ali águas, matos e céu, que o verão enchia de limpidez, verdura e azul. Aos olhos de Lourenço, porém, não eram estas tintas oferecidas pelas paisagens feiticieras. Com o inverno elas haviam tomado feições espessas e sombrias. As águas barrentas, em

vários pontos encachoeiradas, enovelando-se com arbustos e pedras, semelhavam terras diluídas por forte ebulição, mostrando tôdas as fezes e lia deixadas no seu seio pelo curso de muitas idades, as folhagens inclinadas para o chão, quando as águas do céu caíam sôbre elas sem sôpro de tormenta, ou revoltas e confusas quando a tempestade as açoitava com a sua violenta cólera, apresentavam o semblante da tristeza ou do desespero; o céu côr de cinza tinha comunicativa morbidez que penetrava nos corações ternos. Enfim, longe de despertar pensamentos e sensações gratas, essa região demorada não oferecia ao hóspede perdido no seio dela outros presentes senão o tédio, a ingratição e a aspereza do deserto.

Ao anoitecer, saindo de uns paus perigosos, onde quase se havia sumido com o cavalo, ouviu, surpreso, o bater de uma *caçula* por ali perto. Guiado por êste sinal, ganhou um alto onde deu de rosto com uma casinha de barro, coberta de palha. Alongando as vistas, descobriu na baixada que ficava do outro lado da eminência, uma como aldeia de índios. Contavam-se talvez de quinze a vinte palhoças. Quase tôdas estavam fechadas, e sômente da que ficava mais próxima da casinha do alto, se levantava aos ares, sem embargo dos pesados pingos d'água que no momento caíam, uma fumacinha azulada, indicando que havia moradores na palhoça.

— Já tenho, graças a Deus — pensou o rapaz — onde passar esta cruel noite de inverno.

E tirou para a casinha, donde lhe chegava aos ouvidos o som levantado pelo alternado bater das mãos de pilão sobre o milho.

Faziam a *caçula* uma rapariga e uma mulher já de idade. Aquela podia passar por branca, e não era mal parecida: cabelos negros e cacheados emolduravam-lhe o rosto jovial e franco; formas boleadas sem carência de gentileza, acusavam tesouros que se perdiam ocultos ou mal apreciados no êrmo.

A outra mulher tinha feição e formas vulgares, que nenhum traço particular tornava distintas, a não ser o olhar suspeito e a grossura corpórea: ambas

trajavam saia de chita e cabeção de renda. Estavam de pé, na sala posterior da casinha, perto de um banco largo, espécie de porta deitada sôbre quatro pés cravados no chão, a qual, pelos indícios, preenchia o ofício de estrado, mesa de jantar e cama de dormir. Sôbre o banco via-se um alguidar de barro de bom tamanho, contendo certa quantidade de milho pilado; junto do alguidar, um rapa-côco de ferro e alguns pratos ordinários. Dentro de um dêstes estava o côco, partido já em duas bandas, destinado a dar as rapas de que se devia extrair, pela expressão, o leite grosso e saboroso. O leitor entendido nos usos do norte há de ter compreendido, por estas particularidades domésticas, que as duas mulheres se ocupavam em fazer o popular e apreciado *mucunzá*. Ficava de permeio entre uma e outra, o pilão que lhes dava pela cintura.

A quantidade de milho quebrado que se via dentro do alguidar, e o suor que aljofrava o rosto e as espaduas das mulheres, não obstante o tempo frio, revelavam que a *caçula* já ia puxada, ou antes, estava perto de acabar.

Lourenço, rodeando a casa, foi parar defronte da janela da sala, onde se entregavam àquela ocupação culinária as duas mulheres.

— O' de casa? disse êle.

Apenas estas palavras ressoaram dentro, as moradoras fizeram uma pausa, e cessou o *batecum*.

— O' de fora — respondeu a mais velha, enquanto a mais nova, que estava oculta por trás da parede, estirou o pescoço, e com os olhos procurou ver quem era o hóspede. Tão depressa porém o viu como, deixando a sua mão de pilão metida no milho, deitou a correr para a camarinha, único aposento encoberto que havia na casa.

— Tenha vosmecê muito boas noites, minha senhora — disse Lourenço, chegando o cavalo mais para junto da janela.

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas — respondeu a matuta.



Abelino Martin '22

— Minha senhora — prosseguiu o rapaz — venho pedir a vosmecê um rancho por esta noite. Com semelhante chuvada, que vosmecê bem está vendo, é impossível a agente andar por dentro de lamas que querem engolir homem e animal.

— Meu senhor... balbuciou a mulher com evidente embaraço.

E como não passou dali, Lourenço, compreendendo estar ameaçado de iminente recusa, acrescentou:

— Quer vosmecê acredite, quer não, o que eu lhe posso dizer é que ainda hoje não comi nem descansei. Estou resfriado desde os pés até a cabeça. Não sei bem em que alturas ando. Além disso, com rios cheios, e de noite pelo escuro, não se pode viajar.

— Meu senhor... retorquiu a mulher sempre hesitante, eu não teria dúvida em lhe dar o rancho; mas o dono da casa não está em casa, e não é de de bem... vosmecê bem sabe.

— Sim, se o dono da casa não está em casa, nem aqui por perto, êle é verdade, vosmecê tem razão. Mas também quero dizer-lhe uma coisa: eu com pouco me satisfaço. Basta que vosmecê consinta que eu me recolha debaixo dêste alpendre, ao menos enquanto boto um punhado de farinha e um pedaço de carne na bôca, e o meu cavalo descansa.

A mulher não disse uma palavra; continuou indecisa. Estava, sem saber determinar-se.

Passado um momento, como visse Lourenço que não cessava a indecisão, disse o seguinte:

— Minha senhora, eu não sou nenhum malfeitor. Pela cara dou logo a conhecer.

— Não digo menos disso — retorquiu ela.

— Meto-me ali debaixo do puxado, e pode vosmecê ter certeza de que não arredarei dali o pe senão para ver o meu cavalo, ou tratar da jornada quando as barras vierem quebrando.

A mulher ia reforçar a recusa com outras razões, mas a um sinal feito de dentro da camarinha pela

moça, mudou de rumo, e respondeu sem os escrúpulos de há pouco:

— Está bom. No alpendre pode vosmecê ficar.

Deus é que lhe há de pagar êste favor, disse o rapaz, criando alma nova com a resposta.

E sem mais esperar, tirou para o pequenino alpendre, onde descavalgou.

Quando estava para soltar o cavalo com a peia, como é costume, ouviu dizer da janela:

— O' meu senhor? O' meu senhor?

Pela voz reconheceu a mulher, e imediatamente botou-se para aquêle ponto onde a encontrou, tendo numa das mãos uma cuia.

— Se vosmecê não tem o que dar ao seu cavalo, aqui lhe ofereço êste bocado de milho que sempre há de chegar para êle ir roendo durante a noite.

— Aceito o favor, e muito agradeço a vosmecê a sua lembrança. Eu já ia soltar o animal aí ao campo, sem esperança de que êle comesse qualquer coisa, porque tudo está debaixo de água.

Pouco depois, sob a folhagem de uma gameleira próxima do alpendre, o cavalo quebrava com estrépito o presente da hospitalidade, e o seu dono, de uma rêde que armara, fazia-lhe companhia, comendo, com apetite devorador, da matalotagem que trazia em um saco de couro, onde a água da chuva não pudera penetrar.

Ali mesmo, rendendo-se ao enfado da jornada, Lourenço, recostado na rêde, adormeceu. A noite fechada, a chuva, o silêncio, o êrmo convidavam ao repouso.

Por volta de oito horas, não obstante estar no melhor do sono, foi despertado pelo ladrar do cachorro da casa contra o cavalo. Logo depois ouviu uma porta, rumor de alguém que saía, e as palavras seguintes:

— Não me demoro, não. Vou levar a Joanhinha esta tijela de *mucunzá* para ela cear, e dizer-lhe que eu venho hoje fazer companhia a você.

Compreendeu Lourenço que a mulher era dali mesmo das vizinhanças, e viera ajudar a moradora no serviço da *caçula*. E como levantara a cabeça,

deram seus olhos com suave claridade no alpendre. Era produzida por um fogo que havia sido feito não muito distante da rêde onde êle estava.

Esta fineza com que êle não contara, deu-lhe grande satisfação.

— Boa gente é a desta casa, disse, levantando-se, para atizar o fogo, e ver o cavalo que, com os latidos do cão, se afastara um pouco da gameleira. Pois não me pareceu assim, quando cheguei logo.

Fizera-se uma estiada, o que permitiu a Lourenço ir sem repugnância até o lugar onde estava o cavalo, que êle tocou para junto do alpendre.

Já ia sentar-se novamente na rêde, a fim de retomar o sono do ponto em que fôra interrompido, quando enxergou, à claridade do fogo, um vulto que se encaminhava para o seu lado. Era a dona da casinha. Mostrava-se cautelosa, olhando para um lado e para outro.

Quando não faltavam senão alguns passos, Lourenço quis levantar-se; mas antes que se pusesse de pé, a rapariga estava sentada com êle na rêde, e apertava-o entre os braços com frenesi de alucinada.

— Lourenço, Lourenço, você não me conhece? perguntou ela em voz baixa.

— Estou reconhecendo, a sua voz, disse o rapaz, tomando posição conveniente para ver o rosto da rapariga.

— Sou Bernardina, disse ela.

— Bernardina! Bernardina! exclamou Lourenço.

Então, afirmando a vista, reconheceu, de feito, com indescritível prazer, a filha de Vitorino que fôra raptada por Tunda-Cumbe, por ocasião do ataque contra o engenho.

Bernardina não parecia a mesma que estivera de tarde na caçula, com a outra mulher. Substituíra a saia caseira por um vestido de chita impregnado dos cheiros do *corador* campestre. Entre os cabelos anelados, que o pente alisara momentos antes, um galhinho de alecrim rescendia suavíssimo aroma. As

faces estavam animadas de irradiação rósea; os braços e as espáduas acusavam recente ablução.

Ninguém diria, em presença daquele asseio modesto, único talvez que está ao alcance do pobre, ninguém diria que o suor do trabalho umedecera, algumas horas atrás, pele tão fresca e limpa. O que à primeira vista se adivinhava, era que a galante cachopa havia pôsto particular cuidado em aparecer sem vexame ao seu camarada da meninice.

— Meu Deus! continuou êle. Como são as coisas! Quem havia de dizer que eu teria hoje êste encontro? Eu bem ouvi cantar, pouco antes de chegar a êste lugar, um pitiguari no ôlho de um catolé.

— E' verdade — disse ela. Eu reconheci você, logo que o vi chegar à janela, ainda que você está muito diferente. Está um moço alto, e bonito de fazer a gente teroura de gôsto de vê-lo.

— Mas por que se escondeu de mim? Por que fugiu tão depressa, tanto assim que a não pude ver senão pelas costas, e por isso não pude saber que era você?

— Fugi para lhe poder falar mais tarde. Se eu me desse logo a conhecer à vista da mulher que saiu daqui há pouco, ela não nos deixava sós, e eu não podia abrir-lhe o meu coração, como estou fazendo. Ela é boa mulher, mas não havia de consentir que aos avistassemos, nem eu quero que ela saiba da minha vida.

— E que faz você por estas alturas, Bernardina?

— Ora! Foi a minha desgraça. Mas por que não se deita como estava ainda há pouco? Deitemo-nos, para não parecer que estão aqui duas pessoas. Meta o seu braço por baixo do meu pescoço. Falaremos baixinho. Direi assim tudo que lhe quero dizer. Você não sabe quanto estou satisfeita com a sua presença. Não tenha vergonha de mim. Faça de conta que ainda somos meninos.

A rapariga foi a primeira a deitar-se transversalmente na rêde: o rapaz imitou-a. Os seus hálitos confundiram-se. Os negros cabelos de Bernardina

espalharam-se, em ondas voluptuosas, pelas faces nédias e afogeadas de Lourenço, que parecia estar numa fascinação parva.

Perto da rêde jazia atirado um tronco sêco destinado ao fogo. Bernardina, tomada de frenesi irresistivel, alcançou com a ponta do pé a cabeça do tronco, e firmando-se nela, deu balanço à rêde. Caiu-lhe então a chinela e com o movimento enfunou-se-lhe parte da saia arrendada, aparecendo, como uma tenção, o pé pequenino e metade da perna de perfeição incompáavel.

Mas Bernardina não atentou no seu estado. Era outra a ordem de idéias que lhe andava no cérebro. Fervilhava-lhe aí a serpente do remorso e da saudade.

— Quando eu não quis falar com você diante daquela mulher, foi justamente porque os meus segredos não eram para ela ouvir. Mas antes de tudo, não se demore: dê-me notícias dos meus. Minha mãe e Marianinha como estão? Há quase dois anos que as não vejo. Só Deus sabe a minha dor, as lágrimas que tenho derramado, longe dos meus, com saudades dêles.

— Elas estão boas, Bernardina.

— Não houve nenhuma novidade?

— Houve sòmente a morte de seu pai.

Desta já soube. Meu pai era tão bom para mim!

— Mas que vida é a sua, Bernardina?

— Não me fale, não me fale, Lourenço. Nem sei como me deixei desgraçar, em vez de morrer; antes tivesse morrido. Lá não souberam que eu fui roubada por “seu” Tunda-Cumbe, quando entraram com êle no engenho os malvados que lhe dão fôrça para fazer tudo o que lhe vem às ventas?

— E que está você fazendo aqui?

— Aqui é que eu moro. Não sabe que êste é o *Rancho do Cipó*?

— Pois é aqui o *Cipó*? Aqui é que o ladrão do Tunda-Cumbe tem os seus malfeitores?

— Aqui mesmo. Aí adiante na baixada moram êles. Só eu moro aqui com “seu” Tunda-Cumbe, neste deserto por onde não passa ninguém, com mêdo de ser atacado e assassinado.

Lourenço estava admirado do que ouvia. Nunca pensara em tal.

— Eu sou mulher — continuou Bernardina; mas assim mesmo, não tenho mêdo dêle nem dos malfeitores; e mais de uma vez tenho feito tenção de deixar êste degrêdo, dê no que der.

— Pois êste é o falado rancho do Cipó! inquiriu Lourenço pela segunda vez, parecendo não ter o seu pensamento prêso a assunto diferente, ou fingindo-se alheio do que na realidade pusera alerta todos os seus sentidos. Ah! é verdade. Eu vi, quando vinha, as tais casinhas lá embaixo. Em boas estou metido. Venho fugindo do malvado, e caio dentro do seu *giqui*.

Em poucas palavras referiu Lourenço os acontecimentos em que andara envolvido de manhã, a luta com o Tunda-Cumbe, o juramento que êste fizera de vingar-se dêle, enfim, as circunstâncias que davam a sua posição atual um caráter melindroso, pelos muitos perigos que a cercavam.

— Para um homem da sua coragem, Lourenço, não há perigos, disse Bernardina. Eu tenho tanta confiança em você que, se você quisesse tirar-me daqui, eu não punha a menor dúvida.

Dizendo isto, a rapariga roçava a face pela do rapaz, que, embriagado e ofegante, devorava com os olhos acesos em estranho anelo aquela imagem provocadora. Você diz o que eu tenho no juízo. E fique sabendo que, ainda que eu houvesse de cair, transpassado de balas ali diante nos atoleiros, eu a levava comigo para entregá-la à sua mãe. O ajuste de contas com o ladrão do *marinheiro*, se não pudesse ser antes, ficaria para depois. O principal era tirar você do poder dêle, que é um ladrão muito desafortado.

— Que está dizendo? Pois você tem esta idéia? Não sei como agradecer a Deus esta mercê.

— Mas presentemente, Bernardina — observou o rapaz, pegando-lhe de uma das mãos — eu não a procurava. Nos primeiros tempos da sua ausência, andei com Saturnino pelos matos a ver se a achava; não foi uma nem duas vêzes que fizemos isto, foram muitas que não têm conta; e se nunca viemos ao rancho do Cipó, foi porque nunca pensamos que o Tunda-Cumbe a tivesse trazido para viver junto dos negros e cabras safados que compõem a sua quadilha. Mas desta feita o meu destino era outro.

— Eu estou aqui desde que êle me roubou do Bujari. Não viu você a mulher que estava comigo, e ficou de voltar? E' a caseira do Pedro de Lima, que êle encarregou de me espiar.

Lourenço ficou silencioso um instante, como quem refletia.

— Agora, disse depois, a ocasião não é das melhores para ir comigo, porque não vou para o Cajueiro, vou até fugindo dêle.

— Não me diga isso, Lourenço, tornou Bernardina pesarosa. Não o deixarei sair sem me levar em sua companhia. Ainda que vá para o inferno, irei com você, porque tão cedo não se há de oferecer outra ocasião.

Depois de novo instante de silêncio, disse o rapaz:

— Quer tomar um conselho? Deixe-me ir primeiro aonde tenho de ir, a Tracunhâem, a ver se se dá algum jeito para livrar-se da prisão seu Cosme Bezerra e os irmãos. Na volta, passarei outra vez por aqui, e então você irá comigo.

— Ora, Lourenço! disse a rapariga ainda mais magoada. Você está com isto para se livrar de mim. Sou uma desgraçada.

Os olhos da gentil matuta, há pouco tão cheios de alegres brilhos, inundaram-se de tristeza e lágrimas.

Lourenço reparando na mudança, sentiu-se comovido.

Para consolar a moça, apertou-a contra o coração com ternura e meiguice infantil.

— Para que diz isso de mim, Bernardina? Você bem me conhece, e sabe que eu não sou de prometer uma coisa e fazer outra.

Nisto o cão, que há pouco ladrara, começou a ladrar de novo. Ouvindo os latidos, Bernardina sentou-se na rêde.

— E' Sinhá Manuela que volta. Não posso mais demorar-me.

— Talvez não seja ela. Fique ainda um instantinho só, Bernardina.

— Não; adeus. Se não nos virmos mais, leve êste abraço para mamãe, e êste outro para Marianinha.

Assim falando, a rapariga, de pé, inclinada sôbre a rêde, suspendeu e apertou por duas vêzes o rapaz aos seios com quantas fôrças tinha.

— Êste agora é o seu — disse por fim.

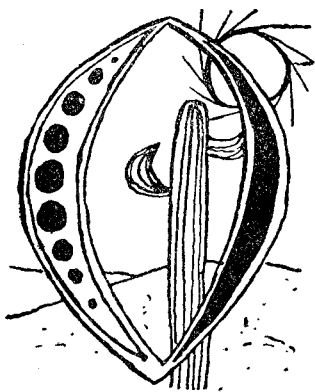
Lourenço, que estava já também de pé, foi o primeiro a tomar entre os braços Bernardina, cujas formas, com o ardente contacto da despedida, lhe deixaram no corpo deleitoso quebranto.

— Dou-lhe êste abraço, para que você não se esqueça de mim.

Foram estas as suas palavras. Correu para dentro ràpidamente, e desapareceu.

Pouca era já a claridade espalhada no alpendre. A fogueira estava extinta. O frio da noite invadia o informe aposento. Lourenço, porém, não precisava de calor extremo para se sentir aquecido. Tinha o fogo interior, o fogo das paixões, o fogo dos dezoito anos que as provações quase ingênuas de Bernardina, tão moça como êle, haviam deixado no maior grau de intensidade

IX



S abraços de Bernardina, antes irresistível manifestação de estima e contentamento sem malícia, do que indício de paixão desonesta como se pode afigurar ao leitor menos entendido na singeleza dos costumes do campo, deixaram Lourenço num estado de excitação nervosa que não revelava a mesma simplicidade, nem o mesmo puro incentivo. De feito, Lourenço

via as coisas por outro lado. Das duas filhas do finado Vitorino, fôra sempre Bernardina a que, por muito saída, merecera a sua particular atenção. Demais, havendo tantos meses que a não via, o vulto da sedutora rapariga teve para êle, com o tom misterioso que lhe davam as condições da atualidade, o encanto das visões inesperadas, frescas e gentis, dessas que matizam, os sonhos apaixonados da juventude. Bernardina, na fantasia estreita de Lourenço, limitada ao horizonte dos bosques, dos rios, dos engenhos, das ásperas jornadas e dos sambas rudes, surgira como a estrêla boeira nas madrugadas de verão. A rapariga iluminara-se com o fogo dos dezoito anos, cujo reflexo revelava nos olhos o calor da alma. Não obstante a vida, não raro orvalhada de lágrimas, que ela arrastava na solidão agreste da sua desgraça, tinha o seu corpo ganhado formas esbeltas, as suas feições distinta vivacidade. Ao clarão da fogueira, vira êle nesse vulto de natural elegância o quer que fôsse que lhe descobriu novos mundos até então

perdidos na vacuidade do seu espírito mais positivo que sonhador.

Depois que Joaquina fôra morar junto de Marcelina, e para assim dizer à sua sombra, quase todos os dias ofereciam-se ensejos de Lourenço conversar a sós com Marianinha, impressionar-se da sua beleza fresca e rósea, e comover-se da brandura do seu natural. Muitas provas de estimação dava-lhe a filha mais nova de Joaquina e êle, se bem que não se havia ainda entregado inteiramente a êste amor, porque a juventude raras vêzes se deixa cativar das paixões modestas, da ternura passada ainda que pura e imensa, sentia já por Marianinha doce afeição, que começava a encher-lhe o coração como o aroma do manacá silvestre povoa as abóbadas formadas pelas ingazeiras nas margens dos rios.

Ainda na manhã daquele dia, depois da cena de dor e prantos a que assistira na sala do engenho, quando Lourenço desceu à cavalaria, seguiu atrás d'êla Marianinha trazendo os olhos arrasados de lágrimas. Era a dor da separação que lhe arrancava aos sentimentos aquela triste homenagem.

“— Lourenço, Lourenço — perguntara ela — você se esquecerá de mim?”

“— Não me esqueço, não, Marianinha. Olhe. Quando não esperar por mim, há de ver-me bem juntinho de você, de todos de casa”.

“— Eu não deixarei nunca de esperar por você; esperarei sempre, de dia e de noite, a todo momento. Não se ocupa com ninguém, senão com você, a minha lembrança, a minha imaginação”.

Quando o rapaz estava para tomar o cavalo, Marianinha aproximou-se, cada vez mais comovida.

“— Tome esta oração. Ela serve para você se lembrar de mim, e para o livrar dos perigos”.

Era uma oração prodigiosa, um *breve*, cosido dentro de um saquinho de cetim, e prêso a um rosário de contas tão límpidas como as lágrimas que se deslizavam pelas faces da moçoila.

— Reze tôdas as noites, e tôdas as manhãs, a Nossa Senhora do Rosário esta coroa. Ela há de protegê-lo.

Com as próprias mãos, hesitantes e trêmulas pela comoção, a filha de Vitorino lançara ao pescoço do rapaz o talismã popular misto de fetichismo e catolicismo, tão conhecido das gentes do campo. Lourenço agradeceu-lhe a lembrança, o presente da despedida, e, para retribuir a fineza, apertou a rapariga ao peito, com vontade de a levar ao sertão, ao deserto, ao desconhecido, onde necessariamente devia precisar de uma companhia, ou antes de uma companheira que suavizasse os rigores da peregrinação.

As despedidas exercem grande influencia na vida. Durante a jornada, Lourenço só pensava em Marianinha, chorosa e meiga por ocasião de lhe entregar o rosário e o brezezinho. Não foi uma nem duas vêzes que teve vontade de chorar de saudade lembrando-se da menina, da mãe, do engenho, lembrando-se de tudo o que deixara, e que não sabia quando havia de tornar a ver. Foi assim, enternecido por lembrança tão grata e comovente, que êle chegou ao rancho do Cipó.

Mas Bernardina, aparecendo-lhe de improviso como uma alma benfazeja, filha do mato, criada na solidão, uma alma nova, não obstante ser sua conhecida da infância, aparecendo-lhe assim, quando êle menos esperava, entre uma fogueira — símbolo da paixão, e uma rêde — símbolo do gôzo, por uma noite de inverno — estação propícia ao aconchêgo, e sem outras testemunhas que os elementos mudos pôsto que traiçoeiros e irritantes, apagou com a sua imagem, rica de estímulos sensuais, a doce cena de amor inocente em que se deixava entrever a irmã com o recato da alma cândida, como apaga o pintor com o pincel ensopado em tintas vivas, brancas virgens retratadas em quadros ainda mais brancos do que elas.

Depois de um instante de vacilação, o rapaz correu em busca da fugitiva moça. Esta já estava dentro de casa fazendo que repousava. Nem sombra res-

tava de tão encantadora visão. Afigurou-se a Lourenço um momento ter-lhe ido a vida com ela. Fôra um enganoso egoísmo que o provocara, que o exacerbara, e que o havia esquecido, fugindo rapidamente quando êle mais desejava tê-la unido ao peito. Levara consigo tôdas as formas da sedução; tôdas? Não; uma tinha ficado no alpendre, talvez contra a vontade daquela tentação revestida em contornos ondulantes como os das serpentes; era o galhinho de alecrim, que Bernardina trouxera entre os cachos dos cabelos.

Lourenço achou-o pouco antes da porta, no chão, e reconhecendo-o, apanhou-o, aspirou-lhe o brando cheiro, e meteu-o entre a camisa e o corpo. Penetrando aí, a sua mão tocou involuntariamente em outro objeto que lhe veio imediatamente à lembrança — o talismã que lhe dera Marianinha, o qual, pendente do rosário, nadava sôbre o peito do rapaz. Lourenço estremeceu, sentindo o contacto do breve; e seria capaz de afirmar que as paixões se lhe haviam mitigado repentinamente com êsse contacto. Tôda a idéia que tinha de forçar a frágil porta da palhoça varreu-se-lhe do espírito. Poderoso cordão aquêle, Marianinha, aquêle que deste a Lourenço! Poderoso porque lhe acalmou por um instante os ardores infrenes que o atiravam para imprevistos abismos, poderoso, porque o fêz volver à rêde, quando já ia pasando de tempo. De fato, não se meteu um momento, que atravessou o terreiro, encaminhando-se à porta, que abriu, uma sombra em quem Lourenço reconheceu a grosseira Manuela.

Lourenço não dormiu mais. Em seu espírito encontrou-se então uma luta fratricida — a luta das duas irmãs — uma que ressurgira depois de apagada, outra que perdera metade da sua grande fôrça, logo que se achou defronte da primeira.

Que seria dêle, solicitado por duas atrações iguais? Ficou sem dar um passo nem para um lado, nem para outro. Tinha a inércia de um corpo pequeno entre dois maiores de igual grandeza. Mas se a vontade caíra nessa indecisão passiva, indecisão da criança, que, vendo ao alcance dois quadros se-

dutores, não sabe por qual dêles se há de decidir, o seu espírito parecia incliná-lo para aquela que, a poucos passos de distância, ouvindo talvez o rumor dos seus movimentos, lhe havia despertado no coração alvoroços que se assemelhavam a chamas.

Perto do amanhecer a chuva cessou inteiramente. A' claridade do dia, as condições do estado do almoceve modificaram-se consideravelmente. A realidade, eriçada de perigos, ressurgiu-lhe de novo aos olhos. Voltando-os à baixada, avistou lá a rua de casinhas que lhe avivou a idéia da quadrilha e do chefe, a que êle ia fugindo. Era tempo de deixar a ameaçadora pousada, por algumas horas tão hospedeira e carinhosa.

Mas partir sem ver Bernardina, sem lhe protestar estima recente, cujas raízes vinham do passado, sem receber, talvez, na despedida, um daqueles sorrisos feiticeiros que, quando a menina cantava e dançava nos sambas, deixaram tantas vêzes corações atravessados de desejos mais agudos que pontas de espinho, isto afigurou-se-lhe um tormento, um impossível. Ainda estêve um instante para bater à janela sob qualquer pretexto; mas, receando-se de não ter fôrças para ausentar-se, se a rapariga lhe aparecesse, quando a sua salvação exigia rapidez no apartamento, dominou o desejo, e partiu.

Não tinha ainda perdido de vista a casa, quando, ao emparelhar-se com umas-árvores sombrias e fechadas, virando-se para trás, viu ir descendo a rua do rancho a mulher que fizera companhia a Bernardina. Foi o caso que Manuela, tanto que percebera, pelo rumor das pisadas do cavalo, que Lourenço deixava a casa, se despediu de Bernardina e encaminhou-se à sua cabana.

Êste incidente, com que o rapaz não contava, reacendeu-lhe o desejo de voltar. Sobresteve um instante, pensando. As árvores ocultavam-no inteiramente. Êle podia refletir por quanto tempo quisesse, sem receio de ser notada a sua presença.

— Estou quase voltando — disse consigo, ao cabo de alguns minutos de reflexão.

Pouco depois, tomada a resolução, acrescentou:

— Ora! Aconteça o que acontecer. Para os perigos é que são os homens.

Não se demorou mais. Com pouco, estava junto da janela que se abriu tanto que êle chegou, para deixar aparecer o rosto da gentil rapariga, mais sedutor do que nunca, porque se mostrava agora orvalhado de lágrimas, como as florinhas do campo estavam nadando entre as águas da noite.

— Eu logo vi que você não havia de se ir embora de uma vez sem me dizer adeus, Lourenço — disse ela, recobrando, com a vista do rapaz, o fulgor da sua natural expressão. Lourenço aproximou-se mais, e perguntou-lhe, a meia voz:

— Bernardina, você ainda está no parecer de me acompanhar?

Como se ouvira a voz da sua salvação, a rapariga, erguendo-se sôbre as pontas dos pés, inclinou-se para fora, e, estendendo os braços como quem queria prender o almocreve, respondeu num assomo de entrega, filho de absoluta confiança:

— Pois ainda pergunta, Lourenço?

— Então, venha depressa, antes que chegue alguém — tornou êle. Eu bem sei que vou correr grandes perigos; mas, por seu respeito, cometo tudo. Que espero mais? Acabemos já com isto. O que chegar chegou. Comigo ninguém pode.

Em poucos minutos o cardão passeiro e passari-nheiro, que Lourenço tirara da estrebaria do engenho para se meter na jornada, tomou sôbre o dorso o rapaz e a rapariga; e não obstante esta dobrada carga, atravesou com pés seguros os atoleiros, e ganhou outra vez o caminho, sem mostrar o menor enfado, antes lesto e forte, graças ao milho que comera de noite.

Por tôda a parte foram encontrando riachos cheios que se assemelhavam a rios, campos inundados que se assemelhavam a lagos, vales que se assemelhavam a correntes encachoeiradas, e enfim as provas evidentes do inverno que se prolongou em Pernambuco de 1712 a 1713.

Mas Bernardina, na sua qualidade de mulher, tinha ânimo inexcedível. A sua organização parecia de ferro. Nada a fatigava.

Quanto mais se afastavam da colônia de malfeitores, mais animada e contente se mostrava a fugitiva.

— Estou vendo que você é muito forte, Bernardina — observou uma vez Lourenço.

— Ora! retorquiu ela com disfarce. Neste cortado vou até o fim do mundo. Estou tão contente, como você não avalia. Vou achando tanta graça nos matos que eu aborrecia ainda ontem... Que bonita manhã, não é, Lourenço? Eu vou achando tudo tão bonito, porque me soltei da prisão.

Passados momentos, acrescentou:

— Que prazer vou ter, meu Deus! Há tanto tempo que não vejo minha mãe e minha irmã. Chegaremos hoje a Goiana?

— A Goiana! Pois eu não lhe disse que a nossa viagem não é para Goiana? Se eu voltasse ao Cajueiro ou a Bujari, era o mesmo que ir meter-me na boca da onça.

— E para onde vamos nós?

— Vamos... vamos para o sul — respondeu Lourenço, com voz hesitante. Eu estava me lembrando agora mesmo de um lugar onde podemos demorar-nos algum tempo sem grande risco. Vou correndo para Jaboatão. Aí mora seu Amador, irmão do defunto João da Cunha: Deus se lembre de sua alma. Os *Camarões* deram-lhe no engenho, e êle, coitado! está prêso no Recife; mas como ninguém nos conhece nem a mim, nem a você em Jaboatão, podemos ficar aí mesmo pelo engenho, ou em alguma casinha por perto, até vermos tudo isto em que dá.

— Ora! disse Bernardina. Estava já tão satisfeita de ver os meus de hoje para amanhã!

— Mas que lhe parece, Bernardina? Não acha que o meu plano é bom?

— E' bom, Lourenço. Que havemos de fazer? Para mim, tendo saído do poder do Tunda-Cumbe, todo lugar me serve para moradia, enquanto não chega ocasião de reunir-me outra vez com minha mãe.

— Muita raiva tem você do Tunda-Cumbe.

— Nem na hora da morte lhe hei de perdoar o que êle me fêz contra a minha vontade.

— E por que você não fugiu logo? Nunca achou uma ocasião?

— Nunca. Nos primeiros tempos Tunda-Cumbe deixava sempre no rancho muitos espiões. Eu não era senhora de sair no terreiro sem ser acompanhada. Fui pouco a pouco perdendo a esperança de voltar para a companhia de minha mãe. Além disso, o Tunda-Cumbe disse-me uma vez que ela se tinha mudado de Goiana, e estava em outra terra muito distante. Então tive paciência. Quando reconheci você ontem de tarde, Lourenço, estava longe de cuidar que você havia de aparecer por estas paragens.

— Êle nunca lhe falou em se casar com você?

— Casar-se comigo? quem? o Tunda-Cumbe? Malvado! Depois de ser parteiro na sua terra, e vendedor de peixe cá, está fidalgo. Êle havia de casar-se com filha de gente pobre?

— E se houvesse quem o obrigasse a casar com você, era do seu gôsto o casamento?

— Eu não quero casar-me com semelhante diabo. Renego dêle! Quem quiser que o tome para si, que eu passo muito bem sem êle. Um diabo que matou meu pai!

Lourenço deixou correr um instante em silêncio, e tornou depois:

— E comigo quer casar-se, Bernardina?

A rapariga, como se não ouvira a pergunta, ou como se fizesse que a não ouvira, nada respondeu.

— Diga, diga, insistiu Lourenço, sentindo rápido calafrio percorrer-lhe todo o corpo.

— Pois você há de querer-me para sua mulher, Lourenço? respondeu ela enfim, a modo de quem via um impossível na idéia do rapaz.

— Faça de conta que eu quero, e responda então, tornou êle, cada vez mais empenhado em obter resposta decisiva.

O lugar onde estas coisas se passavam, tinha uma beleza suave, plana e ampla. De uma e outra banda

estendia-se um varjado, coberto de cajueiros novos, mangabeiras, e araçazeiros bravos. Abaixava-se para o lado do ocidente, mas não perdia a sua natural decoração. O sol, que nascera havia pouco, lançava sôbre a face dêsses milhares de árvores, quase tôdas do mesmo tamanho, uma neblina de luz, que dando nas gôtas da chuva ainda espalhadas nas fôlhas lisas, fazia sair dali uma imensa esteira de reflexos cristalinicos. Dir-se-ia que a maior prodigalidade conhecida atirara por cima daquele extenso arvoredado todos os brilhantes que têm saído das minas do mundo. Era uma região nova, nitente, alegre, fresca, paradisíaca. Lourenço parou o cavalo, e voltou-se para encarar a rapariga, que com um dos braços lhe cingia o corpo. Todo o sentimento dos dezoito anos, vivaz como a natureza, circunstante, havia acordado, ora trêmulo e tímido, ora afirmando a sua pujança nos impulsos mal refreados. Longe ia a imagem de Marianinha, peregrina na vastidão daquele mundo, apropriada sômente à vida do lar onde não se querem comoções vertiginosas, indomáveis, mas môrns como a família, despertadas pela ternura, não pela paixão. Quem Lourenço sentia junto dêle era a mulher ardente, de vigorosas formas, de inebriante contacto, mulher que o acompanharia ao coração dos sertões mais adustos, às margens dos rios mais arrebatados, aos braços dos vales mais ingratos, enfim era a mulher que exigia a vida do deserto com tôdas as suas impressões mordentes, agudas e atrozes.

Mas — a fisiologia humana é um enigma indecifrável — Bernardina, ordinariamente desembaraçada, guardou silêncio. A sua mão esquerda tremia no corpo do cavaleiro. Êste, paciênte, pegou-lhe da outra mão, e levou-a ao lábios. Em vez de quente, estava resfriada, não pela temperatura, senão por sobresalto invencível.

— Diga, Bernardina — instou êle. Você sabe que seus olhos sempre me renderam, que suas danças e cantigas sempre me cativaram.

E porque, ainda com isto, a rapariga continuou te-
nazmente calada, Lourenço acrescentou:

— Ora, deixe-se de vergonhas. Ninguém nos vê, ninguém nos ouve; estamos sós neste deserto, e podemos fazer o que quisermos.

— Eu só me casava com você, Lourenço, se tivesse a certeza de uma coisa.

— Que é?

— Só me casava se você jurasse nunca mais voltarmos ao Cajueiro.

— Mas por que não havemos de voltar?

— Por quê? Pois você acha que eu teria cara para aparecer como sua mulher diante de minha mãe e de Marianinha? Se jura que não havemos de voltar lá nunca mais, então sim.

No primeiro momento, Lourenço não soube o que dizer. Compreendeu e achou, além de naturais, muito louváveis os escrúpulos da sua camarada de infância. Desde pequeno na casa do pai, na de Vitorino, nas vizinhanças, o seu casamento com Marianinha considerava-se coisa assentada. Francisco afiançara muitas vezes que esta união havia de realizar-se.

Mas logo depois a paixão, fustigando-o com mais veemência, pôs-lhe no espírito estas interrogações: Por que não havia de sujeitar-se à condição indicada pela moça? Esta condição não estava tão concorde com o tempo? Não ia êle fugindo para bem longe, sem saber quando poderia voltar? Marianinha não ficara solteira, quase certa de não ver realizados os seus sonhos? Enfim, o que Bernardina propunha, não era quase a realidade das coisas, na atualidade?

O juramento acudiu aos lábios do rapaz. Se tomasse para a Paraíba, o Ceará ou Piauí, quem saberia mais dêles em Goiana? E por que não havia de seguir para um desses lugares estranhos e desconhecidos? Estava assim êle, como ela, na flor da mocidade; ambos tinham grandes energias para o trabalho e a vida; meter-se-iam num retiro ignorado, onde gozariam a existência satisfeitos.

O espírito, ou antes o ânimo de Lourenço, oscilava entre estas idéias de um lado, e aquelas do outro, quando uma lembrança, rompendo como fâsca elétrica o

nebuloso céu do seu cérebro, o fêz empalidecer. Lembrou-se de Marcelina e Francisco, seus bons pais, tão ricos de meiguice para êle. Lembrou-se especialmente de Marcelina no momento da despedida, tendo as faces banhadas de lágrimas, rogando aos santos que o protegessem, rogando-lhe que não se esquecesse dela, que esquecê-la era matá-la, não porque precisasse do seu arrimo para viver, mas porque, na sua ausência, o coração dela ficava sangrando de saudades dêle, e de sobressalto pela sua conservação.

Sairam-lhe imediatamente dos lábios estas palavras:

— A trôco de semelhante coisa, Bernardina, já não quero aquilo que há pouco tanto cobiçava. Deus me livre de não acompanhar minha mãe de perto, a fim de a defender quando ela precisar de ter quem a defenda. Ela fêz tanto por mim — você bem sabe — quando eu era pequeno e estava no mau caminho, que a minha primeira obrigação é dar por ela a vida, se tanto fôr preciso.

Ouvindo palavras tão consoladoras, Bernardina respirou livremente, e sentiu-se aliviada do grande pêso que a oprimia.

— E pensa você muito bem, Lourenço, pensa muito bem. Era isto mesmo o que eu queria e esperava que você dissesse.

— Mas, observou o rapaz, voltando ao estafado assunto, que tem que vamos viver casados no Cajueiro, na mesma harmonia com todos?

— Está bom, está bom; vamos para diante. Logo falaremos sôbre o que você propõe.

Tinham êles descido o declive da planície, e estavam perto do rio Tracunhãem. No lugar onde iam, o rio apenas se dava a perceber pelo medonho fragor das águas. Se não fôra êste, ainda que por ali se notavam pedras espalhadas, ninguém diria que o tinha a poucos passos de distância mais em baixo. Ficava encoberto por uma orla de árvores espêssas, de cujos galhos caíam largos panos de samambaia a que um poeta chamaria barbas ou guedelhas daqueles monges seculares. De um e de outro lado apareciam pés

de manacá, de cujos ramos pareciam namorar a manhã as flores ora roxas, ora brancas, que lhe matizavam a copa.

O cavalo deu alguns passos, e atravessando, por uma lamacenta trilha, a rústica paragem, achou-se quase de repente à beira do Tracunhãem. Do embastido passara ao descampado.

Descobriram então os dois fugitivos na vasta margem, em sua maior parte alagada, três sujeitos armados. Haviam êles passado o rio pouco antes, e estavam apertando as cilhas das selas, e experimentando os loros, como quem se aparelhava para apostar carreira. Do outro lado, seis *tangerinos* tocavam para dentro da água uma boiada, passante talvez de cem cabeças.

— Meu Deus! disse baixinho Bernardina, tomada de sobressalto, e buscando o mais possível esconder o rosto por trás do corpo de Lourenço. Que homens serão êsses?

— Se não me engano, Bernardina, vamos ter caldo derramado; quem ali está é Pedro de Lima, Manoel Hilário e Chico Andorinha. Mas você não esmoreça, que é pior.

A rapariga quase cai do cavalo abaixo, tamanho foi o terror que estas palavras lhe causaram; mas Lourenço, depois de lhe dirigir outras palavras de animação, seguiu para diante na marcha em que ia.

— Lourenço, pelo amor de Deus, voltemos.

O rapaz já não tinha ouvidos para rogativas. Todos os seus espíritos estavam concentrados em um ponto — o grupo dos malfeitores.

Logo que Pedro de Lima reconheceu Lourenço, voltou-se para os companheiros, e disse-lhes:

— Chegou a ocasião de tirar uma desforra dêste pé-rapado. Meto-lhe a peia, e tomo-lhe a camarada.

Assim falando, o cabra, que já sabia de quanto o almocreve era capaz, em vez de pegar da peia a que se referia, segurou o bacamarte, e examinou com atenção se a escova estava enxuta.

A esse tempo achavam-se os inimigos a dez passos de distância.

— Tire já o chapéu, e apeie-se para passar por baixo da barriga do meu cavalo, pé-rapado de bôrra — gritou o bandido, pondo as pernas ao cavalo, e indo esbarrar com violência e arrogância em frente de Lourenço.

— Tu não sabes com quem estás falando, cabra ruim. Era preciso que eu me chamasse Pedro de Lima, que já apanhou com uma bainha de parnaíba na cara, ou Manoel Gonçalves, que já levou *Tunda* da mão de escravos no engenho *Cumbe*, para obrar esta ação de negro cambado.

Pedro de Lima não esperou por mais nada; levantou com a mão direita o bacamarte até à altura dos peitos de Lourenço, e ameaçando-o com uma tabica que trazia na outra mão, replicou alvoroçado:

— Se queres morrer, patife, repete o que aí diseste.

— Negro, eu te direi já com quem é que estás metido.

Firmando-se nas cordas da cangalha em que se estribava, Lourenço deu um salto para agarrar Pedro de Lima, e com a mão procurou tomar-lhe o bacamarte. A esse tempo um tiro soou, e o cardão, em que se empregara tôda a carga da arma do bandido, rolou por terra em sangue, estrebuxando.

Imediatamente Lourenço voltou-se, temendo que debaixo do cavalo agonizante ficasse Bernardina. Pôde então ver que um dos companheiros de Pedro de Lima tinha agarrado a rapariga pelos braços, e afastava-a do lugar da luta como quem queria pô-la a salvo de qualquer golpe perdido.

Quando encarou novamente Pedro de Lima, estava êste desmontado, e tinha uma espada de ponta direita na mão. O bacamarte descarregado pendia-lhe a tiracólo, pela correia. A seu lado estava também armado com uma catana Manoel Hilário, mameluco reforçado, cuja cara por si só era uma provocação de meter medo. Ambos os malfeitores caíram imediatamente sôbre o rapaz decididos a fazê-lo em postas.

Pedro de Lima não era fraco, Manoel Hilário era assassino de profissão, Lourenço era a coragem e a

fôrça no mais alto grau. A vista dos outros, poder-se-ia dizer dêle que era uma criança. As suas feições corretas e finas, a côr branca, que parecia indicar mais sentimento de paz e índole branda, a juventude, fase da existência em que se desconhecem ainda os recursos que a experiência e o traquejo do mundo sugerem e aperfeiçoam, deviam torná-lo inferior na luta de vida e morte com os dois malvados, mais velhos que êle, mais experimentados, e inteiramente familiarizados com o sangue humano pelo assassinato. Quem os visse antes de travada a briga assombrosa, pouco daria pelo jovem, tudo pelos maduros matadores; mas em pouco tempo de assistência e observação, coisa diversa se lhe afiguraria; porque a intrepidez, a temeridade, a energia muscular, a agilidade mais flexível postas em ação por Lourenço lhe davam inquestionável superioridade sôbre os dois contendores, ainda que apostados a destruí-lo e aniquilá-lo.

Como conhecessem, logo nos primeiros golpes com que Lourenço respondeu aos dêles, a sua incomparável habilidade no manejo da arma branca, trataram de metê-lo entre êles dois; Lourenço, porém, alcançando a estratégia, encostou-se ao tronco de uma ingazeira, conseguindo, por êste meio impedir que qualquer dêles o pudesse atacar pelas costas, fito principal de Pedro Lima.

A luta prolongar-se-ia por mais tempo, se o Chico Andorinha não corresse a aumentar a agressão, fazendo frente a Lourenço, enquanto os outros dois bandidos e tomavam pelos lados. Andorinha amarrara Bernardina pelas mãos com um cabresto a um tronco, para que não fugisse. Êle conhecia-a do rancho do Cipó, sabia que com ela estava amasiado o Tunda-Cumbe, e para prestar serviço a êste, por baixa adulação, resolvera levá-la à casa.

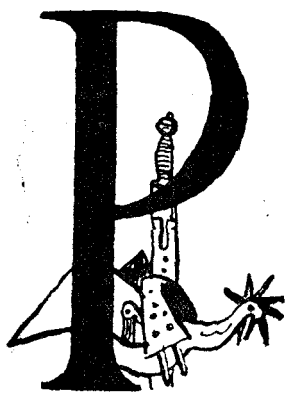
Em vão Bernardina estorcia-se e forcejava para romper a sua cadeia; em vão carpia, arrastando-se pelo chão, a sua desgraça extrema; em vão pedia socorro, em altas vozes, rogando que não matassem Lourenço, e protestando a inocência dêle.

Desta tribulação veio arrancá-la um estrupido vasto, medonho, após um tiro que ressoara na imensa solidão. A larga margem do rio estremeceu, com uma onda sonora no interior: os terremotos devem produzir o som cavernoso que saiu naquele instante do chão rudemente percutido. Quem não soubesse o que era, julgaria que um cataclismo, revolvendo as entranhas da terra, ia abrir covas profundas, goelas tenebrosas que imediatamente se iluminariam, deixando passar fogo e lavas abrasadoras. O tiro tinha sido dado por Andorinha contra Lourenço; o ruído subterrâneo não fôra produzido senão pela corrida da boiada que arrancara da beira do rio, espantada pela detonação do tiro.

Foi então tudo confusão e borborinho. O fato de arrancar uma boiada é vulgar para os que conhecem a vida sertaneja; mas sempre infunde pavor, ainda nos que melhor sabem esta feição daquela vida. Quando uma boiada arranca, uma boiada de duzentas a trezentas cabeças, pouco depois de ter deixado o pasto usual, isto é, quando está em quase todo o vigor, e não tem ainda perdido, pelo cansaço, parte das forças ganhas na vida livre do sertão, não fica incólume e ilêso o que encontra à sua frente. O chão arrasa-se, porque as moitas desaparecem e os arbustos acamam-se torcidos ou quebrados sob os seus pés. Os espinheiros ficam lisos. Onde não havia nem uma trilha, nem uma aberta, mostram-se depois entradas novas, que o homem aproveita algumas vezes. As longas cortinas de cipós pendentes das folhagens das grandes árvores, esfrangalhadas, despedaçadas, ou deslocam-se das alturas donde as suas flores namoravam o sol e o azul etéreo, e vêm alcatifar confusas e revolvidas o chão, ou, partidas ao meio, oscilam dali em retalhos que resistiram à invasão das centenas de cabeças bicornes que, através dêsses floridos cortinados com que a natureza decora os tetos e as abobadas dos sombrios paços da espessura, abriram improvisa passagem, no desespero do pânico bruto. Tudo leva de rojo a mole ambulante, na disparada. A tempestade muitas vezes não produz tantos estragos, não muda tão prontamente os aspectos da solidão.

Bernardina cosera-se com o tronco da árvore, para não ficar debaixo dos pés dos bois. Quanto a Lourenço, os seus dias parecia estarem contados. O tiro cobardemente desfechado, ferira-o gravemente em um dos ombros. O facão fugiu-lhe da mão, as pernas cambalearam, o sangue envolveu-lhe o corpo em rubra mortalha. Enfim, caído quase sem sentidos somente êle dentre os lutadores, ficou exposto a acabar sob o pêso da vaga bravia que assolava a paragem, porque os outros, não tendo podido montar os cavalos que correram espavoridos, se haviam suspendido a galhos superiores de árvores próximas, e dali aguardaram que passasse o vertiginoso soão.

X



OR alguns momentos ouviu-se, agora perto, depois mais longe, o rude bater dos chifres das reses, uns contra os outros, o som soturno que despedia de si o chão violentamente contundido pelas patas daqueles animais unidos, conchegados, conforme sóem correr em semelhantes ocasiões, o estalar dos ramos, o rechinar das fôlhas, o espadanar das lamas por onde iam êles rompendo, sem empate nem medida, no varjado esplêndido.

Restabelecidos o silêncio e a imobilidade do êrmo, os assassinos desceram das árvores, em busca do ferido. Cobardes, faltara-lhes coragem para fazerem frente aos animais alvoroçados e infrenes; tiveram-na, porém, de sobejo para correrem ao tronco de uma árvore que, com um galho baixo e curvo, sob o qual se metera Lourenço, e que os bois na corrida haviam saltado, o protegera e salvara.

— Já conheceste para quanto presto, *caneludo*, moleirão, que só tens parolas e desaforos? disse Pedro de Lima, arrastando por uma perna Lourenço ao meio da trilha onde a lama quase o afoga. Eu bem disse que êste cabra não servia para nada.

E porque, através da mutilada camisa do rapaz tomado de mortal delíquio, lhe descobriu o cinto em tôrno da barriga, imediatamente o cortou, supondo que trazia dinheiro. O que encontrou foi a luva de

couro, dentro da qual estava o papel de doação. Indignado por ter sido iludido em sua cobiça, ia cravar o facão no peito de Lourenço, quando sentiu o braço prêso por uma vigorosa mão. Viu então ao seu lado um homem, calçado de botas, vestido de prêto, com um chapéu de palha na cabeça; era o dono da boiada. Junto dêle estava um dos tangerinos e um negro, que minutos antes haviam passado o rio.

Logo que deu com os olhos no primeiro dos novos personagens, Pedro de Lima abrandou a raiva e a arrogância, mostrando-se outro que ninguém diria ser o mesmo.

— Vosmecê me perdoe, seu João Mateus — disse, em tom respeitoso ao fazendeiro. Há muito que eu tinha umas contas que ajustar com êste pé-rapado, que sempre foi muito confiado, e parecia não fazer caso de ninguém. O pior é que, cuidando que êle trazia algum *gimbo*, só encontrei no cinto magro êste papel metido num pedaço de couro velho. Parece que é um *patuá* para livrar de arma e de prisão; mas o cabra não tem fé, que o *patuá* não lhe valeu, e êle fica bem castigado.

Assim falando, Pedro de Lima passou o papel da doação ao fazendeiro que, como se vira nos caracteres ali traçados, uma escritura cabalística e maldita, deu um grito — mistura de espanto e consternação, volvendo rápidas vistas a Lourenço. Pedro de Lima e Manoel Hilário, a quem êste gesto não escapara, puseram os olhos em cima do fazendeiro, em ar de quem interrogava.

— É uma oração... Não, não é uma oração.. São palavras diabólicas as que estão aqui escritas, disse-lhe o fazendeiro. Se vosmecês soubessem ler, haviam de reconhecer que êste papel tem cousas infernais. Coitado de quem o trazia!

E com gesto nervoso despedaçou o papel, dando mostras de forte comoção, que aumentava de instante a instante.

— Mas — acrescentou logo — que querem ainda vosmecês fazer dêste infeliz? Está moribundo, se ainda não morreu. Deixem-no comigo. “Não mata-



Maximilian

rás” disse Deus, por bôca de Moisés aos Hebreus; e esta sentença é hoje um dos primeiros preceitos da Cristandade. Quererão vosmecês ainda matar a quem já está quase morto?

O semblante do fazendeiro tinha adquirido feições tão particularmente severas e tristes, que não só os dois assassinos, mas até o tangedor, companheiro daquele, se sentiram tomados de espanto.

Pedro de Lima não se demorou a responder:

— Eu não o quero mais matar. Ainda quando êle desta se levante, o que eu duvido, não teria eu mais para quem é tão mofino a minha arma, porque o ensino está dado. Só peço a vosmecê que me perdoe.

Tendo dito estas palavras, cortejou o dono da boiada com quem se despedia, e encaminhou-se para o fechado em busca do cavalo. Manoel Hilário, acompanhou-o, silencioso e cabisbaixo.

Um quarto de légua distante do lugar onde se deu êste encontro, via-se, dentro de um capão de mato que vinha morrer à beira do rio, uma casa de tacaçica, de aspecto quase claustral, que convidava ao repouso. À volta, fôra roçado vasto espaço, destinado a pequena lavoura e a criação de aves e animais miúdos. Entre a casa e o mato, do lado do sul, era um extenso curral de vacas, e ao lado do norte um curral de cabras. Logo à primeira vista, reconhecia-se que naquela situação agreste estava fundada uma fazendola de gado.

O dono desta propriedade era João Mateus, sujeito magro, de cabelos e barbas compridos, que no meio das brenhas onde se concentrara, lugar semi-bárbaro, quase inteiramente inacessível à luz das letras, levava grande parte do tempo a ler em seus livros. Tipo misterioso e incompreensível, cujo segredo ninguém penetrara. Não era casado, nem tinha família de espécie alguma, com exceção de uma negrota que lhe fazia comida, uma negra idosa que lhe lavava a roupa, e um negro de meia idade que era o seu pagem e confidente.

Levantava-se logo cedo, chamava as aves, e com as próprias mãos dava-lhes a ração de milho ou de arroz. As galinhas, os patos, os perús, os capotes, depenicavam os caroços, escarvavam o chão, soltavam as suas toadas — umas baças, outras argentinas — alegres, domésticos, mansos, amigos do seu senhor, em redor do qual se demoravam, como se, presos pela confiança, lhes custasse muito apartar-se de quem era tão bom para êles. João Mateus dirigia-se depois a um e outro curral, e passava as vistas por sôbre as reses, algumas cabras que andavam sôltas do lado de fora, iam a seu encontro logo que o avistavam, e tomadas de familiar ternura, lambiam-lhe as pernas ou as mãos, na mesma doce entrega da amizade que para o fazendeiro tinha a criação.

Nos primeiros tempos que sucederam à chegada de João Mateus, sumiram-se algumas cabeças de gado; mas depois os ladrões começaram a excluir do número das suas explorações a propriedade do velho, mudança que tinha natural explicação na caridade com que êle tratava aquela gente sem cultura, mas não sem o discernimento necessário para render homenagem à virtude, especialmente se lhe devia gratidão. Os pobres, os viajeiros, os doentes sem encôsto encontravam em casa de João Mateus abrigo paternal e piedoso.

A sua fama, porque a fama dos bons homens vai a grandes distâncias como vão os sons, invadira as cercanias, e impusera aos que antes o defraudavam, respeitosa afeição que nos últimos tempos se traduziu em estima de filhos para pai. Os próprios bandidos desenfreados não ousavam mais penetrar na fazenda do *Jatobá*, senão quando tinham de pedir com que matar as suas necessidades, nunca se apossarem, como dantes, do que lhes não pertencia. A qualquer hora do dia ou da noite, de verão ou de inverno, a porta da casa do *Jatobá* abria-se para dar agasalho a quem batia nela. Mariana — a negra, e Clara — a negota, inquiriam do hóspede se precisava de alimentos ou de remédios; os primeiros davam-lhos elas, os últimos era o ancião quem os ministrava; se o caso ur-

gia, levantava-se êle ainda que fôsse fora de horas, a fim de acudir àquele a quem os seus socorros deviam oferecer alívio. E porque as moléstias, que ordinariamente atacavam as pessoas do povo naquelas circunstâncias, eram uma dor, umas maleitas, uma *malina*, quase sempre a limitada ciência prática de João Mateus, e os remédios de que êle dispunha, bastavam a minorar senão a extinguir o padecimento alheio.

Ao passo que cuidava tão paternalmente dos outros, não se descuidava inteiramente de si mesmo. De tudo o que havia dentro das suas terras êle vendia a quem estava nas condições de o comprar; estas vendas, porém, eram feitas sem relevar mínima cobiça, nem usura da parte dêle. O ancião, que diziam ter vindo do outro do Ceará ou Piauí, comprara a fazenda do *Jatobá* nos começos da guerra. Recebendo-a muito estragada e empobrecida, dentro de um ano lhe dera aumento que a todos causava admiração. Quando alguém lhe dizia que o seu antecessor não prosperara, porque, por preguiçoso ou desmazelado, não era para andar com semelhante ramo de vida, João Mateus acudia logo, refutando êstes descaridosos conceitos:

— A razão não é esta; a razão principal é porque êle tinha talvez grande família, enquanto eu não tenho nenhuma; êle despendia talvez com incontáveis credores, doenças graves, ou largas fianças ou pequenos rendimentos; eu, graças a Deus, não tenho sentido a unha ou o dente dêstes males que amofinam tantos pais de família amantes dos seus, e dignos da consideração de todos. Não devemos fazer maus juízos dos outros, porque não há réu que não possa alegar a sua justificação ou as suas escusas.

A verdade, porém, é que João Mateus, que não possuía senão aquêles três escravos, não sentia falta, e parecia ir amoedando já alguns lucros de manso e manso. Era isto que dizia o povo.

Certa manhã, pôs-se a caminho para Goiana com uma grande boiada que ali devia vender por bom dinheiro. O vaqueiro Valentim ficara na fazenda;

com João Mateus, iam seis tangedores, entre os quais um de nome Cipriano, rapaz de excelente coração, trabalhador e sossegado. Depois que comprara a fazenda, era a primeira vez que arredava dali o pé o dono dela. Quando chegaram à beira do rio, começavam a atravessá-lo os três malfeitores que sabemos.

Os tangedores tocaram os bois para a água, e iam êstes pelo meio do rio, quando soou o primeiro tiro, o que fôra disparado por Pedro Lima; e conquanto as boiadas não arranquem de dentro da água, ficaram as reses tão espantadas, que, com a detonação do segundo tiro, quando já estavam da outra banda, deitaram a correr. Quatro dos tangedores seguiram a boiada praticando esforços, gritando aos animais, a fim de os conterem; dos outros dois, um sabedor das proezas dos malvados — deixou-se ficar com o negro ao pé do fazendeiro, para o defender se fôsse preciso: o outro — Cipriano — condoendo-se de Bernardina, correrá a salvá-la, sem que o vissem os malfeitores. Quanto a João Mateus, resolvera ir em socorro de Lourenço, parte fraca. Pôsto que o não conhecesse, a nobreza dos seus sentimentos sugeriu-lhe êste procedimento; e foi assim que se achou tão a ponto de livrar o moribundo da fúria dos bandidos.

O fazendeiro tomou Lourenço nos braços com especial expressão de dó. De instante a instante escapavam-lhe dos lábios palavras repassadas de mágoa e aflicção:

— Meu Deus! meu Deus! Quem havia de dizer que seria êste o seu destino? Está acabado. Sòmente a misericórdia divina o poderá salvar.

Com o auxílio do tangedor e do negro, conduziu o enfêrmo para um lugar mais alto, aonde as águas do rio não tinham podido chegar, e em panos que trazia na maleta prêsa à garupa, tomou-lhe os golpes, e enxugou-lhe o sangue.

Ali estêve com êle enquanto o negro e o tangedor improvisavam uma balsa para transportá-los à outra margem. Enfim, antes do meio-dia, Lourenço ocupava o melhor aposento da casa da fazenda.

Por muitas horas estêve sem fala. João Mateus já sentia desampará-lo a última esperança de salvar aquela vida, quando Lourenço, depois de um ai que lhe arrancara a dor dos ferimentos, perguntou:

— Bernardina? Onde está Bernardina?

— Estou aqui, Lourenço.

A rapariga estava, de fato, à cabeceira do moribundo. Cipriano pudera salvá-la, metendo-se pelo mato, por fugir aos bandidos, no momento em que êstes falavam com João Mateus, tomando depois atalhos que lhe eram usuais, descendo à margem do rio cêrca de um quarto de légua abaixo do lugar do conflito, atravessando as águas, e enfim levando-a à fazenda onde presumia já estar o ferido.

Junto de Bernardina, João Mateus tinha as vistas prêsas em Lourenço. Um dos ferimentos era profundo e mortal; requeria tôda a atenção e cuidado. Por isso, aquêles dois entes, que parecia dedicarem igual afeto ao doente, não consentiam em deixá-lo entregue sòmente a si.

Por volta de meia-noite, taciturno, pálido, os olhos encovados, João Mateus mandou que a rapariga o deixasse só com o enfêrmo. Ela obedeceu, levando os olhos cheios de lágrimas.

Na sala da frente havia um oratòriozinho com alguns santos. Estava aberto; um candeeiro de metal esclarecia-o com sua luz amarelenta, quase lúgubre. Bernardina ajoelhou-se diante dos santos, e fêz uma promessa a S. Sebastião, que se via prêso a uma árvore, tendo o corpo frechado, segundo reza a crônica, por selvagens. Feita a promessa, a rapariga retirou-se, cheia de esperança e fé, ao interior da casa.

Enquanto esta cena de piedade, que estava no espirito daqueles tempos, e ainda hoje se pratica no seio de muitas famílias, se passava na sala, o fazendeiro, levado por idêntico sentimento religioso, propunha no quarto ao enfêrmo a confissão, nestas palavras:

— Lourenço, poderás confessar-te?

Abrindo os olhos a custo, o matuto respondeu com voz pesarosa:

— Quem é que me há de confessar?

— O que te pergunto — retorquiu o fazendeiro, é se podes cumprir êste dever de todo bom cristão.

— Posso e desejo, porque sei que desta não hei de escapar.

O fazendeiro levantou-se, puxou a porta do quarto contra si, deu volta à chave, e tomou por uma portinha que parecia estabelecer secreta comunicação com o aposento contíguo. Era neste que êle tinha em bom recado os seus livros e outros objetos que muito zelava. Ao cabo de alguns minutos estava de volta à alcova, e dizia ao enfêrmo:

— Lourenço, os teus desejos vão ser satisfeitos.

Lourenço abriu novamente os olhos. À sua cabeceira achava-se um padre com a vestimenta negra e tala. Procurando com as vistas, à luz do candeeiro que alumia a alcova, o fazendeiro que acabara de falar-lhe, não o encontrou. Voltando-as depois ao padre, e parecendo reconhecer nêle um antigo conhecido:

— “Seu” padre Antônio! exclamou espantado.

— Tu me reconheces? respondeu o fazendeiro, que não era outro senão o padre Antônio de Mariz.

Lourenço, sem se poder dominar, tentou um esforço para levantar-se. Estendeu os braços como quem queria prender entre êles o sacerdote; mas, faltando-lhe as fôrças, recaiu em mortal prostração, banhado de sangue.

O padre, porém, foi em seu auxílio. Inclinou-se sôbre o enfêrmo, e pegando-lhe em uma das mãos, inquiriu brandamente:

— Que queres de mim, Lourenço?

— Que quero? tornou o moribundo. Quero agradecer a sua bondade, “seu” padre. Estou para morrer, mas ainda me lembro do que vosmecê me fêz no Cajueiro, do ensino que me deu, e das terras e casa...

E como se estas palavras lhe avivassem uma lembrança obliterada inteiramente, procurou, ainda que com dificuldade, na cintura, o cinto de algodão que sempre trazia consigo.

— Os ladrões até me tiraram o papel... o papel que vosmecê, “seu” padre, deixou em mãos de minha mãe... Roubaram o meu papel...

— O teu papel agora, Lourenço, é o que cumpre a todo bom cristão. Estou pronto a ouvir-te.

Terminada a confissão, o padre dirigiu estas palavras ao penitente:

— Se Deus se lembrar de ti, e te sarar, imponho-te que a ninguém reveles o meu segredo.

— “Seu” padre, a ninguém direi quem é vosmecê; mas meu coração estará a dizer-me, a todo instante, que vosmecê é “seu” padre Antônio, aquêlê que me ensinou a ler, que me deu muitos conselhos, que ajudou meus pais a fazerem de mim gente, que me deu a casa e as terras do Cajueiro, que tem sido para mim um segundo pai.

— Lourenço, o padre Antônio fugiu, e ninguém sabe onde êle se meteu. Quem está aqui, neste homem que vês, de barbas e cabelos compridos, magro, taciturno, mas conformado com a sua sorte, é o fazendeiro João Mateus. Estás ouvindo?

— Pode vosmecê descansar.

— Agora pega-te com Deus, e repousa.

Desaparecendo na porta que dava para o aposento secreto, o padre foi dizendo consigo estas palavras:

— Podes agora comparecer perante o Supremo julgador dos homens. O teu dever de cristão e o meu de sacerdote estão cumpridos.

Lourenço, porém, não estava destinado a acabar obscuramente, no seio daquela solidão agreste de poucos conhecida. Dentro de algumas semanas, graças à solicitude do padre e de Bernardina, começou a sair da região da vida que parece pertencer aos domínios da morte, tão confuso e sombrio é o seu horizonte, tão longo o crepúsculo que aí reina. As forças voltavam-se lentamente, por fios tenuíssimos

ao princípio, por mais grossos canais depois, que lhe traziam ao coração e ao cérebro a riqueza do seu antigo ânimo.

Uma manhã, o padre, que penetrara a forte inclinação de Lourenço por Bernardina, levantou-se muito cedo, como de costume, e encaminhou-se ao curral das vacas, onde encontrou já Cipriano tirando leite. Imediatamente mandou chamar Bernardina para ajudar o vaqueiro no serviço.

Logo que chegou a rapariga, disse o padre a Cipriano:

— Dize-me cá uma cousa, Cipriano: que idade tens?

— Vou fazer vinte e dois anos.

— É uma idade casadoura, e não sei por que ainda estás solteiro.

— Como me hei de casar? O que eu ganho, mal chega para mim e para minha mãe.

— Não seja esta a dúvida. Tens-me prestado muitos serviços, e eu não desgosto de ti, porque és bom rapaz. Venho em teu auxílio. Procura uma rapariga que te agrade, que te darei gado e terras bastantes para principiares uma fazendola.

Cipriano, que nesse momento batia no ubre de uma vaca a fim de chamar o leite, ergueu-se e pôs os olhos no seu interlocutor, como quem perguntava se nas palavras proferidas estava uma promessa real e séria.

— É o que te digo — retorquiui o padre. Procura uma consorte. Mas parece que em tôda esta redondeza não encontrarás nenhuma. Verdade seja — prosseguiu — que para êste inconveniente teríamos um remédio ao pé de nós. Olha lá. Tu salvaste Bernardina das unhas dos bandidos, atravessaste com ela os matos e o Tracunhâem, expuseste por ela a tua vida em terra e nas águas, porque o Andorinha, tanto que deu pela falta, entrou a rastejar a fugitiva, para ver se a descobria. Ora, à vista de tanto risco que correste, de tanto esforço que puseste em salvar esta menina, justo parece que ela sinta por ti, senão afeição, ao menos qualquer inclinação, que

possa vir a ser no futuro um respeitável amor conjugal. Que dizem vocês?

Não disseram uma palavra sequer o rapaz nem a rapariga.

O padre, porém, conheceu que as suas palavras tinham tido o efeito que êle calculara.

— Não se vexem com isto — tornou. Pensem no futuro que lhes ofereço, e que Deus há de abençoar. Amanhã a esta hora e neste lugar dar-me-ão a resposta.

E retirou-se, deixando Cipriano e Bernardina no trabalho de ordenhar as vacas.

Tanto que o padre Antônio deu o andar, Bernardina disse, a meia voz:

— Não pensei que seu João Mateus me chamava para me fazer esta entrega.

Cipriano acudiu logo:

— Para que você diz isto, sinhá Bernardina? Êle nos quer bem. Se não quisesse, êle não propunha êste negócio.

— Mas êle sabe se eu quero casar com você?

— Êle não sabe, nem eu sei. Mas a intenção é tão boa para você como para mim. Lá a você não querer casar comigo, é outro caso.

— Pois eu não quero casar com você, não, seu Cipriano, disse Bernardina com disfarce.

Cipriano não respondeu.

E porque tinham acabado o serviço, cada um se encaminhou para a casa com sua panela cheia de leite.

Logo depois, encontrando-se o vaqueiro com Bernardina, junto do chiqueiro das cabras, disse-lhe estas palavras:

— Pense no que faz, sinhá Bernardina. Olhe que manhã bem cedo tem de dar a resposta a seu João Mateus.

— Eu já sei que resposta hei de dar.

— Qual é?

— Que quer saber?

— Quero, sim, porque tenho meu interêsse aí também.

— Pois amanhã saberà, e talvez o seu interêsse tenha a sorte de ovo gôro.

E fugiu para dentro da casa. Mas antes de anoitecer de todo, teve ela de ir ao poleiro a buscar uma galinha para Lourenço; e quando se aproximava do jirau onde as galinhas dormiam, viu tomando chegada, um vulto que veio para junto dela. Era Cipriano, que, segundo indicavam as aparências, não pensara em outro assunto durante o dia, senão no casamento, e andava rondando a rapariga.

— Então, sinhá Bernardina, que decide voce? perguntou êle, pegando, de surprêsa, da mão da filha de Vitorino.

A rapariga estava triste. Em lugar da natural vivacidade, que não perdiam nos mais arriscados transes, tinham seus olhos uma expressão de mágoa íntima. Em seu espírito operara-se uma revolução, cruel e devastadora. O padre Antônio chamara-a depois do almoço, e tivera com ela uma larga conferência.

— Menina, dissera êle, seja qual fôr o favor que a sorte lhe tenha guardado no futuro, não se pode duvidar que o seu casamento com um rapaz de bons sentimentos, e de costumes ainda melhores, fôra a maior felicidade, e você não a deverá recusar. Você não conhece Cipriano, mas eu dou testemunho das suas excelentes qualidades. Em tôda esta redondeza não há nenhum que possa ombrrear com êle na diligência, no trabalho, e no bom coração. Não é de hoje que eu o tenho ao meu serviço. Enfim, basta que eu lhe diga, se Cipriano não fôsse digno da minha benevolência, eu não lhe daria o que prometi. E o que mais deseja você, minha filha? Melhor marido posso quase assegurar-lhe que em vão procurará no mundo. Demais, minha filha, você teve a desgraça de lhe haverem roubado o único tesouro que traz como dote a filha do pobre. Aceite portanto a minha proposta. Se Cipriano a quiser para mulher, não enjeite a felicidade.

O vaqueiro não era mal parecido. Bernardina sentia até por êle inclinações vagas, que se não fôs-

sem as condições que a ligavam a Lourenço naquele momento, poderiam ter-se convertido talvez em amor. Quando o vaqueiro cortou com a sua faca de campo a corda que lhe apertava os pulsos, e a prendia ao tronco da árvore, ela sentiu-se tão grata ao moço por esta ação, filha da sua coragem e da sua caridade, que não teve expressões para manifestar exatamente quanto ficara cativa dêle.

Arrancando-a, para que assim o digamos, das mãos do perverso, êle não a livrara somente do Tunda-Cumbe, cujo despotismo já não podia sofrer; êle seguira com ela através de matos, atravessara águas impetuosas, e sem o menor indício de a querer aviltar, trouxera-a respeitosamente até à casa da fazenda. Por muito menos têm-se visto acender-se paixões imortais; e tudo leva a supor que no coração da matuta alguma dessas sublimes paixões teria origem, se não se interpusesse entre o vaqueiro e ela o vulto de Lourenço. Êste vulto era simpático à menina por mais de um motivo. Ela conhecia Lourenço desde a sua infância e votava-lhe afeição fraternal, quando foi roubada pelo Tunda-Cumbe.

O sentimento fraternal não era contudo o que ela aninhara no coração depois que Lourenço, revelando a sua paixão, dera mostras de lhe dedicar especial afeto. A rapariga pouco e pouco habituara-se a querer bem ao rapaz de modo diferente. Em sua longa enfermidade êsse bem aumentara. A dor aproxima as almas irmãs. Ela sofria com o sofrimento da vítima.

Ao princípio escrupulizara amar Lourenço. “Lourenço pertence a Marianinha”, dissera-lhe a consciência em sua linguagem muda, imperiosa. Mas depois, com os cuidados que se julgava obrigada a prestar, e de feito prestara ao rapaz em sua longa doença, a voz íntima fôra pouco a pouco abafada pelo sentimento nascente: e êste resultado chegara a tal ponto que o sentimento avultara, se tornara fôrça quase invencível, e a consciência, pôsto que nunca inteiramente vencida, transigira por último.

O amor contrariado torna-se indagador e discutidor. Bernardina, antes de responder ao fazendeiro, pensara o caso.

— Que interêsse tem seu João Mateus em me ver casada com Cipriano? Êle não é seu filho, não é seu irmão, não é seu parente, não é nada seu: donde vem êste empenho? Eu bem estou vendo que o casamento não é mau, e até não desgosto de Cipriano, que não é feio, é trabalhador, e tem o gênio muito brando. Também estou vendo que a minha pouca sorte, entregando-me a seu Tunda-Cumbe, aumentou a minha desgraça. Mas quem sabe se assim como fui desgraçada com Tunda-Cumbe, não poderei vir a ser feliz com outro homem que não seja Cipriano? O melhor é dizer a verdade a seu João Mateus, já que êle não compreendeu ainda que eu gosto de Lourenço e Lourenço gosta de mim. O melhor é dizer-lhe que eu quero bem a Lourenço, e que só com êle me casarei.

De acôrdo com esta ordem de idéias, a rapariga deu ao padre Antônio a resposta seguinte:

— Eu não quero casar-me aqui. Lourenço, quando me tirou do rancho do Cipó, foi me levar para a companhia de minha mãe. Se estou aqui, é porque tivemos a desgraça de encontrar-nos com malvados que nos quiseram matar, e a Lourenço deixaram por morto. Esta é a verdade que estou dizendo a vosmecê. Agora, se eu me quisesse casar, então seria com Lourenço, que me conhece, e que é meu conhecido desde menino.

O padre, que não contava com esta resposta, pôs olhos penetrantes em Bernardina, como quem queria ler todo o passado em seu semblante. Ignorando o como compromisso que Francisco tomara para com Marianinha, ficou supondo, por estas palavras de Bernardina, que êsse amor que êle tratava de extinguir, tinha as suas raízes nos corações dos dois jovens desde os seus primeiros anos. A suposição fê-lo por momentos considerar mais difícil do que ao princípio lhe parecera, impedir o consórcio; mas tirando argumentos do que acontecera à rapariga, retorquiu:

— Quaisquer que forem as relações que liguem você a Lourenço, minha filha, o seu casamento com ele me parece altamente inconveniente, para não dizer impossível. Eu tenho amplo conhecimento da vida de Lourenço. Se, pela parte que Lourenço tem tomado pela nobreza, já lhe é muito arriscado, não obstante ser solteiro, viver em Goiana, agora, que ele foi tirar a menina do poder do feroz chefe dos bandoleiros do norte, a sua estada lá, tendo em sua companhia a menina, seria a mais direita provocação à vingança dêsse chefe, e, pelo estado atual das coisas, Lourenço seria irremissivelmente vencido. O homem que a levasse em sua companhia para Goiana, expôr-se-ia a morrer. Você, voltando à casa de sua mãe, pode ter desde já a certeza de ser novamente tirada por Tunda-Cumbe. Sòmente longe dos lugares, onde êsse bandoleiro dormia despòticamente, poderá ter alguma tranqüillidade. Ora, estas paragens estão nesse caso; mas Lourenço está impossibilitado de procurar abrigo nelas, porque a sua família, as suas amizades, os seus benzinhos lá é que se acham, e pode-se dizer que de lá não podem ser deslocados. Seja, pois, cordata, e não enjeite a felicidade que se lhe oferece; Cipriano é de um natural muito estimável, eu conheço-o de há muito, e folgaria de o ter casado aqui, ao pé de mim. Deixe Lourenço seguir o seu destino. Seus pais já não são crianças; mais dia menos dia, hão de precisar dos serviços e amparo do filho. Estou informado de que a mãe e a irmã da menina vivem com a mãe de Lourenço; é portanto de presumir que elas, a quem roubou o unico protetor aquêle que a você roubou a honra, participem da proteção que Lourenço tem para a mãe. Dê você uma prova de benevolência para sua mãe e sua irmã, não sendo causa, quando por outra razão não seja, ao menos em atenção ao bem-estar de ambas, para que se aparte da companhia delas aquêle de quem hoje tudo esperam.

Estas palavras exprimiam tão exatamente a verdade, que Bernardina não teve que retorquir ao padre, em resposta. Inclinou a cabeça, cravou as vistas no

chão, e dali a pouco as lágrimas começaram a apontar-lhe nos olhos.

— Não chore, minha filha — disse o padre Antônio. Você ficará morando aqui ao pé de mim. Do que eu comer, vocês hão de comer também. Servir-me-ão de companhia neste deserto, e eu guialos-ei na vida, cujos caminhos são tão difíceis e enredados. Em Deus fio que havemos de ter aqui a tranqüilidade de espírito, e paz do Senhor, que em vão se buscaria nessas terras, que o vento da anarquia tem revolvido, e continua a revolver.

O padre, como se considerasse vencida a dificuldade do lado de Bernardina, encaminhou-se para o quarto onde estava Lourenço; era preciso destruir ali outro obstáculo, porventura mais forte que o primeiro. Mas, sem desanimar, antes fortificado com a vitória ganha, êle tinha quase por certo que igual vitória ganharia. Refletiu alguns instantes em silêncio antes de penetrar no aposento do enfêrmo.

Lourenço estava sentado na cama, quando o padre entrou.

Pensava precisamente em Bernardina, em quem o seu espírito andava absorvido.

Tinha terminado a primeira refeição, e ficara encostado à parede, os olhos voltados para a natureza que, pela janela, nesse momento aberta, se lhe mostrava fresca, esplêndida e magnificente.

— Há quantos dias estou na cama? perguntou êle ao padre.

— Há talvez, umas cinco semanas.

— Estou doido por me levantar. Tenho muitas saudades da minha vida do campo.

— E dos teus não te lembras?

— De minha mãe me lembro a tôda a hora. Não vá ela cuidar que já morri por aí além.

— E é natural que não seja outra a sua idéia.

— Coitada! Quantas lágrimas não terá derramado por mim!

— Não te amofines por isso. Vejo-te quase são; em breve hás de levantar-te. Tanto que puderes montar a cavalo, bom será que não retardes a tua

volta. Deves encurtar a aflição da pobrezinha e das outras que com ela vivem hoje.

— E' verdade. Sinhá Joaquina e Marianinha hão de pensar também muito em mim.

— Mas a estas terás uma boa nova que levar. Quanto souberem que Bernardina está viva, e fica amparada... E' verdade: devo dizer-te que Bernardina, que parecia estar condenada a trazer os olhos sempre inclinados para o chão pela sua desgraça, dentro em pouco tempo será digna de entrar em qualquer casa de família sem sentir o sangue subir-lhe às faces, ou sem o fazer subir às faces das donzelas e das damas honradas.

— Que quer dizer com isto, "seu" padre? inquiriu o rapaz, inquieto e como espantado.

— Bernardina casará dentro de algum tempo com Cipriano.

— Bernardina! exclamou Lourenço violentamente, como se lhe tivesse caído junto um raio. Pois Bernardina vai casar-se?

— Não te comovas tanto, meu filho. Condoendo-me da infeliz rapariga, procurei-lhe essa união, que Deus há de abençoar.

— E foi vosmecê "seu" padre, quem lhe arranjou êsse casamento?

— De que te admiras? Cuidei que esta notícia, em vez de te causar escândalo, fôsse origem de muita satisfação para ti. Cipriano tem uma parte nestas terras, e tantas cabeças de gado quantas forem bastantes para situar, ao lado desta, outra fazenda. Pareceu-me, Lourenço, que nenhum outro partido tão favorável se poderia oferecer a essa menina, de quem a sorte tem feito juguete.

— E Bernardina, "seu" padre, e Bernardina casa-se por gôsto?

— E por que não se há de casar por gôsto? Em que parte acharia ela tão bom marido? Em Goiana, onde conheceu o seu infortúnio, e onde não pisará sem expor a mil perigos a sua vida e a do homem que a levar em sua companhia?

— Meu Deus! meu Deus! como as coisas se armam! exclamou Lourenço, profundamente abalado. Eu cuidei que Bernardina...

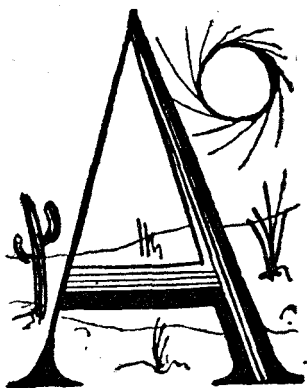
Lourenço não pôde acabar.

A luz fugiu-lhe dos olhos. A razão perdeu-se-lhe em um mar de conjecturas. Caiu sem sentidos sôbre o leito.

Correndo a socorrê-lo, o padre Antônio dizia, a meia voz, como quem respondia a uma interrogação ou exprobação íntima:

— Antes quero vê-lo morto do que ligado a uma mulher que o não mereça.

XI



INDA hoje o sequestro é um grande mal, não obstante suavizado pelos principios novos, mal que até nos indiferentes, que o vêem realizar-se produz vexame: pacientes há que à dor da vergonha, preferem o suicídio.

A justiça entra pelas casas estranhas, e, como se foram dela, apreende bens ali que os donos não deixariam passar, contra a sua vontade, ao poder de outrem, sem defesa ou resistência formal, não raro ensanguentada. A justiça procede assim, fria, inexorável, algumas vezes arrogante, sempre hirta. Em certos casos, talvez não cumpra o seu ofício com os olhos enxutos; mas, dado que isto aconteça, como ter uma prova da sua piedade, se a justiça traz nos olhos uma faixa que os vela? A verdade é que a justiça não chora nunca, não tem coração, não tem entranhas; a justiça não tem o direito de chorar, direito vulgar que pertence a todos, até ao que não tem direito nenhum.

Era, ao menos, assim a que em Goiana, quando na fazenda do *Jatobá* se passavam os acontecimentos que sabemos, invadiu, com surprêsa dos moradores o engenho Bujari, onde haviam feito estada a aflição e o luto, desde que ali se teve notícia do falecimento do sargento-mór.

Acompanhado da fez do fôro venal, parcial, ou vingativo, o official público, incumbido da execução,

não chegou à sala da casa trazendo a compostura, ainda que severa, da linguagem da lei, chegou ali, precedido por insultadores canalhas, quadrilheiros afeitos a conspurcar a modesta majestade das famílias desamparadas, e a assenhorear-se do que nos lares desprotegidos encontravam agradável à sua cobiça; chegou ali trazendo carranca e esgares pavorosos, pelos quais se podia aferir a sua brandura, ou antes, a sua intenção. Bastará dizer que faziam parte do séquito o Tunda-Cumbe e o Pedro de Lima, nunca assaz execrados bandidos do rancho do Cipó.

Os insultos ignóbeis, as zombarias torpes não tiveram fôrça para vencer o espírito da jovem viúva. Em vez de se abater com esta face da sua adversidade, colheu ela novos alentos da aspereza do transe, primeiro tão rude por que passava.

Dois escravos, únicos que no engenho restavam da avultada fábrica, inveja de muitos vizinhos, e que, vendo aproximar-se o bando, tentaram a fuga, quase pagam com a vida esta dedicação à senhora de engenho. Animais, móveis, jóias tudo quanto representava qualquer valor, foi irremissivelmente seqüestrado. O sargento-mór, embora falecido, estava indiciado em crime de primeira cabeça; todos os seus haveres deviam ser confiscados para a coroa, nos têrmos da tenebrosa Ord. do Liv. 5.º. Era isto o que dizia o executor, era isto o que repetiam, vociferando irados, os sequazes, dignos daquela legislação de sangue e rapina, que os tempos justificavam, mas não enobreciam.

Logo que recebeu a intimação para despejar o sobrado, D. Damiana, voltando-se ao santuário, que ainda se via em cima de uma mesa, pôs os olhos na imagem da sua devoção, e, traíndo a amargura que lhe ia na alma, disse:

— Para onde hei de ir, Virgem da Conceição?

Uma resposta amiga não se fêz esperar:

— Para minha casa, sinhá D. Damiana, para minha casinha, que há de ter muita honra em recebê-la.

A senhora de engenho, enternecida, caiu nos braços de Marcelina.

— Bem sei — prosseguiu a cabloca — que ela, à vista dêste palácio, não merece nem que vosmecê volte para ela os olhos; está na mesma esteira dos mucambos dos negros fugidos... Mas terá lá uma escrava para olhar por vosmecê, e dar-lhe água para os pés.

— Havemos de ver — disse um dos da multidão — havemos de ver até quando durará êste amparo reles.

— Há de durar até quando vosmecês quiserem — respondeu, sem titubear, a cabocla. Eu sei que nada do que é meu me pertence contra a vontade de vosmecês.

— Marcelina, por piedade, cala-te — disse D. Damiana, receando-se de roubarem aquêle mesmo cantinho obscuro onde podia repousar a cabeça, depois de haver chorado livremente os seus males.

— Pois, já que têm onde se metam, ponham-se no andar da estrada sem demora. Tudo o que está aqui pertence a el-rei, tirado antes o que deve caber aos credores do nobre senhor falecido.

Era, em têrmos irônicos, a intimação para que saíssem as duas mulheres.

D. Damiana ergueu-se imediatamente. As roupas negras, realçando-lhe a palidez do rosto, davam-lhe aspecto senhoril, em que ainda falava a altivez de outrora.

Relanceou os olhos por sôbre os móveis que decoravam a sala, e dos quais ela ia apartar-se para sempre.

Dando as suas vistas, no rápido percurso, com o oratório, pousaram aí um momento, e dos lábios lhe saíram, sem que as vistas se afastassem, estas palavras:

— E as minhas imagens também me são arrancadas das mãos?

— Tudo o que existe no engenho, de porteiros para dentro, pertence à coroa, respondeu o oficial que dirigia a execução judicial. De tudo o que os rebeldes deixam, as suas viúvas sòmente herdam a má fama.

— Vamos, Marcelina, disse D. Damiana, com decisão, voltando-se à cabocla.

E caminhou-se à porta, por entre a turba, que, sem intenção, se abriu, a fim de lhe dar passagem. Por algum tempo aquêles homens, ordinariamente bulhentos, não tiveram uma palavra das suas grosseiras e banais chacotas com que menoscabarem a solenidade de tão aflitivo momento.

Chegando em baixo, Marcelina disse à senhora de engenho:

— Se pudéssemos tirar um cavalo da estrebaria... Daqui ao Cajueiro é longe para vosmecê, sinhá D. Damiana. Como é que há de romper tanta distância a pé?

— Vamos assim mesmo, Marcelina. Nem êles nos deixariam tirar qualquer cavalo, nem os cavalos me pertencem mais. Vamos a pé. Havemos de chegar lá, ainda que seja com a noite, ou a madrugada. Demais, o Cajueiro não é tão longe, como dizes. Daqui a uma hora, quando muito, estaremos lá.

A vida de D. Damiana no Cajueiro, ao princípio passada de amarguras quase incorporáveis, foi perdendo pouco a pouco os travos dos primeiros tempos. Não se demorou a resignação, devida em grande parte às consolações ministradas por Marcelina, que fazia tudo por adivinhar os pensamentos da sua nobre hóspede.

Uma vez, depois de certa fineza, a viúva falou nestes têrmos à cabocla:

— Marcelina, tu não nasceste para viver na pobreza; tu devias ser muito rica, e viver em palácio, tão nobre és nas tuas ações.

— Quer vosmecê que lhe diga uma coisa, sinhá D. Damiana? Dentro das casas de palha, na gente pobre, encontra-se muito bom coração.

Era a voz do povo que se erguia, sem floreios, em linguagem trivial, para responder à voz da nobreza vencida, mas não convencida.

A história da aludida fineza conta-se em poucas palavras.

Dois dias depois de estar no Cajueiro, a viúva de João da Cunha travou com ela, a mulher de Francisco, o seguinte diálogo:

— Eu sei — disse Marcelina — que vosmecê não passa bem aqui. A casinha é pequena, e não é digna.

— Muda de conversa — respondeu-lhe D. Damiana. Que é que me falta? Vim até encontrar aqui a tranqüilidade e consolação que haviam fugido da casa grande.

— Vosmecê me perdôe, mas eu bem vejo as coisas. Por sua honra, vosmecê diz que está muito bem; mas, pela minha também eu hei de dizer o que conheço.

— Estou muito bem, sim.

— Pois se está bem, pode ficar melhor; e isto é o que eu quero dizer. Vosmecê pode mudar de casa, sem ir para muito longe; ficará tão perto daqui que, chamando por mim, eu daqui mesmo ouvirei a sua voz.

— Como há de ser isso então?

— Eu estive pensando ontem de noite, e achei o que queria. Lembrei-me de que tenho em meu poder a chave da casa de seu padre Antônio, que fica ali, do outro lado da estrada. E' uma casinha bonita, limpinha e boa. Vosmecê sabe melhor do que eu que ela foi dada a seu padre por seu sargento-mór.

— E está sem morador?

— Está, sim, senhora. Na véspera de fazer a viagem, que ninguém sabe onde foi, seu padre Antônio disse-me estas palavras, que nunca mais hei de esquecer: “Como é possível que no lugar para onde vou, tenha de entregar a alma a Deus, peço-te, Marcelina, que olhes por tudo o que é meu, a minha casa, a minha criação, as minhas plantaçõezinhas, de que levo tantas saudades”. A estas palavras, acrescentou êle estas outras: “Se eu morrer por lá mesmo, podem vocês dispor de tudo o que lhes entrego; sejam meus herdeiros; mas, enquanto não tiverem certeza do meu acabamentoo, tratem de minha casa como bons vizinhos e amigos”. Eu não tenho certeza de seu padre ter morrido, e Deus queira que êle tenha ainda muitos anos de vida, e muito breve esteja de volta ao Cajueiro, a que deu tantos aumen-

tos com a sua presença; mas, enquanto êle não chega, sua casa há de estar se enchendo de aranhas e de ratos, não é melhor que esteja servindo a quem já foi dono dela e das terras onde ela está, e que já morou e ainda há de morar em ricos palácios?

D. Damiana achou caminho na proposta, e aceitou-a com reconhecimento. E para que tudo saísse à feição, uma preta idosa, muito pegada com a viúva, e que fugira para o mato, por certo desgosto no engenho, vindo a saber as condições em que estava a senhora, apareceu no Cajueiro logo depois da mudança desta para ali, onde aquela ficou. Com a nova companhia, D. Damiana passou-se para a casa do padre, continuando Joaquina e Marianinha a morar junto de Marcelina, na palhoça que fôra levantada entre a lagoa e a casa queimada.

Estavam as coisas neste pé, quando uma noite, por volta de oito horas. D. Damiana, ainda não recolhida ao seu quarto, sentiu ruído de pisadas por perto da casa. Tinham-lhe dito que, sabedora de estar com ela ocultamente a escrava Felícia, a autoridade viria tirá-la às escondidas do seu poder, a fim de adjudicá-la, como os outros bens, à coroa. Novos dissabores e novas inquietações para a infeliz viúva.

Era aquêle o único benzinho de que estava de posse; era todo o seu haver. E porque na atualidade os serviços da escrava valiam pelo de cem escravos para a senhora de engenho, a idéia de lha tirarem trazia-a sobressaltada e agoniada.

Por isso, ouvindo as pisadas já ao pé da casa, correu à cozinha em busca de Felícia. Esta não se achava ali, e a porta que dava para fora estava aberta.

Tomada de exaltação momentânea, sem medir a gravidade do passo, a senhora de engenho ganhou o terreiro, resoluta a disputar a prêsas ao roubador que, valendo-se das trevas e do êrmo, viera, com emboscada, despojá-la do último possuído.

Junto da porta estava, de pé, um homem que parecia indagar, com as vistas, cautelosamente, se havia alguém dentro. Vendendo-o só, a viúva, como se

cohrara novos ânimos, encaminhou-se apressadamente até onde elle estava, e falou-lhe com veemência nervosa:

— Senhor, quero a minha escrava, quero a minha escrava. E' o unico bem que me resta; todos os ãmais levaram em nome de el-rei; mas ella, não consentirei que a levem. Preciso de uma escrava para o meu serviço. A justiça deve estar satisfeita com a prata, os brilhantes, os móveis, os bens de raiz e até os santos de que me privou, quando eu dêles mais necessitava para minha consolação. Faça de conta que Felícia já não existe, ou anda fugida. A única súplica que faço à justiça de Goiana é que me deixe a minha negra.

Estas palavras foram um raio de luz no espirito do desconhecido, que, a modo de espanto e confuso, nenhuma palavra dirigira à agoniada senhora. Em lugar de afastar-se correu para ella, como quem queria tomá-la nos braços.

Este gesto atemorizou a viúva, que só então pareceu medir o alcance da sua temeridade.

Faltou-lhe inteiramente a coragem, para sustentar o seu papel. Quis correr, mas entrara tanto pelo terreiro que, quando com os olhos buscou a porta da casa, viu entre esta e ella, o desconhecido, que se adiantara e se aproximava cada vez mais, fazendo menção de a querer cingir com os braços.

— Não corra, não corra de mim, sinhá D. Damiana.

Foi tarde. Temor pânico tomara a gentil senhora, e após o temor viera o delíquio. Se o desconhecido a não amparasse, se a não sustentasse contra o peito, ella daria com o corpo em terra, tamanha fôra a exaltação que lhe esgotara os poucos alentos deixados pelas adversidades recentes.

O desconhecido era Lourenço. Acabava de chegar da fazenda do *Jatobá*. Deixara o cavallo prêso pelas rédeas no fundo do sítio e viera, pé ante pé, cauteloso, para não ser visto, a fim de atravessar incólume a estrada e ganhar o lado oposto. Contando com o sítio desabitado, tomara por elle para maior segurança; mas, vendo aberta a porta da co-

zinha, e pressentindo morador dentro da casa, por curiosidade ficara a espiar, quando saiu D. Damiana, que de modo nenhum o pudera reconhecer, não só porque estava longe de o supor tão perto dela, mas também porque era de noite, conquanto esclarecida por tibio luar, e especialmente porque estava Lourenço trajado muito diversamente do costume, pois trazia chapéu de palha fina, burjaca preta, calças de ganga, botas de polimento, onde retiniam esporas de prata; numa palavra, Lourenço não era mais o matuto chão, descalço e vulgar como quando fugira de Bujari para não cair nas unhas do Tunda-Cumbe.

Tôda esta transformação, como bem se compreende, era devida ao padre Antônio que, na hora da partida, brindara ao filho com aquêlê fato novo, o cavalo mais forte que tinha, o selim e arreios do seu uso, alguns trajos caseiros que chegavam exactamente no rapaz, e um cartucho de moedas de prata, não sem recomendar-lhe primeiro que fôsse tratando de se apresentar mais dignamente, para que tivesse a consideração dos homens de bem; que deixasse a vida errante, e se empregasse em trabalhos estáveis; que fugisse de batebarbas com quem quer que fôsse enfim, que se desse a respeito para que qualquer malfeitor não se julgasse no caso de lhe fazer o que os três malvados haviam praticado com êle semanas antes.

— Se tu não andasses com mulheres dos outros na garupa, não havia de acontecer o que te aconteceu.

Por último, disse-lhe o padre Antônio:

— Até aqui, tenho sòmente tratado de ti; quero agora dar-te umas instruções que se ligam com o meu interêsse. Ainda uma vez te encomendo, Lourenço, que a ninguém, exceto Marcelina, te suceda declarar o verdadeiro nome dô dono desta fazenda. Não quero fazer juízo temerários; mas uma vez íntima, talvez a voz de Satanaz, está a dizer-me que, se os frades de Goiana forem sabedores da minha estada nestas paragens, são capazes de mandar tirar o restante da minha inofensiva existência, sòmente porque não consenti em prestar-me a auxiliá-los nos

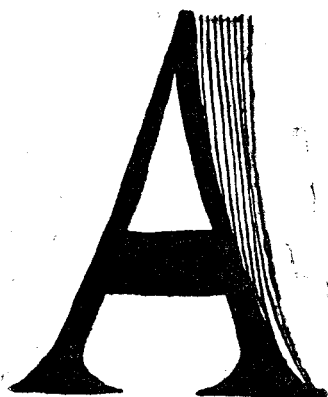
seus planos de iniquidade e feroz vingança. Sê prudente e cauteloso. Não tenho grande apêgo, à vida Lourenço mas não desejo que ela me seja tirada por outrem, senão por Aquêle que me achou merecedor de guardar êste pesado depósito.

Ainda não de todo restabelecido, Lourenço deixara a fazenda, por não poder vencer o desgosto de ver Bernardina casar-se com o Cipriano.

— Está em minhas mãos — dissera êle mais de uma vez — impedir êste casamento, que tanto desgosto me tem dado; era só eu querer; tomava a rapariga outra vez na garupa, e abalava para êste mundo que não tem fim. Mas, o muito que devo a “seu” padre Antônio, que foi quem me arranhou tamanha desgraça, prende-me tanto as mãos, que eu não posso ser bom em nada.

Bernardina, acometida de grave enfermidade, ficara em cima de uma cama, às portas da morte.

XII



chegada de Lourenço foi uma festa, uma primavera para todos no Cajueiro; não foi somente uma festa, foi principalmente uma ressurreição, uma evocação que reviveu ilusões e esperanças mortas, porque êle já era tido ali por perdido para sempre à vista da sua longa ausência e do silêncio tumular que havia crescido

em tôrno do seu nome.

Passados alguns dias depois da abortada tentativa de tomada de presos, começaram a mostrar-se no cajueiro, umas vêzes à bôca da noite, outras ao raiar do dia, nunca em hora certa, sujeitos estranhos de suspeitas cataduras, que alguns vizinhos diziam ser do rancho do Cipó. Mais de uma vez Marcelina havia surpreendido um ou outro rondando-lhe a casa, como quem espiava a vida dos moradores. De uma feita, um dêles, com todo o desplante, encarando a matuta, perguntou-lhe:

— Que novas me dá você de seu filho, que há muito ninguém lhe põe os olhos em cima? Pois era agora ocasião de aparecer quem andava por estas beiradas arrotando tanta valentia.

— Eu ia perguntar mesmo a vosmecê — tornou a cabloca — o fim que lhe haviam dado; porque não sei onde êle pára. De todo o mal que aconteça ao rapaz, eu só tenho que me queixar de vosmecês, por-

que sem razão juraram dar-lhe fim, desde aquela matinada que os homens fizeram para soltar “seu” Cosme Cavalcanti. Começaram a espalhar que Lourenço tinha sido o autor da tragédia, e quase que o matam.

— E quem foi se não êle, que meteu os outros na dança? Não foi outro. Você deve saber de tudo, e agora põe-se de fora como quem não sabe como se arranjou a história. Eu só queria ainda encontrá-lo com vida. E se fôsse hoje, que estou com os meus *calundus*, você e êle haviam de ver o bonito.

— Vosmecê não tem razão; o rapaz não é mau.

— Êle sempre foi muito mauzinho, não por você, mas pelos bofes que trouxe do Pasmado. Pelo gôsto de você, êle não fazia muita coisa que não era para êle fazer, porque ele não é nada; mas é que êle lhe tomou o fôlego, e não leva mais você em conta.

— O que eu sei é que vosmecês deram fim aqui a meu filho; só me parece que nunca mais o tornarei a ver.

Ditas estas palavras, Marcelina pôs-se a chorar, enquanto o espião, como se se comovera, ou convencerá, nenhuma lhe voltou em resposta, e deu logo o andar.

Posteriormente espalhou-se em Goiana que o rapaz tinha morrido. Pedro de Lima dizia a quem queria ouvir, jactando-se da sua proeza, que havia deixado por morto o filho de Francisco à beira do Tracunhâem, por ocasião de encontrá-lo, vindo êle, Pedro de Lima entender-se com o Tunda-Cumbe sobre certa diligência de muita circunstância.

Ocioso será dizer quanto esta triste nova enlutou as mulheres que por tantos laços, cada qual mais estreito, se achavam ligadas ao jovem almocreve. Marcelina, conquanto acostumada a receber más notícias desde que Francisco se ausentara, e que Lourenço dera em fazer freqüentes jornadas para fora; Marcelina que, muitas vêzes, quando alguém vinha dizer-lhe que seu filho estava prêso, que o marido era morto, tinha esta resposta invariável: “Tempo de guerra, mentira como terra”, desta vez não pôde

suster as lágrimas por muitos dias; e quanto mais tempo se passava, mais crescia aos seus olhos a certeza daquela infausta nova, que o testemunho pessoal de Pedro de Lima e dos dois companheiros, verificado por pessoas sérias, viera confirmar em termos que não admitiam réplica.

Foi nestas condições que Lourenço ressurgiu inesperadamente, vivo, forte, e até mais bonito de feições. A longa estada à sombra, pela enfermidade, e posteriormente pela convalescença, dera ocasião a que as suas formas se desenvolvessem e aumentassem, se lhe afinasse e clareasse a pele, enegrecesse o cabelo, apontasse a barba. Essas formas, já varonis, adquiriram um novo dom — a gentileza; os olhos, já cheios de brilho, receberam de desconhecido centro de luz novos raios em que se deixava conhecer o reflexo de paixões impacientes. A expressão dessas esferas luminosas, que graciosamente se moviam entre pestanas finas e bastas, era banhada em áureas vivacidades, com uns longes de lampejos lácteos, que um pintor poderia copiar para primor das sua estampas. Demais, — e era talvez esta circunstância exterior o que mais afirmava a diferença — no trajar, Lourenço já não era o almocreve *tu*, desasseado e grosseiro; as novas roupas em que apareceu metido, davam-lhe o aspecto que distingue os homens de boa procedência e educação. Poucos meses bastaram para o afeto do pai transformar o filho.

No outro dia pela manhã, reunidos todos na casa ocupada por D. Damiana, Lourenço deu mostras de não ter mudado do seu sentimento para Francisco, assim como tinha mudado de formas e trajo.

— Eu vim somente dizer-lhes, advertiu êle, que não morri, porque nem eu posso ficar por muito tempo aqui à vista de todos, nem, ainda que pudesse, ficaria, antes de saber notícias de meu pai. Eu sempre cuidei que êle já estivesse de volta; mas uma vez que ainda não veio, uma vez que está sabe Deus onde, devo ir ver se o encontro, vivo ou morto.

— Filho abençoado, tornou-lhe Marcelina, era isto mesmo o que eu te queria dizer. Vai, e não voltes sem



Aldemir Martins 52

trazer Francisco adiante de ti. Não me digas nem por graça que êle morreu, porque assim como tu tornaste cada vez mais bonito, quando todos aqui diziam e até eu cuidava que já não existias, assim Francisco há de tornar também, gordo, forte e mais moço, que Deus não há de permitir que meu marido, tão bom, morra por aí além sem ter quem, na hora da morte, lhe chame pelo nome de Jesus.

Nada, porém, ficou assentado quanto ao dia da partida. Lourenço disse que se sentia cansado da longa jornada; D. Damiana, que ficara muito abalada do susto e comoção por que passara na noite precedente, pediu tempo para escrever, com a devida pausa e meditação, uma carta minuciosa que Lourenço devia entregar a Amador, único parente que, conquanto prêso, a podia atualmente valer e socorrer.

Um ponto negro, que se mostrara logo no horizonte iluminado pela presença do rapaz, começou a avultar de hora em hora — a idéia do perigo que êle correria, se se deixasse ficar no Cajueiro, enquanto não seguia para o Recife. Aos olhos de Marcelina, prudente e prevenida, já começavam a aparecer a cada canto os vultos suspeitos, os espiões sinistros que tempos atrás haviam tido as vistas sôbre a palhoça, ameaçando devassá-la e esmerilhá-la, cantinho por cantinho, na intenção de descobrir quem havia incorrido no ódio dos mascastes pela sua dedicação aos nobres. Marcelina tinha o coração nas mãos, de sobressaltada e temerosa que andava. Ainda não haviam decorrido vinte e quatro horas depois da chegada de Lourenço, e já a solicitude da cabocla, estremecendo pela segurança dêle, não sabia onde o resguardar de emboscadas e delações inimigas.

— Tu não podes ficar aqui muito tempo, Lourenço. Vê lá como te havens.

Depois de refletir por alguns momentos, Lourenço, dando mostras de ter achado a melhor solução, tranqüilizou os espíritos com estas palavras:

— Não se importem comigo. Os cabras não hão de lamber-me. Tenho um lugar que ninguém suspeita, e para mim é o melhor que eu podia encontrar. Irei

dormir lá tôdas as noites; e até de dia, estando eu lá, não há quem seja capaz de descobrir onde estou.

Passou-se o dia sem coisa de maior. Quando o sol desapareceu por trás da mata do Bujari, deixando cair sôbre a estrada as primeiras sombras da tarde, o rapaz, armado com faca e pistola — uma pistola que encontrara em casa do padre Antônio — despedindo-se das mulheres, tomou pelos fundos do sítio do mesmo padre, e alcançou a mata. Logo adiante deu com o cavalo dentro do fechado onde o deixara todo o dia. Em vez de o cavalgar, foi levando-o por um cabresto, com grande dificuldade, porque não podia dar um passo sem lhe ser preciso antes abrir caminho através de folhagens e cipós emaranhados, que faziam rêdes e tapagens de diferentes formas.

Depois de andar um bom pedaço pelo mato a dentro, parou para se orientar. Tinha o espírito confuso. Perdera-se no labirinto e não sabia onde estava. Com o rigoroso inverno, as antigas veredas haviam desaparecido, e em lugar delas, e onde supunha encontrá-las, o que achou foram árvores novas, cujos galhos se entrelaçavam, fazendo, com os longos fios e as miúdas fôlhas dos cipós, largos panos que o seu braço por fim já se sentia cansado de mutilar e romper. A cada passo ouvia o sibilar de cascavéis, ouvia os suspeitos ruídos da massa enorme da selva que se não afronta impunemente.

— Por onde ando eu, meu Deus? disse, começando a apoderar-se de inquietação. Estou perdido. Já nada vejo. Escureceu de todo mais cedo do que eu cuidava. Agora não há outro remédio senão ficar aqui mesmo.

Quando estava neste solilóquio, ouviu, não longe do ponto onde parara, rumor de cavalgada e vozes. Deu mais alguns passos para a frente, e pôde reconhecer, por entre as sombras da noite, que estava, não no seio da mata, como julgara, mas à beira do cercado do engenho Bujari. Obra de cinqüenta braças na frente dêle passava a estrada, e pouco adiante se deixava ver, como uma grande laje escalvada e negra, a casa grande do engenho.

— Ora, meu Deus! Como vim ter aqui?

Ficou um momento em silêncio, observando o lugar, combinando as idéias, buscando uma resolução.

Não tardou muito que lhe ocorreu um pensamento singular, e, na realidade, original — o de ir pernoitar na própria casa do engenho, que, conquanto seqüestrada com os demais bens do defunto, nenhum destino se lhe havia dado ainda.

— É, e não é arriscado dormir lá — disse Lourenço, como se praticasse consigo mesmo. Quem é que há de pensar que eu vou dormir no engenho? Ainda que soubessem que eu já estou em Goiana, ninguém havia de me julgar com a coragem de ir recolher-me na casa grande, quanto mais não havendo quem saiba que eu cheguei. Em vez de arriscado, eu acho até que é o lugar mais seguro que possa encontrar por aqui para estar. Nunca ninguém há de lá ir em minha procura.

Lourenço quebrou as varas do cercado, para que o cavalo pudesse passar, e, logo que lhe pareceu estar longe a cavalgada atravessando a estrada, tomou para a casa grande.

Chegando aí, estranhou quase tudo o que viu. Nada há que desfigure tanto os lugares destinados à habitação do homem como deixá-los por algum tempo sem habitador, porque tomam conta dêles outros habitantes de diversa natureza, tomam conta dêles os matos, os musgos, as parietarias, os bichos peçonhentos: a situação demuda-se: as paredes amarelecem ou enegrecem: aqui escalavam-se, acolá embuçam-se nessa vegetação parasitas que estendem os seus domínios mais de pressa pelas regiões onde pisou o pé, ou pousou a mão humana, do que nas regiões virgens em que plantas mais fortes e avultadas não lhes dão lugar à invasão.

À roda da casa nascera um jerobebal espesso, em cujo fechado poderia esconder-se, não um só homem, mas muitos homens; dentro dêle, em caso de apêrto, ainda mesmo de dia, Lourenço poderia ocultar-se com o cavalo, sem receio de ser descoberto, a não haver suspeita ou denúncia que determinassem busca minuciosa.

O seu primeiro passo foi para a estrebaria.

Ponho aí o meu cavalo, e deito-me perto dêle. Uma noite depressa se passa.

Assim fêz. A porta da estrebaria estava encostada, mas não trancada. A internada tinha esburacado as paredes do lado do norte, e pelos buracos penetrava no interior a escassa luz da lua cheia, que mal deixava distinguir os objetos, dando-lhes feições que infudiam pavor.

Lourenço pôs o cavalo a comer na longa manjedoura deserta um pouco de milho que trouxera do Cajueiro, e estendeu-se sôbre uma tábua velha, junto da porta.

— O ladrão que entrar aqui, há de primeiro pisar em mim, antes de pegar o cavalo.

Tentou dormir, mas não pôde. As sombras do aposento destinado a animais, e não a homens, lançavam-lhe vagos temores no espírito. De um e outro lado ouvia silvos de cobras. Pesados sapos saltavam-lhe por cima do corpo, aumentando a intensidade das impressões desagradáveis. O mau cheiro das emanações deletérias que se desprendiam de restos de matérias corruptas por tantos meses retidas naquele pequeno espaço, onde o ar não girava livremente, começou a produzir no hósde tonturas e náuseas, que o determinaram a mudar de pouso.

Pensou então em pernoitar no sobrado. Mas havia de deixar o cavalo sem defesa? Ainda se a estrebaria pudesse trancar-se...

Levando a mão à porta, deu aí com a chave na fechadura.

— Ora bem! disse com satisfação. Fechada a porta, já não será tão fácil furtarem o animal. Qualquer barulho me despertará, e em dois saltos estarei cá em baixo.

Lourenço deu volta à chave, que tirou. A porta era segura. Não a podia pôr dentro com duas razões.

Rodeou a casa, não sem as devidas cautelas, e, vencida a escada de tijolo, parou à porta da entrada, entre as três janelas da direita, e as outras três da esquerda, que davam ao sobrado o aspecto de um con-

vento. Pela entrada principal não podia abrir caminho, visto que estava trancada; mas, como com a força das chuvas, ou da ventania, fôra aberta a primeira janela da direita, para a qual não era difícil passar do peitoril de pedra e cal com que terminava o longo pano de parede que ladeava a escada, sem esforço pôde êle, alcançar o batente, e saltar dentro.

A sala, onde se achava, era a destinada às mulheres. Penetrando aí, sentiu-se tomado de instintivo respeito, porque poucas vêzes em vida do sargento-mór tivera ocasião de chegar até o aristocrático aposento de D. Damiana, e sempre que nêle entrava, era seguido de todos os escrúpulos que a nobreza e a representação da gentil senhora impunham aos que mais ou menos dependiam de sua casa.

A admiração do rapaz foi ainda maior quando notou que a mobília nova, comprada por João da Cunha para ocupar o lugar da que fôra arremessada de cima ao pátio do engenho e aí entregue às chamas pelo bando do Tunda-Cumbe dois anos antes, estava no mesmo lugar em que a vira pela última vez. O santuário, o estrado, o bufete de D. Damiana faziam nascer a ilusão de morar ela ainda na sua casa, longe de qualquer constrangimento, e ainda menos penúria. O seqüestro parecia não haver tido senão um fim — o de humilhar a viúva e o nome do orgulhoso membro da nobreza.

Bem depressa porém outras foram as impressões.

A luz do luar, alongando-se pela sala em forma de um vasto lençol da largura da janela, mostrou-lhe a porta da alcova aberta, e lá dentro um vulto de grandes dimensões que aparecia, como uma larga mancha escura, no fundo da parede. Era a cama do casal ausente, do casal que nunca mais se de juntar havia ali, cama altaneira, ao paladar do tempo, para a qual se subia por degraus. Estava nua, mas tinha o estrado em ser.

Lourenço parou defronte dela: contemplou-a por instantes; chegou a comover-se. Aquela armação parecia-se mais com uma eça do que com o teto de um leito onde a tranqüilidade e o repouso deveram ter dado

momentos de suave satisfação. Os bons tempos tinham passado por cima daquela árvore de felicidade, tinham-lhe levado os adornos e elegância, filhos da posse e condição dos cônjugues, e tinham-lhe deixado os ramos nus, secos e desgraciosos. Representavam o arcabouço da passada existência, outrora vestido de lençaria, sêdas e damascos, agora mal coberto por tecidos de outra espécie — os que fabricavam no escuro e no silêncio as aranhas, essas industriais dos bairros despovoados. Era a imagem viva do casal já desfeito em parte pela morte. Figurava a viúva reduzida à extrema pobreza, desataviada, recolhida, em escuro canto e condição. Tudo o que fôra grandeza e soberba desaparecera com o finado consorte.

Logo que se desvaneceu esta primeira impressão, que não podia durar muito, porque o momento não era para reflexões filosóficas, nem o cérebro do rapaz comportava larga meditação, ocorreu-lhe a idéia de passar a noite na própria cama diante da qual se achava.

Mas agora eis que lhe surgem novos escrúpulos no curto espírito; nova luta vem aí travar-se: vem o respeito pueril dizer-lhe que não devia ocupar o lugar que pertencera a tão nobres e respeitáveis pessoas. Pareceu-lhe que o vulto do sargento-mór surgiria diante dêle, com a usual arrogância, para tomar-lhe satisfação da sua ousadia.

— Deitar-me na cama de seu sargento-mór! advertia êle dentro de si mesmo. Dormirei em outro lugar, naquele estrado, ou naquele canapé.

Antes de se decidir por qualquer dos móveis indicados, chegou-se à janela para ver se havia alguma novidade da banda de fora. Era tudo silêncio e imobilidade. Abaixando a cabeça para o lado da cavaliariça, e prestando atenção como quem escutava, pareceu-lhe ouvir longe, longe, o estalido do milho quebrado pelos fortes molares do cavalo. A lua estava no horizonte, e mal esclarecia a paragem com a sua alva luz enfraquecida. Ao cabo de pouco mais a escuridão dentro do sobrado seria completa.

Lourenço voltou-se então para a alcova, e ganhou resolutamente a cama.

Por um fenômeno fisiológico, que os sensualistas ou os materialistas talvez expliquem facilmente, em lugar do vulto do sargento-mór, o que surgiu na fantasia do rapaz, foi a imagem da viúva, conjunto de perfeições humanas. Deitar-se na mesma cama onde ela se deitava, afigurou-se-lhe o mesmo que ter a gentil viúva a seu lado. A intimidade com um objeto de pessoa que consideramos acima de nós, parece dar-nos a intimidade com o próprio dono dêle: abate as barreiras, enche os abismos que nos separavam.

Ilusão ou fenômeno natural, Lourenço sentiu-se imediatamente outro. Acenderam-se-lhes as paixões, determinando-lhe estremecimentos nervosos. Ofegava, como se a imagem da formosa mulher fôra uma realidade, e esta ali estivera com a vida, o calor, a suavidade da pele, a voluptuosidade do amplexo e do ósculo, produzindo nêle a excitação, ou antes estimulando-lhe as sufocantes ambições da carne. Lourenço pensou em tudo o que a natureza põe nas formas da mulher bela para adoçar no homem, por instantes, as agruras deixadas pelo trabalho, que é a sua lei fatal, pela inveja dos outros homens, pelas injustiças da sociedade, enfim pelas misérias da comunhão exterior, que, se em certos casos protege e ampara, em outros gera crenças veneráveis, destrói incentivos nobres, desnor-teia e avilta afetos que devia encaminhar e ajudar a subir, bafeja ruins paixões que desenvolve indiretamente, comunica a bons corações o vírus da sua perfídia, ensina maus caminhos pelo seu exemplo, planta a semente do egoísmo onde havia o germe da generosidade natural.

A ilusão, casando-se com a lembrança, pôs na fantasia do rapaz um quadro completo. Êle reviu, porventura mais vivamente, a cena em que representara vinte e quatro horas antes, perto da casa do padre Antônio, com a orgulhosa senhora de engenho. Sentiu novamente os braços, desta vez com melhor consciência, porque em lugar do inesperado de então, tinha agora o conhecimento prévio e a sensação antecipada, sentiu

o doce contacto do corpo de D. Damiana, inteiramente entregue ao seu corpo. A precipitação com que atravessara a estrada e fôra bater, sobressaltado e aflito à porta da palhoça onde já dormia Marcelina, não lhe tinha dado, além disso, ocasião para bem apreciar os atrativos daquela que carregara, em desmaio. Esses atrativos desenhavam-se agora, no fundo sombrio do quarto, como se fôra em iluminada tela; e êle via-os distintamente, um por um, cada qual mais encantador, ou fôssem os grandes olhos ternos que ela pusera nêle quando tornou a si, ou fôssem os espessos cabelos negros que pelos ombros se lhe espalharam, ora cobrindo, ora descobrindo o colo anelante, ou fôssem as mãos afiladas, aristocráticas, frias, em que êle pegara trêmulos e comovido, ou fôssem sôbre todos os outros atrativos, o corpo, nem muito pobre nem muito rico de carnes, mas muitíssimo gracioso, pelas curvas brandas, pela flexibilidade comparável à das hastes das plantas novas que, ao mais leve toque da viração, se inclinam, e tornam logo à sua natural atitude.

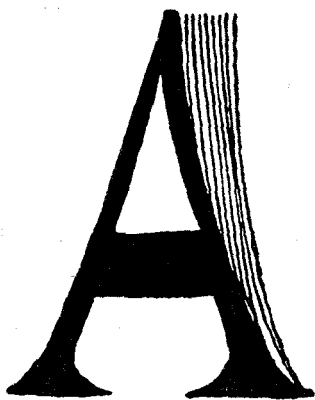
Lourenço viu tudo isto, ora vagamente, ora permanentemente, sem poder ter diante dos olhos outra visão.

Não dormiu um só instante, pôsto houvesse levado a noite neste sonho fantástico e ideal.

Quando menos pensava, a primeira claridade do dia penetrou na câmara.

Passara tôda a noite lidando com a viúva do sargento-mór, no dormir mais original que ainda tivera na vida.

XIII



Os vinte e três anos de idade por grandes que sejam os dissabores e desenganos, ninguém pode impor às suas próprias paixões que se não agitem. O coração, como o cérebro, rege-se por leis imprete-ríveis. Ora, a primeira, ao menos, uma das principais dessas leis é a mocidade, que quer dizer, na linguagem prática fôrça, resistência às ad-

versidades, confiança no volver dos dias, esquecimen-to das dores passadas, fé — não encontro outra pala-vra que tão bem designe o poder de não cair aos gol-pees dos acontecimentos, e de arrostá-los com intrepidez — fé nas energias físicas e nas aspirações espirituais, que diz interiormente, com acentos proféticos: — Não esmoreças, não enfraqueças. És moço, resistes, vence as dificuldades; luta com as resistências que se atravessam. Não vês no mundo, no passado, na his-tória, nos teus dias, não vês os moços dominando ter-ríveis oposições, porque êles têm fôrça, porque os seus músculos, os seus nervos, o seu cérebro ainda têm vigor para muitos anos, para muito tempo, e os anos e os tempos mudam as circunstâncias, matam inimigos, fa-zem surgir amigos novos, fazem aparecer outros me-recimentos, criam novas recomendações, restabelecem o império da justiça, que é a lei em virtude da qual cada um deve adquirir aquilo que vale?

D. Damiana era um poço de desgostos. De uma alta representação na vila onde nascera, caiu na planície da pobreza, afundou-se na obscuridade. Às sêdas e aos brilhantes substituíram-se-lhe jóias e roupas da viuvez. Os sorrisos que soiam entreabrir-lhe os lábios quando, para comemorar datas distintas se reunia em sua casa a primeira nobreza no lugar, haviam desaparecido sob lágrimas silenciosas e longas, que lhe desciam agora pelas faces cobertas de mortal palidez. É fácil imaginar o desgosto que lhe acarretara a súbita transformação.

Mas uma jóia, um tesouro, havia ficado com ela, por não lho poder arrebatara a morte do marido, a ausência dos parentes, as injúrias da plebe amotinada e capitaneada pelos inimigos da nobreza, o seqüestro, a rápida mudança de uma existência talvez de fausto para uma existência que estava ao nível das que sustenta a caridade particular; essa jóia, êsse tesouro eram os seus vinte e três anos; era a musculatura nova; eram as carnes rijas, o sangue puro, o coração sem lesão, a massa encefálica forte, funcionando regular e plenamente.

Para quem está em semelhantes condições, a resignação não tarda, e a resignação em casos tais é o ressurgir das esperanças um instante submersas no mar dos contratempos. D. Damiana conformou-se. As fadas amigas, nas quais se acreditava então, praticando com ela em misterioso e secreto dialeto, tinham lançado no seu espírito estas idéias: — Pensas que o mundo se acabou para ti, com a morte do teu marido, com a perda dos teus bens? Enganas-te. Tens beleza, e estás na flor da vida. Se choras hoje, amanhã poderás ter nos lábios sorrisos novos, mais louços talvez que os que perdeste. Se estás agora na miséria, poderás daqui a pouco voltar à abundância, e reergueres o cetro que te caiu da mão.

D. Damiana acreditou nestas vozes lisonjeiras, que não eram vozes de fadas, porque as fadas, como anjos, ou diabos, ou quaisquer influências de semelhante natureza, nunca existiram senão nas superstições dos tempos ignaros que precederam os nossos,

mas, sim, eram a linguagem natural da consciência, enriquecida e esclarecida pela observação e pelo conhecimento da vida.

Por singular coincidência que não é, todavia, difícil explicar, não ouviu ela estas advertências íntimas senão depois de ter visto Lourenço. Não era êle o testemunho vivo e irrecusável dessa verdade? De pobre e humilde, que fôra, não se ia tornando de pouco a pouco outro, quer quanto às suas posses, quer quanto à sua condição? Não havia achado um protetor — o fazendeiro desconhecido, que talvez fôsse seu pai visto que tinha para êle extremos de afeto e liberalidade pouco comum? Êsse desconhecido não poderia dar-lhe mais tarde tudo o que era seu, e definitivamente afiançar a sua completa independência? Assim como por uma volta inesperada, a sorte se tornara propícia para quem dantes rastejava no pó dos caminhos, por que sômente para ela, Damiana, havia de ser implacável e imudável? Não era possível que dentro de pouco tempo outra revolução rebentasse contra o governador Machado, a exemplo do que sucedera ao seu antecessor, Sebastião de Castro Caldas?

— Quem me diz — ponderava consigo a viúva — quem me diz que, de posse novamente dos meus bens, hoje no poder da justiça ou de terceiros, não se me deparará outro marido, que me levante da humildade em que ora jazo?

Absorta nesta ordem de idéias, por entre as quais o vulto do rapaz se mostrava na vaga recordação da cena do terreiro, estava D. Damiana sentada à porta do sítio, com as vistas embebidas no laranjal verde e florido que o sombreava, quando pressentiu que se avizinhava alguém. Voltando os olhos, deu com Lourenço, que vinha chegando do engenho.

Vaga impressão de satisfação sentiu a viúva, descobrindo o rapaz. Durante a noite, sem que ela o quisesse, pensara mais de uma vez nêle. Fôra triste a sua principal idéia. Temia que lhe acontecesse qualquer desastre. Se o prendessem, que seria dela e das outras mulheres?

O seu semblante, talvez por isto, talvez por nascente interêsse que a ia prendendo ao rapaz, traiu o prazer íntimo que a vista dêle produzira nela. Quanto a Lourenço, trazia no rosto uns longes de palidez, nos olhos brilho úmido e a modo de amortecido, que lhe não eram usuais.

— Bom dia, sinhá D. Damiana — disse êle à viúva.

Esta, sem se poder dominar, já tinha dito antes:

— Graças a Deus que te vejo, Lourenço.

— Por que diz vosmecê esta palavra?

— Porque... porque êstes tempos estão crus. A gente deita-se livre, e acorda na prisão.

— Teriam andado por aqui em busca de mim?

— Não, porque não sabem talvez que está no Cajueiro. Mas, a idéia de que andam nas tuas pisadas, não me deixa o espírito. A cada canto parece-me ver inimigos e perseguidores.

Lourenço mostrou-se satisfeito com estas palavras, que acusavam da parte da viúva solicitude para êle.

E, como sem consciência, tornou irresistivelmente.

— Eu também levei tôda a noite pensando em sinhá D. Damiana.

— Cuidavas, talvez, que me dariam na casa, que viriam fazer-me novos insultos.

— Cuidei em tanta coisa, que nem vosmecê sabe. Cuidei em tanta coisa, em tanta coisa, meu Deus!...

De repente, acrescentou:

— Vou ver minha mãe como amanheceu. Vou dizer-lhe que os cabras me deixaram em paz por esta noite.

A primeira pessoa que o rapaz viu sentada à porta da palhoça, com os olhos na direção donde êle ia foi Marianinha. Pouco depois apareceu Marcelina.

— Deitei-me com o credo na bôca, Lourenço. Deus te abençõe. Deixa-me tomar um fôlego bem comprido, que levei tôda a noite com um pêso no coração.



Alvin Kauter 12

Marianinha disse somente que não era bom Lourenço andar pelas bandas da casa do padre Antônio, porque os mascates que deviam ter os olhos na negra de D. Damiana, podiam vê-lo e prendê-lo. Marcelina achou razão no que dizia Marianinha, mas Lourenço dissipou estes receios, observando que quando tivessem de cercar a casa, haviam de vir de noite, e não àquelas horas.

Na manhã seguinte, voltando Lourenço do sobrado, foi sabedor de uma novidade que o abalou: a casa onde residia D. Damiana tinha sido cercada de noite, e haviam arrancado de dentro a negra Felícia.

Para ostentação do pouco caso, realizou-se a diligência à luz de fachos, e com grande acompanhamento; e para melhor fundamento desta publicidade, haviam feito correr antes voz de fama que naquela casa estavam acoitados, além da negra, todos os escravos que tinham fugido para o mato, logo que a estrêla do sargento-mór empalidecera.

Os esbirros varejaram todos os cantos e recantos, não só da casa principal, mas também de tôdas as palhoças da redondeza. Na de Marcelina a busca foi miúda e paciente.

O trôço — já se sabe, mas devo repeti-lo, ainda com o risco de me tornar enfadonho — era composto, em sua maior parte, da ralé que formava o esquadrão do Tunda-Cumbe. Informado de se planejar aquela diligência, tinha vindo expressamente do rancho do Cipó, a porem por obra as suas maldades, êsses vagabundos organizados em um corpo numeroso, que chegava aos pontos mais importantes da vasta região das matas, isto é, daquela região onde se mostravam situados os duzentos e cinqüenta engenhos que se contavam então em Pernambuco. Tristes e lastimosos tempos eram êstes, em que “a vil e pífia canalha vagabunda tinha permissão de entrar pelas fazendas e moradas destituidas do poder que as defendesse, a descompô-las, e roubá-las, como por officio, sem respeito à nobreza de seus donos, nem ao decôro das venerandas matronas, nelas assistentes, sem armas, sem

fôrças e sem socorro algum que as amparasse”. (1) Medonhos tempos em que “metidos os nobres pelos matos, suas mulheres, suas filhas e famílias em triste desamparo, o Camarão e o Tunda-Cumbe roubavam nas campanhas, matando cada qual por sua parte bois, vacas e criações, e corriam e revolviam os interiores mais recônditos das casas principais de Pernambuco, sem cortesia nem respeito às suas donas” (2).

D. Damiana mal pôde resistir ao golpe de lhe tirarem a escrava. Tinha visto, cheia de coragem, ir-se tôda a sua fortuna; mas aquêlê pequeno resto, que era quase metade da sua existência, atento o estado em que se achava posta, não pôde vê-lo desaparecer do seu poder, sem cair de cama.

O desacato, conquanto previsto, e a tristeza em que encontrou a senhora de engenho, sugeriram a Lourenço um pensamento que se deu pressa a realizar. A escrava foi logo arrematada por um senhor de engenho dali perto. Com êle entendeu-se Lourenço; e com o dinheiro que lhe dera o padre, e um pouco das economias destinadas por Marcelina à compra de um sítio, recomprou a Felícia. É inutil dizer a satisfação de D. Damiana, ao ver entrar novamente em casa a sua escrava de estimação.

— Obrigada, obrigada, Lourenço, disse, sentindo algumas lágrimas umedecer-lhe os olhos. Restituíste-me uma parte da minha tranqüilidade, do meu sossêgo.

Êste ato foi origem de novas alterações no Cajuero. Marianinha, que notara grande frieza no rapaz, sentiu aumentarem-se as suas suspeitas e ciúmes.

Uma manhã, voltando Lourenço da casa de engenho, onde continuava a pernoitar, porque mais do que nunca, se receava de ciladas, viu na beira da estrada, no ponto que ficava justamente fronteiro à casa de D. Damiana, uma mulher sentada. Era a filha de Joaquina.

— Que está fazendo aqui, Marianinha?
Por única resposta, disse-lhe a rapariga:

(1) Memor. hist. de Pern.

(2) Memor. hist. de Pern.

— Olhe, Lourenço: há muito que tenho tenção de lhe dizer os meus sentimentos. Você é muito ingrato para mim.

— Marianinha, você parece que não está em seu juízo desde que cheguei.

— É verdade que não estou. Vivo triste, sem gosto de nada. Desde que essa mulher veio morar aqui, foi-se embora a minha esperança. Vejo tudo côr de carvão.

— Que mulher?

— Que mulher! Faça-se desentendido. Você bem sabe a quem é que me quero referir.

Tenha juízo, Marianinha. Você está ofendendo com suas palavras uma dona que não é qualquer. Você está dizendo coisas à tôa.

— Estou dizendo o que meu peito sente.

— Mas eu é que não estou para ouvir coisas que não devo. Que tenho eu com o que seu peito sente?

A rapariga inclinou a cabeça. Não teve outra resposta senão o silêncio e as lágrimas.

— Não chore, tornou-lhe o rapaz. Não sei o que querem dizer estas lágrimas.

Esta fingida e calculada ignorância de Lourenço, irritando os melindres da matutinha, deu-lhe ânimo para retorquir, com a cabeça erguida, em atitude de quem exprojava:

— Querem dizer que a sua ingratidão atravessa o meu coração como faca de matador, Bernardina, desgraçada no princípio, vai ter um marido, vai ter sua casa; eu sou mais desgraçada do que ela, porque estou vendo roubarem aquêles que me pertencia.

— Eu nunca lhe pertenci, Marianinha.

Dizendo isto, com maus modos, deu o andar, deixando a rapariga sem pingo de sangue nas faces, porque todo êle lhe refluiu ao coração pela impressão nervosa.

No dia seguinte, Lourenço não a encontrou ali; mas, no outro, ela lá estava quando êle atravessou a estrada, mais tarde do que costumava.

Logo que seus olhos deram na filha de Joaquina, Lourenço encaminhou-se diretamente para ela, e, com modos ainda mais rudes do que os da outra vez, falou-lhe nestes têrmos:

— Marianinha, não faça mais isto, não faça. Devo-lhe alguma coisa, para você ficar aqui à espera?

— Não me deve nada, mas quero vir vê-lo.

Visivelmente contrariado, tornou-lhe Lourenço:

— Não estou para semelhantes impertinências. Não quero que me espiem, nem é bonito você ficar aqui, à beira da estrada, onde passa tanta gente.

Mas, ela respondeu-lhe com brandura que quase o enterneceu:

— Não se zangue, Lourenço. Eu não lhe mereço ingratidões, o que eu lhe mereço são outros sentimentos. Nós podíamos ser tão felizes...

— Felizes? Você é que está na obrigação de procurar a felicidade para mim, ou sou eu mesmo que a devo buscar?

— Não se zangue, Lourenço — repetiu ela. O que eu defendo não é a sua, é a minha felicidade, que me querem tirar. Eu a tinha no coração; mas isto não valeu nada. Daí mesmo a estão arrancando.

Passando adiante, Lourenço deixou-a ainda mais chorosa que no outro dia.

No momento em que a rapariga voltava à sua palhoça, Joaquina procurava-a na de Marcelina.

— Já não é esta a primeira vez que Marianinha me deixa só, e vai meter-se não sei onde. A rapariga anda tão triste que tenho medo de alguma coisa.

— Não adivinha você o que é isto? inquiriu Marcelina.

— Que será?

— Vontade de casar-se.

— Não duvido.

— Marianinha não se esquece de Lourenço.

— Lourenço é uma grande pessoa. Se eu visse minha filha casada com êle, considerava todos os meus gostos satisfeitos.

— Eu tenho muito desejo de vê-lo casado. Na idade dêle o homem perde-se depressa, se não se ca-

sa logo. Ora deixe estar que eu hei de falar a Lourenço, sôbre êste negócio. Mas não vá dizer nada à menina. Nestes dois dias direi o que se passar.

Marianinha, ao princípio quase inteiramente desorientada com o que acontecera, tomou, por fim, uma dessas resoluções heróicas que sômente o amor sugere, estimulado pelo ciúme.

— Hei de vencer Lourenço pela minha constância.

— Firme nesta resolução, foi esperá-lo no ponto onde costumava.

Lourenço tinha passado a manhã mais feliz da sua vida. Os seus colóquios com a senhora de engenho nada ofereciam digno de reparo; eram sempre sustentados em têrmos respeitosos e discretos; a coragem de Lourenço enfraquecia perante a idéia de revelar a sua mais preciosa ilusão. Êle e D. Damiana conversavam sôbre a guerra, as perseguições, as ocorrências do tempo. O prazer de Lourenço resumia-se em ver a viúva tão graciosa, em ouvir-lhe as palavras tão bonitas: o rapaz vivia encantado pela companhia. A viúva, do seu lado, gostava de ver o rapaz, cujo rosto adquirira grandes atrativos; gostava de admirar nêle um grande ânimo.

Tanto em um como no outro, o que havia, quando assim se embebiam em mútua e branda contemplação, não era senão amor; mas êste amor não sabia como se declarar; era um amor original — receio e respeito de um lado, superioridade, altivez, gratidão do outro. Era um amor que ainda não havia amadurecido — eis a verdade.

Lourenço fôra feliz naquela manhã, porque, da conversação com D. Damiana, notara de parte dela menos altivez, mais benevolência, mais intimidade, e certas revelações de ternura que, conquanto sem a penetração que a educação gera ou aguça, o rapaz interpretou como a confissão tácita de lhe ir dando posse do seu coração,

Vinha êle absorto na consideração de tão grande bem, quando, pela terceira vez, descobriu Marianinha no ponto sabido.

De chôfre, passando da satisfação ao dissabor, apressou o passo para aquêlê lugar. A sua exaltação revelou-se-lhe tão vivamente no rosto, que a rapariga tremeu imediatamente do passo que tinha dado.

Lourenço não pôde dominar-se. Os seus instintos animais, tanto tempo adormecidos, acordam impetuosos, e ofuscaram-lhe, por assim dizer, o discernimento. Com a violência que tinha quando lhe chegavam estas temíveis manifestações da índole bravia, pegou no braço da rapariga, como se fôra um galho de árvore que quisesse arrancar.

— Lourenço! gritou ela aterrada. Que é isto, Lourenço?

— Ainda pergunta?

A voz soturna foi um novo motivo de pavor para a rapariga.

— Não lhe disse que não viesse mais aqui?

— Foi o ciúme, o ciúme...

— Ciúme! — clamou êle irando-se cada vez mais. — Se para me ver livre de quem tanto me aborrece, fôr necessário fazer uma morte, hei de fazê-la, hei de fazê-la.

— Não me mate, Lourenço! — suplicou a rapariga em pranto.

— Mato-te, sim. Não quero mais enxergar-te diante dos meus olhos.

Vendo no mesmo instante, luzir a faca na mão do almocreve, Marianinha empregou os esforços que pôde para soltar-se. Lourenço correu atrás dela, e chegou a feri-la cobardemente pelas costas. O mais vil assassínio ter-se-ia consumado, se a rapariga não alcançasse logo a palhoça.

Lourenço parou à porta, enquanto Marcelina e Joaquina tomavam nos braços a moça banhada em sangue.

— Que loucura foi esta, Lourenço? Dize-me, por que fizeste esta ação tão feia? Virgem da Conceição! É eu que cuidava que estavas curado do teu mal natural, desgraçado filho.

De outro lado, Joaquina, indignada, horrorizada, dizia, com a valentia das mães ofendidas:

— Pela minha bênção, te peço, filha, que não olhes mais para este homem. Esquece-te dêle, filha de minha alma.

Lourenço estêve um momento em silêncio, contemplando estupidamente a sua triste obra. Pouco a pouco, a sua exaltação foi moderando, a sua loucura transitória foi cedendo lugar à consciência.

Caíu em si. A palidez dos finados tomou-lhe as faces. Enfiado, envergonhado, arrependido, deu o andar para onde estava Marcelina, e disse-lhe, pondo as mãos, em atitude de quem suplicava:

— Não chore, não chore, minha mãe. Estou arrependido.

— Pois não hei de chorar, quando te vejo dar tão triste cópia de ti?!

— Perdôe-me, minha mãe. Eu sou um animal, sou uma fera. Não pensei no que fiz. Tudo isto se acaba, deixando eu o Cajueiro. Vou-me embora, vou-me embora. Se eu já tivesse ido em busca de meu pai, não aconteceria isto agora.

Abraçou Marcelina e saiu enxugando os olhos.

XIV



O mesmo dia em que se deu este triste caso, um cavaleiro, acompanhado de vistosos pagens, descavalgou, por volta de três horas da tarde, à porta de D. Damiana.

— Não me esperava por aqui agora, prima? — perguntou êle, logo que avistou a senhora de engenho.

Esta correu para o recém-chegado. Abraçaram-se

com efusão: lágrimas de contentamento orvalharam os olhos da viúva.

— Por aqui, Amador?! Eu tinha já uma carta escrita para lhe mandar.

— Então pensava que não nos tornaríamos mais a ver?

— Que poderia eu pensar, sendo tão crus os nossos inimigos? Só milagre.

Amador sorriu irônicamente.

— Sim, milagre foi; milagre do deus-açúcar, ou antes, do deus-dinheiro. Não me compreende, prima? Não sabe que Cristovam de Holanda, nosso parente, prêso pelo Bacalhau a dezoito caixas de açúcar, de que abriu mão sua mulher, deve o ter voltado à liberdade? (1) Não sabe que o mesmo milagre se reproduziu com André de Abril de Souza, Antônio Cavalcanti Bezerra e outros? (2) E' um deus todo

(1) Histórico.

(2) Histórico.



poderoso o deus-açúcar: Feliz José Machado rende-lhe culto especial, que não tem para o verdadeiro Deus — aquêlê que o há de punir pelos seus crimes. Ao deus-açúcar devo também a minha salvação.

Amador tinha entrado. No exterior dava logo a conhecer que êle se tratava à lei da nobreza. Um pouco empertigado, um pouco arrogante, olhando por cima do ombro, era o mesmo que dantes. A prisão não lhe abatera a vaidade. Sôlto, parecia mais orgulhoso que antes de ser prêso.

Percorrendo as vistas por sôbre os objetos que cercavam a cunhada, e sômente descobrindo nêles humildade e modéstia, não pôde fugir de observar, com acento de moralista:

— Mas, em que estado a venho encontrar, prima! A última vez que a vi, foi ao lado de mano João. Tinha você todos os mimos da felicidade e da nobreza. Venho agora achá-la só, vestida de luto, quase desamparada neste ingrato êrmo. Reveses da sorte. Mas Deus é grande. Quando você nem mais se lembrava de mim, entro-lhe pela porta, para velar pelo seu destino. Nada lhe faltará dora em diante. Estou livre, outra vez livre.

Por ocasião do jantar, Amador desenrolou aos olhos da cunhada o tristonho quadro das perseguições e rigores.

Principiou contando-lhe o que êle próprio sofrera de Luís Brás, o famigerado carcereiro das Cinco-Pontas.

— Luís Brás é a imagem fiel dos ministros, seus superiores na hierarquia, seus iguais nas perfídias e manhas. O seu Deus já não é o deus-açúcar; também não é o Deus d'Abrão, mas o deus-dobrão. Os grilhões, “feitos a molde de tormento e de martírio, porque não têm mais de um palmo, para impedir aos presos o andar, com o ferro quadrado e farpado para ferir, os élos tão justos que a alguns presos fazem inchar as pernas”, os grilhões, inventiva do ministro da devassa, realizada pela Câmara, enchem as mãos de Luís Brás de alourado fruto. “Sem mais ordem de justiça, êle bota nos presos para, a preço de moedas

d'ouro, se livrarem dêles". Outras vêzes, "quando quer que lh'as dêem, ameça-os com êles", o que não produz pequeno lucro. Nenhum dos presos logra escrever duas regras a quem quer que seja, sem pagar a êste fiscal da tirânia o costumado impôsto. "As boas-festas que Luis Brás dá aos presos nas ocasiões e dias delas, e convidá-los para grilhões, inventando novas ordens para botá-los, a fim de haver, por êste modo, em câmbio, moedas d'ouro, porque mais que êste, valem em sua mão os ferros". A êste cão da porta do inferno, porque inferno é a prisão das Cinco-Pontas, paguei eu o tributo extorquido pela fereza e perversidade. Provei dos seu grilhões, enchi-lhe do meu ouro as mãos. A carta que escrevi à prima, participando o falecimento de seu marido, custou-me seis moedas d'ouro. As pernas, trago-as ainda inchadas do tormento infernal, mais rendoso que um engenho ou uma fazenda. Imagine a prima, pelo que rápidamente lhe estou narrando, o que não padeceram as onze vítimas que compuseram a primeira remessa para Lisboa, o que padeceram André Dias de Figueiredo, Bernardo Vieira de Melo, Cosme Bezerra, Cosme Bezerra Cavalcanti — nosso primo, João de Barros Corrêa, José Tavares de Holanda, Leonardo Bezerra Cavalcanti, Lourenço da Silva e Manoel Bezerra, ilustres mártires em que o governador e os infames ministros primeiro ensaiaram a sua sanha.

D. Damiana escutava, atenta e comovida, esta rápida relação dos padecimentos infligidos aos nobres pelos instrumentos do governador. Por vêzes benzia-se, de assombrada do que ouvia, e em que difficilmente queria crer.

Amador prosseguiu:

— Com a chegada do desembargador Cristovam Soares Romão, que veio substituir Bacalhau, a sorte dos nobres, se não piorou, não melhorou. Tínhamos visto passar os pés de um cadáver com um sovelão, para verificarem se a morte fôra real ou mentida, como fizeram ao respeitável capitão-mór João de Barros; tínhamos visto meterem no subterrâneo das Cinco-Pontas o licenciado David de Albuquerque, porque "sendo advogado insigne e perfeitíssimo, conhe-

cido por tal, e finalmente homem grande nas letras e nome, temeram o governador e o ouvidor que por seu conselho viessem a pagar o mal que a tantos sem razão estavam fazendo — um homem quase morto, chagado e sem mãos para servir-se; tínhamos visto mandarem matar o crioulo do Capitão Nicolau Pereira, cortarem-lhe a cabeça, levarem-na ao ouvidor, e receberem dêste 3\$ de gratificação, por haver aquêlê crioulo — instrumento da justiça divina — tirado a vida ao malvado bandido Pedro de Lima.

— Pedro de Lima! exclamou a viúva. Já me pagou os insultos e ousadias.

— ... Tínhamos visto tôdas estas estranhezas, sem contarmos as prisões, os seqüetros, os despotismos contra a nobreza; e parecia-nos que o novo ministro, conquanto de muitos conhecido por apaixonado e ambicioso, viria pôr côbro a tamanhos desatinos; mas os males não tiveram têrmo, prima; a ambição e o ódio não desapareceram da face de Pernambuco: Cristovam Romão seguiu o caminho de Marques Bacalhau. Um dos seus primeiros passos foi instar para que fôssem embarcados os onze mártires, que a esta hora, talvez, já tenham sido degolados em Lisboa. Tratou depois da devassa, na qual ouviu como testemunhas, hoje um mulato, amanhã um cativo, um vil, um desatinado, e com esta madeira podre erigiu a execrável fábrica destinada a servir de cadafalso à nobreza. O Capitão Antônio da Silva Maranhão foi morto à espingarda pelos que o deviam prender; e da morte ficou tão contente Bacalhau, que de alvisaras deu uma moeda de ouro aos que lhe levaram a noticia. O Capitão Antônio Bezerra foi recebido a toque de charamelas pelos mascates, regozijados da sua prisão. O Capitão Francisco de Freitas andou quatorze léguas, prêsas as mãos ambas nas algemas. Por impedir que os nobres se entendessem, foram estabelecidos presídios em vários pontos, dos quais não passam os passageiros, sejam brancos ou pretos, clérigos ou frades, por não terem licença de ir adiante, nem ainda de voltar para trás, por mais que o desejem; sòmente em Tracunhãem se contam nove. E

porque o ódio ainda não se sentia satisfeito, ordenou o governador que o Tunda-Cumbe, com trezentos e sessenta vagabundos, se unisse com o Camarão e seus trezentos índios, para baterem novamente as matas, com cães de caça, “a fim de levantarem aos que, por fugirem dos homens, se haviam acolhido ao trato das feras. Neste exercício passaram largos dias sem verem rasto de pessoa alguma, andando mais de quatrocentas escondidas, e nem de tôdas as que chegaram a esconder-se puderam prender jamais algumas, porque não eram no mato tão afoitos os que as buscavam, como nas casas onde sabiam não haver mais poder que o das mulheres! Prima, o que têm feito contra a nobreza os portugêses europeus com o seu ouro e os seus instrumentos de baixa ou da alta origem, nunca, havemos de esquecer.

Amador sobresteve, um instante. Tinha os olhos inundados de estranho e insólito brilho. Depois continuou:

— Cinco dias passou sem comer, o Capitão-Mór Matias Coelho, dentro de um pau ôco sem dêle sair; e o Capitão Gonçalo Carneiro, homem de mais de setenta anos, outros cinco estêve debaixo da terra em um caixão bem coberto, ficando parte dentro de uma casa e outra parte fora dela, sem ser visto, aberto para ter entrada o ar. O sargento-mór Domingos Coelho Nunes assistiu a uma temporada no meio do Capiberibe, entre umas lapas, sem mais comércio, nem mais trato que com as águas do mesmo rio, e um filho que lhe levava o sustento”. Prima, a valentia dos pernambucanos em lutar com todos os inimigos que esta guerra assanhou com o fim de abater egrégias tradições, tem-se manifestado por vários modos que eu me sinto insufficiente para dar a conhecer.

Em idênticas recordações levou Amador o resto do dia.

Na manhã seguinte, deixando o campo das divagações, e mostrando-se mais ligado aos interêses da família, disse à cunhada:

— Não lhe parece ser tempo de tratarmos da nossa ida?

— Devo dizer-lhe, Amador, que, perdendo meu marido, encontrei uma proteção amiga — respondeu D. Damiana.

— Esta declaração enche-me de satisfação; mas devo também dizer-lhe que, vindo a Goiana, não tenho outro fim se não levar você comigo, para o seio de minha família, que não é senão a sua mesma.

D. Damiana não disse uma palavra. Notando êste silêncio, acrescentou Amador:

— Esteja pronta no mais breve tempo que fôr possível. Precisam muito de mim no meu engenho. Não posso demorar-me aqui senão o tempo necessário aos aprestos para a partida.

— Primo — tornou-lhe D. Damiana — muito lhe agradeço o seu desvêlo; mas, não estou resolvida a deixar Goiana. Por que razão deixarei a terra onde nasci? Bem sei que estou pobre, porque tudo me roubaram os perseguidores da nobreza; mas, bem depressa me conformei com a adversidade e vivo hoje tranqüila neste êrmo, sem outra cobiça senão a de continuar a viver nêle. Você não conhece os tesouros de ternura das pessoas que me receberam em sua companhia. Marcelina, aos respeitos que, por sua condição obscura, julga dever ter para mim, ajunta afetos que me lembram os de minha prezada mãe; Lourenço, filho de Marcelina, não sabe onde me ponha; a solicitude dêle para mim não se pode avaliar. Entre os meus, Amador, nunca encontrei nem hei de encontrar mais verdadeira estima.

Estas palavras, impondo silêncio ao irmão de João da Cunha, deram-lhe que pensar por alguns momentos.

Horas depois, voltou ao mesmo assunto. Outra era a expressão do seu rosto, outro o tom da sua voz.

Disse:

— Em poucos meses, prima Damiana, aprendeu você uma lição que é a repulsa viva e absoluta de tôdas as lições da nossa família e da sua vida passada. Muito podê a adversidade; seja, porém, qual fôr a sua conformidade com as circunstâncias que tanto lhe mudaram os sentimentos, devo declarar-lhe que não

acho para isso explicação razoável. Compreendo, e todos compreendem, que, tendo você o espírito elevado e o coração católico, as vicissitudes da sorte gerassem nêles menos o desespero que a resignação, e que você visse nos últimos infortúnios largas ocasiões oferecidas por Deus, para dar provas das grandes qualidades de que é dotada. O que nem eu, nem você, nem ninguém poderá explicar, é este enfraquecimento dos laços que a ligaram por tanto tempo a uma vida distinta e limpa. Nem ainda é isto o que mais me admira. Quer saber o que me parece verdadeiramente misterioso e incompreensível? É a sua indiferença às relações da família; é o seu desapêgo aos afetos que sempre lhe tiveram, os seus parentes, e, entre êstes, eu sôbre todos.

— Mas, quem lhe disse, Amador, que sou indiferente à sua benevolência, às relações da nossa família? Será prova de desamor querer viver no meu retiro?

— Não é o retiro o que se lhe pode estranhar, prima. É natural que, havendo perdido aquêla a quem deve o seu maior lustre, busque ocultar do mundo as suas lágrimas. O que não é natural é que você troque pela proteção que lhe devem os parentes, a que, por caridade, lhe dão humildes estranhos. Isto é inexplicável. Atente bem nisso, prima. O mundo tem mil bôcas maldizentes. Vendo você viver às costas de uma família anônima e pobre, o mundo há de ter para mim os maiores baldões. Não há de faltar quem diga que, à baixeza minha, e não ao seu capricho, na realidade difícil de compreender, se deve o fato de ficar você vivendo de esmola, quando eu disponho de largos meios.

D. Damiana foi sentar-se mais perto de Amador.

— Amador, disse-lhe com voz suplicante, que interêsse tem você de privar-me de uma ilusão que me resta na vida? Quero ter tôda a franqueza para você. Tudo o que acabou de figurar, já me tinha passado antes pelo espírito. O que o mundo poderá dizer de mim, já o ouvi eu da minha consciência.

Mas, Amador — por que não lhe hei de dizer tôda a verdade? — já não poderei viver apartada desta família, sem sentir o coração despedaçado. Não ha muitos meses que estou aqui; mas, as cadeias que me prendem a esta gente, são tão fortes, que se alguém as quebrasse, quebraria com elas as veias do meu corpo, e não sei como poderia viver depois disso. Sinto que não terei fôrças para libertar-me de prisões que são hoje cordas do meu coração.

Amador em poucas horas estava informado de tudo. Soubera de Felícia a história da restituição dela; soubera da triste cena da estrada, entre Lourenço e Marianinha. Suspeitou que êste e a viúva o amor os enleara em estreitos laços.

Ergueu-se, e deu alguns passos pela sala. Voltou-se depois para a cunhada, em cujas faces a palidez se estampava. Fitou-a, não revelando ódio, sim tristeza; não ira, sim desdém.

— Sra. D. Damiana — disse-lhe — se se tratasse simplesmente da felicidade de uma mulher, fôsse nobre ou mecânica, não seria Amador Cavalcanti quem se interpusesse entre essa mulher e a fonte da sua felicidade, pôsto que as mulheres, além de caprichosas, são muito fáceis de cegar-se e acham muitas vêzes grandeza de leão no verme que rasteja pelo pó. Trata-se, porém, de uma mulher que foi recebida por um nobre, como legítima consorte, digna do seu nome e do seu sangue, à face da igreja e do mundo. Dobrada cobardia seria a minha, se eu fôsse tão fácil em retroceder, quanto foi fácil à senhora adiantar-se: como irmão dêsse nobre, tenho o dever de afastar de sôbre o seu nome uma mancha iminente. Se eu não procedesse assim, seria mais vilão que o vilão que, valendo-se da adversidade de uma senhora para quem nunca jamais devera erguer as vistas, pôde lançar no coração dela germes fatais, de que se geraram serpentes peçonhentas.

— A sua intenção é oculta, Amador. Seja claro.

— Já compreendi tudo, sra. D. Damiana; de tudo fui sabedor: o mistério de há pouco, penetrei-o. Aquêle que morreu mártir da sua nobreza, vai ter

um sucessor que nem um apelido tem. Os mascates não calcularam com esta vingança, que muito mais os deve alegrar do que a da própria morte do sargento-mór João da Cunha. A viúva dêste nobre será amanhã mulher de um ente anônimo, que percorre as estradas de Pernambuco, descalço e maltrapilho, vendendo os seus serviços por muito menos dinheiro do que vendia outrora os seus o Tunda-Cumbe.

— Meu Deus! Que está dizendo, Amador! Que fiz eu, que o autorize a formar de mim êste conceito? O senhor ofende-me sem razão. Não preciso das suas lições para saber respeitar-me.

— Se esta desgraça houvesse chegado ao meu conhecimento, antes de me ver outra vez livre, eu diria que Deus resolvera extinguir de todo a nobreza de Pernambuco, pela prisão, pela morte, e pela infâmia. Não posso compelir, porque não tenho êste direito, não posso compelir a sra. D. Damiana a zelar a sua própria honra; a minha nobreza, herdada de meus avoengos, aumentada com a educação que me deram meus pais, impede-me de constranger a ter nobre procedimento qualquer mulher que o não queira ter, ainda que sua mulher seja a viúva de meu irmão. Mas, o direito de desprezar essa mulher, que é a primeira a desprezar-se, êste eu o tenho, e ninguém pode impedir-me de o exercitar. A sra. D. Damiana é livre; pode acompanhar-me, pode ficar. O que, porém, lhe afianço é que Amador Cavalcanti saberá perseverar na altura a que tem direito, e aonde não chegarão jamais nunca os salpicos das lamas levantadas pelos animais dos arreeiros, ou pelos próprios pés dêstes.

Amador não deixou tempo para mais a D. Damiana. Voltando-lhe as costas, chamou imediatamente por um dos fâmulos, e, em voz alta, deu-lhe ordem a fim de ter os animais prestes para a volta, no dia seguinte, muito cedo.

À noitinha, um vulto veio rompendo do fundo do sítio, e, conhecendo gente de mais na casa, estêve para voltar; pouco depois, tirou para a cozinha. Era Lourenço que, sem ânimo para deixar Goiana, tor-

nava ao Cajueiro. Felícia informou-o de tudo. O rapaz quase perde o uso das faculdades mentais.

Passada essa primeira impressão, tomou para a palhoça, onde foi encontrar Marcelina chorando. Com a sua presença, a cabocla reanimou-se.

— Não imaginas o que tem acontecido nestas vinte e quatro horas. Joaquina com a Marianinha mudaram-se das nossas vizinhanças; e sinhá D. Damiana segue de madrugada para Jaboaão. O Cajueiro vai ficar bem triste. Quanta novidade em tão pouco tempo, sem a gente esperar! Felizmente, vejo-te ao pé de mim, filho.

— Que lhe disse sinhá D. Damiana, minha mãe?

— Saiu há pouquinho daqui. Ia banhada em lágrimas. “Nunca julguei — disse-me ela — que havia de passar por êste golpe. Tinha para mim tão resoluto o meu destino! Mas, que hei de fazer, minha boa amiga? Amador é duro. Falou-me em nome da memória de meu marido. Disse-me que se eu o não acompanhasse, cobrir-me-ia de infâmia; que os mascates, para menoscabarem essa memória, me levantariam mil aleives. Tenho mêdo da má fama, muito mêdo. Além disso, não me pertença, conquanto pareça que sou senhora de mim; pertença a uma família. Como havia de ser feliz, se não tivesse um nome! Na riqueza não vivi melhor que na pobreza. Mas, que hei de fazer, senão pagar o tributo que se exige de mim? Nunca me esquecerei de ti, Marcelina, nem de Lourenço”. “Ah! — disse ainda ela — dize a teu filho que eu lhe quero falar antes de partir”.

— Sinhá D. Damiana não sabia que eu havia ido embora?

— Não sabia. Eu não quis contar-lhe o ato de desespero praticado ontem por ti.

— Fêz bem, minha mãe; mas o que não farei é vê-la mais.

— Por que não hás de vê-la, Lourenço, se a pobre senhora se mostra tão agradecida a todos nós?

— Mostra-se muito agradecida? Não tem de que. Não passamos de uns miseráveis que não lhe fizemos

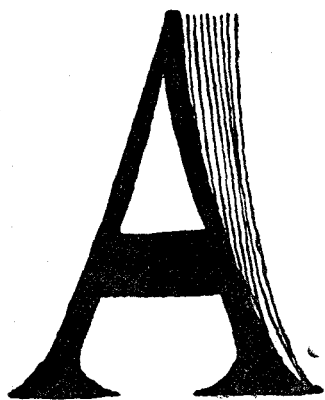
senão o nosso dever. Se ela não nos tivesse nesta conta, não havia de deixar-nos com tanta ingratição.

Quando ia a prosseguir, Lourenço sentiu sôbre o ombro uma pressão meiga. Voltando-se rapidamente, viu junto dêle a gentil viúva. A mão, que lhe pousara no ombro um instante tomou uma das dêle. Nunca o rapaz tinha sentido o doce contacto dessa mão fina e deliciosa, senão por ocasião do desmaio da viúva, ou nos fantásticos delírios em que êle se absorvia, durante as últimas noites no sobrado.

— Não me queiras mal pelo que eu faço contra a minha vontade, Lourenço, disse ela enternecida. Tenho o coração despedaçado. Minha alma fica no Cajueiro, ao lado de vocês. Mereço mais a tua compaixão do que o teu agravo. Levo comigo a saudade e a tristeza, bem cruéis companheiras; levo-as para bem longe, donde talvez não torne mais nunca a esta terra dos meu pais, das minhas recordações, das minhas mágoas. Não te esqueças inteiramente de mim, Marcelina, nem tu, Lourenço.

— Ninguém há de esquecer-se aqui da sinhá D. Damiana, respondeu o rapaz comovido.

As lágrimas acudiram-lhe aos olhos. Deu o andar para a porta e desapareceu nas últimas sombras do lusco-fusco, hora atroz para os amantes que se despedem certos de nunca mais se avistarem.



liga de Tracunhãem engrossara. Reduzida, pela caçada geral, a trinta membros, compunha-se de quinhentos um ano depois, não se compreendendo nestes números os escravos e agregados dos senhores de engenho que com êles se haviam asilado nas matas. O nome do chefe andava de bôca em bôca. Falcão d'Eça era a égide dos expatriados,

a providência dos perseguidos; alguns dos nobres tinham-no por doido, muitos por temerário, a maioria dêles por defensor das suas pessoas e fortunas.

Falcão não descansava. Mensageiros de confiança levavam os seus convites suasórios aos pontos mais afastados. Os nobres, que pela distância em que ficavam de Tracunhãem, não podiam sem perigo vir aumentar com suas pessoas o grande núcleo da resistência, remetiam mantimentos, roupas e munições. Alguns tinham contribuído com escravos e moradores.

Tôdas estas diligências porém realizavam-se com grandes cautelas por evitar os grandes perigos a que se expunham os que nelas se metiam.

Como era êste o único ponto que o açoite do govêrno ainda não lograra reduzir à ultima expressão, o governador tinha nêle concentradas as vistas. Muitos piquetes varriam quase constantemente as estradas que iam ter a Tracunhãem; muitos percorriam as proximidades do refúgio. A cada momento, para

assim dizermos, estavam sendo espiados os menores passos dos refugiados, e sòmente à conhecida valentia do chefe da liga se devia não se animarem os trôços ambulantes do governador a penetrar no esconderijo onde aquêlê chefe devia ter o centro das suas operações, e que êles por maiores esforços empregados não haviam logrado devassar.

Coisas maravilhosas diziam-se sôbre o ponto. Exagerando as fôrças e recursos dos asilados, o povo propalava e acreditava que o inimigo, por mais poderoso, que penetrasse ali, estaria irremissivelmente perdido. No dizer popular, as matas estavam cortadas de minas. Inexpugnáveis fortificações haviam sido construídas para defendê-los de assaltos. Existia dentro um verdadeiro arraial de guerra, onde nada faltava.

Havia exagerações nesses boatos, que explicam a reputação quase lendária, que cercava o nome do chefe da liga e a própria liga.

Ao contrário disso, Falcão d'Eça assentara por maior segurança não ter pouso fixo e ter muitos em vários pontos. Certo havia dentro das matas uma região, um vasto perímetro que os nobres tinham por seguro, e consideravam do seu exclusivo domínio. Dentro dessa região, rica de naturais defesas, em parte aumentadas pelo trabalho dos refugiados, moviam-se êstes, segundo convinha. Certo tinham êles armas e munições, víveres e gente para lutar quando offerecesse ocasião; mas — pode-se quase afirmar — não passavam daí os seu elementos de defesa; porque o pensamento de Falcão não era ficar nas matas por muito tempo, não era sòmente defender-se, mas principalmente, quando a medida dos seus recursos estivesse completa, fazer irrupção sôbre a vila odiada, e dar cabo do governador e dos ministros, ou, ao menos, expulsá-los de Pernambuco, a exemplo do que em 1710 haviam feito a Sebastião de Castro Caldas.

— Nós não somos negros fugidos, dissera êle uma vez a um dos companheiros. Os negros contentam-se com o seu esconderijo. Quanto mais oculto é êste, tanto mais lhes convém; porque os negros fugidos, como morcegos, têm horror à luz. Nós somos patrio-

tas, que nos ajuntamos aqui especialmente para combinarmos sôbre os meios de lançar fora da terra, que nos deixaram nossos avós, os intrusos que miram apoderar-se da herança que nos deixaram nossos pais. As matas de Tracunhâem não são os Palmares. Aqui há homens livres que tratam de castigar o despotismo; aqui há patriotas que esperam quebrar as cadeias com que pretendem encorrentá-los aventureiros ralados de cobiça; aqui não há escravos, há senhores, que hão de castigar, como a escravos êsses estrangeiros, que inculcando-se amigos do povo e atraindo-o a si, têm o pensamento clandestinado de tornar-se donos de Pernambuco.

Em um dos primeiros dias de junho de 1714, cortando por manhosas veredas que iam dar na região dos homiziados, onde eram esperados, quatro sujeitos chegaram a um dos pousos.

Seriam dez para onze horas da noite. Chovia copiosamente; as gôtas de água, caindo na vasta folhagem da mata, produziam rumor monótono e surdo que se assemelhava ao do vento nas fôlhas do coqueiral.

No pouso estava o chefe da liga, que foi o primeiro a recebê-los. Dois dêles eram Faustino Figueira e Domingos Gonçalves Freire que, depois de muito buscados pelos bandos do governador, e depois de várias tentativas abortadas para chegarem às matas, tinham realizado o seu intento, auxiliados por mensageiros de Falcão d'Eça. O terceiro era o nosso conhecido Francisco dos Prazeres, marido de Marcelina. O quarto era Saturnino.

O aspecto do pouso era simples. Em um ponto onde os matos haviam deixado um pequeno espaço livre, mostrava-se suspensa, sôbre quatro forquilha de boa altura, uma ramada mais baixa para um lado que para o outro, em forma de meia-água, sob a qual uma fogueira que esclarecia, tanto quanto era preciso, o âmbito. Não obstante ser muito copiosa, a chuva não ofendia o fogo assim abrigado.

Para livrar-se do mau tempo, tinham os refugiados pôsto em prática o meio simples que em certas tribos

os selvagens empregam: em altura conveniente haviam sido fortemente ligadas por cipós aos troncos de grandes árvores fôlhas de palmeira, de um e outro lado, inclinadas obliquamente, de modo que ao mesmo tempo serviam de condutores das águas e de cobertura às rêdes pendentes dos primeiros galhos, destinadas ao repouso dos donos durante a noite. Não eram poucas as árvores que se mostravam decoradas com estas palmas largas e compridas, o que indicava não ser pequeno o número das pessoas existentes naquele pouso. Todavia, como nesta indústria não interviera senão matéria-prima oferecida pela floresta, mal se imaginaria, se não fôra a fogueira, que por ali passara a mão do homem.

Faustino Figueira era capitão do terço de linha de Olinda. Por ocasião do levante dos mascates, em 1711, marchara contra o Camarão. Pelo seu arrojo e intrepidez, na batalha de Sibiró, onde praticara atos de bravura, pondo duas vêzes em retirada as fôrças daquele caudilho, tanto se expusera que, perdida a batalha, teve de cair no poder dos inimigos. Remetido para o Recife, foi sôlto pelo bispo, que era então o governador; mas, com a mudança dos tempos, sendo tenazmente perseguido, escapava às perseguições, asilando-se nas matas de Tracunhãem.

O outro, Domingos Gonçalves Freire, sargento-mór da ordenança em Olinda, e que, na distribuição dos presídios, quando os mascates estiveram sitiados, tivera a seu cargo o comando e inspeção dos pontos que pelo lado daquela cidade fechavam o assédio, receoso de pagar com a sua liberdade êstes atos de hostilidade contra os mascates, viera com o mesmo destino de Figueira.

Quanto a Francisco, bastará dizer que, não podendo vencer o remorso de prestar serviços aos perseguidores da nobreza, resolvera enfim passar-se para os perseguidos. O ajudante-de-tenente indicara-o a Figueira, exaltando muito a sua fidelidade e discrição.

Foi, talvez, êle o principal guia ao pouso, isto é, o que melhor compreendeu as indicações.

— Graças a Deus que já posso dizer — “não estou com os mascates”, dissera o matuto, penetrando na mata. Eu sei bem que se êles me pegam me penduram logo no primeiro pé de pau que encontrarem; porque antes de tudo, eu sou desertor — dirão êles. Mas eu direi que desertor era eu quando lá estava, porque a minha gente sempre foi a nobreza, e nunca os pés de chumbo. Se estive com êles todo êste tempo, só Deus sabe quanto isto me custou. Por vontade minha não foi; foi porque, encontrando-me com a farda nas costas e o pau-furado na mão, puderam dar-me leis e obrigar-me a fazer coisas que, em meu juízo e em minha liberdade, eu não faria nunca. Mas agora, lá se havenham; aguentem-se como puderem, que eu, se puder, ajudo a lhes tirar o couro. Estou muito prático no serviço da arma; sou hoje um soldado de patente; podia até ser um sargento-mór. Estou pronto para entrar em fogo, tendo à minha frente “seu” Falcão, que é só em quem se fala. Eu também só falo nêle, porque tenho muita fé em quem mostra tanta coragem.

Tudo isto dissera Francisco ao entrar na mata. Parecia ter ganhado aí alma nova, ter recuperado os seus antigos espíritos, e até a sua graça e bom humor natural.

— Capitão — disse Figueira, logo que avistou Falcão d’Eça — trago-vos uma notícia cruel.

— Mais uma que venha não fará mossa na minha couraça. Há dois anos que não recebo aqui notícias de outra natureza. Mas dissei-me sempre o que é, dissei logo, Sr. Capitão Figueira.

— Tranqüilizai-vos. Não é nada contra as matas de Tracunhêm.

— Contra as matas, retorquiu Falcão, já êles não têm mais nada que pôr por obra. O seu entendimento esgotou-se; digo mal, esgotou-se a sua cobardia, a sua perfidia. Sòmente lhes resta hoje um meio, que a chuva do céu não lhes permite pôr em prática: é tocar fogo nas matas. Se não fôra esta invernada parece que estas léguas de espessura já teriam ardido,

e com elas os que existem aqui dentro, mais prontos para morrer que cuidadosos da vida.

Tinham desembocado na pequena aberta onde ardia a fogueira. Vendo-os chegar salvos, vários dos refugiados, saltando das rêdes e dos troncos secos onde estavam, correram ao seu encontro: havia uma como comunicação de alegria em todos, sempre que chegava um novo companheiro. Ao reflexo do fogo, aquêles vultos de barbas e cabelos compridos, de variados trajos, uns altos e esguios, outros baixos e cheios de corpo, quase todos silenciosos; alguns trazendo arma de fogo na mão, e cartucheira a tiracolo, alguns com espadim, ou catana pendentes de cintura, alguns arrimados a grossos cipós-paus; êstes trazendo chapéus na cabeça, aquêles trazendo unicamente esta parte do corpo envôlta em lenços de côr, como praticam com lenços brancos as mulheres beatas, ou as de humilde condição, mal se cuidara que ali estava representada a primeira nobreza da província, e que homens de clara estirpe, muitos dêles senhores de grandes fortunas, se confundiam assim pelas mostras, com um bando de malfeitores, réus de todos os crimes. Havia, contudo, ali corações verdadeiramente nobres; espíritos verdadeiramente dignos, pelas idéias de engrandecer a terra natal; entre êsses mesmos havia muitos que eram realistas sinceros, inimigos do governador, mas vassallos fiéis que, não sem mágoa, viam em colisão a sua vida e a hostilidade aos representantes do rei, os depositários da autoridade pública.

Restabelecido o silêncio. Falcão voltou ao assunto de que tratara momentos antes:

— Não nos dissestes ainda qual é a triste notícia que tendes para dar-nos.

Figueira respondeu:

— Não fostes sabedor de ter chegado ao Recife uma esquadra de Lisboa, e nela ordem para que o bispo se retirasse cem léguas da sua catedral, a fim de não influir suborno nas testemunhas?

— Fomos sabedores, sim, dessa gentileza do governo da metrópole, respondeu Falcão.

— Pois bem. O bispo já está de marcha para as Alagoas, cumprindo humildemente a vontade caprichosa dos fariseus.

Depois de rápidos instantes de silêncio que sucederam a estas palavras:

— Que vos disse eu, padre Guerra? perguntou Falcão, voltando-se para um dos nobres que cercavam os recém chegados. Eu esperava que assim tratassem quem já os teria pôsto fora, se houvesse aceitado o convite para ser o chefe da revolução.

— Mas, senhores — disse o padre — já a igreja não merece nenhum respeito a quem tem o dever de velar pela majestade dela? Quando a impiedade partia dos aventureiros, nada havia que dizer: os aventureiros profanam os lugares sagrados, e arrancam dos santos as jóias que vendem nas tabernas a trôco de cachaça ou bertagel; mas que da côrte de Lisboa venha semelhante desacato, coisa me parece esta que excede a medida da maldade humana, e bem indica o ódio de Portugal contra nobreza de Pernambuco.

— A chegada daquela frota não foi de todo má, visto que esta notícia nos trouxe outra com que devemos alegrar-nos. Veio ordem para que devassasse dos levantes o desembargador Cristovam Soares Romão... disse Domingos Freire.

— O *Cutia*, o *Cutia* — acudiu Falcão d'Eça... Sim... E' boa chita o *Cutia*. Falais irônicamente, não é assim?

— Não vos pareceu sempre um pouquinho melhor que o Bacalhau, a quem os drs. Ortiz e Brandão deram por suspeito em Lisboa pela sua notória parcialidade a favor dos mascates?

— Melhor! exclamou Antônio Bezerra. Achais pouco o que tem feito? Conheci na Paraíba o *Cutia*. E' capaz de tôdas as aleivosias, e o tempo vai mostrando se eu não tenho razão. Ah! pensais que nos há de chegar de Lisboa coisa que preste?

Falcão concentrou-se um momento, enquanto os companheiros praticavam de vários assuntos relativos ao ponto principal.

Domingos Freire, que era dotado de gênio jovial, quando os outros consideravam o assunto pelo lado sério, atraiu a atenção de alguns, encarando o lado cômico.

— Senhores, tenho um presente que lhes dar, mas antes de tudo, quero cachaça para tomar uns goles, porque estou resfriado; e depois dos goles, alguma coisa que comer, ainda que sejam pastéis fresquinhos, ou queijadas doces, como as que aparecem nos presepes de D. Úrsula.

— Pastéis frescos e queijadas doces nestas alturas! Sempre te conheci chalaceiro, Domingos, disse Manoel Bezerra.

— Não desconversem. Vocês, que são os donos do rancho, estão na obrigação de dar boa ceia a hóspede da minha prosápia. Se, por gulosos, comeram na janta o peru e tôda a aletria, contento-me com uma pouca de carne de sol assada ali na fogueira. Quem é o despenseiro?

— A despensa é franca. Do jantar nos ficou ali um quarto de carneiro. Tira um pedaço, mete-o no espêto, assa-o tu mesmo.

— Asso eu, asso eu — gritou Francisco.

— Então faze logo esta obra de caridade às nossas barrigas famintas. Molharemos depois a goéla com bom vinho de Lisboa, que deve haver na adega de Falcão.

— Aqui não entra nada de Lisboa, nada da santa terrinha.

— Perdão, perdão. Não adverti que estava num acampamento onde se trama contra tudo quanto é europeu.

— Mas olha: ali há ótima aguardente num garrafão. Chegou ontem do engenho Cumbe. Presente que mandaram a Bulhões.

— Mas enquanto não chega o carneiro, dá-nos o mimo que nos trouxeste, observou Francisco Botelho.

— Isto só ao pé da fogueira.

Encaminharam-se para ali, e em troncos sentaram-se todos os que com Domingos Freire estavam formando grupo. Além de Matias Barbosa, Antônio Bezerra, Manuel Bezerra e Francisco Botelho, compunham aquêlê grupo Francisco de Melo, João Nunes Tinoco, Lourenço Uchôa, Álvaro Marreiros e Simão Mendes.

— Não é nem brilhante nem ouro em pó; mas é coisa que vale ouro e brilhante. E' uma décima que compôs para epitáfio do juiz de fora uma musa nossa patricia.

— Para epitáfio do juiz de fora?

— Sim, o juiz de fora Paulo Carvalho, que é morto.

— E' verdade.

— Morreu hidrópico do muito mal que fêz à nobreza, e das largas peitas que recebeu da mascataria. Tão hidrópico morresse o Bacalhau que publicamente dizia que a "todos que" morassem das pontes do Recife para fora, se não pudesse tirar a pele, havia de tirar a camisa". O diabo os fêz e o governador os ajuntou, êsse governador alarve, que é capaz de comer um boi de uma assentada, tão sevandija que estando à mesa, mandou buscar o asqueroso, e imundo vaso de espurcias para exoneração do ventre cheio, e à vista dos assistentes, no mesmo tempo do comer, estar em ato contrário". (1)

— Quem pratica "ação tão fidalga pode presumir-se e afirmar-se que teve o nascimento em alguma estrebaria, e a criação em algum chiqueiro (1)", disse Simão Mendes.

— Vamos à decima, acrescentou Botelho.

Então Domingos Freire, tirando do bôlso um papel, desdobrou-o e leu:

"Jaz debaixo de um calhao,
Que é de pederneira galho,
O defunto juiz Carvalho,
Esperando o Bacalhau.

(1) Mem. histórica de Pernamb.

(1) *Idem.*

Da morte dêste marão
 Nenhum dos mortais se queixe,
 Deixe andar o mundo, deixe,
 Que a morte não acabou:
 Se ela o Carvalho cortou,
 Inda há de pescar o peixe (2).

Gargalhadas e palmas, sucedendo-se irresistivelmente a êste produto da musa pernambucana no século XVIII, atroaram os ares abafados da floresta.

Quando cessou o estrépito do aplauso, Domingos Freire, voltando-se para um lado, gritou:

— O' Francisco, traze logo o carneiro.

Francisco entrou, quando ainda soavam estas palavras, no pequeno espaço esclarecido pela fogueira; mas em lugar de carne, o que trazia era um homem, agarrado pela véstia. Com grande esforço pudera arrastá-lo até ali. A luta fôra tão renhida que parte da camisa do matuto vinha em pedaços.

— Tomem conta do cabra, que já não posso comigo mesmo!

Assim dizendo, atirou para o lado da fogueira com quantas forças lhe restavam o desconhecido, e, por não se poder ter mais em pé, caiu para o outro lado.

Em menos de um minuto o desconhecido estava cercado por todos os que de perto, ou de longe, haviam testemunhado a inesperada cena. Alentada a fogueira de propósito, para que pudessem ser bem reconhecidas as feições do espião, puseram-lhe as cordas, e amarraram-no ao tronco de uma árvore.

Havia por êsse tempo no Recife um mascate de nome Gregório, muito protegido por um europeu chamado Afonso Maciel, de todos temido. Quando o Camarão, primeiro sustentáculo dos mascates ao sul da província, entrou no Recife, para visitar Félix José Machado, chegado de há pouco, muito escândalo ocasionou à nobreza Afonso Maciel com os vitupérios e convícios que para ela teve.

Com um grande séquito de conterrâneos seus, fôra esperar e receber o caudilho em Afogados, ao

(2) *Mem. histórica de Pernamb.*



som de fagotes e charamelas. No momento de Miguel Corrêa lançar ao pescoço do Camarão uma medalha em festão lavrada de ouro, Maciel, não querendo ficar atrás, desabotoou o talabarte donde pendia vistoso espadim de bainha de ouro, e cingiu com êle o chefe caboclo. Ao passar pela rua onde morava, alcatifada como se houvera de receber um monarca, ou um benemérito da humanidade, foi a mulher de Maciel, que de cima das suas janelas adornadas com tapeçarias as que mais custosas ostentava, foi a mulher dêsse europeu a que mais água de Córdova, mais flores, mais confeitos e moedas atirou em honra do Camarão. Foi ela a que, descendo da sua morada até a rua, obtida permissão do marido, correu e abraçou o chefe caboclo, que arrogante e ancho de tão estrondosa recepção ostentava, à frente dos seus quatrocentos índios, a bizzarria de um guerreiro e a altivez de um ditador.

Não lhe faltando meios, porque êle era negociante sólido, não lhe faltando estímulo, porque a maioria dos seus conterrâneos, reconhecendo de quanto era capaz, lisonjeava a sua vaidade, e o incitava a praticar os maiores desdêns para os nobres, disse um dia, no fim de um jantar opíparo, em um dos sobrados da rua dos judeus, que lhe havia de ser o seu Gregório quem daria com o esconderijo de Falcão d'Eça, e quando não pusesse as algemas neste rebelde, havia de tirar-lhe a vida, para que não tramasse novo levante, e de uma vez para sempre ficasse ensinado. Fôra dito isto depois de larga comezaina e de copiosos licores que lhe deveram perturbar a consciência; mas, no outro dia, camaradas exaltados lembraram-lhe o juramento feito no dia precedente, e foi isto bastante para que Afonso Maciel o ratificasse. Entre os baixos sequazes dos mascates, aquêles que percorriam em continuadas jornadas o sul da província, não havia um só que não soubesse entrar nas matas de Tracunhâem e chegar até a região onde não corria risco inspeção estranha, porque constituía domínio público; mas dentre tantos que chegavam até ter-

reno ou campo neutro, nenhum se arriscara jamais a dar um passo para diante, temendo, não sem razão, cair nas emboscadas do célebre chefe da liga.

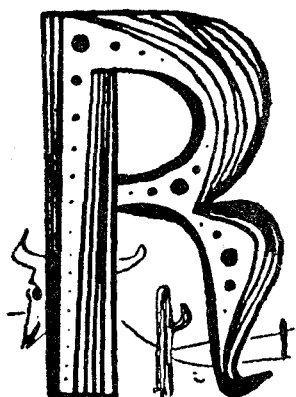
Gregório, porém, levado por sequazes conhecedores das veredas, animou-se a penetrar nas que eram suspeitas; e com a coragem dos instrumentos da sua condição, deixara-se ficar em paciente observação, oculto pelos matos, na entrada de uma dessas veredas, aguardando meio de penetrar no segrêdo.

Duas desgraças esperavam-no porém ali. A primeira foi Faustino Figueira acertar, com os companheiros, de tomar pela mesma vereda para o pouso. Gregório acompanhou-os, servindo-lhe êles, sem o suspeitarem, de guias no intricado labirinto dos matos, e nas trevas da medonha noite de inverno.

A segunda desgraça foi colocar-se perto da árvore donde pendia a matalotagem que Francisco buscava.

Se isto não fôra, ou êle, cansado de esperar em vão, deixaria o mato sem coisa de maior, desenganado de achar o refúgio dos pernambucanos; ou não seria descoberto por Francisco, e teria sido o herói de uma alta façanha no conceito dos mascates, ocasionando a prisão de quinhentos nobres, entre os quais o chefe da liga, que por si só valia mais para o governador do que todos os outros quatrocentos e noventa e nove.

XVI



ECONHECENDO no espião o acostado de Afonso Maciel, Falcão d'Eça empalideceu. Como pudera penetrar até ali? Teria vindo só, ou seguido de tropas incumbidas de prender os nobres? Estavam estas perto ou longe? Demorar-se-ia o ataque, ou deveria romper já?

A primeira idéia que lhe ocorreu, foi a de mudar de pouso. Os outros companheiros tiveram o mesmo pensamento, em presença do perigo considerado iminente.

— Nem mais um instante aqui! disse um, disseram quase todos, entreolhando-se confusos, senão admirados de não haver ainda rompido fogo contra êles.

Sobressaltados e precipites, cada um se munuiu das suas armas; cada um, no seu fâmullo, ou escravo, pegou da ligeira bagagem; todos tomaram imediatamente o caminho em direitura para o *Rancho do quiri*, denominação dada por Falcão a outro arraial que ficava distante, cerca de três quartos de légua, do que desamparavam. Devia chegar lá ao amanhecer, depois de atravessarem vários arraiais, donde iriam coligindo tôdas as fôrças esparzidas na vasta massa dos bosques. Era esta uma estratégia que o chefe praticava sempre que se pressentia ameaçado — concentrar em um só ponto os vários contingentes.

A noite estava medonha, assim pela escuridão, como pelo tempo, que não suspendera.

Falcão ia na frente. Ninguém sabia, como êle, as sendas amigas. Intrépido e hábil, não havia matos, lamas, barrocais, desfiladeiros, precipícios, que lhe retivessem a marcha por perigosos ou desconhecidos. Às vêzes, deslizava-lhe o pé nas fôlhas ume-didas, ou na argila escorregadia, e êle vinha em terra; mas logo se levantava, e seguia, sem proferir uma palavra que, ao menos, de longe, indicasse indecisão ou desânimo.

Os outros acompanhavam-no quase instintivamente, como autômatos. Os que eram mais sabedores dos caminhos conduziam os menos práticos, dando-lhes a extremidade de uma vara, e pegando na outra extremidade, como usam os guias com os cegos.

Era de singular efeito a vista oferecida, de tempos a tempos, por aquêle longo cordão de figuras silenciosas em que se notavam semblantes de tôdas as feições, ao fuzilar dos relâmpagos nas abertas dos matos, ou ao clarear dos vagalumes no mais fechado. Uns de botas, outros descalços, todos, escorrendo água e tiritando de frio, lembravam, em parte, o tropel de fugitivos que no século XVII, deixando o Recife e as estâncias vizinhas, que haviam caído no poder dos holandeses, caminhavam a pé, na direção do sul, em demanda das Alagoas, por escapar aos vencedores.

O *Rancho do quiri*, que tomava a sua denominação de ser o lugar muito abundante daquela madeira, ficava quase no fim da mata, à beira de uma baixada, que com as grossas chuvas se mudara em vasto lago mediterrâneo.

Estavam ali os refugiados mais próprios para entrar em fogo, os de fibra rija, pela vida áspera que tinham levado antes. Compunham-se, em sua maioria, de moradores e foreiros, dedicados aos senhores de engenho. Quase tôda esta gente, passante de cem indivíduos, se sustentava de caça e frutas agrestes. Uma vez por outra, saíam alguns do esconderijo, e nos povoados mais próximos iam prover-se de farinha e bebidas, ou iam buscar nos engenhos, onde tinham famílias, outras provisões; o mato, porém, era

o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatu, a cutia, o preá; agora o jacu, a juriti, o nambu, pato bravo; agora o ananás, o inhame, o ingá, a mangaba, o caju.

Às vêzes saíam a pescar à noite, nas lagoas perdidas no interior da espessura: era para ver como tarrafeava hábilmente o que se supunha, à primeira vista, não saber outro ofício se não o de carguejar. Voltavam trazendo cestos cheios de camarões e traíras.

Para êsses homens, não trouxera grandes inclemências o homízio. Muitos dêles preferiram estas indústrias grosseiras e selváticas à do trabalho de plantar ou almocrevar. Alguns que tinham a sua ponta de índio, compraziam-se nesse viver despreocupado, próprio e querido dos povos nômade. Tais haviam que diziam com sinceridade, quando sucedia falar-se-lhes no têrmo das perseguições e na volta ao antigo estado:

— Deus queira que não acabe mais esta guerra.

Outros completavam a idéia:

— Quero antes esta vida, muito menos trabalhosa, que a do engenho. A única falta que sinto é a de minha mulher.

Pela madrugada chegaram Falcão com os companheiros ao *Rancho do quiri*, e ao amanhecer, reunidos em figura de conselho os principais nobres, trataram de sentenciar sumariamente o espião.

Notava-se no ponto insólito alvoroço. Todos os semblantes, ainda os de seu natural mais serenos, davam mostras de invencível inquietação. Muitos dos fugitivos ali reunidos nunca se tinham achado em condições de testemunhar espetáculo idêntico ao que fôra resolvido.

Chegado o momento, em uma aberta da mata, seis escravos formaram uma roda, como se se aparelhassem para certa dança circular que usavam os nossos índios.

Ao meio do círculo fôra arrojado o espião, nu, da cintura para cima, com as mãos atadas atrás das costas. Alguns dos refugiados mais animosos, os mais duros, de pé, ou sentados junto das árvores que for-

mavam o desigual anfiteatro — grosseira semelhança dos circos romanos onde prisioneiros de guerra combatiam para divertimento do público — testemunhavam a punição cruenta que talvez terminasse com a morte do delinqüente. Sôbre êste, que umas vêzes implorava perdão, outras soltava imprecações injuriosas, descarregavam os executores os instrumentos da infame e infamante pena.

O paciente, que ao princípio rugia de cólera, ou gritava ou vociferava, do meio para o fim, quebradas as fôrças, enfraquecidos os espíritos, recebia em silêncio, mal se sustentado de pé, e por último caído por terra, as varadas brandidas pelos vigorosos pulsos africanos.

Era a isto que se chamava *roda de pau*, castigo muito praticado naqueles tempos, por naturais de Pernambuco, especialmente contra portugueses europeus.

Vários alvites tinham sido indicados, várias penas propostas, entre as quais a do *saco de areia*, hoje inteiramente desusada, como a da *roda de pau*.

À surra de saco de areia ligava-se uma superstição: o povo acreditava que o paciente de semelhante suplício não declarava, em caso nenhum, o nome do ofensor. Era castigo aplicado a culpas graves, e consistia em um longo estôjo de lona cheio de areia fina bem socada, que, tanto pela forma, como pelo tamanho e dureza, se parecia com um cacête. À circunstância de ter no fundo uma moeda de cobre e uma rodela de fumo, invenção da superstição do povo ignorante, atribuía êste a especial virtude de impor silêncio ao que com êle era castigado, e que, por muito moído em todo o corpo, mui raras vêzes sobrevivia ao castigo.

Quando no rancho foi indicada a surra de saco de areia, para a punição do espião, um dos matutos observou, em tom de chalaça:

Isto é lá para a beira da praia, onde não há madeira forte; não é para aqui, onde não falta quiri nem pitiá, e só temos barro duro, e não areia fina.

Ainda por estas razões, que bem indicam não ser o aludido castigo filho da região das matas, ou do sertão, mas, sim, do litoral, e talvez até de país estrangeiro, provavelmente da Holanda, prevaleceu o da roda de pau, o qual, parecendo mais atroz que o outro, nem sempre, na crença do povo, tinha, como aquêles resultados fatais; porque à roda de pau muitos sobreviviam, ao sacco de areia quase nenhum; o primeiro tinha por fim castigar, ou *ensinar*, como se dizia então, ao passo que o último tinha por fim matar.

Ora, os nobres não quiseram sentenciar à morte o espião; ao contrário, entrara no seu plano que, longe de ocultar o nome de quem lhe applicara o castigo, fôsse depois o espião revelá-lo àqueles cujo era mandatário. Havia nisto particular sabor de vingança — o desdém por não ter o arдил sortido o esperado efeito. Estava tão enraizado no espírito pernambucano do seculo passado, que não contribuiu pouco para a explosão revolucionária de 1817 a prevenção contra os portuguezes, até certo ponto justificada pelo exclusivismo que afastava os brasileiros das posições e empregos importantes na região official, e tão em voga o castigo corporal como represália àquele exclusivismo, à qual se ligava a idéia de ter em pouca conta os preferidos, ou de os rebaixar, que um dos nobres — o sargento-mór Leonardo Bezerra, depois de três anos de prisão em Lisboa, escreveu da Bahia, onde voltando ao Brasil, se fixara definitivamente, aos parentes em Pernambuco, lugar do seu nascimento:

“Não corteis um só *quiri* das matas; tratai de poupá-los para, em tempo oportuno, quebrarem-se nas costas dos marinheiros” (1).

Reproduzindo estas palavras, não sou levado por intuito de picar a nacionalidade irmã, intuito que não teria o menor fundamento, e contra o qual, muito ao contrário, não me seria difficil aduzir provas, tomadas de mim mesmo. O meu fim único é dar idéias dos costumes e paixões dominantes naquele tempo;

(1) Abreu e Lima, “Synopsis”, pag. 171.

é autorizar a narrativa com a tradição, junto da história.

Terminado o atroz suplicio, mandou Falcão d'Eça pôr um pano nos olhos do supliciado, e conduzir êste para fora do pouso. Inútil, senão irrisória precaução. Gregório, mole, esqualido, metia horror. As alvas costas, para onde, por especial recomendação, tinham convergido os golpes dos executores, haviam enegrecido: não se notava diferença de côr entre os algozes e a vítima. Sòmente as mãos e os pés atestavam, pela brancura, a raça do infeliz.

Deixaram-no, por morto, na entrada da mata, tendo em uma das mãos um papel com êste improviso em verso, obra de Domingos Freire:

“Buscar lâ veio o Gregório,
Mas volta bem tosquiado:
Se vier, por mais finório,
O Félix José Machado,
O Cutia e o Bacalhau,
Havemos de ter, não uma,
Mas quatro *rodas de pau*”.

Seria meio-dia. Tinha feito uma estiada. O sol chegou mostrar-se, ardente e amarelento, como é o sol do inverno. Aproveitando a impressão deixada nos espíritos pela notícia de partida de D. Manoel para as Alagoas, e pela audácia da recente espiagem, aproveitando, enfim, a crença de todos os homiziados, de não esperarem remédios aos seus males senão de si mesmos, e de estarem constantemente cercados de emboscadas e perigos, Falcão d'Eça chamou de parte alguns amigos, em cujo critério e decisão mais confiava, para que lhe ouvissem a última palavra:

— É tempo de tomarmos uma resolução. Quando me meti nestas matas, não foi com o único intento de escapar à prisão ou à morte. Tendo parentes no Ceará, ser-me-ia fácil, se o meu intento fòsse sòmente evitar a prisão, emigrar para o seio dêles, onde estaria ao abrigo de tôda hostilidade. Quem primeiro me impeliu para aqui, senhores, não foi um sentimento baixo — o mêdo; foi um sentimento ele-

vado — o amor da pátria; fio que de vós poderei dizer outro tanto.

— De certo, respondeu o padre Guerra.

— Que viamos antes da luta? Dois interêsses, um estrangeiro, outro brasileiro. Levados de cobiça, e não satisfeitos com serem senhores do comércio e das indústrias, os portuguezes europeus queriam chamar a si a agricultura, impondo aos agricultores obrigações que redundavam em ficarem êstes à mercê daqueles. Como não pudessem, por meios lícitos, levar a efeito o seu intento, maquinaram criar a vila onde tinham e onde têm a sua fôrça, e tornar-se, por êste modo, árbitros dos preços dos gêneros que haviam de ser forçosamente tachados por almotacés do seu pano; e êste diabólico intento estaria de todo realizado, se a nobreza não pusesse para fora o governador que tivera o arrôjo de promover a criação da vila maldita. Sabeis, tão bem como eu, o que se seguiu ao ato de energia, que nos livrara de Sebastião de Castro Caldas. Foi no Senado da Câmara de Olinda, reunido para providenciar sôbre o govêrno da capitania acéfala, foi aí que o amor da pátria, fazendo-nos pulsar os corações, proclamou em nossas consciências a necessidade de tornarmos Pernambuco independente da metrópole, madrasta e não mãe. O amor da pátria, pernambucanos, o amor da pátria é uma paixão grande que se gera, não do ajuntamento de dois sêres como geram as criaturas, mas do ajuntamento de milhares de sêres, do ajuntamento dos povos; que nasce, não sob teto particular, ou em leito clandestino, mas sob teto público, sob a abóbada livre e ampla dos céus, no largo leito das praças; que nasce, não ocultamente, à luz de candeia noturna, trancadas as portas, mas nas vistas de todos, fora de paredes ou cortinas, alumiado pelo sol do dia; que nasce, não como nascem as crianças que acendem rubor na face das mães, mas como nascem os sentimentos imortais, trazendo à face dos patriotas o sangue vivo do coração, porque o amor da pátria não é uma paixão vergonhosa, e sim uma paixão egrégia, que dignifica os que nela se abrasam. Sabeis, tão bem

como eu, que a primeira palavra nesse consórcio do Senado da Câmara com a nobreza, foi no sentido de Pernambuco declarar-se república; mas, como naturalmente acontece sempre que se congregam muitas vontades, os que assim pensavam, encontraram da parte de outros pensar, senão inteiramente oposto, ao menos restrito quanto à oportunidade da declaração. O que os *exaltados*, a cujo número tenho orgulho de pertencer hoje mais do que então, porque os acontecimentos posteriores, confirmando a nossa razão, vieram provar que dos meios brandos nada colheríamos, queriam realizar imediatamente, isto é, a separação, entenderam os *moderados* que se devia adiar para logo. Não faltou nestes, senhores, amor da pátria, faltou um pouco de previsão, um pouco do conhecimento dos homens, e sobejou prudência que não mereciam os nossos inimigos. Os moderados, no pensamento de conciliarem os ânimos, propuseram a eleição do bispo, ficando êste obrigado a conceder aos nobres o perdão em nome de el-rei. Entendiam-se êles, e entendem todos, menos alguns, de cujo número faço parte, que esta providência reconduziria a Pernambuco a tranqüillidade e a paz, fazendo entrar nos seus justos limites os mascates exorbitantes. Sabeis, tão bem como eu, que em vez de se submeterem a tão prudente alvitre, os mascates levaram seis meses a aparelhar o golpe, que descarregaram contra nós, e ocasionou o sítio do Recife, até a chegada de Félix José Machado; o que trouxe a certeza da sua perseverança e contumácia em sotopor-nos. Sucedendo as prisões, quase em massa, e por sentenças arbitrárias dos novos ministros contra nobres, o único remédio que a êstes se ofereceu, foi desamparar as suas famílias e propriedades, para se meterem, como feras, nos bosques. Depois desta prova da ineficácia do meio paliativo, proposto em Olinda pelos moderados, que se devia fazer? O que se devia fazer era voltar à primeira idéia, aventada em Olinda pelos exaltados, ou antes, pelos de maior providência — à idéia da separação; era pôr em campo a revolução nacional. Sa-

beis, tão bem como eu, que do seio destas matas vozes eloqüentes, soltadas por quem na tribuna sagrada está afeito a arrebatat os mais vastos auditórios — vozes eloqüentes do padre Guerra — representando a aspiração de trinta refugiados illustres pelos seus troncos e haveres, foram levar ao bispo D. Manuel — ponto culminante do nosso partido, não só pela sua posição na igreja, mas também por ter sido o nosso chefe o governador no levante dos mascates — as nossas súplicas e instâncias para que aceitasse o primeiro lugar à frente de nós, nessa revolução tão nobre quanto justa. Sabeis, tão bem como eu, que, surdo às nossas rogativas, a sua resposta foi uma recusa formal, foi um ato de desânimo, inspirado talvez em piedosa ingratidão. Todavia, alguns dos que me escutam aqui agora, não afastaram de todo as vistas de sôbre o prelado; e esperavam que mais cedo ou mais tarde, vendo os destroços daqueles que o haviam elegido em Olinda para chefe, se resolvesse a dar o passo direto, e único adequado à nossa salvação e glória. Acabamos, porém, de saber que D. Manoel, intimado para se ausentar da sede do levante cem léguas, já está de marcha para as Alagoas, como corre a longínquo estábulo fraco cordeirinho apavorado por lobos carniceiros. Depois desta solução final da abortada esperança, dissei-nos, senhores, o que nos resta? Devemos continuar aqui foragidos, nus e crus, ausentes de nossos filhos, os nossos engenhos e fazendas destroçados e seqüestrados, a nossa saúde enfraquecida pelas injúrias do tempo, fomes, vigílias, febres e frialdades, sem um físico que nos receite um xarope, os mantimentos escasseando de dia a dia, os inimigos levantando cada vez mais a cabeça dêles, enquanto nós cada vez abaixamos mais a nossa? Preciso de saber o que resolveis.

Falcão calou-se.

O padre Guerra, como se estivera de inteligência com o chefe da liga, respondeu-lhe, depois de curta interrupção:

— Não nos pergunteis, Falcão, o que resolvemos; dissei-nos o que tendes resolvido. Vós que haveis

sido a nossa coluna neste êrmo de amarguras, tendes o direito de indicar-nos a vossa vontade. Por minha parte dirvos-ei que estarei cegamente pelo que vos parecer melhor. Entendeis que devemos continuar doentes, famintos, rotos e esfarapados, sem tranqüilidade de espírito nem comodidades físicas, a cada momento julgando-nos descobertos como ainda ontem, enfim com o coração nas mãos, e a alma sòmente entregue a Deus e à aventura? Se é êste o vosso parecer, estarei por êle; ficaremos aqui indefinitamente, até que nos mares encapelados da adversidade sobrenade uma tábua de salvação. Entendeis que, tendo em menoscabo todos os sacrifícios por que há dois anos estamos passando, devemos nós, enfim, para epílogo condigno de tamanha tragédia, deixar o nosso asilo, correr à vila maldita, subir as escadas — escorregadias de vinho e devassidão — do palácio das duas tôrres, e aí batendo com a mão no peito, como penitente em artigo de morte, confessar ao governador culpas que na realidade não temos, e pedir perdão que provàvelmente nos será recusado? Se vos parece decisivo, para têrmo dos nossos males, êste recurso sem nome, acompanhar-vos-ei até à morada da soberba, da avareza, da luxúria, da ira, da gula, de todos os pecados mortais, aí rojar-me-ei aos pés do que tem feito do officio de governador edificio de ódio, imoralidade, vícios e crimes. Se vos parecer...

Falcão interrompeu o padre Guerra, com uma interrogação hábil e estratégica, e um gesto rasgado que acusava irrupção de sentimentos por muito tempo sustidos:

— Padre, falais em vosso nome, sòmente, ou falais também em nome de todos os que nos escutam?

O padre Guerra, que estava sentado em um toro sêco, ergueu-se imediatamente. Quem fôra estranho ao congresso da selva não dissera que estava ali um padre. Os cabelos e a barba de mais de ano, trazidos em parte pela dificuldade de serem aparados a tempo e a hora, em parte pela conveniência de ter o rosto mudado, chegavam-lhe aos peitos e às espáduas, e



davam-lhe uns longes da solenidade que haviam às suas grenhas os antigos profetas. Os olhos brilhantes, o nariz alto no meio e grosso na ponta, as mãos e a testa salientes, a tez entre pálida e tostada, ajudavam a expressão da guedelha, dando ao antigo profeta parte do moderno tribuno.

— Creio poder afiançar-vos, capitão, disse êle, discorrendo rápido olhar por sôbre os companheiros, alguns dos quais, imitando-o, pela fôrça comunicativa do seu gesto, já estavam de pé, entregues a poderosa comoção — creio poder jurar-vos que nem uma voz divergente virá contradizer o meu enunciado, filho da nobreza e lealdade que nos são comuns a todos, filhos principalmente da confiança sem limites que, pelo vosso procedimento alevantado, nos tendes merecido até êste momento.

Falcão deu alguns instantes ao silêncio, como quem aguardava manifestação mais larga e positiva. O seu silêncio era na realidade uma interrogação.

Compreendendo-o talvez alguns dos nobres, e entre êstes Ribeiro da Silva, Faustino Figueira e Bernardo de Alemão, adiantaram-se para clamarem com certa ênfase:

Falcão, que era um homem bonito, nesse momento aliava à graça do seu gesto o prestígio que lhe haviam captado dois anos de perseverantes esforços em triunfar das maquinações e traições dos inimigos, dois anos de insano lidar. Alto, espadaúdo, o rosto corado, os olhos retintos, de fulgor sêco e vivo, oferecia majestoso e insinuativo aspecto. Era o tipo da fôrça e da resolução — um dêsses homens que nos parlamentos, com a sua simples presença na tribuna, afastam dela os adversários e comunicam aos amigos grande e heróica firmeza — um dêsses homens em quem se encontram qualidades de dois mais admiráveis representantes do espírito revolucionário — Cromwel e Mirabeau.

— Darei a minha resposta em poucas palavras: somos quinhentos nobres, temos quatrocentos escravos

e duzentos camaradas; mil e cem homens bem armados e municiaados podem tomar a vila de surpresa, pôr abaixo o governador e os ministros, expulsar os mascates que não quizerem submeter-se, proclamar a independência de Pernambuco. O meu intento não é outro, senhores! O meu intento é libertar a terra que nos viu nascer. Eu quero a liberdade de Pernambuco, ou do Brasil, eu quero acabar, de uma vez por tôdas, com o jugo dessa metrópole ingrata que nos traz em baixa vassalagem.

Apenas tinha acabado de proferir estas palavras, quando se ouviu ruído de passos de cavallo em uma das veredas que vinham dar no pouso.

— Quem será? disse um dos nobres em tom de quem se assustava.

E a esta voz, todos os outros presentes, levantando-se como um só homem, lançaram mão das armas.

Falcão, empalidecendo levemente, fêz-lhe sinal que ficassem silenciosos e quêdos.

O papel arriscado de ir ao encontro de quem quer que fôsse, êle o não quis passar a ninguém. Rompendo por entre troncos seculares, desapareceu das vistas dos outros, num abrir e fechar d'olhos.

Mas logo tornou ao recinto, possuido de diferentes impressões, ouvindo uma voz conhecida — a de Lourenço. O semblante do rapaz indicava extraordinária satisfação.

— Alvissaras, seu Falcão, alvissaras!

— Que notícias trazes? perguntou o capitão espantado.

— O perdão.

— O perdão? inquiriram dez, vinte, cem hôcas ao mesmo tempo.

— Sim, o perdão que o rei mandou para a nobreza: chegou ontem. Andei tôda a noite, debaixo de chuva que Deus dava, para ser o primeiro que trouxesse a vosmecês êste alegre presente.

Por entre a multidão, que acorrera ao ponto, a fim de ouvir de perto a grande nova, Lourenço enxergou Francisco e Saturnino, que se adiantavam para êle. Atirou-se ao seu encontro, tendo antes en-

tregado a Falcão uma carta, que êste leu em voz alta, depois de a haver lido para si:

“Amigo e senhor.

Não tenho tempo senão para lhe participar, sc-
mamente regozijado, que chegou esta manhã de
Lisboa um navio com a notícia de estarem perdoa-
dos os nobres.

O governador ainda não fêz público o perdão
com que el-rei se amerceou dos pernambucanos;
mas, várias cartas do reino a amigos nossos são
unânicos em afiançar que o perdão foi concedido
e o governador será mudado,
Receba os meus parabens e abraçe todos os nossos
amigos e patricios.

Salinas, 3 de Junho de 1714.

GIL RIBEIRO”.

Apenas acabada a leitura, muitos, exultando de
prazer, soltaram irresistivelmente vivas a el-rei, que
foram calorosamente correspondidos.

O padre Guerra não pôde fugir de dizer:

— Eu logo vi, senhores, que el-rei não havia de
ser surdo às nossas súplicas *conteúdas* nas cartas dos
clêrigos, das matronas pernambucanas...

— Não esqueçais as vossas eloqüentes cartas —
acrescentou Christovam de Holanda.

— Senhores, senhores, tornou o padre, dêmos
graças a Deus por êste celestial benefício.

O ruído, o borborinho produzido pelos que ce-
lebravam e comentavam a nova; os sorrisos de uns,
os gracejos de outros, os abraços e as alegrias gerais
indicavam que a idéia da separação política, há
pouco aceita e proclamada por todos os homiziados, não
tinha grandes raízes senão em Falcão d'Eça, o qual
emudecera, triste e eclipsado, quando o júbilo dava
brilho a todos os semblantes, e eloqüencia a tôdas as
vozes.

XVII



INTE e quatro horas antes chegara Lourenço ao sítio do ajudante-de-tenente Gil Ribeiro, nas Salinas: viera saber o que era feito de Francisco.

O ajudante mal o reconheceu, não porque o rapaz se mostrasse outro no trajar, como quando voltara ao Cajueiro, depois da sua longa ausência, mas porque no rosto cadavérico trazia vestígios de resignada angústia. Os últimos acontecimentos passados ali tinham-lhe deixado no coração grandes estragos que a sua fisionomia indiscreta, sem a escola da hipocrisia, estampava como vago esbôço.

Apressara a jornada a fim de atenuar a intensidade da dor ocasionada pela mudança da viúva do sargento-mór; a jornada, porém, por paragens e regiões que lhe eram familiares, pouco ou nenhum alívio trouxera ao rapaz, em quem o ajudante viu antes um enfêrmo do que o robusto atleta que admirara em Goiana por ocasião de se bater com as tropas de Luís Soares.

Mas o que a jornada não conseguira, devia Lourenço encontrar no Recife — o seu restabelecimento por violenta e grande comoção que lhe abalou e restaurou os abatidos espíritos — a comoção que despertou nêle a notícia do perdão aos nobres, notícia imen-

samente grata, que êle teve a dita de ser o primeiro a levar aos refugiados de Tracunhãem.

Estava o Recife possuido de febril impaciência por saber a causa de vir entrando um navio adornado com enfiadas de galhardetes, ostentando alegres ares, e disparando artilharia de tempos a tempos.

Usurpando os fôros de Olinda, à qual ainda hoje está prêso pelo íntimo — cordão umbelical que parece destinado a certificar perpétuamente as relações de mãe e filha entre a cidade de Albuquerque e a cidade de Nassau — o Recife, não obstante ser então vila, concentrara em si desde a chegada do governador Machado, tôda a vida da capitania, enquanto Olinda, triste e chorosa, decaída do seu ilustre orgulho, curtia longos dias e agras noites em silêncio, parecido com o que cerca os túmulos.

Com aquêles indícios de extraordinário acontecimento, a vila alvorçou-se como sóe fazer jovem garrida aos primeiro sons de orquestra festiva em salão de baile. Sorriu feliz, agitou-se, pensou em mil assuntos, espreitando a ocasião de transbordarem as suas comoções.

Alguns dos mais insofridos habitantes correram ao pôrto, onde deviam ter trocada em mágoa a leviana alegria. Contra tôdas as presunções, a notícia trazida pelo mensageiro auspicioso não era agradável; ao contrário, vinha impregnada em azedume e fel. A causa da estrondosa manifestação era o perdão concedido aos nobres por el-rei.

Conhecida esta causa, a agitação aumentou: uns corriam para aqui, outros para acolá, a levarem a notícia; mas, depois começaram a debandar-se, a fugir dos lugares públicos, a concentrar-se no interior dos estabelecimentos e das casas, onde se espraíram em reflexões sôbre o novo tema.

As praças e esquinas ficaram desertas. Súbita paralisia pareceu tomar as ruas. Zacarias de Brito, mercador apatacado, dava ao diabo a fatalidade que escolhera o seu navio para portador de tão infausta novidade.

Penetramos, por volta de sete horas da noite, no palácio das duas tôrres, outrora morada de Mauricio de Nassau, agora residência do governador Machado.

À luz de um candeeiro de prata, seis sujeitos conversam sentados em tórno de uma mesa, sôbre a qual se vê estendido um papel que, pela flacidez, está denunciando ter andado de mão em mão.

O primeiro dêstes sujeitos, à vista das atenções que os outros lhe prestam, é o governador. Os seus olhos às vêzes incendiam-se em violento brilho; mas logo êste amortece e não têm êles outra expressão que a sua expressão usual — a de chata animalidade.

O outro sujeito, o que lhe ficava immediato do lado direito, tinha a fronte estreita, os olhos apertados e piscos, o nariz comprido e fino. Sôbre o nariz viam-se ainda os óculos com que o cavalgara seu dono para ler o papel que daí não saiu mais; a razão era porque a leitura, ou, ao menos, o exame visual do documento se repetia de momento a momento, às vêzes para se decidir algum ponto acêrca do qual a conversação sugeria dúvidas, às vêzes como sem intenção, ou simplesmente para iludir o silêncio entrecortado de rápidas observações. Era o desembargador Cristovam Soares, que da Paraíba, onde se achava de há muito, viera expressamente por ordem do govêrno, a fim de proceder à devassa dos levantes de Pernambuco, por terem os drs. Luís de Valenzuela Ortiz e Pedro Ferreira Brandão dado de suspeito na côrte o ouvidor Bacalhau, conforme se disse em outro ponto desta crônica.

O dito desembargador, conhecido por duas alcunhas que passaram à história — *Cutia* na Paraíba, *Tubarão* no Ceará — caracterizava-se por certa habilidade que não raro aparece nas administrações acanhadas e decadentes. Cuidava êle mais dos pequenos do que dos grandes assuntos, mais do exterior do que das entranhas dêles. Bastarão algumas linhas tomadas ao cronista da famosa guerra para se juizar do espírito dêste magistrado. “Começou o sindicante os seus trabalhos — pela escolha de papel para a devassa, de maneira que andou um meirinho de loja em loja

e de venda em venda, sem descobrir papel que agra-dasse ao ministro”.

Do seu caráter diz ainda o cronista: “Sendo ouvidor da Paraíba, pelas coisas desordenadas que ali fêz, veio para Pernambuco prêso, a fim de ir, como foi, para Lisboa; mas porque os maus tiveram sempre padrinhos, que são a quem só servem, pois os bons não carecem dêles, por meio dos tais padrinhos teve tal dita que pôde merecer quanto tinha já desmerecido. Tornou para o mesmo lugar e ocupação, deixando na côrte ofuscada a verdade que dêle se dissera. E com esta pena, de seus erros se pôs tão emendado como dantes e como se pode presumir à vista dela. Queria com inversões do natural mostrar-se reto; mas isso mesmo o obrigava a descobrir-se; porque quando humano se supunha, então era vê-lo impaciente e desabrido. Depois de ouvidor passou a medir terras, enchendo as medidas de quem lhe enchia as mãos, ainda que a parte lesada se queixasse. E dêste modo ficaram nas montanhas de Jaguaribe e Açú, por onde andou feito Silvano, memoráveis histórias suas que ainda hoje se celebram”.

Do outro lado do governador achava-se o ouvidor Bacalhau, e junto dêste frei Estevão (da reformada), D. Matias, conêgo regrante, irmão de João da Maia, o qual chegara da Paraíba por ocasião de se dar comêço à devassa; e o padre João da Costa (da recoleta da Madre de Deus).

Eis o que rezava o papel:

“Faço saber a vós, governador da capitania de Pernambuco, que fazendo-se-me presente, pelo meu conselho ultramarino, a conta que me destes das prisões, que se haviam feito nessa capitania nas pessoas compreendidas nos levantamentos que houve nela, e que também me deu o desembargador Cristovam Soares Romão sôbre o mesmo particular, e que pelo êrro que houve na última ordem, que se lhe passou, tinha procedido contra os culpados no primeiro e segundo levante; me pareceu mandar-vos estranhar muito severamente, por resolução de 7 do presente mês; pois nela vos declarava que Eu havia confirmado os perdões do primeiro e segundo levantamento, pelo que respeitava aos moradores de Olinda; pois segundo o ministro tivera esta

noticia, não inquirira dos ditos levantamentos, pelo que pertencia aos ditos moradores; e assim lhe ordeno se abstenha de perguntar pelos primeiros levantamentos, e que mande soltar os culpados nêles por estarem por mim perdoados, fazendo-lhes repôr, e restituir os bens que lhes foram seqüestrados: e o dinheiro que se tiver despendido das pessoas, que indevidamente foram pronunciadas pelo primeiro e segundo levantamento, se pague pelas despesas da justiça, ou minha real fazenda, por ora. El-rei nosso senhor o mandou por Miguel Carlos, conde geral da armada do mar oceano, de seus conselhos de estado e guerra, e presidente do ultramarino: e se passou por quatro vias. Manuel Barbosa a fêz em Lisboa, a 7 de abril de 1714. O secretário André Lopes de Lavra fêz escrever.

MIGUEL CARLOS”.

— Idêntica a esta ordem régia — disse o Cutia, pegando pela décima quinta vez no papel — é a que el-rei se serviu mandar-me, segundo viu v. exa.; mas falta-me disposição, sr. governador, para cumprir esta vontade real, em que melhor se está vendo a fatal intervenção do valimento de Antônio de Albuquerque Coelho, do que a justiça usual e natural de el-rei.

— Parece-vos isto, sr. desembargador sindicante? perguntou Félix Machado, a modo de quem não tinha convicção formada sôbre o objeto, ou de quem vacilava na que tinha.

— Posso afirmá-lo a v. exa., respondeu o Cutia.

— E eu estou de acôrdo com o parecer do sr. sindicante — acrescentou o Bacalhau.

O Cutia continuou.

— Pode v. exa. ter por seguras tôdas as minhas afirmativas, porque de tudo o que digo estou informado; nem é de hoje que pratico o officio de sindicante, mas pelo contrário de há muito estou afeito às indagações. A Albuquerque e não a outrem devemos este revés, que a muitos desastres, quiçá, dará lugar, se a nobreza quizer tirar dêle todos os desforços a que êle se presta.

— Eu já tive ocasião de declarar ao sr. governador — disse o Bacalhau — quantos males devíamos

esperar de Antônio de Albuquerque. Durante os dezoito dias de sua estada em Pernambuco, donde é natural, não o deixaram desacompanhado um só instante os seus parentes e conterrâneos. Sabido é que nada do que se passou lhe foi occulto, e que, ainda não satisfeitos com isso os *mazombos*, grandes invenções lhe meteram na cabeça. Conta-se que de tantos documentos, cartas, requerimentos e informações o fizeram portador para os homens que mais representam diante de el-rei, e até para el-rei mesmo, que uma grande canastra ainda não chegou para os acondicionar.

— De tudo sei, sr. ouvidor, de tudo sei — disse secamente o governador. Sei mais o que talvez não saiba o sr. ouvidor — que grande parte de uma história da guerra que se está escrevendo, recheada de mentiras e aleivosias, foi entregue a Antônio de Albuquerque para ser presente a el-rei.

Neste ponto tomou a mão da reformada e disse:

— Mas o que talvez v. exa. ignore, é quem seja o autor desta história.

— Sei tudo, frei Estevam. O autor é o padre Antônio Gonçalves Leitão — acrescentou o governador — que supõe muito resguardado o seu nome da publicidade, quando não é desta, mas da minha gaveta, ou da sua sindicância, sr. desembargador, que êle mais se deve recear.

— No meu canhenho está êle, disse o Cutia; e não se meterá de permeio uma semana que eu não lhe mande bater à porta.

— Agora talvez já não seja tempo, observou o governador.

— V. exa. sabe melhor do que eu que todo tempo é bom para se inquirir de um crime.

— Menos, ajuntou o governador, quando crimes maiores acabaram de ser perdoados, e réus de lesa-majestade são mandados soltar pela própria majestade.

A estas palavras do governador, que em outro círculo de que não fizessem parte o Cutia, o Bacalhau e o frei Estevam, teriam cortado pela raiz a questão,

seguiu-se um momento de profundo silêncio, mas não todo o silêncio que deviam produzir.

O Cutia, quando julgou que era tempo de tornar ao grave objeto que ali os trazia juntos, disse:

— Mas perdoe-me v. exa.: o sr. governador está no ânimo de fazer cumprir as vontades de Antônio de Albuquerque?

— O que se há de cumprir, sr. desembargador sindicante, é a ordem de el-rei, respondeu Félix José Machado.

Novo instante de silêncio sucedeu a esta decisiva sentença do governador, o qual, com uma perna sôbre a outra, o lado direito voltado para a mesa, os olhos postos na imensidade escura da noite, que envolvia do lado de fora tôda a natureza, na qual engolfara a vista através da janela do palácio que caía sôbre o Capibaribe, parecia fazer companhia às visitas mais com o ouvido do que com os olhos e o pensamento.

— Não sei para que serviram os procuradores que foram mandados à côrte, disse o Bacalhau. Se era para ao cabo de tantos trabalhos e inquietações voltarem a usar, mais altaneiros, do que dantes, os réus de alta justiça, das antigas licenciosidades e soberbias, melhor fôra que lá não tivessem ido.

— Não devemos culpar desta fatalidade os nossos amigos que foram para Lisboa na frota, e ainda lá estão, respondeu o governador. Antônio Barbosa de Lima escreve-me por todos os navios, dando-me parte do muito que fêz desde que chegou ali, e está ali fazendo a bem da causa portugêsa; e nenhum dos atos dêste meu secretário me deu ainda lugar a suspeitar da sua lealdade e entendimento. Devemos antes referir a felicidade dos *mazombos* ao grande lugar que tem, diante de el-rei, Antônio de Albuquerque, desde que foi governador das Minas do ouro e do Rio de Janeiro, do que a descuido e fraqueza dos nossos procuradores. Nem é só Antônio de Albuquerque o empenhado na defesa dêstes réus, que a esta hora já deveriam estar degolados por sua alta contumácia e desmesurada traição. Muitas cartas foram mandadas daqui a fidalgos de grande porte

que não podendo, por estarem longe do lugar onde se passam as coisas, ajuizar devidamente da gravidade delas, dão muito pelo que lhes escrevem uma D. Lourença Tavares, em cujas mãos melhor cabida teriam os bilros do que a pena, se as cartas que ella assina, não se devem ao padre Guerra; um Cristovam de Holanda, poço de altivez inaudita; um Miguel da Rocha, enfim tantos outros, entre os quais mulheres e clérigos, que não conhecem o que devem a seu sexo e a seu ministério.

Depois do silêncio que sempre sucedia às palavras do governador, êste, como se acordara de um sonho profundo, volta-se inopinadamente para João da Costa e lhe dirige estas palavras:

— E que nos dizeis vós, padre, dos vossos companheiros que foram na frota com o meu secretário? Qual foi o seu papel em tudo o que vemos? Deveis ter dêles recebido prolixos esclarecimentos.

— Os da recoleta, excellentíssimo, preencheram o mandado que os levara à metrópole. Não descansaram ainda, desde que aportaram em Lisboa. Em outra ocasião poderei mostrar a v. exa. o estendido relatório que frei Ferrão me enviou, e onde vêm apontados, pelo menor, os meios empregados para o vencimento da causa, infelizmente já perdida.

— O pior de tudo isto, o nosso mal, excellentíssimo, está em não se ter feito em Pernambuco a justiça que, por seus crimes, mereciam os *caneludos*, disse o Cutia.

— E não sabeis vós que sempre foi êste o meu parecer e desejo? Ignorais, sr. desembargador sindicante, que entre estas mesmas paredes que nos estão ouvindo, reuni eu, entre junho e julho de 1712, com o Dr. ouvidor Bacalhau e o defunto juiz de fora Carvalho, os ouvidores da Paraíba e das Alagoas para, em relação, julgarmos dos crimes cometidos pela nobreza rebelde? Ignorais que os principais motores do levante devem o trazerem ainda hoje fixas nos ombros as cabeças serpentinadas, não à generosidade minha, que nunca a tive nem a terei jamais para réprobos semelhantes, mas à pertinácia e firmeza brutal do

ouvidor das Alagoas, João Soares da Cunha, e do ouvidor da Paraíba, Jerônimo Corrêa do Amaral, muito nosso conhecido, que com o pretexto de nada poderem resolver sôbre o assunto sem ordem expressa de el-rei, se retiraram a seus distritos, deixando com isto mais seguros em sua ousadia os réus, então impunes, agora perdoados? Não sabeis vós, sr. syndicante, que do ouvidor das Alagoas corre até assinado um infame papel em que declara lhe terem sido oferecidos pelos nossos amigos três mil cruzados para que votasse pela execução dos réus.

De tudo sei, excelentíssimo — respondeu o Cutia; mas... Enfim, v. exa. sabe o melhor. O que todos nós sabemos e estamos vendo é que o pior de tudo chegou para nós quando não sem fundamento pelo melhor esperávamos. Aí está o perdão, e a não querer v. exa. fazer que o não recebeu, a fim de irmos por diante na devassa, carregando mais a mão sôbre quem não tem tido a sua leve para nós, não sei como poderemos sair com vida de Pernambuco.

Félix José Machado levantou-se, deu alguns passos pela sala, e voltou a ocupar o lugar e a posição de há pouco. Ao cabo de um momento, disse com voz em que vibrava mistura de pesar e despeito:

— E posso eu ocultar o perdão?

— E por que não, sr. governador? perguntaram ao mesmo tempo o Cutia, o Bacalhau e João da Costa, que pareciam estar de antemão combinados em indicar a Machado êste indigno e criminoso procedimento. Não se fêz o mesmo da outra vez? continuou o syndicante com o calor a que o autorizava a fria e como hesitante pergunta do governador.

— Quereis referir-vos... disse êsse.

— Quero referir-me — prosseguiu o Cutia — ao perdão mandado por D. Lourenço de Almeida aos portugueses, quando se achavam cercados pelos *pés-rapados*. Não se ocultou o dito perdão, apesar de recebido? E não teve êste procedimento por fim impedir que cessasse a guerra, porque, cessada esta, teria cessado também a esperança de tirarem os portugueses a sua desforra dos nobres? Não se praticou

tudo isto, sr. governador? E o que se previu não veio a acontecer? Se v. exa. não publicar o perdão, quem mais haverá competente para o fazer, ainda que de Lisboa o tenha recebido? Se v. exa. declarar que o não recebeu, quem poderá asseverar o contrário?

O governador levantou-se novamente, e dirigiu-se à varanda do palácio.

Neste momento uma como constelação luziu ao longe, e, aos seus reflexos, appareceu no horizonte longínquo o vulto de Olinda.

Não se meteu muito tempo que de diferentes pontos da orgulhosa cidade começaram a levantar-se aos ares girândolas de variados fogos, que por todos os que se achavam com o governador, chamados por êste à varanda, foram logo vistos.

— Eis ali a resposta que tenho para dar à vossa última interrogação, sr. desembargador syndicante. A notícia do perdão é motivo de festas gerais na soberba cidade. Não vêdes como está ela iluminada de uma extremidade à outra? A esta hora os restantes da empavezada nobreza que ficaram fora da devassa cavalantina, se banqueteiavam não só com os das linhas que a cruzam, mas também com os aduladores e agregados de uma e de outras. Naturalmente da própria secretaria do ultramarino enviaram cópia da ordem que me foi dirigida, a algum mazombo de Olinda, a Duarte Tavares por exemplo, para prevenir a perda do original. Amanhã o perdão estará estampado por todos os cantos da cidade, a fim de que sobre sua existência não haja dúvidas. Não seria, pois, o maior dos desacertos a ocultação dêles por parte de quem o recebeu para o fazer cumprir sem tardança? Não seria, além de desacerto, perder tempo, com o risco de perder alguma coisa mais?

— Se eu fôra governador — disse então o Bacalhau — assim como sou ministro, “eu lhes construiria ou fizera construir o que isto é; e não lhes consentiria êstes alguergues e parvoices (1)”.

(1) Palavras escritas pelo Bacalhau em uma carta a Cristovam Paes.

— Sr. ouvidor — disse Machado — o meu ânimo e o meu desejo não podem ir além dos limites da minha autoridade. A campanha que dei aos nobres está finda; é tempo de recolher-me à minha tenda de guerra; se não fui vencedor, não fui vencido. Amanhã se botará bando, fazendo manifesta a graça de sua majestade; e darei ordem para que desembarquem os que estão nos navios, e sejam todos êles postos em liberdade, excetuados sòmente João Luis Corrêa, Felipe, Cavalcanti, seu irmão Jorge Cavalcanti, Leandro Bezerra e Felipe Bandeira, que interpuseram recurso para a Bahia. De lá naturalmente voltarão livres, visto que, segundo se me escreve do reino, o novo governador geral e vice-rei vem no ânimo de compor tôdas as discórdias atuais.

— E quem é o novo governador geral? perguntou o Cutia.

— D. Pedro Antônio de Noronha, conde de Vila-Verde, marquês de Angeja, respondeu Félix Machado.

— Assim, senhor, está tudo acabado sôbre estas terras, e do que fizeram os nobres em sua louca e audaciosa rebeldia nada mais resta, tirante a memória dela?

— E que quereis que reste mais, sr. ouvidor? Eu não sou suspeito. Nunca perdoei aos emperrados desta terra, e agora ainda menos lhes perdôo os males que nos trouxeram a sua natural basófia e arrogância. Por muito que me desprezem ou que me odeiem, ficarão ainda aquém dos meus o seu ódio ou o seu desprezo. Mas, pois o quer e o manda el-rei, que se lhes dê a liberdade, muito embora não venha ela servir para outros fins que o de revolverem novamente a terra, abaterem a autoridade, impedirem o desenvolvimento material e comercial, cevarem ódios, alentarem vinganças, tirarem a vida a quem devera tem muitas para os poder aniquiliar um por um, de geração em geração.

— Não se lhes poderia imputar nova rebeldia, novo levante, ainda não perdoado? perguntou o Bacalhau.

— Qual?

— O levante de Tracunhãem, essa liga tremenda de que é cabeça Falcão d'Eça.

— A liga de Tracunhãem — respondeu Machado — não é propriamente levante, Sr. Ouvidor. E em que aproveitaria a sindicância que dela se fizesse?

À proporção que a noite se ia adiantando, a sala onde se realizou este diálogo enchia-se dos principais da parcialidade oposta à nobreza. Todos corriam a certificar-se da notícia ouvindo-a da bôca de Félix José Machado. Todos tinham os olhos em Olinda, e os ouvidos à escuta; e não era sem razão que o faziam, porque ali começava a manifestar-se estranho e geral regozijo. As casas e as igrejas estavam iluminadas. Repicavam os sinos; bandas de música, improvisadas um poucos momentos, percorriam as ruas, derramando o movimento e a alegria onde horas antes era tudo imobilidade e recolhimento. Os ecos da demonstração febril e vibrante, ondulando por cima das águas mansas do Capibaribe, por cima dos tufos verde-negros, pitorescos e murmurossos dos mangues, que bordavam as suas ilhas e margens, vinham ferir os tímpanos dos ouvidos da burguesia portuguesa que enchia as salas do palácio das duas tôrres, e nesses ecos parecia escutar os de uma orquestra fúnebre.

No outro dia, pela manhã, à porta dos principais mascates, amanheceram papéis com ridículas caricaturas e sátiras ferinas, alusivas ao destrôço daquela parcialidade. Em algumas casas de notórios amigos do Camarão, viam-se côvos com alguns camarões dentro, indicando que os parciais do chefe caboclo tinham caído na armadilha. Em outras viam-se fôrças de varinhas. Andava ali o engenho popular que não perde vasa.

A musa anônima, que já celebrara a morte do juiz de fora em graciosa décima, produziu mais duas comemorativas de certo fato que dera muito que falar — o de ter tentado contra os seus dias em Olinda certo partidário do Camarão, o qual morreria enforcado se a mulher o não salvasse.

A crônica, prevenida, recolheu êstes produtos que me considero na obrigação de trasladar aqui:

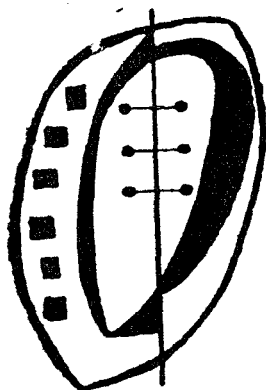
“Nesta cidade se quis
Enforcar um camarão,
Fazendo, por sua mão,
O laço como se diz:
Já pela bôca e nariz,
Sem poder resfolegar,
Acudiu, ao pernear,
A mulher dêste madraço;
E, cortando-lhe o cadarço,
O tirou de se enforcar.

“Foi coisa bem mal tirada.
Porque a todos desta seita,
Não vi coisa mais bem feita,
Que enforcados, quando nada.
Ação foi desesperada,
E de um homem já perdido;
Mas ficando suspenso
Pela fé dos camarões,
Livrava-se de questões,
E a mulher de tal marido (1).”

A cidade de Albuquerque devolveia assim, aumentados, os insultos e mofas com que havia mais de dois anos a ousada e risonha vila respondia aos seus pesares e lágrimas, dia por dia, às mãos cheias, como inimigo atroz e implacável.

(1) *Memor. históric. de Pernamb.*, tomo IV pág. 282.

XVIII



BRA de um mês depois, pacificada a capitania, voltados aos seus lares Francisco e Lourenço, saiu este uma manhã do sítio do padre Antônio, onde todos moravam agora, enquanto Francisco cortava uma varas na mata para fazer um *caritô* onde guardar goiamus, que começava a *andar ao atar*, com as últimas trovoadas,

Fôra Marcelina a autora da idéia, dizendo ao marido que os goiamus, bem cevados como ela os sabia cevar, haviam de dar bom dinheiro na vila, e não convinha perder este lucro.

Lourenço, conquanto a manhã estivesse fresca e risonha, levava no rosto a sombra do desgosto íntimo que, passada a impressão do grande acontecimento, voltou de novo, não tão intenso como dantes, mas tenaz e constante como um remorso ou uma chaga incurável.

E saíra com o pé esquerdo, porque, adiante, saltando um pau que cortava a passagem, foi cair com a cabeça de encontro a uma pedra onde se feriu, ficando com a camisa lavrada de longas manchas de sangue.

Como tinha feito tenção de ir ver um pedaço de terra, do lado de Japomim, que lhe fôra oferecido pelo dono que o vendia por pouco dinheiro, pros-

seguiu o caminho, não obstante o desastre e a má aparência.

Depois de andar cêrca de meia hora, deu na várzea que de há muito não via, a várzea do Japomim, por onde brincara alguns anos antes, pegando canários e gurinhatãs, quando o seu espírito discorria por horizontes sem nuvens nem limites, quando no seu coração não havia nenhum espinho.

De repente ouviu umas vozes femininas que partiam de ponto não muito distante do em que estava. Com pouco descobriu, de fato, duas mulheres, uma das quais trazia um saco nas costas, e era acompanhada por um cão, que farejava de moita em moita, e às vêzes parava a latir. Então a mulher aproximava-se do lugar, arreava o saco, inclinava-se para o chão, e aí apanhava, ora rindo-se ora fugindo com o corpo e as mãos, um objeto que, com tôda a precaução, atirava dentro do saco. Lourenço compreendeu logo que a mulher andava apanhando goiamus.

A outra, que estava mais perto dêle, e parecia mais nova, em vez de imitar a mais velha, colhia araçás aqui e acolá, e atirava-os dentro de uma cuia, correndo e saltando com os cabelos soltos, de um araçazeiro para outro, como fazem os beija-flores de roseira em roseira, nos jardins.

Pressentindo gente por ali, antes de ver quem era, o cão, mais defensor que caçador, deixou aquela a quem estava prestando seus bons serviços, e correu na direção de Lourenço, com quem deu em um instante. Logo que a mulher que se achava mais perto, viu o rapaz com a camisa cheia de labores pouco tranqüilizadores, um cacête em uma das mãos, um facão na outra, e as vistas cravadas nela, deixando escapar um grito angustioso, e cair da mão a cuia, correu para onde estava a outra:

— Minha mãe! minha mãe! gritou ela, assustada e trêmula. E' Lourenço! E' êle. Corramos, fujaamos, minha mãe. Quem sabe se êle não vem matar-me!

— Cala a bôca, Marianinha. Quem te disse que é Lourenço? respondeu Joaquina, a qual, pela dis-

tância, não pudera ainda distinguir bem as feições do rapaz.

Este reconheceu pelas vozes as suas antigas vizinhas e camaradas.

Penetrante e atroz foi a mágoa sentida por Lourenço, quando ouviu as acerbadas palavras da filha de Vitorino. O seu coração já tão castigado pelos últimos acontecimentos, o seu coração infeliz que tinha a sensibilidade nervosa dos enfermos de doença moral, experimentou uma dessas impressões produzidas por choques traumáticos a que muitas vèzes não se pôde resistir com a vida.

Ao princípio, quis fugir para o lado oposto. Não era êste o meio direto de resolver aquella situação afflitiva? Fugir das vistas daquele a quem desagradamos, não é passo natural e racional?

Lourenço estêve para dá-lo; mas, compreendendo que, se, assim procedesse, confirmaria o mau conceito que dêle já formava Marianinha, tomou resolução contrária.

— Elas têm para si que eu sou um assassino; mas eu não sou o que elas pensam. E' preciso que se desenganem. Às vèzes, quando me esquento, sou capaz de comer gente viva; mas isto acontece uma vez na vida.

Eis o que êle pensou, eis o que lhe ocorreu, após o primeiro impulso, vencido por estas reflexões. Não hesitou mais, e encaminhou-se para onde estavam mãe e filha.

— Então, que é isto, Marianinha? perguntou êle, ainda de longe. Correu de mim? Eu não venho fazer mal a ninguém. O meu facão não tem ponta; partiu-se ali atrás em uma pedra onde quebrei a cabeça; e é por isso que estou com a camisa cheia de sangue.

Assim falando, Lourenço atirou o facão, de feito quebrado, aos pés da menina, a fim de que ela visse distintamente que êle dissera a verdade.

Não obstante a humildade e brandura destas expressões, Marianinha não ousava levantar os olhos ao rapaz. Mudadas e abaladas, Joaquina e a filha não sabiam o que dizer.

— Nunca matei ninguém, nem Deus há de permitir que eu chegue a matar quem quer que seja algum dia. Vim por aqui para as ver. Tenho sentido muitas saudades da sua companhia. Mudaram-se do Cajueiro sem me dizerem adeus, zangadas comigo sem grande razão, porque...

Lourenço não soube como continuar.

— Se não nos despedimos, disse Joaquina, foi porque você tinha feito o que não devia fazer com Marianinha, que morria por você, que lhe queria tanto bem, que vivia somente para lhe querer bem.

— Naquele tempo, tornou o rapaz, eu andava fora de mim. Agora não hei de sair mais do bom caminho. Foram-se os que tinham vindo, e ficaram os que cá estavam. Com êstes é que eu me hei de achar.

Enquanto falava, Lourenço punha os olhos em Marianinha, cujas formas se tinham tornado esplêndidas. Quantas diferenças lhe notou!

Desgostosa do que acontecera, Marianinha cortara os cabelos logo depois da mudança. Estava agora com cabelos novos, bastos e lindos. Libertada do amor e dos ciúmes que a amofinavam, engordou e cobrou côres finas. As espáduas, o pescoço, a raiz dos seios, os braços curtos, as mãos pequeninas, estavam revelando a Lourenço, no boleado e no ilustre, quanto ganhara ela com a transformação.

— Não fuja mais de mim, que me fazem ficar triste — prosseguiu o rapaz. Não vivemos sempre em boa harmonia?

— Sempre não — atalhou Joaquina; até certo tempo, enquanto não se meteu entre nós uma nuvem negra que foi a causa do nosso desgosto.

— Está tudo acabado agora. A nuvem foi-se embora. Não está tão bonita esta manhã? Pois quem sabe se não vem com ela a manhã da nossa passada amizade?

— Como está Marcelina? Como está Francisco? Ainda não o vi depois que chegou, disse Joaquina, como quem se ia acomodando com a nova ordem de idéias sugerida pela imaginação de Lourenço.

— Estão bons. Vou já dizer-lhes que estive aqui, e que depois de amanhã, que é domingo, sinhá Joaquina e Marianinha vão passar o dia lá em casa.

— Não, Lourenço; lá não — disse Joaquina.

— Pois então há de ser cá. Venho eu, meu pai e minha mãe. Pegaremos o resto dos goiamus. A andada não dura três dias?

— Se quiserem vir, venham. Aqui nos acharão para os recebermos.

— Havemos de fazer a nossa festa mesmo de baixo dêstes araçazeiros. Mas, que é isto, Marianinha? Você parece que está muda. Se não diz que posso vir, não venho.

— Minha mãe já não disse que você podia vir? O que ela disse é o que é.

— Então, até domingo.

— Até domingo. Olhe. O caminho é por ali, e a casa é aquela — ponderou a viúva do Vitorino, apontando, por ver que o rapaz se resolvia a partir.

No dia seguinte amanheceu Marianinha tratando dos preparativos para a esperada recepção.

A casa era de barro, coberta com palhas. Tinha pertencido a um morador que, por desgostos com a senhora daquelas terras, se passara para outras. Estava ainda muito bem conservada e ficava em boa situação. Do lado direito vinham morrer-lhe no oitão uns canaviais; pela esquerda e pelos fundos, tinha a várzea; pela frente passava o caminho que levava a Goiana. Entre a casa e caminho havia um araçazal mais basto do que se via na zona intermédia entre aquela e a mata.

Marianinha cortou com facção alguns matos que fechavam o caminho, decotou umas goiabeiras ramalhudas que tiravam a vista do alpendre, limpou à enxada a frente, a fim de tornar mais espaçoso e alegre o pátio. De tarde a casa mostrava-se graciosa e faceira. Remoçara com o asseio, e estava como sorrindo aos hóspedes ainda ausentes.

Quem soubesse dos precedentes entre as duas famílias, que circunstâncias supervenientes tinham separado, havia de cuidar que a filha de Joaquina,

tão solícita em preparar digna recepção às suas antigas amizades, entre as quais se compreendia Francisco, seu padrinho, estava nadando em satisfação.

Mas a verdade é que bem diverso sentimento dominava Marianinha. Em vez de clarões suavíssimos, clarões de esperança, tinha no espírito nuvens negras, nuvens de desgosto invencível. A vista de Lourenço avivara todo o seu passado de que não restavam na lembrança dela senão quadros desbotados, quase extintos; e o passado não lhe era agradável, porque nunca Lourenço lhe dera motivos de verdadeira satisfação, antes quase sempre a contrariara.

Marianinha passou tóda a noite pensando no que havia de fazer. Lourenço para ela já tinha morrido, e com êle o grande amor que lhe dedicara. Ressurgindo-lhe agora diante dos olhos, devia ela desenterrar o falecido amor? Lourenço merecia-lhe êste milagre? Lourenço, que nunca lhe dera provas de sincera estima, devia voltar a ocupar nas aras do seu coração o lugar de honra, e receber o culto exclusivo que êle próprio desprezara? Depois de pensar em tudo isto, e de meditar cada uma das graves questões que no espírito se lhe apresentavam, a menina, tomando uma resolução heróica, disse consigo:

— Lourenço morreu para mim de uma vez. Seja de quem quiser, menos meu; nem eu serei dêle. Lourenço acabou-se para mim, como homem a quem eu queria bem.

Com Lourenço dera-se o contrário. Aparecendo-lhe acrescentada de beleza e graça, quando êle tinha a alma devastada e árida, a gentil rapariga deu-lhe frescura e vigor. A sua imagem restituiu-lhe o amor à vida. Dissuadido do enganoso sonho, sentiu-se voltar todo, como o girassol, para aquêle astro que se lhe deparou no horizonte brusco. Marianinha era meiga e boa, era extremosa e dedicada, era paciente e cândida. Êle conhecia as suas superiores qualidades, raras numa menina, adoráveis numa espôsa. Onde acharia mulher mais digna dêle? Nenhuma conhecia que se comparasse com ela na ternura, na modéstia,

no afeto, e poucas poderiam ser suas rivais nos encantos.

Aceso em desejos, anelou pelo domingo. Tinha tomado também a sua resolução. Na mesa, por ocasião do almôço ou do jantar, recordaria a passada promessa, e designaria dia para o casamento.

No domingo aprazado, ainda com escuro, bateram à porta da casa da várzea. Marianinha e Joaquina puseram-se imediatamente de pé, julgando serem as visitas. Era um negro que Lourenço mandara adiante com um carneiro que devia ser sacrificado nas aras da reconciliação, e com algumas garrafas de vinho dentro de um cesto, licor indispensável em semelhantes sacrificios, como é no sacrificio por excelência da igreja católica.

Pouco depois chegaram Marcelina, Lourenço e Francisco, que foram recebidos pelas duas mulheres à beira da estrada, onde eram esperados com impaciência.

Todos sabem ou ao menos avaliam com que atenções e cortesias se tratam no primeiro encontro pessoas que, depois de desavindas, reatam as antigas relações. Neste particular, nenhum dos que se achavam presentes levou vantagem a Lourenço, origem da desavença.

Das nove para as dez horas começou o almôço, na parte lateral do alpendre que dava para a várzea. Com ser almôço de gente pobre, foi variado e abundante.

Moquecas de amorés, e frigideiras e ensopados de goyamus, preparados de véspera por Marianinha; sarapatel feito do sangue do carneiro por Marcelina; angu de milho já nesse tempo muito usado entre o povo, e que Joaquina sabia fazer primorosamente, deram-lhe, com café com leite, e as usuais macaxeiras e batatas doces, honras de lauta refeição de gente abastada.

Quando foi chegando a ocasião do café, Francisco pegou do copo e, dirigindo-se a Marianinha, disse-lhe:

— Marianinha, enche o teu copo. Há de ser de virar. À saúde do teu casamento.

A menina empalideceu, e guardou silêncio.

— Então, Marianinha, que é isso? inquiriu Marcelina. Põe vinho no copo, menina. Não fiques triste. Desta vez há de fazer-se o que tanto desejas.

— À saúde do teu casamento, Marianinha, repetiu Francisco pondo-se de pé.

E voltando-se para Lourenço:

— Que fazes também tu aí que não despejas logo o teu bacamarte? Queres ou não queres casar com Marianinha?

— Quero, sim senhor. Eu já tinha feito tenção de falar nisto hoje, se vosmecê me desse licença.

— E' por que não? Jurei sôbre a cova do compadre Vitorino que tu, Lourenço, havias de ser o marido de Marianinha. Chegou a ocasião. Mas... que tens, menina? perguntou Francisco, vendo a afilhada com os olhos cheios de lágrimas. Não chores. A ocasião é para a gente rir.

Lourenço, Francisco, Marcelina e Joaquina levaram os copos aos lábios, e esvaziaram-nos. Sômente Marianinha não bebeu.

— Por que motivo não bebes? perguntou Francisco espantado.

— Porque esse casamento não se há de fazer, respondeu a menina, com voz chorosa.

Estás malucando, menina, tornou Francisco.

Os outros, silenciosos e confusos, cravaram as vistas na filha de Vitorino, cuja palidez aumentara.

— Há de fazer-se o casamento, porque eu quero, Lourenço quer, e tu queres.

— Não, eu não quero, meu padrinho, respondeu ela com firmeza, que a todos deixou por um instante espantados, quase fulminados.

— Tu não queres! exclamou o matuto, tomado de assombro. Por esta não esperava eu!

Não quero, não senhor. Não quero, porque sei que Lourenço não me quer bem.

Lourenço, a esta voz, quis vir ao encontro da rapariga, mas faltaram-lhe expressões. Como havia de

provar o contrário, quando na consciência de todos parecia existir um tropel de provas a favor da afirmativa de Marianinha?

Houve, por instantes, uma como suspensão da vida em todos os convivas. No semblante de alguns, em cujo número estava Marcelina, revelou-se vaga expressão de pesar.

Francisco, levando as vistas ao rosto de Lourenço, foi o primeiro que rompeu o silêncio:

— Quanto a isto, estou calado. Se Lourenço te quer bem ou não quer, só éle é que sabe, só éle poderá dizer.

Lourenço acudiu simplesmente:

— Por meu gôsto, quero casar com Marianinha. Esta retorquiu:

— Eu já quis, mas agora não quero mais. Se não me casar nunca, nem por isso hei de morrer. Tenho vivido muito bem em companhia de minha mãe.

Tão decisiva resposta pôs termo à questão. O casamento estava definitivamente desmanchado.

Neste interim, ouvindo ruído de passos de cavalo no caminho, e, logo depois, o eco de pancadas na porta da frente, correu Joaquina a ver quem era.

— Querem ver que temos por aqui o Saturnino, que volta do *Jatobá* — conjecturou Francisco.

Palavras não eram ditas, quando Joaquina gritou de fora:

— Marianinha, Marianinha, aqui está Bernardina!

Todos correram ao encontro da filha mais velha do Vitorino.

Era de feito ela com o marido, o incomparável Cipriano, já casados, que, aproveitando a ocasião de ter ido com êles por mandado de Joaquina, o Saturnino logo depois da sua chegada do Tracunhãem com Lourenço e Francisco, vinham abraçar a velha e a moça, contentes e felizes.

O convívio, que esfriara um momento, recobrou novo calor.

Bernardina, depois da grave doença que a pusera de cama, botara corpo, e estava outra, isto é, cada vez mais bonita.

Cipriano também mudara muito com o casamento. De concentrado e bisonho que era, tornara-se expansivo e sociável. À sombra do padre Antônio formara-se aquela modesta família, por êle dotada e favorecida.

O padre mandara a Lourenço uma carta.

— Que diz essa carta, Lourenço? perguntou Francisco, vendo o rapaz passar as vistas por cima das regras tremidas.

Lourenço leu em voz alta, para todos ouvirem:

“Lourenço, Deus te abençoe.

“Depois de casados e arrançados aqui junto de mim, Cipriano e Bernardina resolveram mudar-se para Goiana, onde ela diz querer morrer. Lá nasceu, lá lhe correram os dias da primeira mocidade, lá tem as cinzas de seu pai, lá quer acabar, ao lado da mãe e da irmã. Para que tudo se arranjasse do melhor modo, fiquei com a parte de terra, que tinha dado de dote à menina, e dei-lhe o equivalente em dinheiro, com a condição de comprarem aí outra terra onde vivam, sem serem pesados a ninguém.

“Estando eu já no fim da vida, e vendo-me assim só neste êrmo, venho propor-te a tua mudança para aqui.

“Em casa dêste padre velho e achacado acharás, ao menos, bons conselhos que de muito te devem servir no govêrno da vida.

“Cipriano porá nas tuas mãos novo papel de doações no sítio do Cajueiro, onde poderão ficar morando Francisco e Marcelina

“Está com os olhos no caminho o

Padre ANTÔNIO”

Quando Lourenço terminou a leitura, Marcelina tinha os olhos nadando em lágrimas, Francisco emudecera comovido, e o próprio rapaz, dobrando o papel, sentia um grande apêrto no coração. A carta era uma ordem terminante, a que êle devia obedecer. A separação era inevitável.

— Vais assim deixar-nos, meu filho! exclamou Marcelina. Meu Deus! Quantas coisas neste dia! Só consinto que nos deixe, porque sei que tu não me pertences.

Depois, enxugando os olhos, a cabocla disse com voz segura:

Deves ir, Lourenço. A felicidade está te chamando. É a felicidade, filho; acredita nas minhas palavras, porque eu sei o que estou dizendo. “Seu” padre, que te abençoá, é porque êle quer ser teu pai.

Dizendo estas palavras, a cabocla parecia querer fazer-se forte; mas, foi em vão. As lágrimas, desta vez copiosas, voltaram-lhe aos olhos; e com pouco, entrou a soluçar. Sem se poder conter, correu ao rapaz, abraçou-o ternamente, como quem ia separar-se de uma vez, por morte.

No outro dia, pela manhã, deu-se uma cena ainda mais viva do que esta entre Marcelina e Lourenço.

— Minha mãe, perguntou êste, vosmecê viu o que fez Marianinha ontem?

— Vi sim. Eu não esperava por aquilo, ainda que tu...

— Não me diga nada, minha mãe que eu tudo sei. Se lhe falo nisto agora, é para lhe dizer que antes de sair do Cajueiro para o Jatobá, hei de vingar-me de Marianinha.

Um raio que caísse aos pés da cabocla não a teria aterrado tanto como estas palavras do rapaz.

— Lourenço, Lourenço, que estás dizendo. Lourenço?! respondeu ela com os tons de suprema angústia.

E atirando-se de joelhos aos pés do rapaz com as mãos postas, em atitude de quem supplicava, continuou:

— Por minha bênção te rogo, Lourenço, que te esqueças de semelhante delírio.

— Deixe-me falar, minha mãe — tornou êle, levantando-a; vosmecê não sabe o que eu vou dizer.

Pensa que, para vingar-me do que Marianinha me fez, quero matá-la.

— Nem por graça digas esta palavra, filho.

— Eu quero vingar-me dela de modo muito diferente. Quando ela souber para quanto presto, não há de fugir de mim, há de correr para me abraçar; mas já não há de encontrar-me, minha mãe, porque eu estarei bem longe desta terra onde tenho sofrido tanto desgosto, onde só eu tenho sido o infeliz.

— E que é que tu queres fazer?

— Vosmecê sabe que Saturnino, desde pequeno, sempre quis muito bem a Marianinha.

— E' verdade.

— Pois, sim; eu quero fazer um presente a Marianinha com a condição de casar com Saturnino; mas o presente depende de vosmecê e de meu pai.

— Que presente?

— Quero dar-lhe este sítio, que seu padre me deu.

— O teu sítio, Lourenço? O teu sítio tão bom, tão bonito?

— Bom e bonito? Sim; êle é tudo isto; mas êle me recorda sempre coisas muito tristes. Eu não passo aqui sem me lembrar de sinhá D. Damiana, e de tudo mais que houve. Além disso, para que eu o quero, se eu não hei de voltar mais a Goiana senão de passagem? Sinhá D. Damiana deve voltar, porque todos os seus bens hão de ser-lhe restituídos. Ora, Deus me livre de ter terras e casa junto das delas. Vosmecês também não precisam dêle, para morarem, porque têm o seu pedacinho de terra e a sua casa. Assim, minha mãe, deixe-me tomar a vingança a meu modo. Só assim sairei de Goiana consolado.

— Pois faze o que quiseres, Lourenço.

Três dias depois, quando os galos começaram a amiudar, Lourenço montou a cavalo à porta do sítio do Cajueiro, Francisco e Marcelina, de pé, do lado de fora, viram-no partir, viram-no desaparecer, ou-

viram ambos, com as faces inundadas de lágrimas, os últimos ruídos dos passos do cavalo, que conduzia para bem longe o melhor das esperanças, o melhor dos afetos daquelas existências tão boas, tão dignas, tão irmãs, — daquelas existências tão ricas na sua pobreza, tão grandes no seu pequenino mundo, tão nobres na sua humilde condição — dois tomos de uma obra que se poderia intitular — *Trabalho, bom senso e virtude.*

